QUEM TEM MEDO DE ESCURO?



"O novo sucesso há muito aguardado do mestre do jogo narrativo." — *People*

SIDNEY SHELDON

Autor de O outro lado da meia-noite e O céu está caindo

QUEM TEM MEDO DE ESCURO?

SIDNEY SHELDON

PRÓLOGO

Berlim, Alemanha Sonja Verbrugge não fazia idéia de que esse seria o último dia da sua vida. Tentava abrir caminho através do mar de turistas de Verão que inundava as calçadas de Unter der Linde. *Não entre em pânico*, disse para si mesma. *Você precisa ficar calma*.

A urgente mensagem de Franz no seu computador fora aterradora. Foge, Sonja! Vai para o Artemísia Hotel. Ali estarás em segurança. Espera até seres contatada...

A mensagem acabara abruptamente. Porque é que Franz não a terminara? O que se estaria a passar? Na noite anterior ouvira o marido dizer a alguém ao telefone que Prima tinha que ser impedido, custasse o que custasse. Quem era Prima?

Frau Verbrugge aproximava-se da rua Brandenburgische, onde ficava o Artemísia, um hotel que só recebia mulheres. *Vou ficar aqui à espera de Franz e ele vai-me explicar o que se está a passar.* No momento em que Sonja Verbrugge chegou à esquina seguinte, a luz do semáforo passara a vermelho e, quando ela parou no passeio, alguém no meio da multidão deu-lhe um encontrão e ela cambaleou para o meio da estrada. *Verdammt Touristen!* Uma limusine que estivera parada em segunda fila, arrancou de repente na sua direção tocando-lhe de raspão o suficiente para a lançar ao chão. As pessoas começaram ajuntar-se em seu redor.

- Ela está bem? - Ist ihr etwas passiert? - Peut-elle marcher?

Nesse instante, uma ambulância que passava parou. Dois maqueiros correram para ela.

- Nós tomamos conta da ocorrência.

Sonja Verbrugge deu por si a ser erguida para dentro de uma ambulância. A porta fechou-se e, no instante seguinte, o veículo afastou-se velozmente.

Estava amarrada a uma maca e tentou sentar-se.

- Eu estou bem - protestou. - Não foi nada. Eu...

Um dos maqueiros debruçava-se sobre ela.

- Está tudo bem frau Verbrugge. Descontraia-se. Olhou sobressaltada para cima, de repente assustada.

- Mas como é que sabe o meu...

Sentiu a dor aguda de uma agulha hipodérmica a enterrar-se no seu braço e, no momento seguinte, cedeu, entrando na escuridão que a aguardava.

Paris, França Mark Harris estava sozinho no andar panorâmico da Torre Eiffel, indiferente à chuva intensa que rodopiava em seu redor. De vez em quando o brilho de um relâmpago pulverizava as gotas de chuva transformando-as em deslumbrantes cascatas de diamantes.

Na margem oposta do rio Sena, via-se o Palácio de Chaillot e os Jardins do Trocadero tão seus conhecidos, mas ele nem sequer se apercebia da sua presença. Estava concentrado nas espantosas notícias prestes a serem comunicadas ao mundo.

O vento começara a fustigar a chuva, transformando-a num verdadeiro turbilhão. Mark Harris protegeu o pulso com a manga e olhou para o relógio. Estavam atrasados. Eporque tinham insistido em encontrar-se ali, à meia-noite?. No momento em que se punha a questão, ouviu a porta do elevador da torre a abrir-se. Dois homens moviam-se na sua direcção, lutando contra a terrível força do vento molhado.

Assim que Mark os reconheceu, ficou aliviado.

- Estão atrasados.

- Desculpa, Mark, mas foi por causa deste tempo terrível.

Paris, França - Bom, o que interessa é que já aqui estão. Quanto à reunião em Washington, está tudo tratado, não está?

- É sobre isso que precisamos falar. A verdade é que esta manhã tivemos uma longa discussão sobre a melhor maneira de tratarmos isto e decidimos...

Enquanto falavam, o segundo homem passara para trás de Mark e duas coisas ocorreram quase ao mesmo tempo. Um instrumento pesado e cortante abateu-se sobre o crânio de Mark e, no segundo imediato, este sentiu-se erguido e lançado por cima do parapeito, sob a chuva fria, o corpo a mergulhar na direção do inexorável passeio, trinta e oito andares mais abaixo.

Denver, Colorado Gary Reynolds crescera na acidentada Kelowna, no

Canadá, perto de Vancouver, e fora aí que aprendera a pilotar, estando habituado a voar sobre terreno montanhoso e traiçoeiro. Pilotava um Cessna Citation II e mantinha um olhar atento sobre os picos cobertos de neve que o rodeavam.

O avião deveria ter uma tripulação de dois pilotos, mas nesse dia não havia nenhum co-piloto. Não nesta viagem, pensou, carrancudo.

Pedira um plano de vôo falso para o aeroporto de Kennedy. Ninguém se ia lembrar de procurar por ele em Denver. Passaria a noite em casa da irmã e de manhã estaria a caminho do leste, para se encontrar com os outros. Todos os preparativos para eliminar Prima estavam a postos e... Uma voz no rádio interrompeu-lhe o pensamento.

- Citation Um Um Um Lima Foxtrot, aqui torre de controle do Aeroporto Internacional de Denver, chama. Contacte, por favor.

Gary Reynolds premiu o botão do rádio.

- Aqui Citation Um Um Um Lima Foxtrot. Peço autorização para aterrar.

- Um Lima Foxtrot, indique a sua posição.

- Um Lima Foxtrot. Estou a quinze milhas a nordeste do aeroporto de Denver. Altitude: quinze mil pés.

Viu o Pike's Peak lá em cima do seu lado direito. O céu estava azul brilhante, o tempo limpo. Um bom sinal.

Houve um curto silêncio. A voz da torre surgiu de novo:

- Um Lima Foxtrot, autorizado a aterrar na pista dois-seis.Repito, dois-seis.

- Um Lima Foxtrot, compreendido.

Sem pré-aviso, Gary Reynolds sentiu o avião dar um salto inesperado. Espantado, olhou pela janela da cabina. Um forte vento surgir e em poucos segundos o Cessna foi apanhado numa violenta turbulência que sacudiu o aparelho de um lado para o outro. Puxou comando para tentar ganhar altitude. Não serviu de nada. Fora apanhado num terrível turbilhão. O aparelho estava completamente descontrolado. Premiu violentamente o botão do rádio.

- Aqui Um Lima Foxtrot. Tenho uma emergência.

- Um Lima Foxtrot, de que tipo é a sua emergência?

Gary Reynolds gritava para o microfone:

- Fui apanhado por turbulência de baixa altitude! Estou no meio de um maldito furacão!

- Um Lima Foxtrot, está apenas a quatro minutos e meio do aeroporto de Denver e não temos qualquer sinal de turbulência nos nossas telas.

- Quero lá saber dos vossas telas! Estou-vos a dizer... - O tom agudo da sua voz de repente aumentou: - Mayday may...

Na torre de controle viram chocados o ponto luminoso a desaparecer da tela do radar.

Manhattan, Nova Iorque.

Ao amanhecer, numa zona sob a ponte de Manhattan, no rio East, não muito longe do píer dezessete, meia dúzia de polícias uniformizados e detetives à paisana reuniam-se em volta de um corpo completamente vestido que jazia na margem. O corpo fora ali atirado de forma descuidada, por isso a cabeça balouçava estranhamente para a frente e para trás na água, seguindo os movimentos da maré.

O homem à frente das operações, o detetive Earl Greenburg, da Seção de Homicídios da Esquadra de Manhattan Sul, terminara com os procedimentos oficiais devidos. Ninguém estava autorizado a aproximar-se do corpo até este ter sido fotografado, e ele tirara vários apontamentos sobre a cena envolvente, enquanto os polícias procuravam provas que por ali pudessem existir. As mãos da vítima tinham sido embrulhadas em sacos plásticos limpos.

Cari Ward, o médico legista, deu por terminado o seu exame, ergueu-se e sacudiu o pó das calças. Olhou para os dois detetives encarregados do caso. O detetive Earl Greenburg era um profissional, um homem de aspecto capaz, com uma folha de serviços impressionante. O detetive Robert Praegitzer tinha o cabelo cinzento e grisalho e refletia a postura de quem já vira tudo aquilo antes.

Ward virou-se para Greenburg:

- É todo teu, Earl.

- O que é que temos? - A causa óbvia é a garganta cortada, direitinho até à carótida. Tem as duas rótulas esmigalhadas e parece-me que algumas costelas partidas. Alguém tratou dele, e bem.

- E quanto à hora da morte?

Ward olhou para a água que batia contra a cabeça da vítima:

- Difícil de estabelecer. Imagino que o tenham lançado para aqui algures depois da meia-noite. Dou-vos um relatório completo assim que o conseguirmos levar para o necrotério.

Greenburg virou a sua atenção para o corpo. Casaco cinzento, calças azuis-escuras, gravata azul-clara, um relógio caro no pulso esquerdo. Greenburg ajoelhou-se e começou a percorrer os bolsos do casaco da vítima. Os seus dedos encontram um bilhete. Puxou-o para fora, segurando-o pela borda.

- Está em italiano. - Olhou em redor: - Gianelli!

Um dos polícias uniformizados correu apressado na sua direcção.

- Sim, senhor?

Greenburg deu-lhe a nota para as mãos.

- Consegues ler isto? Gianelli leu alto, devagar:

- Última oportunidade. Encontra-te comigo no píer dezessete com o resto da droga, senão vais nadar com os peixinhos. - E devolveu-a.

Robert Praegitzer parecia espantado.

- Um golpe da Máfia? E porque é que o deixaram aqui, assim às claras?

- Boa pergunta.

Greenburg continuou a vasculhar os outros bolsos do casaco. Tirou uma carteira para fora e abriu-a. Estava pesada com dinheiro. - Pelos visto não andavam atrás do dinheiro dele. Tirou um cartão da carteira. - O nome da vítima é Richard Stevens.

Praegitzer franziu o sobrolho, - Richard Stevens... Não veio há pouco tempo qualquer coisa sobre ele nos jornais?

- Sobre a mulher dele. Diane Stevens. Está em tribunal a depor no julgamento por assassínio do Tony Altieri - respondeu Greenburg.

- E isso. Ela está a testemunhar contra o capo di capos-concordou Praegitzer.

E ambos viraram-se para olhar o corpo de Richard Stevens.

CAPÍTULO 1

Na baixa de Manhattan, na sala de audiências número trinta e sete do edifício do Supremo Tribunal Criminal, no número 180 da Centre Street, o julgamento de Anthony (Tony) Altieri decorria. A grande e venerável sala estava completamente apinhada com jornalistas e espectadores.

À mesa da defesa sentava-se Anthony Altieri numa cadeira de rodas, acabrunhado, de aspecto pálido, um gordo batráquio dobrado sobre si mesmo. Só os olhos estavam vivos, e, de cada vez que olhava para Diane Stevens sentada no banco das testemunhas, esta sentia perfeitamente o pulsar do seu ódio.

A seu lado sentava-se Jake Rubenstein, o advogado de defesa. Rubenstein era famoso por duas coisas, a sua clientela famosa, principalmente constituída por criminosos, e o fato de que quase todos os seus clientes acabavam por ser absolvidos.

Rubenstein era um homem baixo, elegante, com uma rápida e vívida imaginação. Nunca se apresentava de modo igual nas suas intervenções em tribunal. A sua especialidade era o dramatismo e era extremamente competente. Era brilhante a aferir os opositores, com um instinto quase animal para descobrir os seus pontos fracos. Por vezes Rubenstein imaginava que era um leão, que ia cercando a insuspeita presa, pronto a saltar-lhe em cima... ou uma ardilosa aranha, a tecer uma teia que acabaria por envolvê-la, deixando-a à sua mercê... Por vezes era um paciente pescador, calmamente lançando a linha à água e movendo-a vagarosamente para cima e para baixo até que a gulosa vítima desse por ela e a abocanhasse.

O advogado estudava cuidadosamente a testemunha no banco. Diane Stevens andava pelos trinta e poucos anos. Uma áurea de elegância envolvia-a. Tinha traços aristocráticos. Cabelo louro suave e ondulante. Olhos verdes. Uma excelente figura. A típica beleza americana. Vestia um elegante e bem cortado casaco preto. Jake Rubenstein sabia que no dia anterior ela causara Uma impressão favorável sobre o júri. Tinha que ter muito cuidado com a forma como lidaria com ela. Pescador, decidiu.

Rubenstein aproximou-se vagarosamente do banco das testemunhas e, quando falou, a sua voz era suave:

- Senhora Stevens, ontem testemunhou que, na data em questão, no dia

catorze de Outubro, guiava em direcção a sul pela Henry Hudson Parkway quando teve um pneu furado e saiu da auto-estrada, na saída da One Hundred com a Fifty-eighth Street, para desvio de emergência no parque Fort Washington Park?

- Exatamente.

A voz dela era suave e educada.

- Porque parou exatamente nesse local?

- Por causa do pneu furado, sabia que tinha de sair da estrada principal e vi o telhado de uma cabana através das árvores. Pensei que houvesse aí alguém que me pudesse ajudar. Não tinha pneu sobressalente.

- É membro de algum clube automóvel?

- Sou.

- E tem um telefone no seu carro?

- Tenho.

- Então porque é que não ligou para o clube automóvel?

- Porque pensei que iria demorar muito tempo.

- E claro. E a cabana estava logo ali - disse Rubenstein com ar compreensivo.

- Exatamente.

- Então aproximou-se para pedir ajuda?

- Sim.

- Ainda havia luz cá fora? - Havia. Foi antes das cinco da tarde.

- E por isso conseguia ver perfeitamente?

- Podia.

- E o que foi que viu, senhora Stevens?

- Vi Anthony Altieri...

- Ah! Já o tinha encontrado antes?

- Não.

- Então o que foi que lhe deu a certeza que se tratava dele?

- Eu já tinha visto a foto dele nos jornais e...

- Já tinha visto fotos que se pareciam com o réu?

- Bom, elas...

- E o que foi que viu nessa cabana?

Diane Stevens respirou, estremecendo. Falou devagar, a relembrar a cena na sua mente.

- Havia quatro homens na sala. Um deles estava sentado numa cadeira, amarrado. O senhor Altieri parecia interrogá-lo enquanto os outros dois homens estavam junto dele. - A sua voz estremeceu.

- O senhor Altieri puxou de uma arma, berrou qualquer coisa e... disparou sobre o homem, na cabeça.

Jake Rubenstein olhou pelo canto do olho para o júri. Todos estavam absortos no testemunho dela.

- E depois o que fez, senhora Stevens?

- Corri de volta para o meu carro e liguei o 911 do meu celular.

- E a seguir?

- Guiei dali para fora.

- Com um pneu furado?

- Sim. Estava chegado o momento de agitar um pouco as águas.

- Porque foi que não esperou pela chegada da polícia?

Diane olhou na direção da mesa da defesa. Altieri olhava para ela com clara malevolência. Ela desviou o olhar.

- Não podia ficar ali, porque... porque temia que os homens saíssem da cabana e me vissem.

- Isso é compreensível. - A voz de Rubenstein endureceu. - O que não se compreende é que, quando a polícia respondeu à sua chamada para o 911, tenham entrado na cabana e não só não estava lá ninguém, senhora Stevens, como não conseguiram encontrar qualquer sinal de que lá tivesse estado alguém, quanto mais que alguém tivesse sido assassinado.

- Não é culpa minha. Eu...

- A senhora é uma artista, não é?

Diane ficou espantada com a pergunta:

- Sim, eu...

- E é bem sucedida?

- Acho que sim, mas o que é que isso...?

Estava chegada a altura de abanar o anzol.

- Um pouco de publicidade extra não faz mal a ninguém, pois não? Todo o país a vê no noticiário da noite na televisão e nas primeiras páginas dos...

Diane olhou para ele com ar furioso: - Eu não fiz isto para ter publicidade. Eu jamais seria capaz de mandar um homem inocente para a...

- A palavra chave é "inocente", senhora Stevens. E eu vou provar, para lá de qualquer dúvida razoável, que o senhor Altieri é inocente. Muito obrigado. Terminei.

Diane Stevens ignorou o duplo sentido. Quando desceu pa regressar ao seu lugar, espumava. Murmurou qualquer coisa ao advogado de acusação.

- Posso ir-me embora?

- Sim. Vou mandar alguém para a acompanhar.

- Não é preciso. Muito obrigada.

Dirigiu-se para a porta e caminhou em direção ao parque de estacionamento, as palavras do advogado de defesa ainda a ecoarem aos seus ouvidos, A senhora é uma artista, não é... Um pouco de publicidade extra não faz mal a ninguém, pois não ? Era degradante. Mas, no todo, estava satisfeita com a forma como o seu testemunho decorrera. Dissera ao júri exatamente o que vira e eles não tinham qualquer razão para duvidarem dela. Anthony Altieri ia ser condenado e mandado para a prisão pelo resto da vida, mas, apesar disso, Diane não conseguia evitar pensar nos venenosos olhares que ele lhe deitara, e sentiu um arrepio.

Deu ao empregado do parque o bilhete e ele partiu para lhe ir buscar o carro.

Dois minutos mais tarde, Diane guiava em direção a norte, a caminho

de casa.

Havia um semáforo na esquina. Quando Diane travava para parar, um jovem muito bem vestido que estava parado na esquina aproximou-se do carro.

- Desculpe, estou perdido. Podia...

Diane baixou o vidro.

- Importa-se de me dizer como se vai para o túnel Holland? o jovem tinha sotaque italiano.

- E muito simples. Dirija-se à primeira...

O homem ergueu o braço e tinha uma arma com silenciador na mão:

- Minha senhora. Saia já do carro. Rápido Diane empalideceu.

- Tenha calma. Está bem...

Quando começava a abrir a porta do carro, o homem afastou-se para trás um pouco e Diane carregou com toda a força com o pé no acelerador e o carro afastou-se a grande velocidade. Ouviu o vidro traseiro a ser estilhaçado quando foi atingido por uma bala, e em seguida o som de outra bala a embater contra as traseiras. O coração batia-lhe descompassado e tinha dificuldade em respirar.

Diane Stevens ouvira falar em seqüestros de automóveis, mas eram histórias que se contavam, algo que só acontecia aos outros. E o homem tentara matá-la. Os assaltantes de carros costumavam fazer isso? Diane esticou a mão para o celular e marcou o 911. Passaram-se quase dois minutos até alguém do outro lado atender.

- Nove um um. Qual é a emergência?

Enquanto Diane explicava o que se tinha passado, foi-se apercebendo da inutilidade da situação. Naquela altura o homem já devia ter desaparecido.

- Vou mandar um polícia para o local. Pode dar-me o seu nome, morada e um número de telefone?

Diane deu as informações. Inútil, pensou. Deitou uma olhadela ao vidro partido e estremeceu. Ansiava por poder falar com Richard no trabalho e contar-lhe o que se passara, mas sabia que ele estava ocupado com um projeto muito importante. Se lhe telefonasse e lhe contasse o que se passara, ele ia ficar preocupado e correria para junto dela, e ela não queria que ele falhasse o prazo.

Contar-lhe-ia o que se passara quando ele voltasse para casa.

E, de repente, um terrível pensamento ocorreu-lhe. Estaria o homem ali à espera dela, ou tudo não passara de uma coincidência? Recordou a conversa que tivera com Richard, quando o julgamento começara: - Acho que não deves testemunhar, Diane. Pode ser muito perigoso.

- Querido, não te preocupes. O Altieri vai ser condenado. Eles vão prendê-lo para sempre.

- Mas ele tem amigos e...

- Richard, se eu não fizer isto, não vou ser capaz de me encarar.

O que acabara de se passar tinha de ser uma coincidência, decidiu Diane. Altieri não seria, com certeza, suficientemente doido para me fazer qualquer coisa, principalmente nesse momento, enquanto o julgamento estava a decorrer.

Diane saiu da auto-estrada e guiou para oeste até chegar ao edifício onde tinha o seu apartamento, na East Seventy-fifth Street. Antes de entrar na garagem subterrânea olhou cuidadosamente uma vez mais pelo retrovisor. Tudo parecia normal. O apartamento era um dúplex térreo bastante arejado, com uma espaçosa sala de estar, janelas que iam do chão até ao teto e uma grande lareira em mármore. Tinha sofás forrados com tecidos floridos, cadeirões de braços, uma estante embutida e uma enorme tela de televisão. Nas paredes havia coloridos quadros. Um Childe Hassam, um Jules Pascin, um Thomas Birch, um George Hitchcock e, numa zona grande, um grupo de quadros pintados por ela própria.

No andar seguinte, havia um quarto de casal e uma casa de banho, um segundo quarto de visitas e um ensolarado ateliê onde Diane costumava pintar. Vários dos seus quadros estavam pendurados pelas paredes. Num cavalete no meio da divisão estava um retrato meio acabado.

A primeira coisa que fez assim que chegou a casa, foi entrar apressadamente no ateliê. Retirou o retrato inacabado do cavalete e substituiu-o por uma tela virgem. Começou a desenhar o rosto do homem que a tentara matar, mas as mãos tremiam-lhe de tal forma que teve de parar.

Enquanto guiavam em direção ao apartamento de Diane vens, o detetive Earl Greenburg queixou-se:

- Esta é a parte do meu trabalho que eu mais detesto.

- E melhor sermos nós a dizer-lhes do que ficarem a saber pelos noticiários da noite - respondeu Robert Praegitzer, e olhou para Greenburg. - Dizes tu?

Earl Greenburg anuiu com um ar infeliz. Deu por si a recordar a história do detetive que saíra para informar a senhora Adams, mulher de um patrulha, que o marido fora morto.

- Ela é muito sensível prevenira-o o chefe. Vais ter que lhe dar a notícia com muito cuidado.

- Não se preocupe. Eu sé lidar com isso.

- O detetive batera à porta da casa dos Adams e, quando a mulher fora abrir, o detetive perguntara:

- É aqui que mora a viúva Adams ?

Diane sobressaltou-se ao ouvir o som da campainha da porta. Não estava à espera de ninguém. Dirigiu-se ao intercomunicador:

- Quem é?

- Detetive Earl Greenburg. Gostaria de falar consigo, senhora Stevens.

É sobre o sequestro do carro, pensou. A polícia fora rápida. Premiu o botão e Greenburg entrou no átrio e caminhou até à porta dela.

- Boa tarde.

- Senhora Stevens?

- Sim. Muito obrigada por terem vindo tão depressa. Já comecei a desenhar o rosto do homem, mas... - respirou fundo. – Ele era moreno, com olhos castanhos-claros muito profundos e tinha um pequeno sinal no queixo. A arma tinha um silenciador e...

Greenburg olhava para ela, confuso.

- Desculpe, mas não estou a perceber...

- O assaltante de carros. Eu chamei o 911 e... Viu a expressão no rosto do polícia. - Isto não tem nada a ver com assaltos a carros, pois não?

- Não, minha senhora, não tem... - e Greenburg fez uma pequena pausa. - Posso entrar?

- Faça favor. Greenburg entrou.

Diane olhava para ele de sobrolho franzido:

- O que é que se passa? Aconteceu alguma coisa? As palavras pareciam não querer sair.

- Sim, lamento muito. Receio... receio que seja portador de muito más notícias. É sobre o seu marido.

- O que foi que aconteceu? - A voz dela tremia.

- Ele sofreu um acidente.

Diane de repente sentiu-se gelada.

- Que tipo de acidente?

Greenburg suspirou profundamente:

- Foi morto ontem à noite, senhora Stevens. Encontramos o corpo dele esta manhã debaixo de uma ponte, no rio East.

Diane ficou a olhar para ele durante um longo momento e, em seguida, começou a abanar a cabeça.

- Está enganado na pessoa, Tenente. O meu marido está a trabalhar no seu laboratório.

Ia ser muito mais difícil do que aquilo que antecipara.

- Senhora Stevens, o seu marido veio para casa ontem à noite?

- Não, mas Richard trabalha frequentemente à noite. Ele é cientista... - Ela estava a ficar cada vez mais agitada.

- Senhora Stevens, tinha conhecimento de que o seu marido estivesse envolvido com a Máfia?

Diane empalideceu. - Com a Máfia? Está louco?

- Encontramos...

Diane começara a hiperventilar.

- Deixe-me ver a sua identificação.

- Com certeza. - E o detetive Greenburg puxou do seu cartão de identificação e mostrou-lho.

Diane deitou-lhe uma olhadela, devolveu-lho e em seguida esbofeteou-

o com força na cara.

- Esta cidade paga-lhe para andar por aí a assustar os cidadãos honestos? O meu marido não está morto! Ele está a trabalhar! – Diane gritava.

Greenburg olhou para o fundo dos olhos dela e viu neles choque e negação.

- Senhora Stevens, quer que mande vir alguém para olhar pela senhora...?

- O senhor é que precisa de alguém que olhe por si. Agora, ponha-se daqui para fora.

- Senhora Stevens... - Já!

Greenburg tirou um cartão de visita e colocou-o em cima de uma mesa:

- No caso de vir a querer falar comigo, tem aqui o meu número de telefone.

Enquanto se dirigia para a porta, Greenburg pensava: Não há dúvida de que tratei muito bem deste caso, sim senhor. Mais valia que tivesse chegado e perguntado se era a viúva Stevens!

Quando o detetive saiu, Diane trancou a porta da frente e respirou fundo, a tremer. Mas que idiota! Vir ao apartamento errado e tentar assustar-me! Devia era participar dele. Olhou para o relógio. Richard devia estar a chegar. Estava na altura de ir começar a fazer o jantar. Ia fazer uma paelha, o prato preferido dele. Dirigiu-se à cozinha e começou a prepará-lo.

Devido ao secretismo do trabalho de Richard, Diane nunca o perturbava no laboratório e, se o marido não lhe telefonava, ela sabia que isso significava que ele ia chegar tarde. As oito em ponto a paelha estava pronta. Provou-a e sorriu, satisfeita. Estava feita exatamente como Richard gostava. As dez da noite, ele ainda não tinha chegado e Diane colocou a paelha no frigorífico e colou uma mensagem na porta que dizia: "Querido, o jantar está no frigorífico. Vem e acorda-me". Richard devia, com certeza, estar com fome, quando chegasse a casa.

De repente, Diane sentiu-se exausta. Despiu-se, enfiou uma camisa de noite, escovou os dentes e meteu-se na cama. Poucos minutos depois dormia profundamente.

Às três da manhã acordou a gritar.

CAPÍTULO 2

Já nascia o dia e Diane ainda não tinha conseguido parar de tremer. O frio que sentia vinha-lhe de dentro, dos ossos. Richard estava morto. Nunca mais o ia voltar a ver, nunca mais ouviria a sua voz, nunca mais o sentiria a abraçá-la. E tudo por minha culpa. Eu nunca devia ter entrado naquela sala de audiências. Oh, Richard, perdoa-me... Por favor, perdoa-me... Não sei se conseguirei viver sem ti. Tu eras a minha vida, a minha razão de viver, e agora nada me resta.

Queria enrolar-se como um novelo pequenino. Queria desaparecer. Queria morrer.

Ali ficou, deitada, sozinha, a pensar no passado, em como Richard lhe transformara a vida...

Diane West crescera em Sands Point, Nova Iorque, numa zona de calma riqueza. O pai era cirurgião e a mãe uma artista, e Diane começara a desenhar aos três anos. Freqüentar o colégio interno de St. Paul e, quando era caloura na universidade, tivera um breve relacionamento com o seu carismático professor de matemática. Ele dizia-lhe que queria casar com ela, porque ela era a única mulher no mundo para ele. Quando Diane soube que ele tinha mulher e três filhos, concluiu que ou a matemática ou a memória dele tinha algum defeito e pediu a transferência para a Universidade de Wellesley.

Estava obcecada com a arte e passava todos os momentos livres a pintar. Quando se formou, tinha começado a vender os seus quadros e conquistara uma reputação como uma prometedora artista.

Nesse outono, uma conhecida galeria da Quinta Avenida deu a Diane a possibilidade de fazer uma exposição, e foi um enorme sucesso. Paul Deacon, o proprietário da galeria, era um afro-americano rico e erudito que ajudava Diane a alimentar a sua carreira.

Na noite da abertura, o salão estava apinhado. Deacon apressou-se na direção de Diane, com um sorriso no rosto.

- Parabéns! Já vendemos a maior parte dos quadros! Vou fazer uma nova exposição daqui a alguns meses, assim que estiveres pronta.

Diane estava encantada.

- Mas, Paul, isso é maravilhoso.

- Tu mereces. Deu-lhe uma palmadinha no ombro e partiu.

Diane assinava um autógrafo, quando um homem surgiu por detrás dela e disse:

- Gosto das suas curvas.

Diane ficou rígida. Furiosa, virou-se bruscamente e abriu aboca para fazer um comentário brusco, quando ele continuou:

- Têm a delicadeza de um Rossetti ou de um Manet.

Ele apreciava um dos seus quadros na parede.

Diane conseguiu parar, mesmo a tempo.

- Oh!

Olhou para ele mais de perto. Parecia andar pelos trinta e poucos anos. Tinha cerca de um metro e oitenta e dois de altura, uma constituição atlética, cabelo louro e olhos azuis brilhantes. Vestia um macio fato castanho, camisa branca e gravata castanha.

- Eu... Muito obrigada.

- Quando é que começou a pintar?

- Quando ainda era criança. A minha mãe era pintora.

Ele sorriu.

- A minha mãe era cozinheira, mas eu não sei cozinhar. Eu sei qual é o seu nome. O meu é Richard Stevens.

Nesse momento, Paul Deacon aproximou-se com três embrulhos.

- Aqui tem os seus quadros, senhor Stevens. Goze-os bem. Deu-os a Richard Stevens e afastou-se.

Diane olhou para ele, espantada.

- O senhor comprou três dos meus quadros?

- E tenho mais dois no meu apartamento.

- Eu... Sinto-me muito lisonjeada.

- Aprecio o talento.

- Obrigada.

- Bom, provavelmente está muito ocupada, por isso é melhor eu ir andando... - disse ele hesitante.

- Não. Está tudo bem - ouviu-se Diane a dizer.

Ele sorriu.

- Ótimo. - E hesitou. – Srta. West, podia fazer-me um grande favor? Diane olhou para a mão esquerda dele. Não tinha aliança.

- Sim, diga?

- Acontece que tenho dois bilhetes para a estréia de uma reposição de Blithe Spirit, de Noêl Coward, amanhã à noite, e não tenho ninguém com quem ir. Se estiver livre...

Diane estudou-o por momentos. Parecia simpático e era muito atraente, mas a verdade é que era um verdadeiro desconhecido. Demasiado perigoso. Mesmo muito perigoso. Mas o que se ouviu a dizer foi: - Tenho muito gosto em ir.

Afinal a noite seguinte acabou por ser encantadora. Richard Stevens era uma companhia divertida e houve uma imediata empatia. Partilhavam o mesmo interesse por arte e por música e muito mais. Sentia-se atraída por ele, mas não tinha a certeza se ele sentia o mesmo em relação a ela.

No final da noite, Richard perguntou: - Amanhã à noite, está livre?

A sua resposta foi um decidido "Sim".

Na noite seguinte jantaram num restaurante calmo, no Soho.

- Richard, fale-me de si.

- Não há muito para contar. Nasci em Chicago. O meu pai era arquiteto e construiu edifícios por todo o mundo, e eu e a minha mãe costumávamos acompanhá-lo nas viagens. Freqüentei uma boa dúzia de escolas internacionais e aprendi a falar uma série de línguas, como autodefesa.

- O que é faz? Em que é que trabalha?

- Trabalho no GIK, o Grupo Internacional Kingsley. E um grande grupo de massa cinzenta.

- Parece excitante.

- É fascinante. Fazemos pesquisa de tecnologia de ponta. Se tivéssemos um lema, seria qualquer coisa do gênero: "Se não temos a resposta agora, aguarde até amanhã".

Depois do jantar, Richard levou Diane a casa. A porta, pegou-lhe na mão e disse:

- Gostei muito desta noite. Obrigado. E desapareceu. Diane ficou parada, a vê-lo partir. Que bom que ele é um cavalheiro, e não um garanhão. Fico mesmo feliz. Raios!

Estiveram juntos todas as noites que se seguiram e, cada vez que Diane via Richard, sentia o mesmo calor dentro de si. Numa noite de sexta-feira, Richard perguntou: - Eu treino um pequena equipe de Infantis aos sábados. Queres vir comigo e ficar a ver?

Diane acenou com a cabeça. - Adoraria, Sr. treinador. Na manhã seguinte, Diane ficou a ver Richard a trabalhar com ansiosos jovens futebolistas. Ele era brando, atencioso e paciente, gritando de alegria quando Tim Holm, com dez anos, apanhou a bola no ar, e era óbvio que todos o adoravam.

Estou a ficar apaixonada. Estou a ficar apaixonada, pensou Diane.

Alguns dias mais tarde, Diane teve um almoço descontraído com algumas amigas e, quando saíram do restaurante, passaram à porta do gabinete de uma vidente.

Num impulso, Diane exclamou:

- Vamos ler as nossas sinas.

- Eu não posso, Diane. Tenho de voltar para o trabalho.

- Eu também.

- Eu tenho de ir buscar o Johnny.

- Porque não vais tu e depois dizes-nos o que ela te disse?

- Está bem. Eu vou.

Cinco minutos mais tarde, Diane deu por si sozinha, sentada com uma velha de rosto macilento, a boca cheia de dentes de ouro e um xale sujo na cabeça.

Isto é um disparate, pensou. Porque é que estou a fazer isto ? Mas sabia perfeitamente a razão. Queria saber se ela e Richard tinham algum futuro

juntos. É só para me divertir, disse para si própria.

Diane ficou a olhar enquanto a velha pegava num baralho de cartas de Tarô e as baralhava, sem nunca olhar para cima.

- Eu queria saber se...

- Shiu! - E a mulher virou uma carta. Era a figura do Bobo, vestido de forma colorida e com um saco. A mulher estudou a carta por momentos.

- Há muitos segredos que tem de aprender. -Virou outra carta.

- Esta é a Lua. Tem desejos sobre os quais, não está segura.

Diane hesitou e acenou afirmativamente com a cabeça.

- E têm a ver com um homem?

- Sim.

A velha virou a carta seguinte.

- Esta é a carta dos Amantes.

Diane sorriu.

- É um bom sinal?

- Veremos. As próximas três cartas é que o dirão. - E virou outra carta. - O Enforcado. - Franziu o sobrolho, hesitou e virou a carta seguinte. - O Diabo - murmurou.

- Isso é mau? - perguntou Diane em tom ligeiro.

A vidente não respondeu.

Diane olhava, enquanto a velha virava outra carta. Abanou a beça. A voz dela era estranhamente vazia:

- A carta da Morte.

Diane pôs-se de pé.

- Eu não acredito em nada disto - disse, zangada.

A velha olhou para cima e, quando falou, a sua voz era completamente vazia:

- Não importa aquilo em que acredita. A morte anda à sua volta.

Berlim, Alemanha

CAPÍTULO 3

O Polizeikommandant Otto Schiffer, dois policias uniformizados e o superintendente do edifício de apartamentos, Herr Karl Goetz olhavam para o corpo nu e encarquilhado que jazia no fundo da banheira a transbordar. Uma nódoa negra pouco nítida circundava-lhe o pescoço.

O Polizeikommandant colocou um dedo sob a torneira que pingava:

- Fria.

Cheirou a garrafa de licor vazia que estava junto da banheira e virou-se para o superintendente do prédio:

- Como se chama ela?

- Sonja Verbrugge. O marido é Franz Verbrugge. É uma espécie de cientista.

- Ela vivia neste apartamento com o marido?

- Há seis anos. Eram uns inquilinos maravilhosos. Pagavam a renda sempre a tempo. Nunca houve nenhum problema. Toda a gente gostava... - Percebeu o que ia a dizer e calou-se.

- A Frau Verbrugge trabalhava?

- Sim, no café Cyberlin, onde as pessoas usam os computadores para...

- O que foi que o levou a descobrir o corpo?

- Foi por causa da torneira de água fria da banheira. Tentei arranjá-la várias vezes, mas nunca desligava completamente.

- E então?

- Então, esta manhã o morador do apartamento por baixo queixou-se que tinha água a cair-lhe do teto. Vim cá acima, bati à porta e, como não obtive resposta, abri-a com a minha chave mestra. Entrei na casa de banho e dei com... - A voz embargou-se-lhe.

Um detective entrou na casa de banho.

- Não há quaisquer garrafas de bebidas destilada nos armários, só de vinho.

O Kommandant anuiu.

- Certo - e apontou para a garrafa junto da banheira. - Procurem impressões digitais nessa.

- Sim, senhor.

O Kommandant virou-se para Karl Goetz:

- Sabe onde se encontra Herr-Verbrugge?

- Não. Costumo vê-lo de manhã, quando ele sai para o trabalho, mas... - E fez um gesto de ignorância.

- Não o viu esta manhã?

- Não.

- Faz idéia se Herr Verbrugge tencionava fazer alguma viagem?!

- Não, senhor. Não faço idéia.

O Kommandant virou-se para o detetive:

- Fala com os outros moradores. Tenta saber se nos últimos tempos; Frau Verbrugge andava deprimida, se ela e o marido costumavam ter discussões e se ela bebia. Tenta conseguir o máximo de informações. - E olhou para Karl Goetz. - Vamos verificar também o marido. Se pensar que há alguma coisa que possa ajudar...

Karl Goetz disse timidamente:

- Não faço idéia se isto pode ajudar ou não, mas um dos moradores contou-me que ontem à noite havia uma ambulância parada em frente do prédio e perguntou se alguém estava doente. Quando eu lá cheguei para ver o que se estava a passar, a ambulância já tinha desaparecido. Tem algum interesse?

O Kommandant respondeu:

- Vamos investigar.

- E... e quanto ao... corpo? -perguntou Karl Goetz nervoso, - O médico legista já vem a caminho. Esvaziem a banheira e tapem-na com uma toalha.

CAPÍTULO 4

- Receio que tenha muito más notícias... Morto ontem à noite... Encontramos o corpo debaixo de uma ponte...

Para Diane Stevens o tempo parara. Vagueava sem destino pelo amplo apartamento cheio de recordações e pensava: O conforto dele desapareceu... O calor dele desapareceu... Sem Richard tudo isto não passa de um monte de tijolos. Nunca mais terá vida.

Diane afundou-se num sofá e fechou os olhos. Querido Richard, no dia em que nos casamos, perguntaste-me o que queria eu de presente. Eu respondi-te que não queria nada. Mas agora quero. Volta para mim. Não interessa que eu não te possa ver. Aperta-me nos teus braços. Saberei onde estás. Preciso de te sentir uma vez mais. Quero sentir-te a acariciar-me o seio... Quero imaginar que consigo ouvir a tua voz a dizer que fiz a melhor paelha do mundo... Quero ouvir a tua voz a pedir-me para parar de te roubar a roupa da cama... Quero ouvir-te dizer que me amas. Tentou parar o inesperado caudal de lágrimas, mas sem sucesso.

Desde o momento em que percebeu que Richard morrera, Diane passou os dias que se seguiram trancada no apartamento escurecido, recusando-se a atender o telefone ou a porta. Era como uma animal ferido, escondido. Queria estar a sós com a sua dor. Richard, houve tantas vezes em que te quis dizer "amo-te", para que me pudesses responder "eu também te amo!" Mas não queria parecer carente. Fui uma idiota. Agora estou carente.

Por fim, como o telefone e a campainha não paravam de tocar, Diane decidiu abrir a porta.

Na sua frente estava Carolyn Ter, uma das suas amigas mais íntimas. Ela olhou para Diane e disse:

- Estás com um aspecto terrível! - Depois a sua voz tornou-se mais terna. - Toda a gente tem tentado entrar em contato contigo, minha querida. Temos estado muito preocupados.

- Desculpa, Carolyn, mas não estou capaz de... ,.

Carolyn tomou Diane nos braços.

- Eu sei. Mas há um monte de amigos que te querem ver.

Diane abanou a cabeça:

- Não. É imposs... - Diane, a vida de Richard acabou, mas a tua não. Não te feches para as pessoas que gostam de ti. Vou começar a fazer uns telefonemas.

Os amigos de Diane e de Richard começaram a telefonar e a aparecer no apartamento e Diane deu por si a ouvir a interminável litania das habituais palavras de sentimentos: - Pensa assim, Diane. Richard está em paz... - Foi Deus que o chamou, querida...

- Eu sei que Richard está no céu, cuidando de ti..

- Ele está num lugar melhor... - Ele está junto dos anjos... Diane só queria gritar.

A corrente de visitas parecia nunca mais ter fim. Paul Deacon, o proprietário da galeria de arte que expunha os trabalhos de Diane, apareceu no apartamento. Pôs os braços em redor de Diane e disse: - Tenho tentado falar contigo, mas...

- Eu sei.

- Lamento tanto o que aconteceu a Richard. Ele era um homem raro. Mas, Diane, tu não te podes fechar assim às pessoas. Todos esperam ter a possibilidade de ver mais dos teus belos trabalhos.

- Não sou capaz. Já não é importante, Paul. Nada é importante; cheguei ao fim.

Nada a conseguia convencer.

No dia seguinte, quando a campainha da porta tocou, Dianel encaminhou-se relutante para ela. Olhou através do óculo e pareceu-lhe ver uma pequena multidão do outro lado. Intrigada, Diane abriu a porta. Havia uma dúzia de rapazinhos no átrio.

Um deles tinha na mão um pequeno ramo de flores.

- Bom dia, senhora Stevens. - E entregou as flores a Diane.

- Muito obrigada.

De repente, lembrou-se de quem eram os meninos. Eram os membros da pequena equipa de Infantis que Richard treinava.

Diane recebera inúmeros ramos de flores, de cartões de pêsames e de e-mails, mas este era o mais tocante de todos...

- Entrem - pediu. Os rapazinhos entraram atabalhoadamente na sala.

- Só queríamos dizer-lhe que sentimos muito.

- O seu marido era um tipo sensacional.

- Era mesmo legal.

- E era um excelente treinador.

Foi a gota de água, Diane não conseguiu reter as lágrimas por mais tempo.

- Muito obrigada. Ele também achava que vocês eram ótimos. Tinha muito orgulho em vocês. - Respirou fundo. - Querem beber alguma coisa?

Tim Holm, o miúdo de dez anos que apanhara a bola pelo ar, respondeu:

- Não, muito obrigado, senhora Stevens. Só lhe queríamos dizer que nós também vamos sentir muito a falta dele. Todos contribuímos para as flores. Custaram doze dólares.

- Só queríamos mesmo dizer que lamentamos muito.

Diane olhou para eles e disse calmamente:

- Muito obrigada. Eu sei como Richard iria ficar satisfeito por vocês terem vindo.

Ficou a olhar enquanto eles murmuravam as despedidas e partiam.

Observando-os à saída, recordou a primeira vez que vira Richard treinar os miúdos. Falava-lhes como se tivessem a mesma idade dele, numa linguagem que eles percebiam, e eles gostavam dele por isso. Foi nesse dia que me comecei a apaixonar.

Lá fora, Diane ouviu o som de um trovão e as primeiras gotas de chuva começaram a escorrer pelas janelas, como se fossem as lágrimas de Deus. Chuva. Fora num fim de semana grande...

- Gostas de piqueniques? - perguntara Richard. - Adoro.

Ele sorrira.

- Eu sabia. Vou planejar um piquenique. Amanhã ao meio-dia passo para te apanhar.

Estava um maravilhoso dia de sol. Richard preparara um piquenique no meio de Central Park. Havia pratas e atoalhados, e quando Diane viu o que estava dentro do cesto de piquenique desatou a rir. Rosbife... fiambre... queijos... dois enormes patês... e uma grande variedade de bebidas e meia dúzia de sobremesas.

- Há aqui comida que chega para um regimento! Quem é qui vem mais? - Um pensamento inesperado ocorreu-lhe. Um padre! Corou.

Richard observava-a. - Estás bem? - Se eu estou bem? Nunca estive tão feliz!

- Claro que estou, Richard.

Ele assentiu:

- Óptimo. Não vamos esperar pelo regimento. Podemos comi Enquanto comiam, havia tanta coisa para dizer, e cada pala1 parecia aproximá-los ainda mais. Uma grande tensão sexual com cava a crescer entre eles e ambos sentiam-na. E a meio daquela tarde perfeita, de repente começou a chover. Em poucos minutos ficara: completamente encharcados. Richard disse, pesaroso: - Lamento muito. Já devia saber... O jornal dizia que não ia havei chuva. Receio que nos tenha estragado o piquenique e...

Diane aproximou-se suavemente dele e disse com toda a sua idade:

- E estragou? E estava nos braços dele, e os seus lábios comprimiam-se contra os dele, e conseguia sentir o coração dele a bater ecoando no seu corpo. Quando, por fim, se afastou, disse: - Temos que despir estas roupas encharcadas.

Ele riu-se.

- Tens razão. Não queremos apanhar uma...

- Em tua casa ou na minha? - perguntou Diane.

Richard, de repente, ficou estático. - Diane, tens a certeza? Eu pergunto porque... isto não é coisa de uma noite.

- Eu sei - respondeu ela calmamente. Meia hora mais tarde estavam no apartamento de Diane, despindo-se, os braços à volta um do outro, e as mãos explorando o corpo um do outro, de forma torturante, e por fim já não agüentaram mais e caíram na cama. Richard foi suave, e terno, e apaixonado, e

frenético, e era magia pura, e a língua dele encontrou a dela e moveu-se vagarosamente, e era como vagas quentes a baterem suavemente numa praia de veludo, e em seguida ele estava dentro dela, preenchendo-a.

Passaram o resto da tarde e uma boa parte da noite a conversar e a fazer amor, e abriram os seus corações um ao outro, e não havia palavras para descrever a sua emoção.

De manhã, enquanto Diane fazia o pequeno almoço, Richard perguntou:

- Queres casar comigo, Diane?

E ela virou-se para ele devagarinho e respondeu suavemente:

- Oh, sim!

O casamento teve lugar um mês depois. A cerimônia foi acolhedora e maravilhosa, com amigos e familiares a darem os parabéns aos recém casados. Diane olhou para o rosto radiante de Richard, lembrou-se das premonições da velha vidente e sorriu.

Tinham planejado passar a lua-de-mel em França, para onde partiriam na semana seguinte, mas Richard telefonara-lhe do trabalho:

- Surgiu um novo projeto e não me posso afastar. Importas-te que adiemos para daqui a uns meses? Desculpa, querida.

- É claro que não, querido - respondera.

- Queres vir almoçar hoje comigo?

- Adorava. - Tu gostas de comida francesa. Eu conheço um excelente restaurante francês. Apanho-te dentro de meia hora.

Trinta minutos mais tarde, Richard estava lá fora à espera de Diane.

- Olá, querida. Tenho de ir ter com um dos nossos clientes ao aeroporto. Ele vai para a Europa. Despedimo-nos dele e depois vamos almoçar. Abraçou-o.

- Tudo bem.

Quando chegaram ao aeroporto Kennedy, Richard disse:

- Ele tem um avião particular. Vamo-nos encontrar com ele lá em baixo.

Um guarda permitiu que passassem para uma zona de acesso restrito, onde um Challenger estava estacionado. Richard olhou em volta.

- Ele não está aqui. Esperamos no avião.

- Muito bem.

Subiram as escadas e entraram no luxuoso parelho. Os motores estavam em funcionamento.

O comissário de bordo surgiu, vindo do cockpit:

- Bons dias.

- Bons dias - respondeu Richard.

Diane sorriu: - Bons dias.

Olharam enquanto o comissário fechava a porta do avião. Diane olhou para Richard:

- Achas que o teu cliente está muito atrasado?

- Ele não demora nada.

O rugir dos motores soava cada vez mais forte. O avião come a taxiar.

Diane olhou pela janela e ficou pálida.

- Richard, nós estamos a andar.

Richard olhou para ela com ar espantado:

- Tens a certeza? - Olha pela janela. - Estava a ficar em pânico. - Diz... diz... ao piloto...

- O que queres que eu lhe diga?

- Para parar!

- Não posso. Ele já levantou vôo.

Houve um momento de silêncio e Diane olhou para Richard, os olhos abertos de espanto.

- Onde é que nós vamos?

- Oh! Eu não te disse? Vamos a Paris. Tu disseste que gostas de comida francesa.

Ela arquejou. Em seguida a sua expressão alterou-se.

- Richard, eu não posso ir assim para Paris! Não tenho roupa comigo. Não tenho maquilagem. Não tenho...

- Ouvi dizer que eles lá têm lojas - respondeu ele.

Diane olhou para ele por um segundo e em seguida lançou-lhe os braços ao pescoço.

- Oh, seu doido. Amo-te.

Ele sorriu.

- Tu querias uma lua de mel. Aqui a tens.

CAPÍTULO 5

Em Orly, aguardava-os uma limusina para os levar ao Hotel Piaza Athénée.

Quando chegaram, o director do hotel disse:

- A vossa suíte está pronta, senhor e senhora Stevens.

- Muito obrigado.

Ficaram instalados na suíte 310. O director abriu a porta e Diane e Richard entraram. Diane parou, chocada. Pendurados nas paredes, viam-se meia dúzia de quadros seus. Virou-se para olhar para Richard.

- Eu... Como é que...?

- Não faço idéia. Pelos vistos por aqui também têm bom gosto - respondeu ele com ar inocente.

Diane beijou-o longa e apaixonadamente.

Paris foi o paraíso. A primeira paragem que fizeram foi na Givenchy, para comprarem roupas para os dois, e em seguida na Louis Vuitton, para comprarem malas para as roupas novas.

Passearam calmamente ao longo dos Campos Elísios em direcção à Place de Ia Concorde e viram o lendário Arco do Triunfo, o Palais Bourbon e La Madeleine. Caminharam pela Place Vendôme e passaram um dia no museu do Louvre. Percorreram o jardim de esculturas do museu Rodin e fizeram jantares românticos no Auberge des Trois Bonheurs e no Au Petit Chez Soi e no D'Chez Eux.

A única coisa que deixava Diane intrigada eram os telefonemas que Richard recebia a horas muito esquisitas.

- Quem era? - perguntou uma vez às 3 da manhã, quando Richard acabou um telefonema.

- Era uma chamada normal de trabalho. A meio da noite? - Diane! Diane!

Despertou bruscamente do seu devaneio. Carolyn Ter estava ao seu lado.

- Estás bem?

Carolyn abraçou Diane.

- Precisas de tempo. Ainda só se passaram uns dias - hesitou.

-Já trataste dos preparativos para o funeral?

Funeral! A palavra mais triste na língua inglesa. Carregava o som da morte, um eco de desespero.

- Eu... Eu ainda não... fui capaz de...

- Deixa que eu ajudo-te. Eu escolho o caixão e...

- Não! -A palavra soou muito mais ríspida do que pretendera.

Carolyn olhou para ela, intrigada.

Quando Diane voltou a falar, a voz tremia-lhe.

- Não percebes? Esta é... esta é a última coisa que posso fazer por Richard. Quero que o seu enterro seja especial. Ele gostaria de ter lá todos os seus amigos, para se despedirem.

As lágrimas escorriam-lhe pela cara abaixo.

- Diane... - Tenho de ser eu a escolher o caixão de Richard para ter a certeza de que ele... de que ele dorme confortável.

Não havia mais nada que Carolyn pudesse dizer.

Naquela tarde, o detective Earl Greenburg estava no seu gabinete quando chegou a chamada.

- Diane Stevens ao telefone para falar consigo.

Oh, não! Greenburg lembrava-se da bofetada que recebera na última vez que a vira. E o que seria agora ? Se calhar tinha alguma queixa. - Atendeu o telefone. - Detective Greenburg.

- Fala Diane Stevens. Estou a telefonar por duas razões. A primeira é para me desculpar. Portei-me muito mal consigo, lamento muito.

Ele ficou sem saber o que dizer.

- Senhora Stevens, não precisa de pedir desculpa. Compreendo perfeitamente a sua situação. Aguardou. Fez-se um silêncio.

- Disse que estava a telefonar por duas razões.

- Sim. O meu marido... – A voz apagou-se-lhe. - O corpo do meu marido está retido algures pela polícia. Como é que eu o recupero? Estou a tratar do seu enterro na Agência Funerária Dalton.

O desespero na voz dela fê-lo crispar-se.

Senhora Stevens, infelizmente ainda faltam alguns procedi mentos. Primeiro que tudo o gabinete do médico legista tem de fazer um relatório da autópsia, e em seguida há que notificar os vários... - Pensou por momentos e depois tomou uma decisão. - Olhe, a senhora já tem muito com que se preocupar. Eu trato de tudo. As coisas estarão despachadas dentro de dois dias.

- Muito obrigada. Eu... Muito obrigada. Muito, muito obrigada.

A voz faltou-lhe e a ligação terminou.

Earl Greenburg continuou sentado por um bom bocado a pensar em Diane Stevens e na angústia que a consumia. Em seguida começou a tratar de pôr um ponto final na burocracia.

A Funerária Dalton situava-se a leste da Madison Avenue. Era um imponente edifício de dois andares com uma fachada semelhante à das mansões sulistas. Lá dentro, a decoração era de bom gosto e sóbria, com luzes suaves e cortinas leves.

Diane dirigiu-se à recepcionista:

- Tenho hora marcada com o senhor Jones. O meu nome é Diane Stevens.

- Muito obrigada.

A recepcionista falou ao telefone e pouco depois o gerente, um homem grisalho, de rosto agradável, apareceu para receber Diane.

- Eu sou Ron Jones. Falamos ao telefone. Compreendo a terrível situação por que está a passar, senhora Stevens, e a nossa função e aliviar-lhe o peso. Diga simplesmente o que pretende e nós trata remos de que os seus desejos sejam satisfeitos.

- Eu... Eu nem sei muito bem o que pedir - respondeu Diane, Pouco segura.

Jones assentiu.

- Permita que lhe explique. Os nossos serviços incluem um caixão, um serviço fúnebre para os seus amigos, um lugar no cemitério e o enterro - hesitou. - Por aquilo que li nos jornais sobre a morte do seu marido, senhora Stevens, o mais natural é que pretenda um caixão fechado para o serviço fúnebre, de maneira que...

- Não!

Jones olhou para ela espantado:

- Mas... - Eu quero-o aberto. Quero que Richard possa ver todos os amigos, antes de... - a voz embargou-se-lhe.

Jones estudava-a com ar de quem a compreendia:

- Estou a perceber. Então, se me permite que faça uma sugestão, nós temos cá um maquiador que trabalha muito bem nos casos...

- e avançou com o maior tacto - ...em que é necessário. Está de acordo?

Richard ia detestar isso, mas...

- Sim.

- Há só mais uma coisa. Precisamos das roupas em que enterrar o seu marido.

Diane olhou para ele chocada.

- As...? - Diane imaginou as frias mãos de um estranho a o corpo nu de Richard e estremeceu.

- Senhora Stevens?

Tenho de ser eu a vestir Bichará. Mas não vou ser capaz de o ver deve estar. Quero recordá-lo...

- Senhora Stevens?

Diane engoliu em seco.

- Não pensei nas... - a voz saía-lhe entrecortada. - Desculpe - e não foi capaz de continuar.

Ele ficou a olhar enquanto ela saía atabalhoadamente e chamava ' um táxi.

- Tu gostas de comida francesa... Eu conheço um excelente restaurante francês...

O casaco azul marinho... o casaco de camurça... Diane colocou os braços do fato azul em redor do seu corpo e abraçou-o. Nunca vou ser capaz de deixar partir nenhum deles. Cada um era uma recordação preciosa.

- Não sou capaz. - E, soluçando, apanhou um fato ao acaso e saiu a correr.

Na tarde do dia seguinte havia uma mensagem no gravador de chamadas de Diane: "Senhora Stevens, fala o detective Greenburg. Quero que saiba que já está tudo tratado. Falei com a Funerária Dalton. Já pode avançar com os preparativos que queira fazer... - fez uma pequena pausa. - Desejo-lhe boa sorte... Adeus.

Diane ligou para Ron Jones da funerária.

- Já sei que o corpo do meu marido está aí.

- Sim, senhora Stevens. Já estão a tratar da parte da maquilagem e recebemos as roupas que nos mandou. Muito obrigado.

- Pensei que... Acha que se pode fazer o enterro sexta-feira que vem?

- Sexta-feira está óptimo. Nessa altura já teremos tratado de todos os pormenores. Sugiro as onze horas da manhã.

Daqui a três dias eu e Richard ficaremos afastados para sempre. Ou até que eu me junte a ele.

Assim que Diane chegou ao apartamento, encaminhou-se para o armário de Richard. Havia duas filas de cabides com fatos. Cada um deles carregava preciosas recordações. Ali estava o fato castanho que Richard usara na noite em que o conhecera na galeria.

- Gosto das suas curvas. Têm a delicadeza de um Rossetti ou de um Manet.

Seria capaz de deixar partir esse fato? Nem pensar.

Os dedos tocaram o seguinte. Era o leve casaco desportivo cinzento que Richard usara no piquenique, quando tinham sido apanhados pela chuva.

- Em tua casa ou na minha? - Isto não é uma coisa de uma ... - Eu sei. Como podia não o guardar?

O fato de riscas era o seguinte.

Na quinta-feira de manhã, Diane estava atarefada a preparar os detalhes finais do funeral, a verificar a longa lista de convidados e os que iriam carregar o caixão, quando recebeu um telefonema.

- Senhora Stevens?

- Sim.

- Fala Ron Jones. Era só para lhe dizer que recebemos os documentos que nos enviou e que a mudança de planos foi levada a cabo, tal como nos pediu.

- Documentos...? - perguntou Diane intrigada - Sim. O mensageiro trouxe-os ontem, com a sua carta.

- Mas eu não mandei nada...

- Na realidade, eu próprio fiquei um pouco espantado, mas, claro, a decisão era sua. Acabamos de cremar o corpo do seu marido há cerca de uma hora.

CAPÍTULO 6

Paris Kelly Harris era uma beldade que surgira de forma meteórica no mundo da moda. Andava pelos vinte e poucos anos, uma afro-americana com pele da cor do mel fundido e um rosto que era o sonho de qualquer fotógrafo. Tinha olhos aveludados e inteligentes, lábios cheios e sensuais, umas belas e longas pernas e uma silhueta cheia de promessas eróticas. O cabelo escuro estava cortado curto de forma irregular, com algumas madeixas espalhadas pela testa. No início do ano, os leitores das revistas Elle e Mademoisellee tinham votado em Kelly como a Modelo Mais Bonita do Mundo.

Enquanto acabava de se vestir, Kelly olhou em redor do seu apartamento no último andar do prédio, experimentando, como sempre, uma sensação de espanto. O apartamento era espetacular. Estava situado na restrita rua de S. Louis en lie, no Quarto Arrondissement de Paris. O apartamento tinha uma porta dupla de entrada que abria para um elegante átrio, tectos altos e paredes apaineladas em tom amarelo-claro, e a sala estava mobilada com uma ecléctica mistura de móveis franceses e Regência. Do terraço, do outro lado do Sena, via-se Notre Dame.

Kelly aguardava ansiosamente a chegada do próximo fim de semana. O marido ia levá-la numa das suas saídas surpresas.

Quero que te vistas bem, minha querida. Vais adorar o sítio aonde vamos.

Kelly sorriu. Mark era o homem mais maravilhoso do mundo. Olhou para o relógio de pulso e suspirou.

O melhor é despachar-me, pensou. A mostra começa daqui a meia hora. Instantes depois saiu do apartamento, dirigindo^se pela átrio na direcção do elevador. Entretanto, a porta de um dos apartamentos vizinhos abriu-se e a senhora Josette Lapointe surgiu no outro corredor. Uma pequena bola de gente, tinha sempre uma palavra simpática para Kelly.

- Boas tardes, senhora Harris.

Kelly sorriu.

- Boa tarde, senhora Lapointe. - Hoje está maravilhosa, como sempre, aliás.

- Muito obrigada. - E Kelly premiu o botão de chamada do elevador.

A alguma distância delas, um homem encorpado com um fato-macaco aparafusava algo numa parede. Olhou para as duas mulheres e em seguida desviou o olhar.

- E como vai a vida de modelo? - perguntou a senhora La pointe.

- Muito bem, muito obrigada.

- Tenho que ir brevemente vê-la numa dessas suas passagens de modelos.

- Terei muito gosto em tratar disso, quando quiser.

O elevador chegou e Kelly e a senhora Lapointe entraram. O homem de fato-macaco sacou de um rádio transmissor, falou rapidamente e apressou-se a sair dali.

Quando as portas do elevador se começavam a fechar, Kelly ouviu o telefone a tocar no seu apartamento. Hesitou. Estava com pressa, mas podia ser Mark a ligar.

- Vá andando - disse à senhora Lapointe.

Kelly saiu do elevador, procurou as chaves, encontrou-as e entrou a correr no apartamento, levantou o telefone que tocava e atendeu-o.

- Mark?

Uma voz desconhecida perguntou:

- Nanette?

Kelly sentiu-se desapontada.

- Não conhecemos ninguém com esse nome.

- Desculpe, então. Foi engano.

Um engano. Kelly desligou. Nesse preciso momento ouviu um estrondo enorme que sacudiu todo o prédio. Em seguida, uma confusão de vozes e gritos. Horrorizada, correu para a entrada para ver o que se passara. O som vinha lá de baixo. Kelly correu pelas escadas abaixo e, quando chegou ao átrio, ouviu vozes altas e excitadas que vinham da cave.

Apreensiva, desceu as escadas que davam para a cave e estacou horrorizada ao ver a cabina do elevador esmagada e o corpo horrivelmente

destroçado da senhora Lapointe. Kelly sentiu que ia desmaiar. Pobre senhora. Ainda há um minuto estava viva e agora... E eu podia ter ido com ela. Se não fosse aquele telefonema...

Uma multidão juntara-se em redor do elevador e ouvia-se ao longe o som das sirenes.

Eu devia ficar aqui, pensou Kelly com sentimentos de culpa, mas não posso. Tenho de me ir embora. Olhou para o corpo e murmurou - Lamento muito, senhora Lapointe.

Quando Kelly chegou ao salão de moda e atravessou a porta ao palco, Pierre, o nervoso coordenador de moda já a esperava. Saltou sobre ela:

- Kelly! Kelly! Estás atrasada! A mostra já começou e...

- Peço muita desculpa, Pierre. E que houve um acidente horrível.

Ele olhou para ela horrorizado: - Estás ferida? - Não. - Kelly fechou por momentos os olhos. A idéia de trabalhar depois do que acabara de ver era repugnante, mas tinha alternativa. Era a estrela do espectáculo.

- Despacha-te!-pediu Pierre. – Vitel! Kelly partiu em direcção ao camarim.

A mais prestigiada passagem de modelos decorria no número 3 da Rue Cambon, o salão original da casa Chanel. Os paparazzii seni vanuse nas filas da frente. Todos os lugares estavam ocupados e fundo do salão estava apinhado de gente em pé, ansiosa por poder ver as primeiras mostras das criações para a estação que chegava. O salão fora decorado para o acontecimento com flores e tecidos bordados, mas ninguém lhes prestava a mínima atenção. As verdadeiras atracções iam surgir sobre a longa passarela, um rio de múltipla cores em movimento, de beleza e de estilo. Como pano de fundo havia sempre música a tocar, a sua lenta batida a sincopar os mo mentos sobre o palco.

À medida que as maravilhosas jovens deslizavam para a frente para trás, eram acompanhadas por uma voz num altifalante que comentava os modelos apresentados.

Uma morena asiática iniciou a decida da passarela... "um casaco. de cetim com pespontes altos, calças em georgettee, uma blusa branca...

Uma loura esguia ondulou pela passarela "...vestindo uma camisola de gola alta de caxemira com calças largas brancas..."

Uma ruiva com ar decidido "...usa um casaco de cabedal preto e calças pretas em shantung, com uma camisa tricotada branca..."

Um modelo francês, "...um casaco rosa em angorá com três botões, uma camisola de gola alta de torcidos e calças pretas justas..."

Um modelo sueco "...um casaco à marinheiro em cetim azul, com calças e uma encantadora blusa..."

E em seguida chegou o momento que todos aguardavam. O modelo sueco desapareceu e a passarela ficou vazia. A voz no altifalante anunciou:

- E agora que chegou a estação balnear, vamos apresentar a nossa nova linha de fatos de banho.

Houve um crescendo de antecipação e em seguida Kelly Harris surgiu no seu momento mais alto. Vestia um biquíni branco, uma parte superior que mal conseguia cobrir os jovens e firmes seios e uma parte inferior que se moldava perfeitamente ao corpo. Enquanto ondulava sensualmente ao longo da passarela, o efeito era encantador. Ouviu-se uma onda de aplauso. Kelly sorriu levemente em sinal de apreciação, deu a volta à passarela e desapareceu.

Nos bastidores, dois homens aguardavam-na.

- Senhora Harris, será que nos podia dar um momento...

- Lamento - desculpou-se Kelly. - Tenho que me mudar rapidamente. - E começou a afastar-se.

- Espere! Senhora Harris! Somos da polícia Judiciária. Eu sou o inspector Dune e este é o inspector Steunou. Precisamos de falar consigo.

Kelly estacou.

- Da polícia? Falar sobre o quê?

- A senhora é a senhora Harris, não é?

- Sim - de repente sentiu-se apreensiva.

- Então, lamento ter que a informar que... o seu marido morreu ontem à noite.

A boca de Kelly ficou seca. - O meu marido...? Como...?

- Aparentemente, suicidou-se.

Os ouvidos de Kelly zumbiam. Mal conseguia perceber o que o

inspector lhe estava a dizer "...Torre Eiffel... meia-noite... mensagem... lamentável... nossas condolências."

As palavras não eram reais. Havia momentos de som que nada significavam.

- Minha senhora...

(...Este fim de semana, quero que te vistas bem, minha querida. Vais adorar o sítio onde vamos...)

- Tem de... haver um engano - disse Kelly. - O Mark jamais.. - Lamento muito. - O inspector chefe observava Kelly atentamente. - A senhora está bem?

- Sim. - Só que a minha vida acabou.

Pierre correu apressadamente para Kelly com um belíssimo biquíni às riscas.

- Chérie, tens que te mudar rapidamente. Não há tempo a perder - e enfiou-lhe o biquíni nos braços. – Vite! Vite!

Kelly vagarosamente deixou-o cair ao chão.

- Pierre?

Ele olhava para ela espantado. - Sim?

- Veste-o tu.

Uma limusina levou Kelly de regresso ao apartamento. O director do salão insistira que alguém fosse com ela, mas Kelly recusara. Queria estar sozinha. Agora, enquanto passava pela entrada, viu o porteiro, Philippe Cendre e um homem em fato-macaco rodeado por um grupo de moradores.

Uma das moradoras dizia:

- Pobre senhora Lapointe. Mas que acidente horrível.

O homem do fato-macaco segurava duas pontas esfarrapadas e um cabo grosso.

- Não foi nenhum acidente, minha senhora. Alguém cortou os cabos de travagem do elevador.

CAPÍTULO 7

Às quatro da manhã, Kelly estava sentada numa cadeira a olhar pela janela, atordoada, a ouvir uma confusão de vozes. Polícia Judiciária... precisamos de falar... Torre Eiffel... mensagem de suicídio... Mark morreu... Mark morreu... Mark morreu... As palavras pulsavam pesadamente, martelando-lhe a cabeça.

Na sua mente, o corpo de Mark caía, caía, caía... Estendeu os braços para o apanhar antes mesmo de ele se esmagar contra o passeio. Morreste por minha culpa? Foi alguma coisa que eu fiz? Ou que não fiz ? Alguma coisa que eu disse? Ou que não disse? Eu estava a dormir quando te foste embora, meu querido, e nem sequer tive a possibilidade de te dizer adeus, de te beijar e de te dizer o quanto te amo. Preciso de ti. Não consigo viver sem ti, pensou Kelly. Ajuda-me Mark, Ajuda-me... como sempre me ajudaste... E deixou-se cair para trás na cadeira, recordando como tudo fora antes dele, naqueles terríveis primeiros anos...

Kelly nascera em Filadélfia, filha ilegítima de Ethel Hackworth, uma criada negra que trabalhava para uma das famílias brancas mais importantes da cidade. O patrão era juiz. Ethel tinha dezassete anos e era belíssima, e Pete, o elegante e louro filho mais velho da família Turner, com vinte e dois anos, sentira-se atraído por ela. Seduziu-a e, no mês seguinte, Ethel soube que estava grávida.

Quando contou a Pete, ele respondeu:

- Mas... mas isso é maravilhoso - e correu para o escritório do pai para lhe dar as más notícias.

Na manhã seguinte, o juiz Turner chamou Ethel ao seu escritório e disse:

- Não admito ter uma puta a trabalhar em minha casa. Estás despedida.

Sem dinheiro nem estudos ou qualificações, Ethel começara a trabalhar como empregada de limpeza numa fabrica, trabalhando longas horas para poder sustentar a filha recém nascida. Ao fim de cinco anos poupara dinheiro suficiente para comprar uma velha casa de madeira que transformou em pensão para homens. Transformou as divisões em sala de estar, casa de jantar,

quatro pequenos quartos e uma pequena divisão de apoio onde Kelly dormia.

Desde então, uma série de homens tinha entrado e saído.

- Estes são teus tios - dissera-lhe Ethel. - Não os incomodes.

Kelly estava feliz por ter uma família tão grande, até que um dia chegou à idade de perceber que eles eram todos desconhecidos.

Quando tinha oito anos, estava uma noite a dormir no seu quarto pequeno e escuro quando foi acordada por uma voz gutural que lhe dizia baixinho:

- Chiu! Não faças barulho!

Kelly sentiu a camisa de noite a ser erguida e quando ia protestar um dos "tios" já estava em cima dela e com a mão tapava-lhe a boca. Kelly sentiu-o a forçar-lhe as pernas. Tentou lutar, mas ele mantinha-a presa. Sentiu o membro dele a rasgar-lhe o corpo por dentro e foi invadida por uma dor horrível. Ele não tinha piedade, forçando-se a entrar nela, enterrando-se fundo, cada vez mais fundo e mais fundo, esfregando-lhe a pele até arder. Kelly sentia o calor do seu sangue a escorrer de dentro dela. Gritava silenciosamente, com medo de desmaiar. Estava prisioneira da assustadora escuridão do seu próprio quarto.

Por fim, depois daquilo que lhe pareceu uma eternidade, sentiu-o estremecer e sair de dentro dela.

- Vou deixar-te. Mas, se alguma vez contares alguma coisa sobre isto à tua mãe, eu volto e mato-a - disse ele baixinho e desapareceu.

A semana seguinte foi quase insuportável. Sofria o tempo todo, mas cuidou do seu corpo lacerado o melhor que conseguiu até que, por fim, a dor desapareceu. Queria contar à mãe o que se passara, mas não se atrevia. Se alguma vez contares alguma coisa sobre isto à tua mãe eu volto e mato-a.

O incidente durara unicamente uns poucos minutos, mas esses minutos tinham alterado a vida de Kelly. Deixara de ser a menina que sonhara em ter um marido e filhos para se tornar uma pessoa que se sentia manchada e desgraçada. Decidiu que nunca mais permitiria que um homem lhe tocasse. Algo mudara dentro de Kelly.

Dessa noite em diante, Kelly passou a ter medo do escuro.

CAPÍTULO 8

Quando Kelly fez dez anos, Ethel pô-la a trabalhar na pensão. Kelly levantava-se todas as manhãs às cinco para limpar as sanitas, esfregar o chão da cozinha e ajudar a preparar o pequeno almoço dos hóspedes. Depois da escola, lavava a roupa, lavava o chão, limpava o pó e ajudava no jantar. A sua vida começou a ser uma horrorosa e frustrante rotina.

Ansiava por ajudar a mãe, na expectativa de um elogio. Nunca o ouviu. A mãe estava demasiado preocupada com os hóspedes para prestar atenção à filha.

Quando Kelly era muito nova, um hóspede simpático lera-lhe Alice no País das Maravilhas e Kelly ficou fascinada pela forma como Alice conseguiu fugir por uma toca mágica de coelho. É disso que eu preciso, pensou Kelly. Uma forma de escapar. Não posso passar o resto dos meus dias a limpar sanitas, a lavar chãos e a limpar a porcaria de desconhecidos.

E um dia Kelly encontrou a sua mágica toca de coelho. Era a sua imaginação, pela qual conseguia ir onde muito bem lhe apetecia. E imaginou toda uma outra vida para si...

Ela tinha um pai, e o pai e a mãe eram da mesma cor. Nunca se zangavam nem nunca gritavam com ela. Viviam todos numa casa maravilhosa. O pai e a mãe amavam-na. O pai e a mãe amavam-na.

O pai e a mãe amavam-na...

Quando Kelly fez catorze anos, a mãe casou-se com um dos hóspedes, um empregado de bar chamado Dan Berke, um homem carrancudo de meia idade que era um pessimista quanto a tudo. Fosse o que fosse que Kelly fizesse, nunca nada lhe agradava.

- O jantar está uma porcaria...

- A cor desse vestido não te fica bem...

- A persiana do quarto continua partida.

- Não acabaste de limpar as casas de banho...

O padrasto de Kelly tinha um problema de alcoolismo. A parede que separava o seu quarto do quarto da mãe e do padrasto era muito fina e, noite

após noite, Kelly ouvia o som de pancadas e de gritos. De manhã, Ethel aparecia com pesada maquilagem mas que não era suficiente para ocultar os golpes e as nódoas negras.

Kelly andava infeliz. Nós devíamos era sair daqui para fora, pensava. Eu e a minha mãe amamo-nos.

Uma noite, quando Kelly estava meio a dormir, ouviu vozes a falarem alto no quarto ao lado:

- Porque foi que não te viste livre da catraia antes de ela nascer?

- Eu tentei, Dan. Mas não resultou.

Kelly sentiu-se como se tivesse sido golpeada no ventre. A mãe nunca a quisera. Ninguém a queria.

Kelly encontrou outra forma de escapar ao horror interminável que era a sua vida. O mundo dos livros. Tornou-se uma leitora insaciável e passava a maior parte do seu tempo livre na biblioteca pública.

No final da semana nunca havia dinheiro para Kelly, por isso arranjou um trabalho como babysitter, invejando as felizes famílias que nunca teria.

Aos dezassete anos, Kelly transformou-se na beleza que a mãe fora. Os rapazes na escola começaram a convidá-la para sair. Sentia-se repugnada. Recusou-os a todos.

Aos sábados, quando não havia escola e as tarefas de Kelly já estavam todas feitas, corria para a biblioteca pública e passava a tarde a ler.

A senhora Lisa Marie Houston, a bibliotecária, era uma mulher inteligente e compreensiva, com um feitio amistoso e roupas tão despretensiosas quanto a sua personalidade. Ao ver Kelly tantas vezes na biblioteca, ficou curiosa.

Um dia comentou:

- E muito agradável ver uma jovem a gostar tanto de ler. Passas muito tempo aqui.

Foi o início de uma grande amizade. À medida que as semanas passavam, Kelly foi confiando os seus receios e as suas aspirações à bibliotecária.

- Kelly, o que gostarias de fazer com a tua vida?

- Gostava de ser professora.

- Acho que serias uma excelente professora. É a profissão mais gratificante do mundo.

Kelly começou a falar, mas parou. Lembrou-se de uma conversa que tivera com a mãe e o padrasto ao pequeno almoço, uma semana antes. Kelly dissera:

- Preciso de ir para uma universidade. Quero ser professora.

- Professora ? - rira Berke. - Mas que idéia mais parva. Os professores ganham uma miséria. Estás-me a ouvir? Uma miséria. Ganhas mais a lavar chãos. De qualquer das maneiras, a tua velhota e eu não temos dinheiro para te mandar para a universidade.

- Mas ofereceram-me uma bolsa e...

- E então? Vais passar anos a perder o teu tempo. Esquece. Com o teu aspecto, o melhor é venderes o corpinho.

Kelly saíra da mesa.

Agora dizia à senhora Houston:

- Só há um problema. Eles não me deixam ir para a universidade - a voz embargou-se-lhe. - Vou passar o resto da minha vida a fazer o que faço!

- É claro que não. - A voz da senhora Houston era firme. - Quantos anos tens?

- Daqui a três meses faço dezoito anos.

- Não tarda nada terás idade suficiente para tomares as tuas próprias decisões. És uma jovem muito bonita, Kelly. Sabias?

- Não. Não sabia. - Como lhe posso eu explicar que me sinto como se fosse uma anormal? Não me sinto de modo nenhum bonita. - Senhora Houston, eu odeio a minha vida. Não quero ser como a... Quero sair desta terra. Quero fazer algo de diferente e nunca vou poder... - Esforçava-se por controlar as emoções. - Eu nunca vou ter a possibilidade de fazer seja o que for, de vir a ser alguém.

- Kelly...

- Nunca devia ter lido todos estes livros. - A voz dela era amarga.

- Porquê?

- Porque me encheram a cabeça de mentiras. Todas aquelas maravilhosas pessoas, e aqueles sítios espetaculares, e a magia... - Kelly abanou a cabeça. - Não há magia.

A senhora Houston observou-a por momentos. Era óbvio que a auto-estima de Kelly fora extremamente danificada.

- Kelly, existe magia, mas tu é que tens que ser o mágico, que tens que fazer com que a magia apareça.

- Sim? - O tom da voz de Kelly era cínico. - E como é que eu faço isso?

- Primeiro que tudo, tens que saber de facto quais são os teus sonhos. Sonhas em ter uma vida excitante, cheia de pessoas interessantes e de lugares maravilhosos. Da próxima vez que cá voltares, eu vou te mostrar como podes tornar reais os teus sonhos.

Mentirosa.

Na semana depois de Kelly ter terminado o liceu, regressou à biblioteca. A senhora Houston disselhe:

- Kelly, lembras-te do que eu te disse sobre criares a tua própria magia?

- Sim - respondeu, céptica, Kelly.

A senhora Houston procurou atrás da secretária e tirou para fora um punhado de revistas, a COSMO girl, a Seventeen, a Glamour, Mademoiselle, a Essence, a Allure... e deu-as a Kelly.

Kelly ficou a olhar para elas.

- E o que é que eu faço com isto?

- Alguma vez pensaste em vir a ser modelo?

- Não.

- Vê estas revistas. Depois diz-me se te deram algumas idéia sobre como trazeres a magia para a tua vida.

Ela tem boas intenções, pensou Kelly , mas não compreende.

- Muito obrigada, senhora Houston. Assim farei.

Para a semana vou começar à procura de um emprego. Kelly levou as revistas para a pensão e enfiou-as num canto e esqueceu-as. Passou a tarde a cumprir as suas tarefas.

Quando, nessa noite, se preparava para se meter na cama, exausta, lembrou-se das revistas que a senhora Houston lhe dera. Pegou numas por pura curiosidade e começou a folheá-las. Era todo um outro mundo. Os modelos maravilhosamente vestidos, com homens elegantes a seu lado, em Londres e Paris e em locais exóticos por i todo o mundo. De repente, Kelly sentiu uma enorme vontade a crescer! dentro de si. Rapidamente vestiu um robe e atravessou o átrio na direcção da casa de banho.

Estudou-se no espelho. Bom, talvez fosse atraente. Era o que todos lhe diziam. Mas, mesmo que seja verdade, pensou Kelly, eu não tenho qualquer experiência. Pensou na sua vida futura em Filadélfia e olhou-se mais uma vez no espelho. Todos têm que começar por algum lado. Tu tens de ser o mágico, faz a tua própria magia.

Na manhã seguinte bem cedo, Kelly apareceu na biblioteca para falar com a senhora Houston.

Esta ficou espantada ao vê-la ali tão cedo.

- Bom dia, Kelly. Tiveste oportunidade de dar uma olhadela às revistas?

- Tive. - Kelly respirou fundo. - Gostava de tentar ser modelo.

O problema é que não faço a mínima idéia por onde começar.

A senhora Houston sorriu.

- Mas eu faço. Andei a consultar a lista telefônica de Nova Iorque.

Não disseste que gostarias de sair desta cidade? - A senhora Houston pegou numa folha de papel datilografada que tirou de dentro da bolsa e deu-a a Kelly. - Aqui tens uma lista das dozes principais agências de modelos em Manhattan, com as moradas e os números de telefone. - E apertou a mão de Kelly. - Começa pela do topo.

Kelly estava atordoada.

- Eu... Eu não sei como lhe agradecer...

- Eu digo-te como. Faz com que eu veja a tua fotografia nestas revistas.

Nessa noite ao jantar, Kelly disse:

- Decidi que quero ser modelo.

O padrasto grunhiu:

- Mas que idéia mais estúpida é essa? Que diabo se passa contigo?

Todas as modelos são putas.

A mãe suspirou:

- Kelly, não cometas os mesmos erros que eu. Também eu tive sonhos que a nada levaram. Eles vão dar cabo de ti. Tu és negra e pobre. Nunca irás a lado nenhum.

Foi nesse instante que Kelly tomou a sua decisão.

Às cinco da manhã do dia seguinte, Kelly fez a mala e dirigiu-se à estação dos autocarros. Na bolsa tinha duzentos dólares que ganhara como babysitter.

A viagem de autocarro demorou duas horas e Kelly passou o tempo a imaginar o seu futuro. Ia tornar-se modelo profissional. Kelly Hackworth não lhe parecia nome profissional. Já sei o que vou fazer. Vou usar apenas o meu primeiro nome. E repetiu-o na cabeça uma vez e outra. E agora a nossa top model, Kelly.

Instalou-se num hotel barato e, às nove horas, Kelly estava a entrar pela porta principal da agência de modelos que se encontrava em primeiro lugar da lista que a senhora Houston lhe dera. Kelly não estava maquilada e vestia um vestido todo amarrotado, porque não tinha ferro de engomar.

Não havia ninguém na recepção no átrio. Abordou um homem que estava sentado num escritório, atarefado a escrever à secretária.

- Desculpe - disse Kelly.

O homem grunhiu qualquer coisa sem sequer olhar para cima.

- Não sei se precisam de modelos - disse Kelly, hesitante.

- Não - resmungou o homem. - Não andamos à procura, não.

Kelly suspirou:

- Bom, de qualquer das formas, muito obrigada - e virou-se para partir.

O homem olhou de relance para cima e a sua expressão alterou-se.

- Volte cá. - Pusera-se de pé. - Meu Deus. De onde é que você saiu?

Kelly olhava intrigada para ele.

- De Filadélfia.

- O que eu quero dizer é... Bom, não interessa. Já alguma vez trabalhou como modelo?

- Não.

- Não importa. Aqui aprende a trabalhar.

A garganta de Kelly ficou seca.

- Isso quer dizer que eu... Que eu vou ser modelo?

Ele sorriu um enorme sorriso. - Claro. Temos uma série de clientes que vão ficar doidos quando a virem.

Nem podia acreditar. Aquela era uma das mais importantes agências de modelos e eles...

- Chamo-me Bill Lerner. Dirijo esta agência. Como se chama?

Aquele era o momento que Kelly imaginara. Era a primeira vez que ia usar o seu novo nome, um nome de carácter profissional, com uma só palavra.

Lerner olhava especado para ela.

- Não sabe como é que se chama?

Kelly recompôs-se e endireitou-se e disse com toda a confiança:

- É claro que sei. Kelly Hackworth.

CAPÍTULO 9

O som do avião a voar baixo trouxe um sorriso aos lábios de Lois Reynolds. Gary. Estava atrasado. Lois oferecera-se para ir aeroporto buscá-lo, mas ele respondera: - Mana, não te incomodes. Eu apanho um táxi.

- Mas, Gary, tenho o maior prazer...

- É melhor que fiques em casa e que esperes por mim.

- Como queiras, mano.

O irmão sempre fora a pessoa mais importante na vida de Lois. Os anos em que crescera no Kelowa tinham sido um pesadelo. Desde que era menina, Lois sempre sentira que o mundo estava contra si, as revistas das personalidades, os modelos, as estrelas femininas de d cinema, e tudo porque era ligeiramente gordinha. Mas onde é que estava escrito que as roliças não podiam ser tão giras como as doentias e escanzeladas? Lois Reynolds estudava constantemente a sua imagem ao espelho. Tinha cabelo louro comprido, olhos azuis, delicados, traços pálidos e aquilo que Lois considerava como um corpo bastante bem feito. Os homens podem andar por aí com as suas barrigas de cerveja e ninguém lhes diz nada. Mas, assim que uma mulher engorda uns quilitos, torna-se logo objecto de comentários. Mas quem era o parvalhão que tinha o direito de dizer que a figura feminina devia ter as medidas 90-60-90?

Desde que Lois se lembrava, as suas companheiras de escola tinham o hábito de a troçar nas suas costas - "rabo gordo", "pote de banha", "texugo"... Estas palavras magoavam-na profundamente.! Mas Gary sempre lá estivera para a defender.

Quando Lois se formara na universidade de Toronto, já estava farta de ser aborrecida. Se o Senhor Maravilha procura uma mulher real, aqui estou eu.

E um dia, inesperadamente, o Senhor Maravilha surgira. Chamava-se Henry Lawson. Conheceram-se no convívio da igreja e Lois sentiu-se imediatamente atraída por ele. Era alto, magro e louro, tinha um rosto que parecia estar sempre pronto a sorrir e um feitio que lhe fazia justiça. O pai dele era o reverendo da igreja. Lois começou a passar a maior parte do seu tempo livre no convívio com Henry e, enquanto falavam, ficou a saber que ele era dono de uma creche bem sucedida e um amante da natureza.

- Se estiver livre amanhã à noite - disse ele - gostava de a levar a jantar Não houve qualquer hesitação da parte de Lois:

- Sim, muito obrigada.

Henry Lawson levou-a ao conhecido Sassafraz, um dos melhores restaurantes de Toronto. A ementa era tentadora, mas Lois pediu um jantar leve porque não queria que Henry pensasse que era uma comilona.

Henry notou que ela se limitava a comer uma salada e comentou:

- Mas isso não chega para a alimentar.

- Estou a tentar perder peso - mentiu.

-Lois, eu não quero que perca peso. Gosto de si tal como é. - Disse ele pousando a mão sobre a dela.

Ela sentiu um frêmito. Aquele era o primeiro homem que lhe dizia tal coisa.

- Vou encomendar um bife, batatas e uma salada César - informou Henry.

Era tão maravilhoso, encontrar finalmente um homem que compreendia o seu apetite e que o aprovava.

As semanas seguintes foram passadas num frenesi de encontros. Ao fim de três semanas, Henry disse:

- Lois, eu amo-te. Quero que cases comigo.

Palavras que pensara nunca vir a ouvir. Ela lançou os braços em volta dele e respondeu:

- Também eu te amo, Henry. Quero ser tua mulher.

O casamento teve lugar na igreja do pai de Henry, cinco dias depois. Estavam presentes Gary e alguns amigos, e foi uma cerimônia maravilhosa, oficiada pelo pai de Henry. Lois nunca se sentira tão feliz.

Onde vão passar a lua-de-mel? - perguntou o reverendo Lawson.

- No lago Louise - respondeu Henry. - É muito romântico.

- Perfeito para uma lua-de-mel.

Henry abraçou Lois.

- Espero que, para o resto das nossas vidas, todos os dias sejam uma lua de mel.

Lois estava extática.

Imediatamente a seguir ao casamento, partiram para o lago Louise. Era um espetacular oásis no Banff National Park, no coração das Rochosas canadianas.

Chegaram ao fim da tarde, com o sol a brilhar sobre o lago.

Henry tomou Lois nos braços:

- Estás com fome?

Ela olhou-o nos olhos e sorriu:

- Não.

- Eu também não. Porque não nos despimos?

- Oh, sim, meu querido.

Dois minutos mais tarde estavam na cama e Henry fazia com ela, deliciosamente. Era maravilhoso. Um êxtase.

- Oh, querido. Amo-te tanto.

- Também eu te amo, Lois - disse Henry. Ergueu-se. –Agora temos de combater o pecado carnal.

- Temos que fazer o quê? - E Lois olhou para ele, confusa.

- Põe-te de joelhos.

Ela riu.

- Querido, não estás cansado?

- Põe-te de joelhos.

Ela sorriu.

- Está bem.

Pôs-se de joelhos e observou, intrigada, enquanto Henry tirava um enorme cinto das calças. O marido avançou na sua direcção e, antes de ela poder perceber o que se estava a passar, ele fez estalar o cinto contra as suas nádegas nuas.

Lois gritou e fez menção de se endireitar.

- O que raio...?

Ele mandou-a ajoelhar.

- Eu já te disse, querida. Temos de combater o pecado - e uma vez mais ergueu o cinto e bateu-lhe com ele.

- Pára! Pára com isso!

- Está quieta. - A voz dele estava cheia de fervor.

Lois debateu-se para se erguer, mas Henry mantinha-a em baixo com um forte braço e bateu-lhe com o cinto mais uma vez, e outra. Lois sentia-se como se o rabo estivesse a ser esfolado.

- Henry! Meu Deus! Pára com isso! Por fim, ele endireitou-se e respirou fundo, a tremer:

- Agora já está tudo bem.

Lois sentia uma enorme dificuldade em se mexer. Sentia os vergões a arder. Dorida, lá se conseguiu pôr de pé. Estava incapaz de falar. Limitava-se a olhar para o marido, horrorizada.

- O sexo é um pecado. Temos que combater a tentação.

Ela abanou a cabeça, sempre sem conseguir falar, sem conseguir acreditar no que acabara de acontecer.

- Pensa em Adão e Eva, o início da queda da humanidade - continuou ele a dizer.

Lois começou a chorar, enormes soluços sacudindo-lhe o corpo. - Já está tudo bem. - Ele tomou Lois nos braços. - Está tudo bem. Eu amo-te.

E Lois respondeu, insegura:

- Eu também te amo, mas...

- Não te preocupes. Nós conseguimos.

O que significa que foi a última vez que isto aconteceu, pensou Lois. Provavelmente, tem alguma coisa a ver com o facto de ele ser filho de um pastor. Graças a Deus que já acabou. No restaurante, Lois mal se conseguia sentar. A dor era terrível, mas estava demasiado envergonhada para pedir uma almofada.

- Eu encomendo - disse Henry. E pediu uma salada para ele e uma refeição enorme para ela. - Tu tens de manter as forças, minha querida.

Durante o jantar, Lois pensou no que acontecera. Henry era o homem mais maravilhoso que alguma vez conhecera. Fora apanhada desprevenida por aquilo – e o que fora realmente aquilo, um fetiche?'De qualquer das maneiras, já acabara. Podia ansiar por passar o resto da sua vida a tomar conta daquele homem e a apreciar que tomassem conta dela.

Quando terminaram as entradas, Henry encomendou uma sobremesa extra para Lois e disse:

- Eu gosto de mulheres fortes.

Ela sorriu. - Ainda bem que te agrado.

Quando o jantar terminou Henry perguntou:

- Que tal regressarmos ao quarto?

- Acho óptimo.

Já no quarto, despiram-se e Henry tomou Lois nos braços e a dor pareceu desaparecer. O seu amor era suave e carinhoso e nunca fora tão agradável.

- Foi maravilhoso - disse Lois abraçando o marido.

- Sim - concordou ele. - Agora temos de expiar o pecado Ajoelha-te.

A meio da noite, quando Henry dormia, Lois fez a mala sem fazer barulho e fugiu. Apanhou um avião para Vancouver e telefonou a Gary. Durante o almoço, contou-lhe o que se passara.

- Vou pedir o divórcio - disse Lois - mas tenho de sair da cidade.

Gary pensou por alguns momentos.

- Um amigo meu tem uma companhia de seguros, mana. É em Denver, e isso fica a quinze mil milhas daqui.

- É perfeito.

- Vou falar com ele - respondeu Gary.

Duas semanas mais tarde, Lois trabalhava numa companhia de seguros numa posição de direcção.

Gary mantivera-se em contacto constante com Lois. Ela comprara uma casinha encantadora com vista das Montanhas Rochosas ao fundo, e de tempos a tempos o irmão fazia-lhe uma visita. Passavam maravilhosos fins de semana juntos, a esquiar ou a pescar ou simplesmente sentados no sofá a conversarem. Sinto tanto orgulho em ti, mana, dizia-lhe ele, e também Lois se sentia muito orgulhosa do que ele conseguira. Ele obtivera o seu grau de PH.D. em Ciência e trabalhava para uma organização internacional, e voar passara a ser apenas um passatempo.

Enquanto Lois pensava em Gary, ouviu bater à porta. Olhou pela janela para ver quem era e reconheceu-o. Tom Huebner. Um homem alto, um piloto com uma personalidade um pouco brusca, amigo de Gary.

Lois abriu a porta e Huebner entrou.

- Olá, Tom.

- Lois.

- Gary ainda não chegou. Acho que ouvi o avião dele há um bocado. Deve estar a chegar. Queres esperar ou...?

Ele olhava-a fixamente. - Não tens estado a ver as notícias?

Lois abanou a cabeça.

- Não. O que se passa? Só espero que não estejamos a caminho de outra guerra e...

- Lois, receio muito que seja portador de más notícias. De muito más notícias. - A voz dele estava tensa. - É sobre Gary.

Ela ficou rígida.

- O que se passa com ele?

- Morreu num acidente de aviação quando vinha para cá para te ver. - E viu a luz desaparecer dos olhos dela. - Lamento muito.

Sei bem como vocês gostavam um do outro.

Lois tentou falar, mas estava a hiperventilar:

- Como... como... como...?

Tom Huebner pegou na mão dela e suavemente conduziu-a a um sofá.

Lois sentou-se e respirou fundo várias vezes.

- O que foi... O que foi que aconteceu?

- O avião de Gary embateu contra uma montanha a poucas milhas de Denver.

Lois sentiu-se desfalecer.

- Tom, eu gostaria de ficar sozinha.

Ele olhou para ela, preocupado.

- Tens a certeza, Lois? Eu posso ficar e...

- Muito obrigada, mas, por favor, deixa-me sozinha.

Tom Huebner levantou-se com ar hesitante e em seguida anuiu:

- Tens o meu telefone. Liga-me, se precisares de mim.

Lois não o ouviu sair. Ali ficou sentada, em estado de choque, como se alguém lhe dissesse que ela tinha morrido. A sua mente disparou para os seus tempos de infância. Gary sempre fora o seu Protector, lutando com os rapazes que a aborreciam e, à medida que cresciam, acompanhando-a a jogos de basquetebol, ao cinema e às festas. A última vez que o vira fora na semana anterior, e reviu a cena como se fosse um filme a desenrolar-se, através dos olhos cheios de lágrimas.

Os dois estavam sentados à mesa da casa-de jantar.

- Gary, não comeste nada.

- Mana, está óptimo. Só que não tenho fome.

Ela analisou-o por momentos.

- Há alguma coisa sobre a qual queiras falar?

- Tu percebes sempre, não percebes?

- Tem a ver com trabalho?

- Tem - e ele afastou o prato da frente. - Acho que a minha vida corre perigo.

Lois olhou para ele, alarmada.

- Mana, só meia dúzia de pessoas no mundo sabem o que se está a passar. Eu volto para cá de avião na segunda-feira para passar a noite. Na terça de manhã tenho de ir a Washington.

Lois estava intrigada. - Porquê Washington?

- Para falar sobre Prima.

E Gary explicara-lhe tudo. Agora Gary estava morto. Acho que a minha vida corre perigo. O irmão não morrera num acidente. Ele fora assassinado.

Lois olhou para o relógio. Agora já era muito tarde para fazer fosse o que fosse, mas de manhã ia fazer o telefonema que vingaria a morte do irmão. Ia terminar o que Gary planeara fazer. De repente, Lois sentiu-se exausta. Era um enorme esforço, levantar-se do sofá. Não jantara, mas só a idéia de comer deixava-a enjoada.

Encaminhou-se para o quarto e caiu sobre a cama, demasiado cansada para se despir. Ali ficou, atordoada, até que por fim acabou por adormecer.

Sonhou que ela e Gary estavam num comboio a alta velocidade e que todos os passageiros na carruagem fumavam. Começava a ficar calor e o fumo fazia-a tossir. A sua tosse despertou-a e abriu os olhos. Olhou, horrorizada, em redor. O quarto estava a arder, o fogo escorria pelas cortinas e o quarto estava cheio de fumo. Lois cambaleou para fora da cama, a sufocar. Tentando não respirar, cambaleou na direcção da porta. Todo o quarto estava envolto em chamas e fumo espesso. Deu meia dúzia de passos, sentiu as pernas ceder e caiu ao chão.

A última coisa de que Lois se lembrava era das chamas a lamberem o caminho na sua direcção.

CAPÍTULO 10

Para Kelly, tudo acontecia a uma velocidade estonteante. Rapidamente aprendeu os aspectos mais importantes do trabalho como modelo, a agência proporcionara-lhe cursos de projecção de imagem, de postura e de pose. Muito desse trabalho tinha a ver com a atitude, e para Kelly isso significava representar, pois não se sentia bela nem desejável.

A expressão "sucesso de um dia para o outro" podia ter sido inventada para Kelly. Ela projectava não só uma imagem provocante e excitante, como um toque de inacessibilidade que era um verdadeiro desafio para os homens. Em dois anos, Kelly subira a um terço do topo da escala dos modelos. Apresentava produtos de uma dúzia de países. Muito do seu tempo era passado em Paris, onde estavam os clientes mais importantes da agência.

Uma vez, depois de uma extravaganza de moda em Nova Iorque, antes de regressar a Paris Kelly decidiu visitar a mãe, que lhe pareceu mais velha e mais desgastada. Tenho que a tirar daqui, pensou. Vou comprar-lhe um belo apartamento e vou tirá-la daqui. A mãe pareceu satisfeita por a ver.

- Fico satisfeita por te estares a dar tão bem, Kelly. Muito obrigada pelos teus cheques mensais.

- De nada. Mãe, queria falar consigo sobre um assunto. Já tenho tudo planeado. Quero que saia...

- Vejam só quem nos veio fazer uma visita! Sua Alteza! - O Padrasto acabara de entrar. - O que estás aqui a fazer? Não devias estar a apresentar os teus fatinhos da moda?

Vou ter de fazer isto outro dia, concluiu Kelly.

Havia mais uma coisa que queria fazer. Dirigiu-se à biblioteca pública onde passara tantas horas maravilhosas e, assim que cruzou a entrada transportando consigo uma meia dúzia de revistas, a sua mente começou a dançar, cheia de recordações.

A senhora Houston não estava sentada na sua secretária. Kelly olhou em redor e viu-a de pé numa das alas laterais, com excelente aspecto, num vestido muito bem cortado, atarefada a encher uma estante com livros.

Assim que a senhora Houston ouviu a porta a ser aberta, disse: -Já aí vou - e virou-se. - Kelly! - Fora quase um grito. - Oh Kelly!

Correram uma para a outra e abraçaram-se. A senhora Houston afastou-se e olhou para ela:

- Eu não acredito que sejas tu. O que fazes cá pela cidade?

- Vim ver a minha mãe, mas também a queria ver a si.

- Estou tão orgulhosa de ti. Não fazes idéia.

- Senhora Houston, lembra-se de quando eu lhe perguntei como lhe podia agradecer? Respondeu-me dizendo que queria ver a minha fotografia numa revista de moda. Pronto, aqui tem. - E Kelly colocou a pilha de revistas nos braços da senhora Houston. Havia exemplares da Elle, da Cosmopolitan, da Mademoiselle e da Vogue. Estava na capa de todas elas.

- São maravilhosas. - A senhora Houston parecia feliz. Deu a volta, passou para trás da secretária e tirou de lá exemplares mesmas revistas.

Demorou alguns segundos até Kelly ser capaz de falar.

- O que poderei alguma vez fazer para lhe agradecer? A mudou a minha vida.

- Não, Kelly. Tu é que mudaste a tua vida. Eu limitei-me a um pequeno empurrão. E, Kelly...

- Sim?

- Graças a ti, transformei-me numa fã da moda.

Como Kelly prezava muito a sua privacidade, a fama por vezes perturbava-a. A barragem insistente dos fotógrafos incomodava-a e ela tinha o que se podia considerar uma fobia de ser abordada por pessoas desconhecidas. Kelly gostava de estar sozinha.

Um dia, almoçava no restaurante Le doq, no hotel Jorge V, quando um homem mal vestido que passava parou e ficou a olhar para ela. Tinha o aspecto pálido e pouco saudável de alguém que passava a maior parte do tempo debaixo de tecto. Tinha com ele um exemplar da revista Elle aberta numa página cheia de fotografias de Kelly.

- Desculpe - disse o desconhecido.

Kelly olhou para cima, com ar aborrecido: - Sim?

- Eu vi a sua... Li aquele artigo a seu respeito onde diz que nasceu em Filadélfia. - A voz dele estava cheia de entusiasmo. - £u também nasci lá e, quando vi as suas fotografias, senti que a conhecia e...

Kelly respondeu friamente:

- Não conhece. E não gosto de ser incomodada por desconhecidos.

- Oh! Peço desculpa - e engoliu em seco. - Não era minha intenção... Eu não sou desconhecido. Quero dizer... O meu nome é Mark Harris e trabalho para a Kingsley Internacional. Quando a vi aqui, pensei... pensei que talvez não gostasse de almoçar sozinha e que eu podia...

Kelly olhou para ele com ar feroz.

- Pois enganou-se. Agora, faça o favor de sair daqui.

Ele gaguejava:

- Eu... eu não tinha intenção de incomodar. É que... - E viu o olhar na cara dela. - á vou.

Kelly ficou a vê-lo sair pela porta, levando consigo a revista. Boa viagem.

Kelly marcara uma semana de apresentações para várias revistas de moda. Um dia depois de ter encontrado Mark Harris, estava no camarim dos modelos a vestir-se quando três dúzias de rosas chegaram para si. O cartão dizia: Por favor, perdoe-me por a ter incomodado.

Kelly rasgou o cartão.

- Mande as flores para o hospital pediátrico.

Na manhã seguinte, a encarregada do guarda-roupa entrou no camarim de novo com um embrulho.

- Um homem deixou isto para ti, Kelly.

Era uma orquídea. O cartão dizia Espero estar perdoado. Mark Harris. Kelly rasgou o cartão.

- Fique com a flor.

Depois disso, os presentes do Mark começaram a chegar quase diariamente, um pequeno cesto com frutos, um anel de disposição, um Papai Noel em brinquedo. Kelly deitou sempre tudo para o lixo. O presente que

chegou depois era diferente: uma adorável cachorrinha caniche com uma fita encarnada atada ao pescoço e um cartão: Esta é a Angel. Espero que goste tanto dela como eu. Mark Harris.

Kelly ligou para as informações e pediu o número de telefone do Kingsley Internacional Group. Quando a telefonista atendeu, Kelly perguntou:

- Têm um Mark Harris a trabalhar aí?

- Oui, Mademoiselle.

- Posso falar com ele?

- Um momento.

Um minuto depois, Kelly ouviu a conhecida voz:

- Alô?

- Senhor Harris?

- Sim.

- Fala Kelly. Decidi aceitar o seu convite para almoçar.

Do outro lado fez-se um minuto de silêncio, e em seguida:

- Sim? Mas... Mas isso é maravilhoso.

Kelly distinguia perfeitamente o som da excitação na voz dele.

- No Laurent, hoje à uma?

- Isso é excelente. Muito obrigado. Eu...

- Eu marco a mesa. Adeus.

Mark Harris estava no Laurent de pé, a aguardar, junto de mesa, quando Kelly entrou trazendo com ela a cadelinha.

O rosto dele alegrou-se:

- Você... Você veio. Eu não tinha a certeza... e trouxe Angel consigo.

- Sim - e Kelly plantou a cadela nos braços de Mark. - pode fazer-lhe companhia ao almoço - disse com voz gelada e virou-se para partir.

- Não estou a perceber. Pensei... - arquejou Mark.

- Bom, então eu explico-lhe pela última vez - respondeu em voz muito

dura. - Quero que pare de me aborrecer. Não consegue compreender?

O rosto dele ficou vermelho.

- Sim. Sim, claro. Peço desculpa. Eu não queria... não queria... Só pensei que... Não sei o que fazer... Gostaria de poder explicar. Importa-se de se sentar por um momento?

Kelly ia começar a dizer que não, mas optou por se sentar com ar aborrecido.

- Sim?

Mark Harris respirou fundo:

Lamento muito. Não era minha intenção aborrecê-la. Mandei todos aqueles presentes como forma de pedir desculpa por me ter intrometido. Tudo o que pretendia era uma hipótese de... Quando vi a sua fotografia, senti que a conheci toda a vida. E quando a vi em carne e osso e você era ainda mais... - ele gaguejava, atrapalhado.

- Eu... Tinha a obrigação de saber que uma pessoa como você jamais estaria interessada em alguém como eu... Eu... agi como um colegial estúpido. Estou tão envergonhado. É que... Eu não sei como lhe explicar como me senti e... - a voz dele arrastou-se. Havia nele uma nítida vulnerabilidade. - Eu sou um verdadeiro desastre... a explicar os meus sentimentos. Estive toda a minha vida sozinho.

Nunca ninguém... Quando eu tinha seis anos, os meus pais divorciaram-se e houve uma batalha pela minha custódia. Nenhum deles me queria.

Kelly observava-o em silêncio. As palavras dele pareciam ecoar na sua cabeça, trazendo-lhe lembranças há muito enterradas.

- Porque é que não te viste livre da catraia antes de ela nascer?

- Eu tentei. Mas não resultou.

Ele continuava:

- Cresci em meia dúzia de casas de acolhimento, onde nunca ninguém se interessava...

- Estes são teus tios. Não os incomodes.

- Parecia que nunca era capaz de fazer nada certo...

- O jantar está uma porcaria... - A cor deste vestido não te fica bem...

- Não acabaste de limpar as casas de banho...

- Queriam que eu saísse da escola para trabalhar numa garagem, mas eu... eu queria ser cientista. Diziam que eu era demasiado burro...

Kelly estava cada vez mais interessada no que ele dizia.

- Eu queria ser modelo.

- Todas as modelos são putas...

- Sonhava em ir para a universidade, mas eles insistiam que para o tipo de trabalho que eu ia fazer não precisava de estudar.

Mas para que diabo queres tu ir para a universidade? Com o teu aspecto, o melhor é venderes o corpinho...

Quando consegui uma bolsa para o MIT, os meus pais adoptivos disseram que o mais natural era eu chumbar e que devia era ir trabalhar para a garagem...

- Universidade? Vais desperdiçar quatro anos da tua vida...

Ouvir aquele desconhecido era quase como assistir a uma projecção da sua própria vida. Kelly ali estava sentada, profundamente comovida, sentindo as mesmas dolorosas emoções que o desconhecido sentado na sua frente.

- Quando terminei o MIT, fui trabalhar para uma sucursal do Kingsley Internacional Group, em Paris. Mas sentime muito sozinho - e fez uma longa pausa. - li, há muito tempo, em qualquer lado, que a coisa mais importante do mundo é encontrar alguém a quem amar, que nos ame... E eu acreditei.

Kelly permanecia sentada, muito calada.

Mark Harris disse, atrapalhado: - Mas eu nunca encontrei essa pessoa e estava pronto a desistir. E quando a vi naquele dia... - Ele não foi capaz de continuar.

Ergueu-se para partir, com Angel nos braços.

- Estou tão envergonhado com tudo isto. Juro que nunca mais a incomodo. Adeus.

Kelly ficou a olhar enquanto ele começava a andar.

- Onde é que vai com a minha cadela?

- Desculpe? - E Mark Harris virou-se, confuso.

- Angel é minha. Você deu-ma, lembra-se?

Mark estava parado, sem saber o que pensar.

- Sim, mas disseme que...

- Vou fazer um acordo consigo, Mark Harris. Eu fico o Angel, mas você pode ter o direito de a visitar.

Ele demorou um pouco a perceber e, em seguida, o seu sorriso iluminou toda a sala.

- Quer dizer que eu... eu posso?

- Porque não tratamos desse assunto ao jantar hoje à noite? - respondeu ela.

E Kelly não fazia a mínima idéia de que acabara de se transformar num alvo para o assassínio.

CAPÍTULO 11

Paris, França

No quartel-general da polícia em Reuilly, na Rue Hénard, décimo segundo Arrondissement de Paris, decorria um interrogatório. O superintendente da torre Eiffel estava a ser interrogado pelos detectives André Belmondo e Pierre Marais.

INVESTIGAÇÃO DO SUICÍDIO NA TORRE EIFFEL

Segunda-feira 6 de Maio, 10 horas da manhã

Sujeito: Rene Pascal BELMONDO: - Senhor Pascal, temos razões para crer que Mark Harris, o homem que supostamente saltou do andar panorâmico da torre Eiffel, foi assassinado.

PASCAL: -Assassinado? Mas... Disseram-me que foi um acidente e...

MARAIS: - Ele não podia ter caído acidentalmente passando por cima daquele parapeito. É demasiado alto.

BELMONDO: - E concluímos que a vítima não tinha tendência para 0 suicídio. Na realidade, tinha feito uns planos bem elaborados com a mulher para o fim de semana. A mulher é Kelly, a modelo.

PASCAL: - Lamento muito, senhores, mas não percebo em que é que... Porque foi que me chamaram aqui?

MARAIS: - Para nos ajudar a esclarecer uns pontos. Nessa noite, a que horas fechou o restaurante?

PASCAL: - As dez. Por causa da tempestade, o Jules Verne estava Vazio, por isso optei por...

MARAIS: - E a que horas fecharam os elevadores?

PASCAL: - Normalmente funcionam até à meia-noite, mas, na noite em questão, visto não haver visitantes nem comensais, fechei-os também às dez.

BELMONDO: - Incluindo o elevador que dá para o andar panorâmico?

PASCAL: - Sim. Fechei-os todos.

MARAIS: - E, por acaso, possível alguém chegar ao andar panorâmico sem ser usando os elevadores?

PASCAL: - Não. Na noite em questão estava tudo fechado. Não percebo o que é que tudo isto tem a ver com o caso. Se...

BELMONDO: - Eu já lhe explico. O senhor Harris foi empurrado do andar panorâmico. Sabemos que foi dessa plataforma porque, quando examinamos o parapeito, verificamos que estava arranhado, e o cimento embebido nas solas dos sapatos dele correspondia perfeitamente ao cimento do parapeito. Se o piso estava encerrado e se os elevadores não estavam a funcionar, como foi que ele chegou lá acima à meia-noite?

PASCAL: - Não faço idéia. Sem o elevador seria... seria impossível.

MARAIS: - Mas um elevador foi usado para levar o senhor Harris até ao andar panorâmico e para transportar o seu assassino, ou nos, e trazê-los de volta para baixo.

BELMONDO: - Há alguma hipótese de um estranho ter posto elevadores em funcionamento?

PASCAL: - Não. Os operadores nunca os abandonam quando estão em funcionamento e à noite os elevadores são fechados uma chave especial.

MARAIS: - E quantas chaves dessas existem?

PASCAL: - Três. Eu tenho uma e as outras duas são guardadas aqui.

BELMONDO. - Tem a certeza de que o último elevador foi fechado às dez horas?

PASCAL: - Sim.

MARAIS: - Quem é que estava encarregado dele?

PASCAL: - Toth. Gérard Toth.

MARAIS: - Gostaria de falar com ele.

PASCAL: - Também eu.

MARAIS: - Como disse?

PASCAL: - Toth não aparece no trabalho desde ontem à noite. Telefonei para o apartamento dele. Não obtive resposta. Consegui apanhar o

senhorio. Toth mudou-se.

MARAIS: - E foi-se embora sem deixar a nova mocada?

PASCAL: - Exactamente. Desvaneceu-se no ar.

- "Desvaneceu-se no ar?" Estamos a falar do grande Houdini ou de um triste operador de elevador?

Quem assim falava era o secretário geral Claude Renaud, chefe do quartel-general da Interpol. Renaud era um homem baixo, dinâmico, com perto de cinqüenta anos, que subira à custa do seu trabalho na hierarquia da polícia ao longo de vinte anos.

Renaud presidia a uma reunião na principal sala de conferências no edifício de sete andares da Interpol, a organização policial internacional que coordena toda a informação que é posteriormente distribuída para 126 forças policiais em 78 países. O edifício situava-se em St. Cloud, seis milhas a oeste de Paris, e o quartel-general era dirigido por antigos detectives da Súreté Nationale e da Préfecture de Paris.

Havia doze homens sentados à comprida mesa de conferências. Há uma hora que faziam perguntas ao detective Belmondo.

O secretário geral disse em voz alta:

- Está a dizer que nem o senhor nem o detective Maurais conseguiram obter qualquer informação sobre como um homem foi assassinado numa zona onde, em primeiro lugar, lhe era impossível estar, e de onde era impossível que os seus assassinos escapassem?

Está correcto?

- Eu e Maurais falámos com toda a gente que...

- Não interessa. Pode sair.

- Sim, senhor.

O secretário geral virou-se para o grupo:

- Durante as vossas investigações alguma vez algum de vocês deparou com o nome Prima?

Eles ficaram pensativos por segundos e abanaram a cabeça.

- Não. Quem é Prima?

- Não sabemos. Era o nome que estava escrito numa nota que Se encontrava no bolso do casaco de um homem que apareceu morto em Nova Iorque. Pensamos que existe uma ligação - e suspirou. - Meus senhores, temos uma charada, envolta num mistério, dentro toda; e um enigma. Nos quinze anos que estive nesta função, investigámos assassinatos em série, gangs internacionais, mutilações, parricídio e espécie imaginável de crimes. - Fez uma pausa. - Mas, durante todos estes anos, jamais deparei com uma situação como essa. Vou mandar uma informação para o gabinete de Nova Iorque.

Frank Bigley, chefe dos detectives de Manhattan, lia o dossiê que o secretário geral Renaud enviara quando Earl Greenburg e Robert Praegitzer entraram no seu gabinete.

- Chefe, chamou-nos?

- Sim. Sentem-se.

E ambos se sentaram. O chefe Bigley levantou o papel:

- Isto é uma informação que a Interpol mandou esta manhã.

- E começou a ler:

- "Há seis anos, um cientista japonês de nome Akira iso, suicidou-se, enforcando-se no seu quarto de hotel em Tóquio. O senhor Isso estava de perfeita saúde, acabara de ser promovido e consta que andava muito bem disposto."

- No Japão? Mas o que é que isso tem a ver com...

- Deixem-me continuar. "Há três anos, Madeleine Smith, uma cientista suíça de trinta e três anos, abriu o botão do gás no seu apartamento em Zurique e suicidou-se. Estava grávida e prestes a casar com o pai do bebé. Os amigos disseram que nunca a tinham visto tão feliz." - E olhou para os dois detectives. - "Nos últimos três dias: uma berlinense de nome Sonja Verbrugge afogou-se em casa na banheira. Nessa mesma noite, Mark Harris, um americano, mergulhou da plataforma de observação da torre Eiffel. No dia seguinte, um canadiano, de nome Gary Reynolds, esmagou o seu Cessna contra uma montanha perto de Denver."

Greenburg e Praegitzer ouviam, cada vez mais intrigados.

- E ontem, vocês os dois encontraram o corpo de Richan vens na margem do rio East.

Earl Greenburg olhava para ele, perplexo.

- Mas o que é que esses casos têm a ver connosco?

O chefe Bigley respondeu com a maior calma:

- São todos o mesmo caso.

Greenburg olhava para ele.

- O quê? Deixe lá ver se percebi bem. Um japonês há seis anos, uma suíça há três e, nos últimos dias, uma alemã, um canadiano e dois americanos - e ficou calado por momentos. - Qual é a ligação entre estes casos?

O chefe Bigley deu a Greenburg a informação da Interpol. A medida que ele a lia, os seus olhos iam-se abrindo de pasmo. Olhou para cima e comentou devagar:

.- A Interpol pensa que um think tank [(1)], o Kingsley Internacional Group, está por detrás destes assassínios. Mas isso é completamente absurdo.

- Chefe, nós estamos a falar do maior think tank do mundo - comentou Praegitzer.

- Todas essas pessoas foram assassinadas, e cada uma delas estava ligada ao KIG. A companhia que pertence e que é dirigida por Tanner Kingsley. Ele é o presidente e o director executivo do Kingsley Internacional Group, presidente da Comissão Presidencial para a Ciência, director do Instituto Nacional para o Planejamento Avançado e faz parte da Comissão para a Política de Defesa do Pentágono.

Acho que vocês os dois deviam ter uma conversa com o senhor Kingsley.

Earl Greenburg engoliu em seco.

- Certo.

- E, Earl...

- Sim?

- Trata disto com calma e não levantes problemas.

Cinco minutos mais tarde, Earl Greenburg falava com a secretária de Tanner Kingsley. Quando terminou, virou-se para Praegitzer:

- Reunião marcada para terça-feira às dez da manhã. Neste momento,

parece que o senhor Kingsley está a participar numa reunião do congresso, em Washington.

Na audição perante a Comissão Especial do Senado para o Ambiente em Washington DC, um juri composto por seis membros do Senado e três dúzias de espectadores e repórteres ouvia com toda a atenção o testemunho de Tanner Kingsley.

Tanner Kingsley andava pelos quarenta anos, era alto e bem parecido, com olhos de tom azul aço que brilhavam de inteligência. Tinha um nariz romano, um queixo forte e um perfil digno de aparecer cunhado numa moeda.

A presidente da comissão, a senadora sénior Pauline Mary van Luven, era uma figura majestosa, com uma autoconfiança quase agressiva. Ela olhou para Tanner e disse secamente:

- Pode começar, senhor Kingsley.

Tanner anuiu.

- Muito obrigado, senadora - respondeu, virando-se para os outros membros da comissão, e, quando começou a falar, a sua voz parecia carregada de paixão. - Enquanto alguns políticos no governo continuam com evasivas no que toca às conseqüências do aquecimento global e do efeito de estufa, o buraco na camada de ozono cresce rapidamente. Por isso, metade do mundo sofre secas e a outra metade inundações. No mar de Ross, um icebergue do tamanho da Jamaica desfez-se devido ao aquecimento global. O buraco no ozono sobre o Pólo Sul atingiu o tamanho recorde de vinte e seis milhões de quilômetros quadrados. - Fez uma pausa para permitir que as palavras fossem percebidas e repetiu suavemente: - Vinte e seis milhões de quilômetros quadrados.

"Estamos a testemunhar um número recorde de furacões, de ciclones, de tufões e de tempestades, que assolam partes da Europa. Devido às alterações radicais das condições meteorológicas, milhões de pessoas, em países por todo o mundo, sofrem de fome e encontram-se à beira da extinção. Mas estas são apenas palavras: "fome" e "extinção". Parem de pensar nelas como simples palavras. Pensem no seu significado, homens, mulheres e crianças esfomeados e sem casa e perto da morte.

"No último verão, mais de vinte mil pessoas morreram como conseqüência de uma vaga de calor que assolou a Europa. - A voz dele subia de volume. - E o que foi que fizemos? O nosso governo recusou ratificar o acordo de Kyoto na conferência sobre o ambiente global. A mensagem é que nos

estamos completamente nas tintas para o que acontece no resto do mundo. Vamos continuar a fazer aquilo que nos dá jeito. E somos tão obtusos, tão pretensiosos, que não somos capazes de ver o que estamos a fazer... A senadora van Luven interrompeu-o: - Senhor Kingsley, isto não é um debate. Peço-lhe que use uni tom mais moderado.

Tanner respirou fundo e concordou. Numa voz menos apaixonada, prosseguiu:

- Como todos sabemos, o efeito de estufa deve-se à queima de combustíveis fossilizados e a outros factores com isso relacionados que dependem de nós, e, no entanto, essas emissões atingiram o ponto mais alto em meio milhão de anos. Estão a poluir o ar que os nossos filhos e os nossos netos respiram. Esta poluição pode ser parada.

- Porque não é parada? Porque isso iria custar muito dinheiro às empresas. - A sua voz subiu mais uma vez de tom. - Dinheiro! Quanto custa um pouco de ar fresco, comparado com a vida de um ser humano? Quatro litros e meio de gás? Nove litros? - A voz dele estava cada vez mais empolgada. - Tanto quanto sabemos, esta Terra é o único planeta que podemos habitar, e, no entanto, estamos a envenenar a terra e os oceanos e o ar que respiramos, a toda a velocidade. Se não pararmos...

A senadora van Luven interrompeu-o mais uma vez:

- Senhor Kingsley...

- Peço desculpa, senadora. Estou zangado. Não sou capaz de assistir à destruição do nosso universo sem protestar.

Kingsley falou ainda por mais trinta minutos. Quando terminou, a senadora van Luven disse:

- Senhor Kingsley, gostaria de falar consigo no meu gabinete.

Esta reunião está adiada.

O gabinete da senadora van Luven fora inicialmente mobilado no típico género burocrático, uma secretária, uma mesa, seis cadeiras e várias filas de ficheiros, mas a senadora acrescentara o seu toque feminino com tecidos coloridos, quadros e fotografias.

Quando Tanner entrou, havia mais duas pessoas no gabinete, além da senadora van Luven.

- Estas são as minhas assistentes, Corinne Murphy e Karolee Trost.

Corinne Murphy, uma atraente jovem ruiva, e Karolee Trost, uma loura baixinha, ambas na casa dos vinte anos, sentavam-se perto da senadora. Era óbvio que estavam fascinadas com Tanner.

- Sente-se, senhor Kingsley - disse a senadora van Luven.

Tanner sentou-se. A senadora estudou-o por momentos.

- Francamente, não o percebo.

- Oh! Não me diga! Isso espanta-me, senadora. Pensei que estava a ser bem claro. Penso que...

- Eu sei o que pensa. Mas a sua companhia, o Kingsley Internacional Group, tem contratos para muitos projectos com o nosso governo, e no entanto desafia o governo quanto às questões ambientais.

- Acha que pode ser mau para o negócio?

- Aqui não se trata de negócios, senadora van Luven. Trata-se Humanidade. Estamos a assistir ao início de uma desastrosa desestabilização global. Eu estou a tentar fazer com que o Senado atribua fundos para o corrigir - respondeu friamente Tanner.

- Alguns desses fundos poderão ir parar à sua companhia, não é verdade? - comentou cepticamente a senadora.

- Não estou minimamente interessado em saber quem recebe o dinheiro. Quero é que se tomem medidas antes que seja demasiado tarde.

Corinne Murphy interrompeu, acalorada:

- Mas isso é admirável. O senhor é uma pessoa muito pouco vulgar.

- Menina Murphy, se com isso pretende dizer que a maioria das pessoas parece acreditar que o dinheiro é mais importante do que a moral, então lamento ter de lhe dizer que provavelmente tem razão - comentou Tanner, virando-se para ela.

- Pois eu acho que aquilo que o senhor quer fazer é maravilhoso - expressou Karolee Trost.

A senadora van Luven lançou a cada uma das suas assistentes um olhar de desaprovação, e em seguida virou-se para Tanner:

- Não lhe posso prometer nada, mas vou falar com os meus colegas e saber qual o ponto de vista deles sobre as questões ambientais Eu depois entro em contacto consigo.

- Muito obrigado, senadora. Fico muito grato. - E, hesitando - talvez, quando um dia for a Manhattan, eu a possa levar a ver o KIG e mostrar-lhe como trabalhamos. Penso que iria achar interessante.

A senadora van Luven acenou com ar indiferente.

- Depois entro em contacto consigo.

A reunião terminara.

CAPÍTULO 12

Assim que as pessoas tiveram conhecimento da morte de Mark, Kelly Harris começou a ser inundada com telefonemas, ramos de flores e e-mails. A primeira chamada veio de Sam Meadows, um colega de trabalho e amigo íntimo de Mark.

Kelly! Meu Deus! Não acredito! Eu... Eu nem sei o que dizer.

Sinto-me terrível. Cada vez que me viro estou sempre à espera de ver o Mark. Kelly... Há alguma coisa que possa fazer por ti?

- Não, Sam. Muito obrigada.

- Vamo-nos manter em contacto, sim? Eu quero ajudar naquilo que for possível...

Depois deste telefonema, houve dúzias de outros, vindo dos amigos de Mark e dos modelos com quem ela trabalhava.

Bill Lerner, o chefe da agência de modelos, telefonou. Apresentou os sentimentos e em seguida disse:

- Kelly, eu sei que este não é o momento certo, mas penso que voltar ao trabalho pode vir a ser muito bom para ti. O nosso telefone não tem parado de tocar. Quando é que achas que vais estar outra vez disponível?

- Quando Mark voltar para mim - e desligou o telefone.

E agora tocava de novo. Por fim, Kelly decidiu-se a atender.

- Sim?

- Senhora Harris?

Continuava a ser a senhora Harris? Já não havia nenhum senhor Harris, roas ela seria para sempre a mulher de Mark. Respondeu com firmeza:

- Sim, daqui fala a senhora Mark Harris.

- Estou a ligar do gabinete do senhor Tanner Kingsley. O homem para quem Mark trabalha... trabalhava.

- Sim?

- O senhor Kingsley gostaria que viesse a Manhattan falar com ele.

Gostaria de ter uma reunião nos escritórios da empresa. Está disponível?

Kelly estava disponível. Dissera à agência que lhe cancelasse todas as marcações. Mas estava espantada. Porque é que Tanner Kingsley quer falar comigo?

- Sim!

- Seria conveniente para si sair de Paris na sexta-feira?

Nunca mais nada seria conveniente para ela.

- Sexta-feira. Tudo bem.

- Muito bem. Há um bilhete da United Airlines à sua espera no aeroporto Charles de Gaulle. - E deu-lhe o número do vôo. - Em Nova Iorque estará um carro à sua espera.

- Demasiado tarde. Eu já o fiz.

Quando está a pensar sair?

Na sexta-feira.

Muito bem. Vou tratar de tudo. Já lhe disse que a minha filha entrou para a Sorbonne?

Não. Mas isso é maravilhoso. Deve estar muito orgulhoso.

Pois estou. Começa daqui a duas semanas. Estamos todos muito excitados. É um sonho que se tornou realidade.

Mark falara-lhe várias vezes sobre Tanner Kingsley. Mark conhecera-o e considerava que ele era um génio e um homem maravilhoso com quem trabalhar. Talvez ele queira partilhar comigo alguma recordação de Mark. O pensamento alegrou-a.

Angel apareceu a correr e saltou-lhe para o colo. Kelly abraçou-a.

E agora, o que é que eu vou fazer contigo enquanto estiver fora ? A mamã levava-te, mas é só por alguns dias.

De repente, Kelly lembrou-se de quem lhe iria tomar conta do cão.

Desceu as escadas até ao gabinete do porteiro. Havia trabalhadores a

instalar o novo elevador e Kelly estremecia de cada vez que passava por eles.

O superintendente do prédio, Philippe Cendre, era um homem alto e atraente, com uma personalidade acolhedora, e a mulher e a filha sempre tinham sido extremamente prestáveis. Ao saberem de Mark, tinham ficado arrasados. O funeral fora no cemitério Père-La-chaise e Kelly convidara a família Cendre a assistir.

Aproximou-se da porta do apartamento de Philippe e bateu. Assim que ele abriu a porta, Kelly disse:

- Tenho um favor para lhe pedir.

- Entre. Tudo o que precisar, senhora Harris.

- Tenho que ir a Nova Iorque por três ou quatro dias. Será que se importavam de tomar conta da Angel enquanto eu estiver fora?

- Importar? Eu e a Ana Maria vamos adorar.

- Muito obrigada. Fico muito grata.

- E garanto-lhe que tudo faremos para a mimar.

Kelly sorriu.

Sexta-feira de manhã, Kelly levou Angel lá abaixo, ao apartamento de Philippe Cendre.

Deu ao porteiro uma série de sacos de papel.

- Estes têm a comida preferida da Angel e aqui estão alguns brinquedos para ela brincar...

Philippe afastou-se para o lado e atrás dele Kelly viu uma pilha de brinquedos para cão no meio do chão. Desatou a rir.

- Angel, estás em excelentes mãos. - E deu à cadelinha um último abraço. - Adeus, Angel. E muito obrigada, Philippe.

Na manhã em que Kelly ia partir, Nicole Paradis, a recepcionista do elegante edifício de apartamentos, estava de pé à porta para se despedir. Uma exuberante mulher de cabelo grisalho, era tão baixinha que, quando se sentava atrás da secretária, só se via o cocuruto da cabeça. Sorriu para Kelly e disse: - Madame, vamos sentir a sua falta. Por favor, volte depressa.

Kelly tomou-lhe as mãos.

- Muito obrigada. Eu volto em breve, Nicole. - E, minutos mais tarde, estava a caminho do aeroporto.

O aeroporto Charles de Gaulle estava inacreditavelmente apinhado de gente, como era costume, aliás. Era um labirinto imenso de balcões, lojas, restaurantes, escadas e gigantescas escadas rolantes que subiam e desciam, quais monstros pré-históricos.

Quando Kelly chegou, o director do aeroporto acompanhou-a até Urna sala de embarque privada. Quarenta e cinco minutos mais tarde o seu vôo foi anunciado. Enquanto Kelly se encaminhava para a porta de embarque, uma mulher que estava parada ali perto observava-a através da porta. Assim que Kelly desapareceu de vista, a mulher pegou num celular e fez uma chamada.

Kelly estava sentada no seu lugar no avião, só pensando em Mark e alheada do facto de que a maior parte dos homens e das mulheres dentro da cabina a olhavam embasbacados. Mas o que é que Mark estaria afazer na plataforma de observação da torre Eiffel à meia-noite? Com quem é que ele se iria encontrar? E porquê? E, o pior de tudo, porque é que Mark se suicidou? Nós éramos tão felizes. Amávamo-nos tanto. Não acredito que ele se tenha suicidado. Não o Mark... Não o Mark... Não o Mark. E fechou os olhos e deixou os pensamentos fluírem.

Era o primeiro encontro. Vestira para essa noite uma saia preta formal e uma blusa de gola alta branca, para que ele não ficasse com a idéia de que ela o estava, de alguma maneira, a tentar. Aquela ia ser uma noite normal e simpática. Kelly percebeu que estava nervosa. Devido à coisa horrível que lhe acontecera em criança, Kelly nunca tivera contacto com nenhum homem a não ser por questões , de trabalho ou nos acontecimentos de caridade obrigatórios.

Isto não é propriamente um encontro amoroso, ia Kelly dizendo para si própria. Nós vamos ser só amigos. Ele pode passear comigo pela cidade sem haver qualquer implicação romântica. Enquanto assim pensava, a campainha da porta tocou.

Kelly respirou fundo e foi abrir. Ali estava Mark, de pé, a sorrir, com uma caixa e um saco de papel na mão. Vestia um fato cinzento que lhe assentava mal, uma camisa verde, uma gravata de um tom vermelho-vivo e sapatos castanhos. Kelly quase riu alto. O facto de que Mark não tinha qualquer noção de estilo era, de uma certa forma, engraçado. Conhecera demasiados homens cujos egos só se preocupavam com a própria elegância.

- Entre - convidou Kelly.

- Espero não estar atrasado.

- Não, não. De forma nenhuma. - Estava vinte e cinco minutos adiantado.

- É para si - disse Mark, dando-lhe a caixa.

Era uma caixa com cerca de dois quilos de chocolates. Ao longo dos anos, Kelly vira serem-lhe oferecidos diamantes, peles e Penthouses, mas jamais alguém lhe dera chocolates. Exactamente aquilo que todas as modelos precisam, pensou, divertida.

Muito obrigada. - E Kelly sorriu.

E isto são guloseimas para a Angel - acrescentou Mark estendendo-lhe o outro saco.

Como se tivesse ouvido a sua deixa, Angel entrou na sala aos saltos e correu para Mark, a cauda a abanar.

Mark pegou nela e fez-lhe festas. - Ela lembra-se de mim.

- Tenho mesmo que lhe agradecer ter-ma dado - disse Kelly. - Ela é uma companhia maravilhosa. Nunca tinha tido nenhum cão antes.

Mark olhou para Kelly e os seus olhos diziam tudo.

A noite correu extraordinariamente bem. Mark era uma companhia excelente e Kelly estava comovida, pois era óbvio que ele estava encantado por estar na sua companhia. Inteligente, era fácil conversar com ele e o tempo passou bastante mais depressa do que Kelly pensara.

No fim da noite, Mark disse:

- Gostava muito de repetir uma noite como esta.

- Sim. Eu também.

- Kelly, o que é que lhe dá mais prazer fazer?

- Gosto muito de futebol. Também gosta?

Um vazio passou pela expressão dele.

- Oh... sim... claro... Gosto muito.

Como ele mente mal, pensou Kelly. Assaltou-a uma repentina vontade

de lhe pregar uma partida.

- Vai haver um jogo para o campeonato no sábado à noite. Quer vir?

- Claro. Boa idéia! - respondeu Mark sem grande vontade enquanto engolia em seco.

Quando a noite chegou ao fim e estavam de volta ao prédio de Kelly, esta deu por si a ficar muito tensa. Aquele era o momento em que costumava ouvir:

E que tal um beijo de boas noites?...

E se eu entrasse e bebêssemos mais um copo antes da noite terminar?...

Não vai querer passar a noite sozinha, pois não?...

Quando chegaram à porta de Kelly, Mark olhou para ela e disse:

- Sabe qual foi a primeira coisa que reparei em si, Kelly?

Kelly susteve a respiração. Aqui vem...

O seu rabo é magnífico...

Adoro os seus seios...

Adorava sentir as suas pernas em redor do meu pescoço...

- Não - respondeu gélida. - O que foi?

- A dor nos seus olhos.

E antes de ela ter tempo para lhe responder, Mark disse:

- Boa noite.

E Kelly ficou a vê-lo partir.

CAPÍTULO 13

Quando Mark voltou no sábado à noite, trazia outra caixa de doces e um grande saco de papel.

- Estes doces são para si. Os outros são para a Angel.

Kelly pegou nos sacos.

- Muito obrigada, e a Angel também agradece.

Ficou a ver Mark a fazer festas à Angel e perguntou inocentemente:

- Então, ansioso por ir ver o jogo?

Mark acenou com a cabeça e disse entusiasmado:

- Oh, sim!

Kelly sorriu.

- Excelente. Eu também.

Sabia que ele nunca antes pusera os pés num jogo de futebol.

O estádio do Paris Saint-Germain estava cheio à cunha, com sessenta mil ansiosos fãs que aguardavam que o jogo para o campeonato entre o Lyon e o Marselha começasse.

Enquanto Kelly e Mark eram encaminhados até aos seus lugares, exactamente por cima do meio campo, Kelly comentou:

- Estou impressionada. Estes lugares são muito difíceis de arranjar.

- Quando se gosta de futebol tanto como eu, nada é impossível - respondeu Mark a sorrir.

Kelly mordeu o lábio para evitar rir às gargalhadas. Mal podia esperar que o jogo começasse. : .

Às catorze horas em ponto, ambas as equipas entraram em campo, mantendo-se perfiladas enquanto a orquestra tocava a Marselhesa, O hino nacional de França. Enquanto os jogadores do Lyon e do Marselha, alinhados, se viravam para os camarotes para serem apresentados, um jogador do Lyon deu um passo em frente, vestindo o logotipo da equipa com as cores azul e branco.

Kelly decidiu ceder e explicar a Mark o que se estava a passar:

- Aquele é o guarda-redes - explicou Kelly, inclinando-se para Mark. - Ele...

- Eu sei. Chama-se Grégory Coupet. É o melhor guarda-redes da liga. Ganhou o campeonato contra o Bordéus, em Abril do ano passado. Ganhou a Taça UEFA e a liga dos Campeões no ano anterior.

Tem trinta anos, mede um metro e oitenta e pesa noventa quilos.

Kelly olhava para Mark, espantadíssima. O locutor continuava a anunciar:

- Avançado, Sidney Gouvon...

- Número catorze - comentava, entusiasmado, Mark. - Ele é incrível. Na semana passada, contra o Auxerre, marcou um gol no último minuto do jogo.

Kelly ouvia-o, maravilhada, enquanto Mark, de forma conhecedora, ia tecendo comentários sobre os outros jogadores. O jogo começou e a multidão enlouqueceu.

- Olhe. Ele começou com um pontapé de bicicleta - exclamou Mark.

Foi um jogo frenético, excitante, e os guarda-redes de ambas as equipas trabalhavam bastante para conseguir evitar que os adversários marcassem. Kelly estava com problemas em se concentrar. Não parava de olhar para Mark, maravilhada com os seus conhecimentos. Como pude enganar-me desta maneira ?

No meio de uma jogada Mark exclamou:

- Gouvon vai tentar o chapéu! E conseguiu!

E alguns minutos mais tarde:

- Olhe! Carrière vai levar um cartão por tocar na bola com as mãos.

E estava certo. - Lyon ganhou e Mark estava eufórico. - Mas que grande equipa!

Quando saíam do estádio, Kelly perguntou:

- Mark, há quanto tempo é que se interessa por futebol?

- Há três dias. Andei a pesquisar no meu computador. Como estava tão interessada, achei melhor aprender - respondeu a olhar para Kelly com ar

envergonhado.

Kelly estava extremamente comovida. Era inacreditável que ele tivesse passado tanto tempo e tivesse feito um esforço tão grande só porque ela gostava de futebol.

Tinham marcado um encontro para o dia seguinte, depois de Kelly terminar um trabalho que tinha nesse dia.

- Posso ir buscá-la ao seu camarim e...

- Não! - Ela não queria que ele encontrasse as outras modelos.

Mark olhava intrigado para ela.

Quero dizer... Há uma regra que não permite que os homens entrem nos camarins. (Oh! Eu não quero que se apaixone...

"Minha senhoras e meus senhores, por favor apertem os cintos de segurança, endireitem as costas das cadeiras e fechem e tranquem as mesas. Estamo-nos a aproximar do aeroporto de Kennedy e aterraremos dentro de minutos."

Kelly foi bruscamente chamada ao presente. Estava em Nova Iorque para se encontrar com Tanner Kingsley, o homem para quem Mark trabalhara.

Alguém informara os media. Quando o avião aterrou, estavam todos à espera de Kelly, que foi imediatamente cercada por jornalistas com câmaras de televisão e microfones.

- Kelly, importa-se de olhar para este lado?

- Pode dizer-nos o que pensa que aconteceu ao seu marido?

- Vai haver uma investigação policial?

- Você e o seu marido estavam a pensar divorciar-se?

- Agora vai regressar aos Estados Unidos?

- Como se sentiu quando soube o que aconteceu?

A pergunta mais insensível de todas.

Kelly viu ao fundo um homem com um rosto agradável, de aspecto atento. Ele sorriu e acenou-lhe e ela fez-lhe sinal para que ele se aproximasse.

Ben Roberts era um dos mais populares e conceituados entrevistadores

da televisão estatal. Já antes entrevistara Kelly e tinham ficado amigos. Ela ficou a olhar enquanto ele abria caminho através da multidão de jornalistas. Todos o conheciam.

- Ei, Ben! A Kelly vai aparecer no teu programa?

- Achas que ela vai falar do que aconteceu?

- Posso ter uma foto com os dois?

Nesta altura já Ben chegara junto dela. O aglomerado de jornalistas empurrava-os. Ben exclamou alto:

- Vamos deixá-la um pouco em paz, senhores e senhoras. Poderão falar com ela mais tarde.

Relutantemente, afastaram-se um pouco. Ben pegou-lhe na mão e disse:

- Não tenho palavras para expressar como lamento. Gostava muito de Mark.

- Era mútuo, Ben.

Enquanto se afastavam na direcção da zona de recolha de bagagens, ele perguntou:

- A nível particular, o que é que fazes em Nova Iorque?

- Estou aqui para ver Tanner Kingsley.

Ben acenou com a cabeça.

- Um homem poderoso. Tenho a certeza de que tomará bem conta de ti.

Tinham chegado ao balcão das bagagens.

- Kelly, se houver alguma coisa que eu possa fazer por ti, podes sempre apanhar-me na estação de televisão. - E olhou em volta. - Vêm-te buscar? Se não, eu...

Nesse momento, um motorista uniformizado aproximou-se de Kelly:

- Senhora Harris? O meu nome é Colin. O carro está lá fora. O senhor Kingsley reservou-lhe uma suite no Hotel Metropolitan. Se me der os talões, eu trato da sua bagagem.

Kelly virou-se para Ben:

- Telefonas-me?

- Claro que sim.

CAPÍTULO 14

Tanner Kingsley lia a notícia de manchete do jornal da tarde: "Saraivada abate-se sobre o Irão." O resto da notícia continuava chamando-lhe "Um acontecimento anormal." A idéia de uma saraivada a ter lugar em pleno verão num clima quente era bizarra. Tanner chamou a secretária. Assim que ela entrou, disselhe: - Kathy, corte este artigo e envie-o à senadora van Luven, com uma nota "Últimas sobre o aquecimento global. Cumprimentos, etc..."

- Com certeza, senhor Kingsley.

Tanner Kingsley olhou para o relógio. Os dois detectives deviam chegar ao KIG dentro de meia hora. Olhou em redor do seu extravagante escritório. Fora ele que criara tudo aquilo. O KIG. Pensou no poder por detrás daquelas simples iniciais e como as pessoas ficariam espantadas se conhecessem a história do seu humilde começo, uns meros sete anos atrás. As lembranças do passado invadiram-no...

Lembrava-se do dia em que concebera o novo logotipo do KIG. Luxuoso, para uma empresa que nada vale, fora o comentário de alguém e Tanner transformara sozinho a empresa que nada valia numa potência mundial. Sempre que se lembrava dos primeiros tempos, sentia-se como alguém que acaba de fazer um milagre.

Dez minutos depois, Kelly estava a caminho do hotel. Enquanto se esgueiravam por entre o tráfego, Colin disse:

- A secretária do senhor Kingsley vai telefonar-lhe para marcar uma reunião. O carro estará à sua disposição para o que pretender.

- Muito obrigada.

O que estou eu afazer aqui?, interrogou-se Kelly. Estava prestes a conhecer a resposta.

Tanner Kingsley nascera cinco anos depois do seu irmão, Andrew, e isso moldara para sempre o seu rumo na vida. Depois do divórcio dos pais, a mãe voltara a casar e mudara-se. O pai era cientista e os rapazes tinham seguido as suas pisadas e crescido para se transformarem em verdadeiros prodígios da ciência. O pai morrera de um ataque cardíaco aos quarenta anos.

O facto de Tanner ter menos cinco anos do que o irmão fora sempre uma frustração constante. Quando Tanner ganhou o primeiro Prémio da sua classe de ciência disseram-lhe: "Andrew foi o número Um da sua classe há cinco anos. Deve ser coisa de família."

Quando ganhou um concurso de retórica, o professo comentou: "Parabéns Tanner. És o segundo Kingsley a obter este prémio."

Quando se juntou à equipa de ténis: "Espero que sejas tão bom como o teu irmão Andrew."

Quando se formou: "O teu discurso de fim de curso foi inspirador. Lembrou-me muito o de Andrew."

Cresceu na sombra do irmão e era vexatório saber que era sempre considerado o segundo melhor, simplesmente porque Andrew fora o primeiro a lá chegar.

Havia muitas parecenças entre os dois irmãos, eram ambos bem parecidos, inteligentes e talentosos, mas, à medida que iam envelhecendo, foram surgindo diferenças importantes. Enquanto Andrew era altruísta e propositadamente apagado, Tanner era extrovertido, gregário e ambicioso. Andrew era tímido com as mulheres, enquanto que a aparência de Tanner e o seu encanto as atraía como um íman.

Mas a principal diferença entre os dois irmãos residia nos seus objectivos na vida. Enquanto Andrew se preocupava fundamentalmente em organizar actos de caridade e prestar auxílio aos outros, a ambição de Tanner era tornar-se rico e poderoso.

Andrew formara-se summa cum laude e aceitara imediatamente uma oferta para trabalhar com um thirik tank. Aí percebera a significativa contribuição que uma organização como aquela poderia ter e, cinco anos mais tarde, decidira formar o seu próprio think tank, numa escala mais modesta.

Quando falou com Tanner sobre a sua idéia, este ficou excitado.

- Mas isso é uma idéia brilhante! Os think tanks recebem contratos do governo que valem milhões de dólares, isso já para não falarmos das empresas que contratam...

Andrew interrompeu-o:

- Tanner, não é nada disso que eu pretendo. O que quero é ajudar as pessoas.

Tanner ficou a olhar para ele.

- Ajudar as pessoas?

- Exactamente. Há dúzias de países do Terceiro Mundo que não têm acesso aos modernos métodos de agricultura e de indústria. Há um ditado que diz que se deres um peixe a um homem, ele terá uma refeição, mas, se o ensinares a pescar, ele pode comer para o resto da sua vida.

Isso é mais velho do que a arca de Noé, pensou Tanner.

- Andrew, esses países não têm capacidade económica para nos pagar...

- Não interessa. Vamos mandar peritos para os países do Terceiro Mundo e ensinar-lhes as técnicas que mudarão para sempre as suas vidas. E quero que sejas meu sócio. A empresa chamar-se-á Kingsley Group. O que é que achas?

Tanner ficou por momentos pensativo e depois concordou:

Realmente, não é uma má idéia. Podemos começar por esse tipo de países de que falaste e depois partir em busca do dinheiro, dos contratos governamentais...

Tanner, concentremo-nos simplesmente em fazer do mundo um lugar melhor.

Tanner sorriu. Teria de haver cedências. Começariam da forma que Andrew pretendia e em seguida, gradualmente, construiriam a empresa levando-a ao seu verdadeiro potencial. .

- E então?

Tanner estendeu a mão.

- Ao futuro, sócio.

Seis meses mais tarde, os dois irmãos estavam parados à chuva do lado de fora de um pequeno edifício em tijolo com uma discreta placa que dizia KINGSLEY GROUP.

- Que tal te parece? - perguntou Andrew, orgulhoso.

- Maravilhoso. - Tanner conseguiu disfarçar a ironia na voz.

- Este nome vai trazer felicidade a muitas pessoas por todo o mundo, Tanner. Já comecei a contratar alguns peritos para irem para os países do terceiro

Mundo.

Tanner ia começar a reclamar, mas susteve-se. Não devia apressar o irmão. Ele era muito teimoso. Mas o momento chegaria. Tanner olhou para placa uma vez mais e pensou: Um dia esta placa dirá KIG, Kingsley Internacional Group.

John Higholt, um amigo de faculdade de Andrew, investira cem mil dólares para ajudar a dar início ao think tank, e Andrew angariara o restante.

Contrataram meia dúzia de pessoas e enviaram-nas para Mom-a, Somália e o Sudão, para ensinarem aos nativos como melhorar as suas vidas. Mas não entrava dinheiro nenhum.

Nada disto fazia sentido para Tanner.

- Andrew, se quisermos, conseguimos contratos de algumas da. mais importantes empresas e...

- Mas não é nada disso que nós fazemos, Tanner.

- Mas que raio é que nós fazemos?, interrogava-se Tanner.

- A Chrysler anda à procura de...

E Andrew sorrira e respondera:

- Não é essa a nossa função.

Tanner precisou de toda a sua força de vontade para se controlar.

Cada um tinha o seu laboratório. Ambos andavam imersos nos seus próprios projectos. Frequentemente, Andrew trabalhava pela noite dentro.

Uma manhã, quando Tanner chegou às instalações, Andrew ainda lá estava. Viu Tanner a entrar e deu um salto.

- Estou muito entusiasmado com esta experiência de nanotecnologia. Estou a desenvolver um método de...

A mente de Tanner vogou para algo mais importante, a pequena e interessante ruiva que conhecera na noite anterior. Encontrara-se com ela no bar, tinham bebido uns copos, levara-a para o apartamento e fizera-a passar um tempo fabuloso. Quando ela tinha entre as mãos o seu...

- ...e acho que isto vai, de facto, ser muito importante. Que é que achas, Tanner?

Apanhado desprevenido Tanner respondeu:

- Oh! Claro que sim, Andrew. Excelente.

Andrew sorriu:

- Eu sabia que ias perceber o potencial.

Tanner estava mais interessado na sua experiência secreta. Se a minha resultar, pensou, serei dono do mundo.

Uma noite, pouco depois de se ter formado, Tanner estava numa recepção quando uma agradável voz feminina atrás dele disse:

- Já ouvi falar muito de si, senhor Kingsley.

Tanner virara-se, ansioso, e em seguida tentara ocultar o seu desapontamento. Quem assim falara era uma jovem sem nada de relevante. A única coisa que fazia com que não fosse completamente vulgar era um par de intensos olhos castanhos e um engraçado, embora um pouco cínico, sorriso. A beleza física da mulher era para Tanner, condição sine qua non, e era óbvio que esta não respondia a essa condição.

- Nada de mal, espero - respondeu, enquanto ia pensando numa desculpa para se livrar dela.

O meu nome é Pauline Cooper. Os meus amigos chamam-me Paula. Você saiu com a minha irmã Ginny, quando estava na faculdade. Ela era louca por si.

Ginny, Ginny... Baixinha? Alta? Morena? Loura? Tanner continuava a sorrir, tentando lembrar-se. Tinham sido tantas...

- Ginny queria casar consigo.

Isto não ajudava em nada. O mesmo acontecera com tantas outras.

- A sua irmã era muito simpática. Mas nós é que... Ela olhou-o sarcasticamente:

- Não se esforce. Você nem sequer se lembra dela.

Tanner ficou embaraçado.

- Bem, é que...

- Não tem importância. Fui ao casamento dela há poucos dias...

Tanner ficou aliviado.

- Ah! Excelente. Então Ginny casou.

- Pois foi. - E fez uma pequena pausa. - Mas eu não. Gostaria de jantar comigo amanhã à noite?

Tanner olhou melhor para ela. Embora não correspondesse ao seu padrão de beleza normal, parecia ter um corpo agradável e ser suficientemente interessante. E seria, certamente, fácil de levar para a cama. Tanner avaliava as namoradas como se fossem um jogo de basebol. Ele fazia um lançamento. E era tudo. Se ela não apanhasse a bola, estava fora.

Ela observava-o.

- Eu pago.

Tanner riu-se.

- Eu posso pagar, se você não for a maior glutona do mundo.

- Venha e veja por si.

- Muito bem - respondeu ele suavemente depois de olhar para o fundo dos olhos dela.

Na noite seguinte, jantaram num restaurante da moda, na parte alta da cidade. Paula levava uma blusa branca com um decote pronunciado, uma saia preta e sapatos de salto alto. Tanner, que a observava a entrar no restaurante, pensou que ela lhe parecia bastante mais bonita do que a idéia com que ficara dela. Na verdade, tinha ar de princesa de um desses países exóticos.

Tanner levantou-se.

- Boa noite.

Ela apertou-lhe a mão e respondeu:

- Boa noite. - Havia nela um ar de segurança que era quase real.

Quando se sentaram, ela disse:

- Vamos começar tudo de novo, está bem? Eu não tenho nenhuma irmã.

- Mas disseme que... - Tanner olhava para ela, confuso.

- Só queria testar a sua reacção, Tanner. Ouvi muitas coisas sobre si

através da algumas das minhas amigas e fiquei curiosa - comentou a sorrir.

Estaria a falar de sexo? Com quem é que ela teria falado? Podiam ser tantas...

- Não tire conclusões precipitadas. Não estou a falar das suas qualidades como garanhão. Estou a falar da sua cabeça.

Era como se ela fosse capaz de lhe ler o pensamento.

- Então você... está interessada em cabeças?

- Entre outras coisas - respondeu ela, convidativa.

Isto vai ser canja. Tanner esticou a mão por cima da mesa e tomou a mão dela.

- Você é o máximo - e acariciou-lhe o braço. - É uma pessoa especial. Vamos ter uma noite muito interessante.

- Já está com tesão, querido? - disse ela a sorrir..

Tanner ficou desconcertado com a rudeza dela. Pelo visto era impaciente.

- Sempre, Princesa - concordou Tanner.

- Ela sorriu.

- Óptimo. Então saque lá do seu livrinho negro e vamos tentar encontrar alguém que esteja disponível para hoje à noite.

Tanner ficou petrificado. Estava habituado a divertir-se com as mulheres, mas nunca antes ninguém troçara dele. Ficou a olhar para ela.

- O que está a dizer?

- Que vamos ter que melhorar as suas deixas, querido. Faz alguma idéia do pirosas que são?

Tanner começou a ficar vermelho.

- E o que é que a leva a pensar que são deixas?

Ela olhou directo para ele:

- Isso que me disse foi provavelmente inventado por Matosalém. Quando falar comigo, quero que me diga coisas que nunca antes disse a nenhuma outra mulher.

Tanner olhou para ela, tentando ocultar a fúria que o invadia. Com quem é que ela julga que está a falar, com algum miúdo da escola ? Ela era demasiado insolente para o seu próprio bem. Lançamento falhado. A cabra estava fora de jogo.

CAPÍTULO 15

O quartel general do Kingsley Internacional Group estava plantado em Manhattan, a dois quarteirões do rio East. As instalações ocupavam cinco acres de terra e eram formadas por quatro grande edifícios de cimento e duas pequenas casas para o pessoal, tudo vedado e electronicamente protegido.

As dez em ponto da manhã, os detectives Earl Greenburg e Robert Praegitzer entraram no átrio do edifício principal. Era espaçoso e moderno, mobilado com alguns sofás e mesas e meia dúzia de cadeiras.

O detective Greenburg deu uma vista de olhos a uma pilha de revistas sobre uma mesa, Virtual Reality, Nuclear and Radiological Terrorism, Robotics World. Tirou um exemplar da Genetic Engineering News e virou-se para Praegitzer: - Não te fartas de ver estas revistas no consultório do teu dentista?

- Exactamente. - E Praegitzer riu.

Os dois detectives aproximaram-se da recepcionista e identificaram-se.

- Temos uma reunião com o senhor Tanner Kingsley.

- Ele está à vossa espera. Vou chamar alguém para os acompanhar. - E deu a cada um cartão de identificação do KIG. - Por favor, devolvam-nos à saída.

- Com certeza.

A recepcionista premiu um botão e, momentos depois, si uma jovem atraente.

- Estes senhores têm uma reunião marcada com o senhor Tanner Kingsley.

- Muito bem. O meu nome é Retra Tyler e sou assistente do senhor Kingsley. Acompanhem-me, por favor.

Os dois detectives caminharam por um longo corredor com gabinetes de portas fechadas de cada lado. Ao fundo ficava o gabinete de Tanner.

Na sala de espera, Kathy Ordonez, a brilhante jovem assistente de Tanner sentava-se atrás de uma secretária.

Bons dias, senhores. Queiram entrar.

Levantou-se e abriu a porta que dava para o gabinete particular de Tanner. Assim que os detectives entraram, estacaram a olhar em volta com respeito.

O enorme gabinete parecia apinhado de misteriosos equipamentos electrónicos e as paredes à prova de som estavam cobertas de finíssimos ecrãs de televisão que mostravam cenas, em directo, de várias cidades em todo o mundo. Algumas eram de atarefadas salas de conferência, de escritórios, de laboratórios, enquanto outras mostravam suites de hotel, onde tinham lugar algumas reuniões. Cada ecrã possuía o seu próprio sistema de som e, embora o volume de som mal fosse audível, era fantástico ouvir excertos de frases faladas ao mesmo tempo numa dúzia de línguas diferentes.

Uma legenda na parte inferior de cada ecrã identificava as cidades: Milão, Joanesburgo, Zurique, Madrid, Atenas...

Ao fundo da parede via-se uma estante de oito prateleiras repleta de volumes encadernados a couro.

Tanner Kingsley estava sentado atrás de uma secretária em mogno onde havia uma consola com meia dúzia de botões de diferentes cores. Estava elegantemente vestido num fato cinzento de excelente corte, com uma camisa azul clara e uma gravata de escocês azul.

Ergueu-se assim que os dois detectives entraram.

- Bons dias, meus senhores.

- Bom dia. Nós... - começou a dizer Earl Greenburg.

- Sim, eu sei quem vocês são. Os detectives Earl Greenburg e Robert Praegitzer. - Cumprimentaram-se. - Por favor, queiram sentar-se.

Os detectives obedeceram.

Praegitzer olhava fixamente para as imagens vindas de todo o mundo que mudavam constantemente na profusão de ecrãs de televisão. Abanou a cabeça em admiração:

- A tecnologia de hoje em dia! Isto é...

Tanner ergueu a mão.

- Não estamos aqui a ver a tecnologia de hoje em dia, detective.

Esta tecnologia não estará no mercado senão daqui a dois ou três anos.

Com ela, podemos assistir a tele-conferências numa dúzia de países, tudo ao mesmo tempo. A informação que entra vinda dos nossos escritórios em todo o mundo é imediatamente analisada e registada por estes computadores.

- Senhor Kingsley, desculpe uma pergunta tão simples. Mas o que é, de facto, um think tank? - perguntou Praegitzer.

- Em poucas linhas? Bom, resolvemos problemas. Encontramos soluções para problemas que possam vir a surgir. Alguns centram-se simplesmente numa área, militar, económica ou política. Nós tratamos de segurança nacional, comunicações, microbiologia, assuntos relacionados com o ambiente. O KIG funciona como um analista e crítico independente das conseqüências globais a longo prazo para vários governos.

- Que interessante.

- Oitenta e cinco por cento do nosso pessoal possui graus académicos avançados e mais de sessenta e cinco por cento são doutorados.

- Isso é impressionante.

- O meu irmão Andrew fundou o Kingsley Internacional Group para ajudar os países do Terceiro Mundo, por isso estamos todos profundamente embrenhados em projectos piloto.

Ouviu-se o som repentino de um trovão e um raio de luz brilhou num dos ecrãs de televisão. Todos se viraram para olhar.

- Não li qualquer coisa sobre uma experiência climatérica que estavam a fazer? - perguntou o detective Greenburg.

Tanner fez uma careta.

- Sim. É conhecida por aí como a loucura de Kingsley. É um dos maiores falhanços que o KIG alguma vez teve. Foi um dos projectos que eu mais quis que funcionasse. Em vez disso, vamos ter que o cancelar.

- É possível controlar o clima? - quis saber Praegitzer.

Tanner abanou a cabeça.

- Só de forma limitada. Houve já imensas pessoas que o tentaram. Já em 1900, Nikola Tesla fez experiências com as condições meteorológicas. Descobriu que a ionização da atmosfera pode ser alterada através de ondas de rádio. Em 1958, o nosso departamento de defesa experimentou lançar agulhas de cobre na ionosfera. Dez anos mais tarde houve o Projecto Popeye, em que o

governo tentou prolongar a estação das monções no Laos, para aumentar a quantidade de lama na Trilha de Ho Chi Minh. Usaram um agente nuclear de iodedo de prata e vários geradores lançaram-no para as nuvens, para se transformar em sementes de chuva.

- E funcionou?

- Funcionou. Mas numa base confinada. Existem várias para fazer com que nunca sejamos capazes de controlar o clima.

Um dos problemas é que o El Nino gera altas temperaturas no oceano Pacífico que perturbam o sistema ecológico do mundo, enquanto La Nina gera temperaturas frias no Pacífico; os dois combinados anulam completamente qualquer tentativa realista de planeamento de controle. O hemisfério sul é composto oitenta por cento por oceanos, enquanto o hemisfério norte só tem sessenta por cento, dando origem a outro desequilíbrio. Além disso, a corrente quente determina a rota das tempestades e não há forma de o controlar.

Greenburg acenou e em seguida perguntou, hesitante:

- Sabe porque estamos aqui, senhor Kingsley?

Tanner estudou Greenburg por momentos.

- Penso que seja uma pergunta de retórica. De outra forma, teria que a considerar ofensiva. O KIG é um think tank. Quatro dos meus funcionários morreram ou desapareceram misteriosamente num espaço de vinte e quatro horas. Nós próprios já iniciámos as nossas investigações. Temos escritórios nas principais cidades espalhadas pelo mundo, com mil e oitocentos empregados, e é óbvio que me é difícil manter-me em contacto com todos eles. Mas aquilo que consegui saber até agora foi que dois dos que foram assassinados estavam aparentemente envolvidos em actividades ilegais.

Custou-lhes a vida, mas asseguro-vos que não irá custar a reputação do Kingsley Internacional Group. Espero que a nossa gente consiga resolver este assunto com toda a celeridade.

- Senhor Kingsley. Não é só isso. Tivemos conhecimento de que, há seis anos, um cientista japonês chamado Akira Iso se suicidou em Tóquio. Há três anos, uma cientista suíça de nome Madeleine Smith suicidou-se em... - acrescentou Greenburg.

Tanner interrompeu-o; - Zurique. Nenhum deles se suicidou. Foram assassinados.

Os dois detectives olharam para ele surpresos.

- Como é que sabe disso? - perguntou Praegitzer.

A voz de Tanner endureceu.

- Eles foram mortos por minha culpa.

- Quando diz...

- Akira Iso era um cientista brilhante. Trabalhava para um conglomerado electrónico chamado Tokyo First Industrial Group. Encontrei Iso numa convenção industrial internacional em Tóquio, demo-nos bem. Pensei que o KIG lhe podia proporcionar uma atmosfera do que a empresa onde estava. Fiz-lhe uma proposta para r aqui e ele aceitou. Na realidade, até ficou muito excitado com a perspectiva. - Tanner lutava para manter a voz controlada - Concordámos em manter o assunto confidencial, até ele se encontrar legalmente capaz de poder abandonar a empresa. Mas é óbvio que deve ter falado do assunto a alguém, porque veio uma reportagem a esse respeito num jornal, e... - Tanner parou mais uma vez, por um longo momento, e, em seguida continuou. - Um dia depois de a reportagem ter aparecido, Iso foi encontrado morto num quarto de hotel.

- Senhor Kingsley, é possível existirem outras razões para explicar a sua morte? - quis saber Robert Praegitzer.

Tanner abanou a cabeça.

- Não. Não acredito sequer que ele se tenha suicidado. Contratei investigadores que mandei para lá e alguns dos meus empregados no Japão tentaram saber o que se passara. Não foram capazes de encontrar nada que provasse que tinha sido crime e pensei que podia estar enganado e que talvez existisse alguma tragédia na vida de Iso que eu desconhecia.

- Então porque é que tem tanta certeza de que ele foi morto? - perguntou Greenburg.

- Como você próprio já disse, uma cientista chamada Madeleine Smith supostamente suicidou-se em Zurique, há três anos. O que você não sabe é que Madeleine Smith também pretendia abandonar as pessoas para quem trabalhava e vir para a nossa empresa.

Greenburg franziu o sobrolho.

- O que o leva a pensar que existe uma ligação entre estas duas

mortes?

O rosto de Tanner era uma esfinge.

- Porque a empresa para a qual ela trabalhava é uma filial do mesmo Tokyo First Industrial Group.

Fez-se um silêncio de espanto.

- Há aqui algo que eu não estou a compreender - interrompeu Praegitzer. - Porque haviam de assassinar um empregado só porque ela se queria vir embora? Se...

- Madeleine Smith não era uma empregada qualquer. Nem tão pouco Iso. Eram físicos brilhantes, que estavam prestes a resolver problemas que fariam com que qualquer empresa ganhasse uma fortuna, maior do que alguma vez se possa imaginar. Era por isso que não estavam interessados em perder nenhum deles.

- A polícia suíça investigou a morte de Smith?

- Claro. E nós também. Mas, mais uma vez, não fomos capazes de provar absolutamente nada. Na realidade, continuamos a trabalhar em todas as mortes que tiveram lugar e tenho esperanças de e sejamos capazes de solucionar algumas delas. O KIG tem grandes reações por todo o mundo. Se alguma vez eu tiver alguma informação que possa ser útil, terei todo o prazer em partilhá-la convosco. Espero o mesmo do vosso lado.

Greenburg respondeu:

- Claro.

Um telefone folheado a ouro sobre a secretária de Tanner tocou.

Desculpem. - Encaminhou-se para secretária e atendeu o telefone. - Alo... sim... A investigação está a correr bem. Na verdade, tenho neste momento no meu gabinete dois detectives e eles concordaram em cooperar connosco... - E olhou para Praegitzer e Greenburg. - Certo. Eu digo-te qualquer coisa assim que tivermos notícias. - E pousou o telefone.

- Senhor Kingsley, estão a trabalhar em alguma coisa que seja secreta? - perguntou Greenburg.

- Está a querer dizer alguma coisa suficientemente importante para justificar o assassínio de meia dúzia de pessoas? Detective Greenburg, existem mais de cem think tanks em todo o mundo, alguns deles a trabalhar exactamente

nos mesmos problemas que nós.

Nós aqui não construímos bombas atómicas. A resposta à sua pergunta é não.

A porta abriu-se e Andrew Kingsley entrou no gabinete, transportando um monte de papéis. Andrew Kingsley era pouco parecido com o irmão. Os seus traços pareciam desfocados. Tinha cabelo grisalho que começava a desaparecer, um rosto enrugado e caminhava com uma postura algo inclinada. Enquanto Tanner irradiava vitalidade e inteligência, Andrew Kingsley parecia ser pouco esperto e apático. Falava de forma hesitante e parecia ter dificuldade em junto as frases.

- Aqui estão aqueles... sabes... aqueles papéis que pediste, Tanner. Peço desculpa por não os ter terminado... mais cedo.

- Não há qualquer problema, Andrew. - E Tanner virou-se para Os dois detectives. - Este é o meu irmão, Andrew. Os detectives Greenburg e Praegitzer.

Andrew olhou inseguro para eles e piscou os olhos. Andrew, queres falar-lhes do teu Prémio Nobel? Andrew olhou para Tanner e respondeu evasivamente: Sim... pois...o Prémio Nobel... o Prémio Nobel.

Ficaram a olhar enquanto ele se virava e saía do gabinete, arrastando os pés.

Tanner suspirou.

- Como disse, Andrew foi o fundador desta empresa, um homem perfeitamente brilhante. Há sete anos atrás recebeu o Prémio Nobel por uma das suas descobertas. Infelizmente, meteu-se numa experiência que correu mal e... Tudo mudou nele. - O seu tom de voz era amargo.

- Deve ter sido um homem extraordinário.

- Nem faz idéia.

Earl Greenburg ergueu-se e estendeu a mão:

- Bom, não lhe tomamos mais tempo, senhor Kingsley. Estaremos em contacto.

- Meus senhores - a voz de Tanner era gelada -, que estes crimes se resolvam... E depressa.

CAPÍTULO 16

Durante toda a manhã, os jornais foram apresentando sempre a mesma história. Uma seca na Alemanha provocara pelo menos cem mortes e dizimara milhões de dólares de colheitas.

Tanner ligou para Kathy e pediu:

- Manda este artigo à senadora van Luven, com uma nota a dizer: "Mais notícias sobre o aquecimento global. Cumprimentos..."

Tanner não conseguia parar de pensar na mulher a quem chamara Princesa. E quanto mais pensava na insolência dela e na forma como o ridicularizara, mais furioso ficava. Vamos ter que melhorar as suas deixas, querido. Faz alguma idéia do pirosas que são?... Já está com tesão, querido?... Então saque lá do seu livrinho negro e vamos tentar encontrar alguém que esteja disponível para hoje à noite...

Era como se precisasse de a exorcizar de dentro de si. Decidiu que a voltaria a ver uma vez mais, para lhe dar a paga que merecia e em seguida poder esquecê-la.

Tanner esperou três dias e depois telefonou:

- Princesa?

- Quem fala?

- Estava prestes a desligar o telefone. Mas quantos homens já lhe teriam chamado Princesa ? Conseguiu manter a voz calma: Fala Tanner Kingsley.

Ah! Sim. E como está? - O tom da voz dela era completamente indiferente.

Cometi um erro, pensou Tanner. Nunca lhe devia ter telefonado.

- Pensei que podíamos jantar outra vez um dia destes, mas provavelmente está muito ocupada, por isso talvez seja melhor...

- Que tal esta noite?

Tanner foi mais uma vez apanhado desprevenido. Estava ansioso dar uma lição àquela cabra.

Quatro horas depois, Tanner estava sentado à mesa em frente de Paula Cooper num pequeno restaurante francês a leste da Lexington Avenue. Ficou espantado pelo prazer que sentiu em voltar a vê-la. Esquecera o vigorosa e viva que ela era.

- Senti a sua falta, Princesa - disse ele.

Ela sorriu.

- Oh, eu também senti a sua. Você é o máximo. É uma pessoa especial.

Eram as suas próprias palavras a serem-lhe devolvidas, troçando dele. Maldita.

Parecia que a noite ia ser uma repetição do seu último encontro. Nas noites românticas de Tanner fora sempre ele quem controlara a conversa. Com a Princesa tinha a estranha sensação de que ela estava sempre um passo à sua frente. Tinha sempre resposta pronta para tudo o que ele dizia. Era espirituosa e rápida e não aceitava parvoíces.

As mulheres com quem costumava sair eram sempre belas e disponíveis, mas, pela primeira vez na vida, Tanner sentia que talvez tivesse andado a perder alguma coisa. As outras eram todas demasiado fáceis. Eram agradáveis, mas demasiado agradáveis. Não havia ali qualquer desafio. Mas Paula...

- Fale-me de si - pediu Tanner.

Ela encolheu os ombros:

No dia seguinte, Tanner voltou a ligar.

- Princesa?

- Estava à espera que me telefonasse, Tanner. - A voz calorosa.

Tanner sentiu um pequeno frémito de prazer.

- O meu pai era rico e poderoso e eu cresci como uma menina mimada, no meio de criadas e mordomos, empregados a servir-nos na piscina, Radcliffe e uma escola de aperfeiçoamento para raparigas. Enfim, o habitual. Depois o meu pai perdeu tudo e morreu. Tenho trabalhado como assistente de um político.

- E gosta do que faz?

- Não. Ele é um chato. - Os olhos deles encontraram-se. - Ando à procura de alguém mais interessante.

- Estava?...

- Sim. Onde é que me vai levar a jantar hoje a noite?

Ele riu.

- Onde lhe apetecer.

- Apetecia-me ir ao Maxim's em Paris, mas qualquer coisa onde possa estar consigo serve.

Apanhara-o mais uma vez desprevenido, mas, por qualquer razão, as palavras dela tinham-no deixado feliz.

Jantaram no La Cote Basque na Fifty-fifth Street e durante o jantar Tanner não parou de olhar para ela e de se interrogar porque se sentia tão atraído por ela. Não era a beleza, era a sua cabeça e a sua personalidade que eram estonteantes. Todo o seu ser brilhava de inteligência e autoconfiança. Era a mulher mais independente que alguma vez conhecera.

As conversas cobriam inúmeros temas e Tanner verificou que ela era espantosamente culta.

- O que é que quer fazer com a sua vida, Princesa?

Ela estudou Tanner por instantes antes de lhe responder:

- Quero poder... O poder de fazer as coisas acontecerem.

Tanner sorriu:

- Então somos muito parecidos.

- A quantas mulheres disse a mesma coisa, Tanner?

Ele deu por si a ficar zangado.

- Importa-se de parar com isso? Quando eu lhe digo que é diferente de todas as outras mulheres que alguma vez...

- Alguma vez o quê?

Tanner respondeu, exasperado:

- Você deixa-me frustrado. :

- Pobre querido. Se está frustrado, porque não vai tomar uma ducha...?

A raiva surgiu de novo. Já ouvira o suficiente. Levantou-se.

- Não interessa. Não vale a pena...

- ...em minha casa.

Tanner nem podia acreditar no que acabara de ouvir. Em sua casa?

- Sim. Tenho um pequeno pied-à-terre em Park Avenue - respondeu ela. - Quer levar-me a casa?

Não comeram a sobremesa.

O pequeno pied-à-terre era um sumptuoso apartamento maravilhosamente decorado. Tanner olhou em volta, maravilhado com o luxo e a elegância. O apartamento combinava com ela, uma colecção de quadros variados, uma mesa de refeitório, um enorme candeeiro de tecto, um canapé italiano e um conjunto de seis cadeiras Chipplldau e um sofá. Foi tudo o que Tanner conseguiu ver antes de ela lhe dizer: - Venha ver o meu quarto.

O quarto era todo branco, com móveis brancos e um enorme espelho no tecto sobre a cama.

Tanner olhou à sua volta e comentou: - Estou impressionado. Este é o mais...

- Chiu! - Paula começava a despi-lo. - Podemos conversar depois.

Assim que ela o despiu, começou devagarinho a tirar as próprias roupas. Tinha um corpo que era a perfeição erótica. Os seu braços estavam em volta de Tanner, o corpo contra o dele, e ela encostou os lábios ao ouvido dele e murmurou: - Já chega de preliminares.

Deitaram-se e ela estava pronta para o receber e, quando ele a penetrou, ela apertou as coxas e as ancas e depois relaxou-as e, repetindo esta operação, foi fazendo com que Tanner ficasse cada vez mais excitado. Ela mudava sempre levemente o corpo de posição para que ele recebesse sempre sensações diferentes. Deu-lhe sensações voluptuosas como ele jamais sentira, estimulando-o a um ponto de êxtase total.

Mais tarde, bastante mais tarde, conversaram pela noite dentro.

Depois dessa, ficaram juntos todas as noites. A Princesa não cessava de o surpreender com o seu humor e o seu encanto e, gradualmente, aos olhos dele transformou-se numa mulher maravilhosa.

Uma manhã, Andrew disse a Tanner:

- Nunca antes te vi sorrir tanto. Temos mulher?

Tanner anuiu.

- Sim.

- E é sério? Vais casar com ela?

- Tenho pensado nisso.

Andrew ficou a olhar para Tanner por momentos.

- Talvez não fosse má idéia dizeres-lhe.

Tanner apertou o braço ao irmão. - Talvez o faça.

Na noite seguinte, Tanner e a Princesa estavam sozinhos no apartamento dela. Tanner começou a falar:

- Princesa, um dia pediste-me que te dissesse algo que nunca antes tenha dito a outra mulher.

- Sim, querido?

Então aqui vai. Quero que cases comigo.

Houve um momento de hesitação, ela sorriu e voou para os braços dele.

- Oh, Tanner!

Ele olhou-a nos olhos.

- Isso é um sim?

Querido, eu gostava muito de me casar contigo, mas receio que tenhamos um problema.

- Que tipo de problema?

- Já te falei disso. Quero fazer alguma coisa de importante.

Quero ter poder suficiente para fazer com que as coisas aconteçam, para poder mudar as coisas. E a base de tudo isso é o dinheiro. Como podemos ter futuro juntos se tu não tens futuro?

Tanner pegou-lhe na mão.

- Isso não é problema. Eu sou dono de metade de um negócio muito importante, Princesa. Um dia vou ter dinheiro que chegue para te dar tudo o que

quiseres.

Ela abanou a cabeça.

- Não, o teu irmão Andrew, ele é que te diz o que tens de fazer. Sei tudo sobre vocês os dois. Ele nunca vai permitir que a empresa cresça e eu preciso mais do que aquilo que me podes dar agora.

- Estás enganada. - E Tanner reflectiu por momentos. - Quero que conheças o meu irmão.

Os três almoçaram no dia seguinte. Paula foi encantadora, e era óbvio que Andrew gostou imediatamente dela. Nos últimos tempos, Andrew preocupara-se com o tipo de mulheres com que o irmão andava. Aquela era diferente. Tinha personalidade e era inteligente e engraçada. Andrew olhou para o irmão e o seu aceno significava "boa escolha".

- Sei que o KIG tem tido imenso sucesso, Andrew, a ajudar tantas pessoas por esse mundo fora. Tanner contou-me tudo - comentou Paula.

- Fico satisfeito por o podermos fazer. E vamos fazer muito mais.

- Quer dizer que a empresa tem intenções de se expandir?

- Não exactamente. O que quero dizer é que vamos mandar muita gente para mais países onde possamos ser úteis.

- Nessa altura, começaremos a receber propostas de contratos de... - interrompeu Tanner rapidamente.

Andrew sorriu.

- Tanner é tão impaciente! Não há qualquer pressa. Vamos fazer primeiro aquilo que devemos fazer, Tanner. Ajudar os outros.

Tanner olhou para a Princesa do outro lado. A expressão dela não se comprometia.

No dia seguinte, Tanner telefonou-lhe:

- Olá, Princesa. A que horas queres que eu te vá buscar?

Houve um momento de silêncio:

- Querido, lamento muito. Mas não posso manter o nosso encontro de hoje à noite.

Tanner foi apanhado de surpresa.

- Passa-se alguma coisa?

- Não. Um amigo meu está na cidade e eu tenho de o ver.

Um amigo? Tanner sentiu uma ponta de ciúme.

- Compreendo. Então e que tal amanhã à noite? Podíamos...

- Não. Amanhã também não posso. Que tal segunda-feira?

Ela ia passar o fim de semana com o outro fulano. Tanner desligou, preocupado e frustrado.

Na segunda-feira à noite, a Princesa desculpou-se.

- Desculpa aquilo do fim de semana, querido. É que era um velho amigo meu que veio até cá para me ver.

No espírito de Tanner surgiu a imagem do maravilhoso apartamento onde ela vivia. Não havia hipótese de ela o poder pagar com o dinheiro que ganhava.

- Quem é ele?

- Lamento, mas não te posso dizer o nome. É que... bom, ele é muito conhecido e não gosta de publicidade.

- E estás apaixonada por ele?

Ela pegou na mão de Tanner e disse suavemente:

- Tanner, eu estou apaixonada por ti. E só por ti.

- E ele, está apaixonado por ti?

- Sim, está - disse ela hesitando.

Tanner pensou: Tenho que encontrar uma maneira de lhe dar tudo aquilo que ela quer. Não me posso dar ao luxo de a perder.

Na manhã seguinte, às 8 e 45, Andrew Kingsley foi despertado pelo som do seu telefone a tocar.

- Tenho uma chamada da Suécia. Um momento, por favor.

Instantes depois ouviu-se uma voz com um toque de sotaque sueco a dizer:

- Parabéns, senhor Kingsley. O Comité do Nobel escolheu-o para

receber o Prémio Nobel da Física deste ano, pelo seu inovador trabalho em nano tecnologia...

O Prémio Nobel! Assim que a conversa terminou, Andrew vestiu-se apressadamente e dirigiu-se de imediato ao seu gabinete. No minuto em que Tanner chegou, Andrew correu para o irmão para lhe dar as novidades. E Tanner abraçou-o.

- O Nobel! Mas isso é maravilhoso, Andrew! Maravilhoso! E era. Porque agora todos os problemas de Tanner estavam em vias de ser resolvidos.

Cinco minutos mais tarde, Tanner falava com a Princesa.

- Percebes o que isto significa, minha querida? Agora que o KIG tem o Prémio Nobel, podemos conseguir todos os negócios que quisermos. Estou a falar em termos de grandes contratos com o governo e com as grandes empresas. Vou poder dar-te o mundo.

- Mas isso é fabuloso, querido.

- E casas comigo?

- Tanner, eu quero casar contigo mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Quando Tanner desligou estava eufórico. Correu para o gabinete do irmão.

- Andrew, vou-me casar.

Andrew levantou os olhos e disse calorosamente:

- Que excelentes notícias. E quando é o casamento?

- Vai ser marcado para muito em breve. E todo o pessoal da em presa vai ser convidado.

Quando Tanner chegou ao seu escritório na manhã seguinte, Andrew o aguardava. E tinha uma flor na lapela.

- Para que é isso?

Andrew sorriu.

- Estou a preparar-me para o teu casamento. Sinto-me muito feliz por ti.

- Muito obrigado, Andrew.

As notícias espalharam-se rapidamente. Como o casamento ainda não tinha sido oficialmente anunciado, ninguém fez qualquer comentário a Tanner, mas havia olhares e sorrisos.

Tanner entrou no gabinete do irmão.

- Andrew, com esta coisa do Nobel, todos virão ter connosco. E com o dinheiro do prémio...

Andrew interrompeu-o:

- Com o dinheiro do prémio vamos poder mandar mais gente para a Eritreia e para o Uganda.

- Mas vais usar este prémio para desenvolver a empresa, não vais? - perguntou Tanner bem devagar.

Andrew abanou a cabeça:

- Vamo-nos limitar a fazer aquilo que nos propusemos, Tanner.

Este olhou longamente para o irmão:

- A empresa é tua, tu é que sabes, Andrew.

Tanner telefonou-lhe assim que decidiu o que fazer.

- Princesa, vou ter que ir a Washington em trabalho. Pode ser que não tenhas notícias minhas durante dois ou três dias.

- Mas nada de louras, nem morenas, nem ruivas - respondeu ela para o arreliar.

- Não há hipótese. És a única mulher no mundo por quem estou apaixonado.

- E eu por ti.

Na manhã seguinte, Tanner Kingsley estava no Pentágono em reunião com o chefe do pessoal, o general Alan Barton.

- Considero a sua proposta muito interessante - comentou o general. - Andávamos sem saber quem devíamos usar para fazer o teste.

- O vosso teste tem a ver com nanotecnologia e o meu irmão acaba de ganhar o Prémio Nobel pelo trabalho que desenvolveu nesse domínio.

- Todos nós sabemos disso.

- Ele está tão excitado que está disposto a fazer tudo pro bono.

- Ficamos muito lisonjeados, senhor Kingsley. Não temos assim tantos laureados com o Prémio Nobel a oferecerem os seus serviços.

- E olhou para cima para se certificar de que a porta estava fechada.

- Isto é top secret. Se resultar, vai ser um dos mais importantes componentes do nosso armamento. A nanotecnologia molecular pode dar-nos o controle do mundo físico, ao nível dos átomos individuais.

Até hoje, todos os esforços para tornar os chips ainda mais pequenos do que o seu tamanho actual têm sido bloqueados devido à interferência electrónica chamada "cross talk", quando os electrões ficam fora de controle. Se esta experiência for bem sucedida, vai dar-nos novas e importantes armas de autodefesa e de ataque.

- Não existe qualquer perigo nesta experiência, pois não? Não quero que aconteça nada ao meu irmão - perguntou Tanner.

- Não precisa de se preocupar. Nós mandamos todo o equipamento de que vão precisar, incluindo os fatos de segurança, e dois dos nossos cientistas para trabalharem com o seu irmão.

- Então temos luz verde?

- Têm.

No regresso a Nova Iorque, Tanner ia pensando: Agora só me falta convencer Andrew.

CAPÍTULO 17

Andrew estava no seu gabinete a olhar para um folheto colorido que o Comitê do Prémio Nobel lhe tinha mandado, juntamente com uma mensagem: Aguardamos a sua chegada. Viam-se fotografias da enorme sala de concertos em Estocolmo, com a audiência a aplaudir um laureado com o Nobel enquanto este caminhava pelo palco para receber o prémio das mãos do rei Carl XVI Gustav da Suécia. E em breve lá estarei eu também, pensou.

A porta abriu-se e Tanner entrou.

- Temos que conversar.

Andrew pôs o folheto de lado: - Está bem. O que é, Tanner?

Este respirou fundo.

- Acabei de comprometer o KIG para dar assistência ao exército em uma experiência que estão a fazer.

- Tu fizeste o quê?

- O teste tem a ver com criogénicos. Eles precisam da tua ajuda.

Andrew abanou a cabeça.

- Nem pensar. Não me quero envolver nisso, Tanner. Não é o tipo de coisas que nós fazemos aqui.

- Isto agora não se trata de dinheiro, Andrew. Tem a ver com a defesa dos Estados Unidos da América. É muito importante para o exército. Estarás a trabalhar para o bem do teu país e sem ganhar dinheiro. Eles precisam de ti.

Tanner passou uma hora a tentar convencer Andrew. Por fim ele cedeu.

- Está bem. Mas, Tanner, esta é a última vez que nos metemos em coisas deste tipo. Combinado?

- Combinado. Não tenho palavras para te dizer come estou orgulhoso de ti. - E Tanner sorriu.

Telefonou à Princesa e deixou uma mensagem no gravador de chamadas: Querida, estou de volta. Vamos ter uma experiência muito importante. Telefono-te assim que estiver concluída. Amo-te.

Os dois técnicos do exército chegaram para relatar a Andrew o progresso que tinham feito até à altura. Andrew estivera relutante, de início, mas, à medida que eles iam discutindo o projecto, foi ficando cada vez mais entusiasmado. Se os problemas fossem resolvidos, isso ia constituir um avanço espectacular.

Uma hora mais tarde, Andrew observava enquanto um camião da tropa atravessava os portões do KIG, escoltado por outro dois que transportavam soldados armados. Saiu para receber o coronel da unidade operacional.

- Aqui está tudo, senhor Kingsley. O que fazemos agora?

- Só têm de descarregar, que nós encarregamo-nos de tudo - respondeu Andrew.

- Sim, senhor. - E o coronel virou-se para dois soldados que se encontravam junto do camião. - Descarreguem-no. E tenham cuidado. Mas mesmo muito cuidado.

Os homens entraram no camião e, com o maior dos cuidados, retiraram uma pequena mala em metal.

Em poucos minutos, ela era transportada por dois assistentes, sob a orientação de Andrew, para um laboratório.

- Ponham-na em cima daquela mesa - pediu. - Com muito cuidado. - E ficou a ver enquanto eles a pousavam. - Muito bem.

- Bastava um de nós para a transportar. É muito leve.

-Vocês nem iam acreditar como é pesada - comentou Andrew. Os dois assistentes olharam para ele, intrigados.

- Desculpe?

Andrew abanou a cabeça: - Nada. Não interessa.

Dois químicos, Perry Stanford e Harvey Walker, tinham sido escolhidos para trabalhar com Andrew no projecto.

Ambos já tinham vestido os fatos de alta protecção que eram requeridos para levar a cabo a experiência.

- Vou-me vestir - disse Andrew. - Já volto.

Caminhou ao longo do corredor até uma porta fechada e abriu-a. Lá dentro havia várias filas de cabides cheios de fatos de protecção Hl contra

químicos, semelhantes aos fatos espaciais, assim como máscaras, óculos de protecção, sapatos especiais e pesadas luvas.

Andrew entrou no compartimento e vestiu o seu fato, e Tanner estava lá para lhe desejar boa sorte.

Quando regressaram ao laboratório, Stanford e Walker já estavam à espera. Os três homens selaram meticulosamente a sala, de forma a ficar estanque, e, em seguida, trancaram cuidadosamente a porta. Todos sentiam a excitação no ar.

- Tudo a postos?

- Pronto - respondeu Stanford.

- Pronto - respondeu Walker.

- Máscaras.

E colocaram as máscaras de protecção.

- Assim sendo, podemos começar - disse Andrew. E levantou cuidadosamente a tampa da caixa de metal. Lá dentro estavam seis pequenos tubos de ensaio cuidadosamente aninhados nas suas al mofadas de protecção.

- Tenham cuidado - avisou. - Estes pequenos génios encontram-se a duzentos e vinte e dois graus abaixo de zero. - A sua voz soava abafada devido à máscara.

Stanford e Walker observaram enquanto Andrew erguia com delicadeza o primeiro tubo de ensaio e o abriu. Ouviu-se um silvo e de dentro do tubo saiu uma onda de vapor que se transformou numa nuvem gelada que pareceu saturar a sala.

- Muito bem - disse Andrew. - Agora, a primeira coisa que temos de fazer... A primeira coisa... - Os olhos dele estavam muito abertos. Começou a sufocar, o rosto a ficar branco, cor de gesso. Tentou falar, mas as palavras não lhe saíam.

Stanford e Walker olhavam horrorizados enquanto o corpo dele caía ao chão. Walker tapou rapidamente o tubo e fechou a caixa. Stanford correu para a parede e premiu um botão, activando uma enorme ventoinha que afastou o gélido gás para fora do laboratório-Assim que o ar ficou de novo limpo, os dois cientistas abriram a porta e transportaram apressadamente o corpo de Andrew lá para fora. Tanner, que passava no corredor, viu o que se estava a passar e o

pânico tomou conta do seu rosto.

Correu para os dois homens e olhou o irmão.

- Que diabo se passa?

Foi Stanford quem lhe respondeu:

Houve um acidente e...

- Um acidente? Que tipo de acidente? - Tanner gritava como um louco. - O que foi que vocês fizeram ao meu irmão? - As pessoas começavam a aproximar-se e a rodeá-los. - Liguem já para o 911. Deixem. Não temos tempo para isso. Levamo-lo para o hospital num dos nossos carros.

Vinte minutos depois, Andrew estava deitado numa maca, numa sala de urgências do hospital de St. Vincent em Manhattan. Sobre a cara tinha uma máscara de oxigénio e uma agulha de endovenoso espetada no braço. Dois médicos debruçavam-se sobre ele.

Tanner andava freneticamente de um lado para o outro.

- Vocês têm que tratar dele - gritava. - E já!

- Senhor Kingsley, tenho de lhe pedir que abandone a sala - retorquiu um dos médicos.

- Nem pensar - gritou ele. - Eu fico aqui com o meu irmão.

- Dirigiu-se à maca onde Andrew jazia inconsciente e pegou-lhe na mão e apertou-a. - Vá, mano. Acorda. Nós precisamos de ti.

Não houve resposta.

Os olhos de Tanner encheram-se de lágrimas.

- Tu vais ficar bom. Não te preocupes. Vamos mandar vir os melhores médicos do mundo. E tu vais ficar bom. - Virou-se para os médicos. - Quero um quarto particular e enfermagem vinte e quatro horas, e quero que ponham uma cama no quarto. Eu fico com ele.

- Senhor Kingsley, gostaríamos de poder terminar o exame.

- Estarei à espera no átrio - respondeu Tanner, provocador.

Andrew foi levado para baixo para fazer uma série de ressonâncias magnéticas, e radiografias, e análises completas ao sangue. Um exame mais completo, um PET, foi efectuado. Em seguida, ele foi levado para um quarto,

onde três médicos lhe começaram a prestar assistência.

Tanner estava no átrio sentado numa cadeira, à espera. Quando, finalmente, um dos médicos surgiu à porta do quarto de Andrew, pôs-se de pé num salto.

- Ele vai ficar bom, não vai?

O médico hesitou.

- Vamos transferi-lo imediatamente para o Walter Reed Arm Medical Center, em Washington, para um diagnóstico mais apurado, mas, honestamente, senhor Kingsley, não temos grandes esperanças.

- Que diabo está para aí a dizer? - gritava Tanner. - É claro que ele vai ficar bom. Só esteve uns minutos dentro do laboratório.

O médico ia começar a repreendê-lo quando, ao olhar para cima, viu que os olhos de Tanner estavam cheios de lágrimas.

Tanner acompanhou o irmão inconsciente no avião ambulância até Washington. Tentou tranqüilizá-lo durante todo o vôo:

- Os médicos dizem que vais ficar bom... Vão-te dar uma coisa para ficares bom...Só precisas de descansar um pouco... - E Tanner pôs os braços em redor do irmão. - Tens que ficar bom a tempo de ires à Suécia receber o teu Prémio Nobel.

Durante os três dias seguintes, Tanner dormiu num colchão no quarto de Andrew e ficou ao lado dele todo o tempo que os médicos lhe permitiram. Tanner estava na sala de espera de Walter Reed quando um dos médicos de serviço se aproximou.

- Como está ele? - perguntou Tanner. - Ele vai... - E viu a expressão no rosto do médico. - O que se passa?

- Receio ter más notícias. O seu irmão tem muita sorte em estar vivo. Aquele gás, fosse ele qual fosse, era extremamente tóxico.

- Nós podemos mandar vir médicos de...

- Não vai servir de nada. Receio que as toxinas já tenham afectado as células do cérebro do seu irmão.

Tanner estremeceu.

- Mas... não existe cura para... o que ele tem?

O médico respondeu duramente:

- Senhor Kingsley, o exército nem sequer tem um nome para lhe chamar e o senhor quer saber se existe cura? Não. Lamento muito. Receio que ele nunca mais venha a ser o mesmo.

Tanner ali ficou, as mãos cerradas, o rosto lívido.

- O seu irmão está acordado, neste momento. Pode ir vê-lo, mas unicamente durante alguns minutos.

Quando Tanner entrou no quarto de hospital de Andrew, ele tinha os olhos abertos. Ficou a olhar fixamente para o visitante, uma expressão vazia no rosto.

O telefone tocou e Tanner atendeu. Era o general Barton.

- Lamento muito o que se passou com o seu...

Seu filho da mãe! Você garantiu-me que o meu irmão não corria qualquer perigo.

- Não faço idéia do que se passou, mas garanto-lhe que...

Tanner desligou o telefone com toda a força. Ouviu a voz do irmão e virou-se.

- Onde... Onde estou eu? - balbuciou Andrew.

- Estás no Walter Reed Hospital, em Washington.

- Porquê? Quem está doente?

- Tu, Andrew.

- O que foi que aconteceu?

- Alguma coisa correu mal com a experiência.

- Não me lembro...

- Não faz mal. Não te preocupes. Vamos cuidar de ti. Eu garanto-te.

Tanner ficou a ver os olhos de Andrew a fecharem-se. Deitou uma última olhadela ao irmão deitado naquela cama e saiu do quarto.

A Princesa mandou flores para o hospital. Tanner planeara telefonar-lhe, mas a secretária dele dissera-lhe:

- Oh, ela telefonou. Disse que precisava de sair da cidade. Telefona-lhe assim que voltar.

Uma semana mais tarde, Andrew e Tanner estavam de regresso a Nova Iorque. A notícia do que acontecera a Andrew correra célere pelo KIG. Sem ele a dirigir, continuaria o KIG a sua existência? Assim que as notícias sobre o acidente se tornassem do conhecimento do público, com certeza que iriam prejudicar a imagem do KIG.

Isso não tem qualquer importância, pensou Tanner. Eu vou fazer desta empresa o maior diink tank do mundo. Agora vou poder dar à Princesa muito mais do que aquilo que ela alguma vez sonhou. Dentro de poucos anos...

A secretária de Tanner ligou.

- Está aqui um motorista de limusina que lhe quer falar.

- Mande-o entrar - ordenou o intrigado Tanner.

Um motorista uniformizado entrou, empunhando um envelope.

- Senhor Tanner Kingsley?

- Exactamente.

- Pediram-me que lhe entregasse pessoalmente este envelope.

Deu-lhe o envelope e saiu.

Tanner olhou para o envelope e sorriu. Reconheceu a escrita da Princesa. Ela imaginara qualquer coisa para o surpreender. Ansioso abriu-o. A mensagem dizia:

Não vai resultar, meu querido. Neste momento, preciso de muito mais do que aquilo que tu me podes dar, por isso vou casar com outra pessoa, que está em condições de o fazer. Amo-te e sempre te amarei Sei que vais ter dificuldade em acreditar no que te digo, mas a verdade é que o que faço é para o bem de ambos.

O rosto de Tanner ficou pálido. Ficou a olhar para a mensagem durante muito tempo e em seguida deixou-a cair nervosamente dentro do cesto dos papéis.

O seu triunfo chegara um dia atrasado.

CAPÍTULO 18

No dia seguinte, Tanner estava calmamente sentado no seu gabinete quando a secretária lhe ligou.

- Está aqui uma comissão para falar com o senhor.

- Uma comissão?

- Exactamente.

- Eles que entrem.

Supervisores de vários departamentos do KIG entraram no gabinete de Tanner.

- Senhor Kingsley, gostaríamos de lhe dar uma palavrinha.

- Façam o favor de se sentarem.

Todos se sentaram.

- Qual é o problema?

Um dos encarregados começou:

- Bom... É que nós estamos um pouco preocupados. Depois do que aconteceu ao seu irmão... O KIG vai continuar a funcionar?

Tanner abanou a cabeça.

- Não faço idéia. Neste momento, ainda estou em estado de choque. Não consigo aceitar o que aconteceu a Andrew. - E ficou por momentos pensativo. - Mas eu digo-vos o que vou fazer. Não posso predizer as nossas hipóteses, mas, pelo meu lado, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que permaneçamos a funcionar. Esta é uma promessa que eu próprio faço. Manter-vos-ei ao corrente.

Ouviram-se murmúrios de aprovação e Tanner ficou a ver os homens sair.

No dia em que Andrew saiu do hospital, Tanner colocou-o numa das casas do pessoal que havia nas instalações, onde facilmente podiam cuidar dele, e deu-lhe um gabinete mesmo ao lado do seu. Os empregados ficaram atónitos ao ver o que acontecera a Andrew.

Passara de um cientista brilhante e atento para um zombie. A maior parte do dia passava-o sentado numa cadeira, a olhar pela janela, meio a dormir, mas parecia feliz por estar de volta ao KIG, embora tivesse apenas uma vaga idéia do que fazia ali. Todos os empregados estavam comovidos com a forma como Tanner tratava bem do irmão e pela solicitude e cuidado que demonstrava para com ele. A atmosfera no KIG mudou quase de um dia para o outro. Quando fora Andrew a dirigi-la, tudo era informal. Agora, de repente, transformara-se numa empresa formal e era gerida como um verdadeiro negócio, em lugar da anterior filantropia. Tanner começou a enviar agentes para fora da empresa com a finalidade de angariarem clientes. Os negócios começaram a florescer a uma velocidade extraordinária.

A notícia da mensagem de adeus de Princesa espalhou-se rapidamente pela empresa. Os empregados que se tinham preparado para um casamento interrogavam-se como Tanner ia encaixar este rude golpe. Houve inúmeras especulações entre o pessoal sobre o que ele faria depois desta rejeição.

Dois dias depois de Tanner ter recebido a carta, apareceu uma notícia nos jornais a anunciar que a que fora noiva de Tanner se casara com Edmond Barclay, um milionário e grande senhor dos media. As únicas alterações no comportamento de Tanner foi um aumento na rabugice e uma ética de trabalho que era ainda mais forte do que anteriormente. Todas as manhãs passava duas horas sozinho, a trabalhar num projecto que estava envolto em total secretismo.

Uma noite, Tanner foi convidado para falar na MENSA, a sociedade de pessoas de QI elevado. Como muito dos empregados do KIG eram seus membros, ele acabara por aceitar.

Quando chegou, na manhã seguinte, ao quartel-general, estava acompanhado por uma das mais belas mulheres que os seus empregados alguma vez tinham visto. Tinha aspecto latino, olhos escuros, uma tez cor de azeitona e uma figura sensacional.

Tanner apresentou-a ao pessoal.

- Esta é Sebastiana Cortez. Discursou ontem na MENSA. Uma apresentação brilhante.

De repente, toda a atitude de Tanner parecia mais ligeira. Levou-a para o seu escritório e não voltaram a aparecer durante uma hora. Quando saíram, almoçaram na sala de jantar particular de Tanner.

Uma das funcionárias fez uma busca sobre Sebastiana na internet. Era

uma antiga Miss Argentina e vivia em Cincinati, onde estava casada com um proeminente homem de negócios.

Quando regressaram ao escritório dele depois do almoço, a voz de Tanner ouvia-se na recepção através do intercomunicador, que ele deixara ligado.

- Não te preocupes, querida. Acabamos por descobrir uma maneira de resolver as coisas.

As secretárias juntaram-se em redor do intercomunicador, ouvindo interessadamente a conversa.

- Temos de ter muito cuidado. O meu marido é um homem muito ciumento.

- Não vai haver problema. Tratarei de tudo para que nos continuemos a manter em contacto.

Não era preciso ser-se um génio para perceber o que estava a acontecer. As secretárias estavam com dificuldade em evitar o riso.

- Tenho muita pena que tenhas de regressar já a casa.

- Também eu. Quem me dera poder ficar, mas não é possível.

Quando Tanner e Sebastiana saíram do escritório, eram a imagem do decoro. Os empregados deliciaram-se com a idéia de que Tanner não imaginava que eles sabiam o que se passava.

No dia seguinte à partida dela, Tanner mandou vir um telefone banhado a ouro, para ser instalado no seu escritório com um misturador digital. A sua secretária e as assistentes tinham ordens expressas para nunca o atenderem.

Daí em diante, Tanner falava no telefone dourado praticamente todos os dias e no fim de cada mês partia para um prolongado fim-de-semana de onde regressava com aspecto refrescado. Nunca disse aos empregados onde ia, mas eles adivinhavam.

Dois dos assistentes de Tanner estavam a conversar e um deles disse ao outro:

- A palavra rendez-vous diz-te alguma coisa?

A vida amorosa de Tanner recomeçara novamente e a mudança nele

era bem visível. Todos andavam satisfeitos.

CAPÍTULO 19

As palavras martelavam continuamente na cabeça de Diane Stevens. Fala Ronjones. Era só para lhe dizer que recebemos os documentos que nos enviou e que a mudança de planos já foi levada a cabo, tal como nos pediu... Acabámos de cremar o corpo do seu marido há cerca de uma hora.

Como é que uma funerária conseguira cometer um erro daqueles? No meio da sua dor, seria possível que lhes tivesse telefonado e pedido que cremassem Richard? Jamais. E, além disso, não tinha qualquer secretária. Nada daquilo fazia sentido. Alguém na funerária percebera mal, confundira o nome de Richard com o nome de outra pessoa.

Tinham entregue a urna com as cinzas dele. E Diane esperara a olhar para ela. Richard estava mesmo ali dentro?... E o seu riso, também lá estava?... E os braços que a tinham apertado... E os lábios quentes que comprimira contra os seus... A mente que fora tão brilhante e tão divertida.. A voz que lhe dizia alto "Amo-te"... Todos os seus sonhos e as suas paixões e mais mil e uma coisas, ali dentro daquela pequena urna?

Cinzas...

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo toque do telefone.

- Senhora Stevens?

- Sim...

- Fala do gabinete do senhor Tanner Kingsley. O senhor Kingsley gostaria de saber se seria possível marcar uma hora para poder encontrar-se aqui nas nossas instalações.

Isto passara-se há dois dias e agora Diane atravessava a entrada do KIG e aproximava-se da secretária na recepção.

- Em que posso ser útil? - perguntou a recepcionista.

- O meu nome é Diane Stevens e tenho uma reunião marcada com o senhor Tanner Kingsley.

- Oh! Senhora Stevens! Todos nós lamentamos muito o que aconteceu ao seu marido. Mas que coisa horrível. Horrível.

Diane engoliu em seco. - Pois foi.

Tanner dizia a Retra Tyler:

- Vou ter agora duas reuniões. Quero que as graves e as examines. - E ficou a olhar enquanto o seu assistente saía.

O intercomunicador soou:

- Senhor Kingsley, está aqui a senhora Stevens para falar consigo.

Tanner premiu um dos botões no painel electrónico sobre a sua secretária e Diane Stevens surgiu num dos ecrãs de televisão na parede. Trazia o cabelo louro amarrado num carrapito e vestia uma saia de riscas azuis escuras e brancas e uma blusa branca. Tinha um aspecto pálido.

- Mande-a entrar, por favor.

Olhou enquanto Diane cruzava a porta e ergueu-se para a cumprimentar.

- Obrigado por ter vindo, senhora Stevens.

- Bom dia - cumprimentou Diane.

- Queira sentar-se, por favor.

Diane sentou-se numa cadeira em frente dele, do outro lado da secretária.

- Escusado será dizer que ficámos todos imensamente chocados com o brutal assassínio do seu marido. Posso garantir-lhe que tudo faremos para que a pessoa responsável seja presente à Justiça o mais brevemente possível.

- Se não se importa, gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

- Sim?

- O seu marido falava muitas vezes consigo sobre o seu trabalho?

Diane abanou a cabeça.

- Não, nem por isso. Era uma parte separada da nossa vida de casal, porque era muito técnica.

Na sala de vigilância ao fundo do corredor, Retra Tyler ligou um aparelho identificador de voz, um analisador da tensão na voz e um vídeo

gravador e começou a gravar a cena que decorria no gabinete de Tanner.

- Imagino que lhe seja muito difícil falar nisto - prosseguiu Tanner - mas o que sabe, de facto, sobre a ligação que o seu marido com drogas?

Diane olhava fixamente para ele, demasiado estupefacta para conseguir responder. Por fim, reuniu forças:

- Desculpe? Mas que pergunta é essa? Richard jamais teve alguma coisa a ver com drogas.

- Senhora Stevens, a polícia encontrou uma mensagem ameaçadora da Máfia dentro do bolso do casaco dele e...

A idéia de que Richard pudesse estar envolvido com drogas era simplesmente impensável. Teria ele uma vida secreta sobre a qual ela nada sabia? Não, não, não.

O coração dela começou a bater fortemente e sentiu o sangue a subir-lhe ao rosto. Eles mataram-no para me castigarem a mim?

- Senhor Kingsley, Richard não...

O tom na voz de Tanner era compreensivo, mas ao mesmo tempo determinado.

- Lamento muito obrigá-la a passar por isto, mas estou decidido a saber a razão do que aconteceu ao seu marido.

Saber a razão, pensou, infeliz, Diane. Sou eu quem tu buscas. Richard morreu porque eu testemunhei contra Auieri. E começou a hiperventilar. Tanner Kingsley observava-a e em seguida disse: - Não lhe vou tomar muito do seu tempo. Vejo como ficou perturbada. Falaremos depois. Pode ser que se lembre de alguma coisa.

Se achar que há algo que possa ser útil, ficaria muito satisfeito se entrasse em contacto comigo. - E Tanner abriu uma gaveta e tirou um cartão de visita personalizado. - Este é o meu número privado de celular. Encontra-me nele a qualquer hora do dia ou da noite.

Diane guardou o cartão. Só tinha o nome de Tanner e um número de telefone.

Diane ergueu-se, as pernas a tremer.

- Peço desculpa por tê-la feito passar por isto. Entretanto, se houver

alguma coisa que eu possa fazer por si, seja o que for, estou à sua disposição.

Diane mal conseguia falar:

- Muito obrigada. Agradeço-lhe muito. - E virou-se e saiu do gabinete meio atordoada.

Assim que Diane chegou à recepção, ouviu a mulher que estava atrás da secretária dizer para alguém:

- Se eu fosse supersticiosa, acreditava que alguém lançou uma praga sobre o KIG. E agora o seu marido, senhora Harris. Ficámos todos tão chocados quando tivemos conhecimento da coisa horrível que lhe aconteceu. Morrer assim é horrível.

As palavras soaram-lhe sinistramente conhecidas. O que teria acontecido ao marido dela? Diane virou-se para ver a quem é que a recepcionista se dirigia. Era uma jovem afro-americana de cortar a respiração, que vestia umas calças pretas com uma camisa de seda de gola alta. No dedo tinha um anel com uma enorme esmeralda e um anel de casamento de diamantes. Diane, de repente, teve a sensação de que era muito importante que falasse com ela.

No momento em que Diane se começou a aproximar, surgiu a secretária de Tanner.

- O senhor Kingsley vai já recebê-la.

E Diane ficou a ver Kelly Harris desaparecer entrando no gabinete de Tanner Kingsley.

Tanner ergueu-se para cumprimentar Kelly.

- Muito obrigada por ter vindo, senhora Harris. O seu vôo foi agradável?

- Foi, sim, obrigada.

- Quer tomar alguma coisa? Café ou...?

Kelly abanou a cabeça.

- Imagino como estes momentos devem ser difíceis para si, senhora Harris, mas preciso de lhe fazer algumas perguntas.

Na sala de vigilância, Retra Tyler observava Kelly no ecrã de televisão e no registo.

- A senhora e o seu marido tinham uma relação estreita? - perguntou Tanner.

- Muito.

- Diria que ele era honesto consigo?

Kelly olhou para ele espantada.

- Não tínhamos segredos. Mark era o ser humano mais honesto e mais aberto que alguma vez conheci. Ele... - E Kelly sentiu dificuldade em continuar.

- Ele falava muitas vezes consigo sobre o seu trabalho?

- Não. O que ele fazia era muito... muito complicado. Normal mente não falávamos nele.

- A senhora e o seu marido tinham muitos amigos russos?

Kelly olhou espantada para ele.

- Senhor Kingsley, não percebo onde quer chegar com estas perguntas...

- O seu marido alguma vez lhe disse um grande negócio e que ia ganhar muito dinheiro?

Kelly começava a ficar incomodada. - Não, e, se assim fosse, o Mark ter-me-ia dito.

- Ele alguma vez lhe falou de Olga?

Kelly, de repente, começou a imaginar onde a conversa ia chegar.

- Senhor Kingsley, onde está exactamente a querer chegar?

- A polícia de Paris encontrou um recado num dos bolsos do seu marido. Mencionava uma recompensa por uma informação que fora dada e vinha assinada "Com amor, Olga".

Kelly ficou sentada, sem se mexer.

- Eu... Eu não sei o que...

- Mas disseme que falavam de tudo.

- Sim, mas...

- Por aquilo que nos foi dado saber, aparentemente o seu marido

andava envolvido com esta mulher e...

- Não! - E Kelly levantou-se. - Esse não é o Mark de quem estávamos a falar. Já lhe disse, não havia quaisquer segredos entre nós.

- Tirando aquele que estará por detrás da causa da morte dele.

De repente, Kelly sentiu que estava prestes a desmaiar.

- Peço desculpa... senhor Kingsley, mas não me estou a sentir bem.

Ele tornou-se imediatamente solícito.

- Compreendo perfeitamente. Gostava de poder ajudar. - E Tanner deu-lhe o seu cartão pessoal. - Pode entrar em contacto comigo por este número a qualquer hora, senhora Harris.

Kelly acenou com a cabeça, incapaz de falar, e, atordoada, saiu do gabinete.

A cabeça de Kelly fervilhava quando ele abandonou o edifício. Mas quem era Olga ? E porque é que Mark andava metido com russos ? Porque é que ele...

- Desculpe, senhora Harris.

Kelly virou-se:

- Sim?

Uma mulher loura e atraente estava parada do lado de fora do edifício.

- O meu nome é Diane Stevens e gostaria de falar consigo. Do outro lado da rua há um café.

Lamento, mas eu agora não posso falar. - E Kelly começou a andar.

- É sobre o seu marido.

Kelly parou abruptamente e virou-se:

Sobre Mark? O que é que se passa?

Podemos falar num local com mais privacidade?

**

No escritório de Tanner, ouviu-se a voz da secretária vinda do

intercomunicador:

- Está aqui o senhor Higholt.

- Mande entrar.

Um minuto depois, Tanner cumprimentava-o.

- Boa tarde, John.

- Boa? Tem sido uma merda de uma tarde, Tanner. Parece que todos nesta empresa estão a ser assassinados. Mas que raio é que se passa?

- E isso mesmo que eu pretendo descobrir. Não acredito que a morte repentina de três dos meus empregados seja pura coincidência. Anda alguém lá fora interessado em prejudicar a reputação desta empresa, mas vamos descobrir quem é e conseguir parar com isto.

A polícia concordou em cooperar connosco e eu tenho gente a tentar seguir os movimentos dos três que foram mortos. Gostaria que visse as duas entrevistas que acabei de gravar. São com as viúvas de Richard Stevens e Mark Harris. Está pronto?

- Avance.

- Esta é Diane Stevens. - Tanner premiu um botão e a sua entrevista com Diane Stevens surgiu no ecrã. No canto direito deste havia um gráfico que ia traçando linhas para cima e para baixo à medida que ela falava.

-O que sabe, de facto, sobre a ligação que o seu marido tinha com drogas ?

- Desculpe? Mas que pergunta é essa? Richard jamais teve alguma coisa a ver com drogas.

As imagens gráficas permaneciam constantes. Tanner premiu o botão que avançava a fita rapidamente para a frente.

- E esta é a senhora Mark Harris, cujo marido foi empurrado ou caiu do cimo da torre Eiffel.

E uma imagem de Kelly surgiu no ecrã.

- Ele alguma vez lhe falou de Olga?

- Senhor Kingsley, onde está exactamente a querer chegar?

- A polícia de Paris encontrou um recado num dos bobos do seu

marido Mencionava uma recompensa por uma informação que fora dada e vinha assinada "Com amor, Olga".

- Eu... eu não sei o que...

- Mas disseme que falavam de tudo. .

- Sim, mas...

- Por aquilo que nos foi dado saber, aparentemente o seu marido andava envolvido com esta mulher e...

- Não! Esse não é o Mark de quem estávamos a falar. Já lhe disse, não havia quaisquer segredos entre nós.

As linhas no gráfico do analisador de tensão na voz permaneciam regulares. A imagem de Kelly desapareceu.

- O que eram aquelas linhas no ecrã? - perguntou John Higholt.

- Aquilo é um analisador de tensão, um CVSA. Regista os micro-tremores na voz humana. Se o sujeito estiver a mentir, as ondulações das freqüências de áudio aumentam. É este o estado em que a tecnologia se encontra. Já não são precisos fios, como nos polígrafos. Estou convencido de que as duas mulheres disseram a verdade. Têm de ser protegidas.

John Higholt franziu o sobrolho: - O que quer dizer? Protegidas do quê?

- Penso que elas correm perigo. Que, inconscientemente, têm muito mais informação do que aquilo que pensam. Eram ambas muito próximas dos maridos. Estou convencido de que, em algum momento, algo de revelador pode ter sido dito que lhes escapou na altura, mas que se encontra guardado nos bancos das suas memórias.

O mais natural é que, quando começarem a pensar no assunto, se lembrem do que foi. E, nesse momento, as vidas delas correm perigo, pois quem quer seja que lhes matou os maridos pode planear matá-las também. E eu tenho todas as intenções de fazer com que nada de mal lhes aconteça.

- Quer que elas sejam seguidas?

- Isso era antigamente, John. Hoje em dia usamos equipamento electrónico. O apartamento da Stevens já foi posto sob vigilância, com câmaras, telefones, microfones, tudo. Estamos a empregar toda a tecnologia que temos à nossa disposição para as guardar. No momento em que alguém as tentar atacar,

ficaremos imediatamente a saber.

John Higholt ficou, por momentos, pensativo.

- E quanto a Kelly Harris?

- Essa está num hotel. Infelizmente, não nos foi possível entrar na suite dela e preparar as coisas. Mas tenho homens no átrio e, se houver qualquer sinal de perigo, eles encarregam-se do assunto. - Tanner hesitou. - Quero que o KIG ofereça uma recompensa de cinco milhões de dólares para quem der informações que conduzam à prisão de...

- Ei, Tanner, espere aí - objectou John Higholt. - Não é preciso nada disso. Resolvemos isto e...

- Muito bem. Se não for o KIG a fazê-lo, faço-o eu pessoalmente.

O meu nome está identificado com o desta empresa. - E a voz dele endureceu. - Eu quero apanhar seja quem for que está por detrás disto.

CAPÍTULO 20

No café em frente às instalações do KIG, Diane Stevens e Kelly Harris sentavam-se a uma mesa de canto. Kelly aguardava que Diane falasse.

Esta não sabia como começar. Qual foi a coisa horrível que aconteceu ao seu marido, senhora Harris? Ele também foi assassinado, como Richard?

- Então? Disse que me queria falar sobre o meu marido. Conhecia bem Mark? - disse Kelly impacientemente.

- Eu não o conhecia, mas...

Kelly ficou furiosa.

- Mas você disse que...

- Eu disse que queria falar consigo sobre ele.

Kelly levantou-se.

- Minha senhora, eu não tenho tempo para isto. - E começou a dirigir-se para a porta.

- Espere! Acho que temos as duas o mesmo problema e podemo-nos ajudar mutuamente.

Kelly parou.

- Do que é que está a falar?

- Por favor, sente-se.

Relutante, Kelly regressou ao seu lugar.

- Diga lá.

- Queria perguntar-lhe se...

Um criado aproximou-se delas com a carta.

- O que desejam?

Sair daqui para fora, pensou Kelly.

- Para mim, nada.

- Dois cafés - respondeu Diane.

Kelly olhou para ela e respondeu em tom de desafio:

- Eu prefiro chá.

- Sim, minha senhora. - E o criado foi-se embora.

- Acho que eu e a senhora... - começou Diane a dizer.

Uma miúda aproximou-se da mesa e dirigiu-se a Kelly:

- Pode dar-me o seu autógrafo? Kelly olhou para ela.

- Sabes quem eu sou?

- Eu não, mas a minha mãe disse que era importante.

- Não sou, não - respondeu Kelly.

- Oh!

E ficou a ver a miúda a ir-se embora.

Diane olhava para ela, intrigada.

- Eu devia saber quem você é?

- Não. - E Kelly continuou de forma contundente: - E não gosto de bisbilhoteiros a meterem o nariz na minha vida. Vamos lá a saber o que é que se passa, senhora Stevens.

- Chame-me Diane, por favor. Ouvi dizer que o seu marido sofreu um acidente horrível e...

- Sim. Foi morto. - Ele alguma vez lhe falou de Olga?

- O meu marido também foi morto. E ambos trabalhavam para o KIG.

- E depois? - exclamou Kelly, impaciente. - Assim como milhares de outras pessoas. E se dois deles apanharem uma constipação, vai achar que se trata de uma epidemia?

Diane debruçou-se sobre a mesa:

- Olhe, isto é importante. Primeiro que tudo...

- Lamento muito, mas não me apetece estar a ouvir isto - respondeu Kelly, e pegou na carteira.

- Não lhe apetece estar a ouvir isto - respondeu, furiosa, Diane - mas pode muito bem...

A voz de Diane de repente ouviu-se em todo o café.

- Havia quatro homens na sala...

Sobressaltadas, Diane e Kelly viraram-se para a origem do som. A voz dela vinha de um aparelho de televisão sobre o balcão. Estava no Tribunal, sentada no banco das testemunhas.

- Um deles estava amarrado e sentado numa cadeira. O senhor Altieri parecia interrogá-lo enquanto os outros dois homens estavam junto dele. O senhor Altieri puxou de uma arma, berrou qualquer coisa e... disparou sobre o homem na cabeça.

O apresentador apareceu no ecrã.

- Acabámos de ouvir o testemunho de Diane Stevens, no julgamento por assassínio do chefe da Máfia, Anthony Altieri. O júri acabou de entregar um veredicto de não culpado.

Diane ficou sentada, atordoada. "Não culpado?"

- O homicídio que teve lugar há quase dois anos levou a que Anthony Altieri fosse acusado da morte de um dos seus empregados. Apesar do testemunho de Diane Stevens, o júri acreditou em outros testemunhos que a contradisseram.

Kelly olhava espantada para o ecrã. Uma nova testemunha surgiu a depor no banco.

Jake Rubinstein, o advogado de Altieri perguntava:

- Dr. Russel, o senhor tem consultório montado em Nova Iorque? '.

- Não. Eu exerço unicamente em Boston.

- No dia em questão, tratou o senhor Altieri de algo relacionado com problemas de coração ?

- Exactamente. Cerca das nove da manhã. E mantive-o em observação durante o resto do dia.

-Portanto, ele não podia ter estado em Nova Iorque, a catorze de Outubro ?

- De forma nenhuma Outra testemunha apareceu no ecrã.

- Importa-se de nos dizer qual a sua ocupação ?

- Sou gerente do Hotel Boston Park.

- Estava de serviço no dia catorze de Outubro ?

- Sim, estava.

- E nesse dia passou-se alguma coisa de especial?

- Sim. Recebi um telefonema urgente da suite do último andar, pedindo para mandar um médico com a maior urgência.

- E o que se passou a seguir?

- Liguei para o doutor Joseph Russell e pedi-lhe que viesse imediatamente. Assim que ele chegou, subimos para a suíte para ver o que se passava com o hóspede, o senhor Altieri.

- E o que foi que viu quando lá chegou ?

- O senhor Altieri estava caído no chão.

Diane empalideceu.

- Eles estão a mentir - disse com voz rouca. - Os dois.

Anthony Altieri estava a ser entrevistado. Tinha um aspecto frágil e doente.

- Tem alguns planos para o futuro imediato, senhor Altieri?

- Agora que foi feita justiça, vou levar as coisas com calma. - Altieri sorriu debilmente. - Talvez cobrar umas dívidas antigas.

Kelly não sabia o que dizer. Virou-se para Diane.

- Você testemunhou contra ele?

- Testemunhei. Eu vi-o matar...

As mãos a tremer de Kelly entornaram um pouco do chá por cima de um saleiro.

- Eu vou-me pôr a andar daqui para fora.

- Porque é que ficou assim tão nervosa de repente?

- Porque é que fiquei nervosa? Você tentou mandar o chefe da Máfia para a cadeia e ele agora está livre e diz que vai cobrar algumas dívidas antigas, e você ainda me pergunta porque é que eu estou assim nervosa? Eu, no seu lugar, estaria bem nervosa. - Kelly levantou-se e lançou umas moedas sobre a mesa. - Eu pago. E melhor que poupe o seu dinheiro para poder fazer uma viagem, senhora Stevens.

- Espere! Não falámos sequer dos nossos maridos, nem...

- Esqueça. - Kelly dirigiu-se para a porta e Diane, relutante, acabou por a acompanhar.

- Acho que está a exagerar - disse Diane.

- Acha?

No momento em que chegaram à porta, Kelly disse:

- Não consigo perceber como é que foi tão estúpida a ponto de...

Um senhor de idade que acabava de entrar escorregou e começou a cair. Por instantes, Kelly viu-se em Paris e era Mark quem caía, e dobrou-se para o ajudar, e no mesmo instante Diane atirou-se também para a frente para o ajudar. Nesse preciso instante, do outro lado da rua, ouviu-se o som de dois disparos e as balas esmagaram-se na parede onde as mulheres tinham acabado de estar. A explosão trouxe Kelly de imediato de volta à realidade. Estava em Manhattan e acabara de tomar chá com uma mulher maluca.

- Meu Deus! - exclamou Diane. - Nós...

- Agora não é altura para começar a rezar. Vamos mas é pirar-nos daqui para fora!

E Kelly puxou Diane até à curva onde Colin estava, junto da limusina. Ele abriu a porta e Kelly e Diane entraram de rompante para o banco traseiro.

- O que foi aquele barulho? - perguntou ele.

As duas mulheres estavam sentadas, atordoadas, incapazes de falar. Por fim, Kelly respondeu:

- Eeer... Deve ter sido um tubo de escape - e virou-se para Diane, que se tentava recompor. - Espero não estar a exagerar - comentou, sarcástica. - Eu deixo-a em casa. Onde mora?

Diane respirou fundo e deu a Colin a morada do apartamento.

As duas mulheres viajaram em gélido silêncio, abaladas por tudo o que acabara de se passar.

Assim que o carro parou em frente do prédio, Diane virou-se para Kelly:

- Importa-se de entrar? Ainda estou um pouco abalada e tenho a sensação de que ainda se vão passar mais coisas.

Kelly respondeu secamente:

- Também eu... Mas a mim não me vai acontecer mais nada.

Adeus, senhora Stevens.

Diane olhou por momentos para Kelly e ia começar a dizer qualquer coisa, mas desistiu, abanou a cabeça e saiu do carro.

Kelly ficou a olhar enquanto Diane passava pelo átrio do prédio! e entrava no seu apartamento no primeiro andar, e depois deu um suspiro de alívio.

Colin perguntou:

- E agora para onde, senhora Harris?

- De volta ao hotel, Colin, e...

Ouviu-se um grito que vinha do apartamento. Kelly hesitou um instante e em seguida abriu a porta do carro e correu para dentro do prédio. Diane deixara a porta do apartamento escancarada e estava no meio da sala a tremer.

- O que foi que aconteceu?

- Alguém... alguém entrou aqui. A pasta de Richard que estava sobre a mesa desapareceu. Estava cheia de papéis. E no seu lugar deixaram a aliança de casamento dele.

Kelly olhou em redor, nervosa.

- O melhor é chamar a polícia.

- Concordo.

E Diane lembrou-se do cartão que o detective Greenburg deixara em cima da mesa. Dirigiu-se à mesa, pegou no cartão e um minuto depois falava ao telefone:

- Queria falar com o detective Greenburg, por favor.

Momentos depois ouviu-se:

- Greenburg.

- Detective Greenburg, fala Diane Stevens. Aconteceu uma coisa cá em casa. Será que podia vir cá e... Muito obrigada.

Diane respirou fundo e virou-se para Kelly:

- Ele vem já. Se não se importar de esperar até ele...

- Claro que me importo. Este problema é seu. E eu não queo ter nada a ver com isto. E, já agora, pode dizer-lhe que houve alguém que a tentou matar. Eu, quanto a mim, vou partir para Paris. Adeus, senhora Stevens.

E Diane ficou a ver Kelly sair e entrar na limusina.

- Para onde? - perguntou Colin.

- Para o hotel, por favor.

Onde estaria a salvo.

CAPÍTULO 21

Quando Kelly regressou ao seu quarto de hotel constatou que continuava perturbada com o que se passara. A sensação de ter estado tão perto de ser morta era terrível. A última coisa que eu agora preciso é de uma loura maluca a fazer com que me matem.

Deixou-se cair num sofá enquanto se tentava acalmar e fechou os olhos. Tentou meditar e concentrar-se num mantra, mas sem sucesso. Estava demasiado perturbada. Havia uma sensação de vazio, de solidão, enraizada dentro dela. Mark, sinto tanto a tua falta. As pessoas dizem que com o tempo passa, que me vou sentir melhor. Mas não é verdade, meu querido. Cada novo dia é pior do que o anterior.

O som de um carrinho com comida a ser empurrado pelo corredor fez com que Kelly se apercebesse de que não tinha comido nada durante todo o dia. Não sentia fome, mas sabia que tinha que manter as forças.

Telefonou para o serviço de quartos:

- Quero uma salada de camarão e chá quente, por favor.

- Com certeza. Estará aí dentro de vinte cinco a trinta minutos, senhora Harris.

- Óptimo.

E Kelly desligou. Deixou-se ficar sentada a rever mentalmente o seu encontro com Tanner Kingsley e sentiu-se como se tivesse sido acabada de lançar num tremendo pesadelo. O que diabo se passava? Porque é que o Mark nunca lhe falara de Olga? Seria uma relação de negócios ? Um romance? Mark, meu querido, quero que tu saibas que se tiveste um romance com alguém, eu te perdoo, porque eu amo-te e amar-te-ei sempre. Tu ensinaste-me o que era o amor. Eu era uma pessoa fria e tu foste capaz de me aquecer. Devolveste-me o meu orgulho, e fizeste com que eu me sentisse uma mulher.

Pensou em Diane. Aquela bisbilhoteira acabou por pôr a minha vida em risco. Ali está alguém a evitar. O que não vai ser difícil. Amanhã já estarei em Paris, com a Angel.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo som de alguém bater à

porta: "Serviço de quartos".

- Um momento, por favor. - Kelly levantou-se e dirigiu-se para a porta, quando de repente estacou, perplexa. Acabara há uns minutos de encomendar. Tão rápido! - Só um momento - pediu.

- Com certeza.

Kelly pegou no telefone e ligou para o serviço de quartos.

- O meu pedido ainda não chegou.

- Estamos a terminá-lo, senhora Harris. Estará aí daqui a quinze ou vinte minutos.

Kelly desligou, com o coração a bater descompassado. Ligou para a telefonista.

- Tem... tem um homem a tentar entrar no meu quarto.

- Vou já mandar o segurança, senhora Harris.

Dois minutos depois ouviu de novo a baterem à porta. Kelly dirigiu-se receosa para a porta.

- Quem é?

- Segurança.

Kelly olhou para o relógio. Demasiado rápido.

- Já abro. - E correu para o telefone e ligou de novo para a telefonista.

- Eu liguei agora mesmo a pedir segurança e...

- Ele vai já a caminho, senhora Harris. Deve chegar aí dentro de um minuto ou dois.

- E como é que ele se chama? - A voz dela estava tensa de medo.

- Thomas.

Kelly ouvia murmúrios do lado de fora da porta. Comprimiu o ouvido contra a porta até que o som das vozes desapareceu. Ali ficou, aterrorizada.

Um minuto mais tarde bateram à porta.

- Quem é?

- Segurança.

- Bill? - perguntou Kelly, e susteve a respiração.

- Não, senhora Harris. O meu nome é Thomas.

Kelly abriu imediatamente a porta e deixou-o entrar.

Ele olhou por momentos para ela e perguntou:

- O que foi que aconteceu?

- Uns... uns homens tentaram entrar aqui no meu quarto.

-Conseguiu vê-los?

- Não. Só os ouvi. Importa-se de ir comigo para eu apanhar táxi?

- Com certeza, senhora Harris.

Kelly tentava obrigar-se a ficar calma. Demasiado estava a acontecer e demasiado depressa.

Thomas permaneceu junto dela enquanto entraram no elevador Quando chegaram ao átrio do hotel, Kelly olhou em volta, mas não conseguiu ver nada de suspeito. Caminharam até lá fora e, quando chegaram junto da paragem dos táxis, Kelly disse: - Muito obrigada. Agradeço-lhe muito.

Kelly entrou para um táxi e, quanto olhou pelo retrovisor, viu dois homens a correr e a entrarem apresados para um limusina que estava parada ali perto.

- Para onde? - perguntou o motorista.

A limusina colocou-se mesmo atrás do táxi. Em frentes deles, um polícia dirigia o trânsito.

- Siga sempre em frente - pediu Kelly.

- Certo.

Quando se aproximaram da luz verde, Kelly disse ao homem, ansiosa:

- Quero que abrande e que espere que a luz mude para amarelo, e em seguida vire rapidamente para a esquerda.

O motorista olhou para ela pelo espelho:

- O quê?

- Não passe com a luz verde. Espere que mude para amarelo.

- Ela via a expressão do homem reflectida no espelho. Kelly obrigou-se a sorrir:

- Estou a tentar ganhar uma aposta.

- Oh! - Mais um passageiro doido.

Assim que a luz mudou de verde para amarelo, Kelly pediu:

- Agora!

O táxi fez uma viragem brusca para a esquerda no momento preciso em que a luz passava a vermelho. Atrás deles, o polícia parava o trânsito seguinte. Os homens na limusina viraram-se um para o outro, em frustração.

Assim que o táxi percorreu um quarteirão, Kelly exclamou:

- Oh! Esqueci-me de uma coisa. Tenho de sair aqui.

O motorista encostou ao passeio e Kelly saiu, dando-lhe algum dinheiro.

- Aqui tem.

Ele ficou a olhar enquanto ela entrava apressadamente num edifício de consultórios médicos. Só espero que vá ver um psiquiatra.

Na esquina, no momento em que a luz passou a verde, a limusina virou para a esquerda. O táxi levava dois quarteirões de vantagem e eles apressaram-se a apanhá-lo.

Cinco minutos mais tarde, Kelly chamava outro táxi.

No apartamento de Diane Stevens, o detective Greenburg perguntava:

- Senhora Stevens, conseguiu ver a pessoa que disparou contra si?

Diane abanou a cabeça:

- Não, tudo se passou tão depressa...

- Seja lá quem foi, não estava a brincar. Os homens da balística tiraram as balas da parede e eram calibre quarenta e cinco, capazes de furar uma armadura. A senhora teve muita sorte... - Hesitou.

- Pensamos que a pessoa que o fez deve ter ido a mando de Anthony Altieri.

Diane engoliu em seco. Vou levar as coisas com calma... Cobrar umas

dívidas antigas.

- Nós estamos a verificar essa hipótese.

Diane acenou com a cabeça.

Greenburg estudou-a por momentos: - Quanto à pasta que desapareceu, faz alguma idéia do que lá estava dentro?

- Não sei bem. Richard levava-a com ele para o laboratório todas as manhãs e trazia-a sempre para casa à noite. Uma vez vi os papéis e eram coisas muito técnicas.

Greenburg pegou na aliança que estava sobre a mesa.

- E a senhora diz que o seu marido nunca tirava a aliança?

- Sim. Exactamente.

- Nos dias anteriores à morte dele, o seu marido agiu de alguma forma diferente, como se estivesse sob grande pressão ou preocupado com alguma coisa? Lembra-se de alguma coisa que ele tenha dito ou feito na última noite que o viu?

Era manhã bem cedo, estavam deitados, nus, e Richard acariciava-lhe as coxas com suavidade e disse:

- Hoje à noite vou ter que trabalhar até tarde, mas guarda uma ou duas horas para mim, para quando eu chegar, meu amor.

Ela tocara-lhe onde ele gostava de ser tocado e respondera:

(Nota da revisora: aqui um pequeno trecho truncado. Impossível transcrever) - o favor de dizer aos seus amiguinhos da Máfia que me deixem... e eu lutava para tentar não entrar em histeria.

- Fanfarrão.

- Senhora Stevens?

Diane foi bruscamente chamada à realidade.

- Não. Nada fora do normal.

- Vou arranjar-lhe protecção - disse Greenburg.

A campainha da porta da frente tocou. - Está à espera de alguém?

- Não.

Greenburg acenou com a cabeça. - Eu abro.

Caminhou até à porta e abriu-a. Kelly Harris entrou de rompante e empurrou-o para o lado. Dirigiu-se a Diane:

- Temos que falar.

Esta olhou para ela espantada. - Pensei que ia a caminho de Paris!?

- Resolvi fazer um desvio.

Greenburg juntou-se-lhes.

- Este é o detective Earl Greenburg. Kelly Harris.

Kelly virou-se para Greenburg:

- Alguém tentou forçar a entrada no meu quarto no hotel, detective.

- E chamou a segurança?

- Chamei. Já se tinham ido embora. Um segurança acompanhou-me até cá abaixo.

- Faz alguma idéia de quem eles eram?

- Não.

- Quando diz que alguém tentou forçar a entrada no seu quar to, quer com isso dizer que tentaram forçar a porta?

- Não. Eles limitaram-se a ficar do lado de fora. Fingiram que eram do serviço de quartos.

- E a senhora tinha pedido alguma coisa?

- Tinha.

Diane interrompeu:

- Então é natural que estivesse a imaginar coisas, devido ao que se passou hoje, esta manhã...

Kelly virou-se irritada para ela:

- Ouça lá. Eu disselhe que não queria ter nada a ver com isto nem consigo. Vou fazer as malas e partir para Paris hoje à tarde.

E ficaram os dois a olhar enquanto ela saía.

- O que foi isto? - perguntou Greenburg.

- O marido dela foi... foi morto. Trabalhava para a mesma em presa que Richard, o Kingsley Internacional Group.

Quando Kelly regressou ao seu hotel, dirigiu-se imediatamente à recepção:

- Eu vou-me embora - informou. - Pode fazer-me uma reserva no próximo avião para Paris?

- Com certeza, senhora Harris. Tem preferência por alguma companhia?

- Só quero que me tirem daqui.

Kelly atravessou o átrio, entrou num dos elevadores e premiu o botão para o quarto andar. No momento em que as portas se fechavam, dois homens forçaram-nas a abrir e entraram. Kelly estudou-os durante uns segundos, depois saiu rapidamente para o átrio. Aguardou até que as portas se fechassem e dirigiu-se às escadas e começou a subir. Não vale a pensa correr riscos, pensou.

Assim que chegou ao quarto andar, um homem enorme barrava-lhe a passagem.

- Com licença - pediu Kelly e começou a tentar passar por ele.

- Chiu! - Ele apontava-lhe uma arma com um silenciador.

Kelly empalideceu.

- O que é que...

- Calada. Penso que tem o número correcto de buracos, minha senhora. A não ser que pretenda ter mais outro, esteja quieta. Muito quieta. Você e eu vamos descer as escadas.

O homem sorria, mas quando Kelly olhou mais de perto verificou que uma facada que ele recebera no lábio superior lhe repuxara a boca, obrigando-a a sorrir constantemente. Tinha o olhar mais gelado que Kelly alguma vez vira.

- Vamos embora.

Não! Eu não estou disposta a morrer por causa daquela cabra!.

- Ei! Espere aí um segundo. Você está enganado...

E sentiu a arma a esmagar-se contra as costelas com tal força que

sentiu vontade de gritar.

- Eu disselhe para estar calada! Vamos a pé para baixo.

- Por favor - pediu baixinho. - Eu não sou... - A dor que Ele segurava-lhe o braço, magoando-a, a arma oculta na mão atrás das costas.

Sentiu quando ele lhe espetou a arma contra a coluna, era terrível. Ele apertava-lhe o braço com tanta força que sentia o sangue a pulsar Começaram a descer as escadas. Chegaram ao átrio. Estava cheio de gente e, quando Kelly pensou na possibilidade de gritar para pedir ajuda, o homem disse: - Nem sequer pense nisso.

E chegaram lá fora. Havia uma carrinha à espera na curva. Dois carros mais acima, um polícia passava uma multa de estacionamento. O captor de Kelly conduziu-a para a porta traseira da carrinha.

- Entra - ordenou.

Kelly olhou de soslaio para o polícia mais à frente.

- Está bem - berrou Kelly em voz alta e zangada. - Eu faço-o, mas antes quero dizer-lhe uma coisa. Aquilo que quer que eu faça vai-lhe custar mais cem dólares. Acho que é nojento.

O polícia virara-se para ver o que se estava a passar. O homenzarrão olhava firmemente para ela.

- Mas que raio está...

- Se não me pagar, então esqueça, seu sacana.

Kelly começou a caminhar rapidamente na direcção do polícia. O homem olhava para ela. Os seus lábios sorriam, mas o seu olhar era letal.

Kelly apontou para ele:

- Aquele pervertido está a incomodar-me.

Olhou para trás, para ver o polícia que se dirigia ao matulão. Entrou para um táxi que estava parado.

Assim que o matulão começou a entrar na carrinha, o polícia chamou-o:

- Espere um momento, senhor! Segundo a lei deste estado, é proibido angariar os serviços de uma prostituta.

- Mas eu não...

- Mostre-me os seus papéis. Como se chama?

- Harry Flint.

E Flint ficou a ver o táxi de Kelly a partir apressadamente dali para fora. Aquela puta! Eu mato-a! Devagarinho!

CAPÍTULO 22

Kelly saiu do táxi à porta do prédio de Diane, atravessou como um furacão a porta da rua e premiu o botão da campainha. A porta de casa foi aberta pelo detective Greenburg.

- Posso...?

Kelly viu Diane na sala e passou rapidamente por ele.

- Mas afinal o que se passa? - perguntou Diane. - Você disse que...

- Você é que me vai dizer o que se passa. Eu disselhe para dizer aos seus amigos da Máfia para me deixarem em paz. Só que tentaram apanhar-me outra vez. Porque é que os seus amiguinhos estão tão interessados em me matar?

- Eu... Eu não faço a mínima idéia. Eles não... Se calhar viram-nos juntas e pensaram que somos amigas e...

- Pois a verdade é que não o somos, senhora Stevens. Tire-me disto.

- Mas, do que é que está a falar? Como é que eu posso...?

- Da mesma maneira que me meteu. Quero que diga ao seu amiguinho Altieri que acabámos de nos conhecer e que você nunca me tinha visto antes. Não estou disposta a deixar que alguém me mate por causa de uma estupidez sua.

- Eu não posso... - respondeu Diane.

- Ai pode, pode. Você vai falar com o Altieri e vai fazê-lo agora.

Não saio daqui enquanto não o fizer.

- O que me está a pedir é impossível - respondeu Diane. - Lamento muito que tenha acabado por ser envolvida em tudo isto, mas... - Ficou por instantes pensativa e em seguida virou-se para o detective Greenburg: - Acha que se eu falar com Altieri ele é capaz de nos deixar às duas em paz?

- Ora aí está uma pergunta interessante - respondeu ele. - E possível. Principalmente se pensar que nós estamos de olho nele.

- Quer falar pessoalmente com ele? - gaguejou Diane.

- Não. Eu...

- O que ela quer dizer é sim – interrompeu Kelly.

A casa de Anthony Altieri era um edifício clássico em pedra, do tipo colonial, em Hunterdon County, New Jersey. A enorme casa surgia no fundo de uma rua sem saída e estava rodeada por cinqüenta acres de terra, cercados por uma enorme vedação em ferro. Nos terrenos em volta da casa havia enormes árvores, lagos e um jardim colorido.

Numa guarita junto ao portão de frente estava sentado um guarda. Assim que o carro com Greenburg, Kelly e Diane se aproximou, o guarda saiu da guarita e abeirou-se deles.

Reconheceu Greenburg.

- Boas tardes, tenente.

- Como estás, César? Queremos falar com o senhor Altieri.

- Traz um mandado de captura?

- Não é esse tipo de visita. Esta é uma visita social.

O guarda olhou para as duas mulheres.

- Queiram aguardar aqui. - Entrou na guarita e uns minutos mais tarde saiu e abriu o portão. - Façam o favor de entrar.

- Muito obrigado. - E Greenburg guiou até à frente da casa.

Assim que os três saíram do carro, apareceu um segundo guarda.

- Sigam-me.

E conduziu-os lá para dentro. A enorme sala de estar era uma eclética combinação de antiguidades e mobílias modernas e francesas. Apesar de o dia estar quente, na enorme lareira de pedra ardia um fogo. O trio seguiu o guarda através da sala até um quarto de dormir escurecido. Anthony Altieri estava deitado na cama, ligado a um ventilador. O seu aspecto era pálido e exangue e parecia ter envelhecido consideravelmente desde que aparecera em tribunal. A seu lado estava um padre e uma enfermeira.

Altieri olhou para Diane, Kelly e Greenburg e em seguida voltou o olhar de novo para Diane. Quando falou, a sua voz era rouca e áspera:

- Que diabo quer daqui?

- Senhor Altieri - disse Diane - quero que nos deixe, a mim e à senhora

Harris, em paz. Chame os seus homens. Já não chega que tenha mandado matar o meu marido...

Altieri interrompeu-a:

- Mas do que é que está para aí a falar? Eu nunca ouvi falar sequer no seu marido. Li sobre aquela treta da mensagem que encontraram no bolso dele. - E troçou: - Vais nadar com os peixinhos.

Há para aí alguém que viu demasiados episódios de Os Sopranos. Eu não ando atrás de si. Quero lá saber se está viva ou morta. Eu não ando atrás de absolutamente ninguém... - E estremeceu de dor. - Estou demasiado ocupado a fazer as pazes com Deus. Eu... - e engasgou-se.

O padre virou-se para Diane:

- Penso que é melhor que saia.

- O que se passa? - perguntou o detective Greenburg.

- Cancro - respondeu o padre.

Diane olhou para o homem deitado na cama. Quero lá saber se está viva ou morta... Eu não ando atrás de absolutamente ninguém... Estou demasiado ocupado a fazer as pazes com Deus. Ele estava a falar verdade.

De repente, Diane sentiu-se invadida por um pânico terrível e cego.

Na viagem de regresso de casa de Altieri, Greenburg parecia preocupado:

- Tenho de reconhecer que me pareceu que ele falava verdade.

- Também eu. O homem está a morrer - concordou relutantemente Kelly.

- Alguma de vocês tem idéia da razão por que alguém vos quer matar?

- Não - respondeu Diane. - Se não é Altieri... - e abanou a cabeça - não faço a mínima idéia.

- Nem eu - disse Kelly e engoliu em seco.

O detective Greenburg escoltou Diane e Kelly até ao apartamento da primeira.

- Vou ter de trabalhar nisto agora - disse -, mas vocês aqui estão em segurança. Dentro de quinze minutos vão ter um carro da polícia em frente do

apartamento para as próximas vinte e quatro horas, e depois logo veremos o que podemos fazer. Se precisarem de mim, telefonem.

E foi-se embora. Diane e Kelly ficaram a olhar uma para a outra. Fez-se um silêncio embaraçoso.

- Quer tomar um chá? - perguntou Diane.

- Café - respondeu Kelly, perversa.

Diane olhou para ela com irritação e por fim respondeu, suspirando:

- Como queira - e partiu para a cozinha. Kelly vagueou pela sala a ver os quadros.

No momento em que Diane saiu da cozinha, Kelly observava um dos quadros de Diane.

- Stevens - disse, virando-se para ela. - Foi você quem pintou isto?

- Sim - respondeu Diane.

- Bonito - comentou Kelly num tom de voz depreciativo.

Os lábios de Diane apertaram-se:

- Percebe muito de arte?

- Nem por isso, senhora Stevens.

- E de quem é que gosta? A Grandma Moses, imagino!

- É interessante.

- E que outros artistas primitivos lhe tocam o coração? Kelly virou-se para Diane:

- Para ser honesta, prefiro a representação curvilínea, não representativa. É claro que há excepções. Por exemplo, em A Vénus de Robin de Ticiano, o lançamento diagonal da forma dela é simplesmente de cortar a respiração e...

Da cozinha veio o som do café a passar pelo filtro.

- O café está pronto - disse Diane secamente.

Sentaram-se em frente uma da outra na sala de estar, taciturnas, deixando esfriar o café. Foi Diane quem quebrou o silêncio:

- Ocorre-lhe alguma razão para alguém nos querer matar?

- Não. - E também Kelly ficou calada por alguns momentos.

- A única ligação que existe entre nós é o facto de que ambos os nossos maridos trabalhavam para o KIG. Talvez estivessem envolvidos num projecto qualquer que era top-secret. E quem quer que seja que nos quer matar, pensa que eles falaram connosco.

Diane empalideceu. - Sim...

Olharam uma para a outra consternadas.

No seu gabinete, Tanner observava num dos ecrãs na parede a cena que se desenrolava no apartamento de Diane. Com ele estava o seu chefe de segurança.

- Não... A única ligação que existe entre nós é o facto de que ambos os nossos maridos trabalhavam para o KIG. Talvez estivessem envolvidos num projecto qualquer que era top-secret. E quem quer que seja que nos quer matar, pensa que eles falaram connosco.

- Sim...

O apartamento dos Stevens fora trabalhado com tudo o que havia de topo de gama em matéria de televisão e som. Tal como Tanner dissera ao amigo, a casa estava repleta de tecnologia de ponta. Havia sistemas de vídeo ocultos em todas as divisões, com uma câmara web do tamanho de um botão oculta no meio dos livros, fios de fibra óptica passados pelas portas e uma câmara sem fios. No sótão, fora instalado um servidor de vídeo do tamanho de um computador portátil, para servir seis câmaras; ligado a ele, havia um modem sem fios que permitia que o equipamento funcionasse por tecnologia celular.

Quando Tanner se inclinou para a frente para observar com atenção o ecrã, Diane dizia:

- Temos que descobrir em que é que os nossos maridos estavam a trabalhar.

- Concordo. Mas vamos precisar de ajuda. E como o vamos fazer?

- Podemos telefonar ao Tanner Kingsley. Ele é a única pessoa que nos pode ajudar e ele também anda a tentar saber quem está pode detrás de tudo isto.

- Então vamos ligar-lhe.

- Pode dormir cá - disse Diane. - Aqui estará em segurança.

Há um carro da polícia parado lá fora. - E dirigiu-se à janela e puxou a cortina para trás. Não se via carro nenhum.

Ficou parada por momentos a olhar e sentiu um arrepio.

- Mas que estranho - comentou. - Devia estar ali um carro patrulha. Vamos telefonar.

Diane tirou o cartão do detective Greenburg de dentro da carteira, dirigiu-se ao telefone e marcou um número.

- Queria falar com o detective Greenburg, por favor.

Ficou a ouvir por instantes.

- Tem a certeza? Sim... Estou a perceber. Posso então falar com o detective Praegitzer? - Fez-se outro silêncio. - Sim, muito obrigada. - Diane pousou devagarinho o telefone.

Kelly olhava para ela.

- O que se passa?

- Os detectives Greenburg e Praegitzer foram transferidos para outra esquadra.

Kelly engoliu em seco.

- Mas que estranha coincidência, não acha?

- Lembrei-me agora de uma coisa - disse Diane.

- O quê?

- O detective Greenburg perguntou-me se nos últimos tempos Richard fizera alguma coisa fora da rotina habitual. Houve uma coisa que me esqueci de mencionar. Sei que ele ia a Washington falar com alguém. Eu às vezes ia com ele, mas desta vez ele insistiu que era melhor que eu ficasse em casa.

Kelly olhava para ela com uma expressão de espanto no rosto.

- Mas isso é muito estranho. Mark também me disse que iria a Washington e que tinha de ir sozinho.

- Temos de descobrir porquê.

Kelly caminhou até à janela e puxou as cortinas para trás.

- Continua a não haver carro nenhum. - E virou-se para Diane.

- Acho melhor sairmos rapidamente daqui para fora.

- Concordo - respondeu a outra. - Conheço um pequeno hotel meio escondido, em Chinatown, chamado The Mandarin. Nunca ocorrerá a ninguém procurar aí por nós. Depois telefonamos do quarto ao senhor Kingsley.

Tanner virou-se para o seu chefe da segurança, Harry Flint, o do sorriso perpétuo, e ordenou:.. - Mata-as.

CAPÍTULO 23

Harry Flint é perfeitamente capaz de tomar conta delas, pensou Tanner com satisfação. Nunca lhe falhara.

Tanner achava engraçada a forma como Flint entrara na sua vida. Há alguns anos, o irmão Andrew, menino bonito dos corações feridos de todo o mundo, criara uma casa de transição para presos acabados de sair da cadeia, com a finalidade de os ajudar na reinserção na vida normal. Em seguida encontrava-lhes trabalho.

Tanner tinha um plano muito mais útil para os ex-criminosos, pois acreditava que ex-criminosos era coisa que não existia. Através dos seus contactos, conseguia obter informações privadas sobre o passado dos presos recém libertos, e se tinham as qualificações de que Tanner precisava, saíam da casa de transição e começavam a trabalhar directamente com Tanner, executando aquilo a que ele chamava "delicadas tarefas de nível particular".

Conseguira que um ex-condenado chamado Vince Carballo começasse a trabalhar para o KIG. Era um homem forte com uma barba hirsuta e olhos azuis penetrantes como adagas. Tinha um longo cadastro. Fora julgado por assassínio. As provas contra ele eram tremendas, mas um membro do júri teimara em absolvê-lo e no final acabara por haver um empate nos jurados. Poucas pessoas sabiam que a pequena filha do membro do júri desaparecera e que fora deixada uma nota onde se lia: Se não falar acerca disto, o destino da sua filha será determinado pelo veredicto do júri.

Tanner ouvira também falar num ex-presidiário de nome Harry Flint. Investigara minuciosamente o seu passado e concluíra que era perfeito para os seus objectivos.

Harry Flint nascera em Detroit, numa família de classe média. O Pai era um amargo vendedor falhado, que passava o tempo sentado em casa a queixar-se. Era um mandão sádico e à menor infracção do filho deliciava-se em bater-lhe com uma régua, um cinto, ou o que quer que encontrasse à mão, como se pretendesse punir o filho pela sua incapacidade.

A mãe do miúdo trabalhava como manicura num barbeiro. Enquanto o pai era um tirano, a mãe era-lhe completamente devotada e mimava-o, e, à medida que o jovem Harry crescia, foi ficando emocionalmente dividido entre

estes dois opostos.

Os médicos tinham dito à sua mãe que era demasiado velha para ter filhos, por isso ela considerara a sua gravidez como um milagre. Depois do nascimento dele, acariciava-o amorosamente e abraçava-o, fazendo-lhe festas e beijando-o até Harry se sentir sufocado com tanto amor. A medida que crescia, começou a detestar que lhe tocassem.

Quando Harry Flint chegou aos catorze anos encurralou um rato na cave e deu-lhe pontapés. Enquanto olhava para o rato a morrer dolorosamente, Harry Flint teve uma epifania. De repente percebeu que tinha o tremendo poder de tirar a vida, de matar. Fê-lo sentir-se Deus. Era omnipotente, todo poderoso. Precisava de voltar a sentir a mesma coisa, por isso começou a caçar furtivamente pequenos animais pelas vizinhanças, e estes tornaram-se suas presas. Não havia nada de pessoal nem de maldoso naquilo que Flint fazia. Limitava-se a usar o talento que Deus lhe dera.

Os furiosos vizinhos cujos animais de estimação estavam a ser torturados e mortos queixaram-se às autoridades e foi montada uma armadilha para o apanharem. A polícia colocou um Scottish Terrier na jardim relvado de uma casa, preso por uma trela para evitar que fugisse, e montou vigilância. Uma noite, enquanto a polícia vigiava, Harry Flint aproximou-se do animal. Abriu-lhe a boca e começou a enfiar-lhe um pau de fogo de artifício a arder pela boca do bicho. A polícia saltou-lhe em cima. Quando o revistaram, encontram-lhe no bolso uma pedra coberta de sangue e uma navalha com uma lâmina de quinze centímetros.

Foi mandado para o Challenger Memorial Youth Center por doze meses.

Uma semana depois da sua chegada, atacou um dos rapazes, deixando-o bastante mutilado. Os psiquiatras que o examinaram diagnosticaram-lhe uma esquizofrenia paranóide.

- Ele é psicótico - disse o médico, avisando os guardas que o tinham a seu cargo. - Tenham cuidado. Mantenham-no afastado dos outros.

Quando Harry Flint terminou a sua pena, tinha quinze anos e saiu em liberdade condicional. Voltou para a escola. A maior parte dos seus companheiros consideraram-no um herói. Muitos deles já andavam metidos em vários tipos de pequenos crimes, roubos de carteiras, roubo por esticão e roubos em lojas, e depressa ele se tornou chefe do grupo.

Uma noite, numa rixa num beco, uma faca cortou um dos cantos da boca de Harry, deixando-o para sempre com um sorriso constante.

À medida que os rapazes iam crescendo, foram-se virando para o furto de viaturas, assaltos e roubos. Um dos roubos que efectuaram tornou-se violento e um lojista acabou por ser morto. Harry Flint foi condenado por assalto à mão armada e por cumplicidade em assassinato e condenado a dez anos de cadeia. Foi o prisioneiro mais perverso que o superintendente da cadeia alguma vez viu.

Havia algo nos olhos de Harry Flint que fazia com que os outros presos não se metessem com ele. Ele aterrorizava-os constantemente, mas nunca ninguém se atreveu a denunciá-lo.

Um dia, quando um guarda passava junto da sua cela ficou a olhar lá para dentro sem poder acreditar. O companheiro de cela de Flint estava caído no meio de uma poça de sangue. Fora sovado até à morte.

O guarda olhou para Flint e havia um sorriso de satisfação no seu rosto.

- Muito bem, seu cabrão. Desta é que tu não vais conseguir escapar. Podemos começar a aquecer a cadeira para ti.

Flint devolveu-lhe o olhar e, devagarinho, levantou o braço esquerdo. Enterrado na carne tinha uma faca de talho.

- Legítima defesa - respondeu friamente Flint.

O preso na cela em frente jamais contou fosse a quem fosse que vira Flint sovar selvaticamente o seu companheiro de cela até à morte e que em seguida sacara de uma faca de talho de dentro do colchão e a enterrara no braço.

A característica que Tanner mais admirava em Flint é que ele gostava muito do seu trabalho.

Lembrava-se da primeira vez que Flint lhe provara como podia ser útil. Fora durante uma viagem de urgência a Tóquio...

- Diga ao piloto que ponha o Challenger a trabalhar. Vamos ao Japão. E só nós os dois.

As notícias chegavam em má altura, mas tinham de ser tratadas imediatamente e eram demasiado delicadas para se poderem confiar a outra pessoa. Tanner conseguira que Akira Iso aceitasse encontrar-se com ele em Tóquio e que reservasse um quarto no Hotel Okura.

Enquanto o avião cruzava o oceano Pacífico, Tanner ia planeando a sua estratégia. Quando o avião aterrou ele arranjara uma solução em que não poderia perder.

A viagem de carro desde o aeroporto Narita demorou uma hora, e Tanner espantava-se com o facto de Tóquio nunca mudar. Em tempos de sucesso e em tempos de carência, a cidade parecia vestir sempre o mesmo rosto impassível.

Akira Iso aguardava-o no restaurante Fumiki Mashimo. Iso andava pelos cinqüenta anos, era magro, de cabelo grisalho e olhos escuros e brilhantes. Levantou-se para saudar Tanner.

- É para mim uma honra conhecê-lo, senhor Kingsley. Francamente, confesso que fiquei surpreso com o seu telefonema. Não faço idéia do que o levou a fazer toda esta viagem para se encontrar comigo.

Tanner sorriu.

- Sou portador de boas notícias que achei que eram demasiado importantes para serem faladas ao telefone. Penso que vou poder fazer de si um homem muito feliz, e também muito rico.

Akira Iso olhava para ele, curioso:

- Sim?

Um criado de casaco branco aproximou-se da mesa.

- Antes de começarmos a falar de negócios, que tal se pedíssemos?

- Como queira, senhor Kingsley. Conhece os pratos japoneses ou prefere que eu escolha por si?

- Muito obrigado. Eu posso pedir. Gosta de sushi?

- Sim.

Tanner virou-se para o criado.

- Eu quero hamachi-temaki, kaibasbira e amartbi.

Akira Iso sorriu.

- Parece-me bem - e olhou para o criado. - Eu quero a mesma coisa.

Enquanto comiam, Tanner disse:

- O senhor trabalha para uma excelente empresa, o Tokyo First Industrial Group.

- Muito obrigado.

- Há quanto tempo?

- Há dez anos.

- Isso já é muito tempo - e olhou para Akira Iso de frente. - Na realidade, acho que está chegada a altura de mudar.

-E porque havia eu de querer fazer uma coisa dessas, senhor Kingsley?

- Porque eu vou fazer-lhe uma oferta que não pode recusar. Não faço idéia de quanto dinheiro você ganha, mas estou disposto a pagar-lhe o dobro para sair e vir trabalhar connosco no KIG.

- Senhor Kingsley, isso não é possível.

- E porque não? Se é por causa de contrato, eu consigo tratar...

Akira Iso pousou os pauzinhos.

- Senhor Kingsley, no Japão, quando trabalhamos para uma empresa, é como uma família. E, quando já não podemos trabalhar mais, eles tomam conta de nós.

- Mas o dinheiro que eu lhe estou a oferecer...

- Não. Aisha seishin.

- Como?

- Significa que colocamos a lealdade acima do dinheiro. - Akira Iso olhou para ele com ar curioso. - Porque foi que me escolheu a mim?

- Porque ouvi muitos elogios à sua pessoa.

- Lamento que tenha feito uma viagem tão longa para nada, senhor Kingsley. Eu jamais deixarei o Tokyo First Industrial Group.

- Bom, tinha que tentar.

- Não fica ressentido?

Tanner encostou-se para trás e riu:

- Mas é claro que não. Bem gostaria que todos os meus empregados

me fossem assim leais. - De repente lembrou-se de uma coisa. - A propósito, trouxe um presente para si e para a sua família. Um meu associado vai levar-lho mais tarde ao seu hotel. Daqui a uma hora. Ele chama-se Harry Flint.

Uma empregada do turno da noite encontrou o corpo de Akira Iso pendurado num gancho, dentro de um armário. O veredicto oficial foi suicídio.

CAPÍTULO 24

O Mandarin Hotel, uma construção de dois pisos no meio de Chinatown, a três quarteirões da Mott Street, já vira melhores dias,.

Quando Kelly e Diane saíram do táxi, Diane reparou num enorme letreiro do outro lado da rua com a fotografia de Kelly num lindíssimo vestido de noite, a segurar um frasco de perfume. Diane olhou-o, espantada.

- Mas aquela é você!

- Está enganada - respondeu Kelly. - Aquilo é o que eu faço, senhora Stevens. Não é quem em sou. - E virou-se e entrou no átrio do hotel, seguida por uma exasperada Diane.

Atrás do balcão da pequena recepção estava sentado um empregado chinês a ler um exemplar do China Post.

- Queremos um quarto por uma noite - pediu Diane.

O recepcionista olhou para as duas mulheres elegantemente vestidas e quase se ouviu a dizer alto "Como? Aqui?", mas dominou-se e respondeu:

- Com certeza. - E olhou com mais atenção para as roupas de marca delas. - São cem dólares por noite.

- Cem...? - começou a dizer chocada Kelly, mas Diane interrompeu-a.

- Muito bem.

- Adiantados.

Diane abriu a carteira, tirou uma série de notas para fora e deu-as ao recepcionista. Este entregou-lhe uma chave.

- Quarto número dez, ao fundo do corredor, do lado esquerdo.

Têm bagagem?

- Vai chegar mais tarde - respondeu Diane.

- Se precisarem de alguma coisa é só chamarem por Ling.

- Líng? - perguntou Kelly.

- Sim, é a vossa criada de quartos.

- Ah, claro! - retorquiu, céptica, Kelly.

As duas mulheres começaram a andar pelo corredor mal iluminado.

Você pagou muito caro - disse Kelly.

Quanto vale para si um tecto seguro sobre a sua cabeça?

- Não estou lá muito convencida que este hotel tenha sido uma boa escolha - comentou Kelly.

Vai ter que servir até encontrarmos algo melhor. Mas não se preocupe. O senhor Kingsley vai cuidar de nós.

Quando chegaram ao número dez, Diane abriu a porta e entraram. O pequeno quarto cheirava e aparentava estar desocupado há muito tempo. Tinha duas camas grandes com colchas amarrotadas e duas velhas cadeiras junto de uma secretária estragada.

Kelly olhou em volta.

- Pode ser pequeno, mas é horroroso. Aposto que nunca foi limpo. - Pegou numa almofada e ficou a ver o pó a subir no ar. - Gostava de saber quando foi a última vez que a Ling passou por aqui.

- É só por hoje - assegurou-lhe Diane. - Vou então ligar ao senhor Kingsley.

Kelly ficou a olhar enquanto Diane se dirigia ao telefone e marcava o número do cartão que Tanner Kingsley lhe dera. A chamada foi imediatamente atendida.

- Fala Tanner Kingsley.

Diane suspirou de alívio.

- Senhor Kingsley, fala Diane Stevens. Peço desculpa por o estar a incomodar, mas eu e a senhora Harris precisamos da sua ajuda. Há alguém que nos quer matar e nós não fazemos a mínima idéia do que se está a passar. Estamos as duas escondidas.

- Ainda bem que ligou, senhora Stevens. Podem ficar descansadas. Acabámos de descobrir o que está por detrás de tudo isto. Não vão ter mais problemas. Posso garantir-lhe que, de agora em diante, a senhora e a senhora Harris estarão em perfeita segurança.

Diane fechou os olhos por instantes. Graças a Deus.

- Pode dizer-me quem...?

- Explico-lhe tudo quando nos encontrarmos. Agora fiquem onde estão. Vou mandar alguém para vos apanhar, dentro de trinta minutos.

- Isso é... - E a chamada foi desligada. Diane pousou o telefone e virou-se para Kelly a sorrir:

- Boas notícias! Os nossos problemas estão resolvidos.

- O que foi que ele disse?

- Disse que sabe quem está por detrás de tudo isto e que de agora em diante estamos em segurança.

Kelly suspirou.

- Excelente. Agora posso voltar para Paris e recomeçar a minha vida.

- Disse que ia mandar alguém para nos vir buscar dentro de meia hora.

Kelly olhou em redor do sujo quarto.

- Vou ter dificuldade em abandonar tudo isto.

- Vai ser estranho - comentou Diane tristemente virando-se para ela.

- O quê?

-Voltar para uma vida sem Richard. Não consigo imaginar como é que vou ser capaz de...

- Então não o faça - interrompeu bruscamente Kelly. - Minha senhora, não vamos entrar por esse caminho, senão eu não me vou agüentar. Não quero pensar nisso. Mark era toda a minha razão de viver, a minha única razão...

Diane olhou para o rosto inexpressivo de Kelly e pensou: Ela é como uma bela obra de arte sem vida - bela e fria.

Kelly sentou-se numa das camas de costas para Diane. Fechou os olhos bloqueando a dor que sentia no peito e lentamente... lentamente... lentamente...

Caminhava ao longo da margem esquerda com Mark, conversando sobre tudo e sobre nada, e Kelly pensou que nunca se sentira tão bem e tão à vontade com alguém na sua vida.

Dissera a Mark:

- Amanhã à noite vai haver uma inauguração de uma galeria, se estiveres interessado...

- Oh! Lamento, Kelly. Mas amanhã à noite tenho que fazer.

- Tens outro encontro? - perguntara com uma ponta de ciúme, enquanto tentava manter o tom de voz ligeiro.

- Não, não. Vou sozinho. É um banquete. - E viu a cara de Kelly. - É... é um jantar de cientistas. Tu ias-te aborrecer.

- Achas que sim?

- Tenho a certeza. Dizem-se muitas palavras que provavelmente nunca ouviste falar e...

- Acho que já ouvi falar sobre tudo - respondera, picada. - Porque não me experimentas?

- Sabes, não acho que seja boa idéia.

- Diz. Já sou crescidinha.

Ele suspirou.

- Está bem: anatripsologia... malacostracologia... aneroidógrafo...

- Oh! - exclamou Kelly. - Esse tipo de palavras.

- Eu sabia que isto não te ia interessar.

- Pois estás enganado. Isso interessa-me. - Porque te interessa a ti.

O banquete teve lugar no Hotel Prince de Galles e foi um acontecimento importante. Estavam cerca de três centenas de pessoas no salão de baile, entre elas os mais importantes dignitários de França. Um dos convidados na mesa da frente onde Kelly e Mark se sentavam era um homem muito atraente, com uma personalidade calorosa e muito agradável.

- O meu nome é Sam Meadows - disse a Kelly. - E já ouvi falar muito de si.

- E eu de si - respondeu ela. - Mark diz que o senhor é o seu mentor e o seu melhor amigo.

Sam Meadows sorriu.

- Sinto-me muito honrado por ser amigo dele. Mark é uma pessoa

muito especial. Trabalhámos juntos durante muito tempo.

Ele é a pessoa mais dedicada...

Mark ouvia, embaraçado.

- Alguém quer vinho? - perguntou, interrompendo.

O mestre de cerimónias apareceu no palco e os discursos começaram. Mark tinha toda a razão quando dissera que a noite não ia ter qualquer interesse para Kelly. Estavam a ser concedidos prémios científicos e técnicos e, no que lhe dizia respeito, os oradores podiam estar a falar chinês. Mas observava o entusiasmo espelhado no rosto do Mark e sentia-se feliz por estar ali.

Quando os pratos do jantar foram retirados, o presidente da Academia Francesa das Ciências subiu ao palco. Começou por elogiar as realizações que a França conseguira obter no ano anterior e foi só quando ele ergueu uma estatueta dourada e chamou pelo nome de Mark Harris que Kelly percebeu que ele era a estrela da noite.

O chinês olhou para cima quando Flint entrou no átrio do Mandarin Hotel.

- Em que posso ser útil? - Vira o sorriso de Flint e devolvia-o.

- A minha mulher e uma amiga acabaram de se instalar aqui. A minha mulher é loura e a amiga é uma miúda negra muito gira. Em que quarto estão?

Modestamente, não lhe contara nada. Era por isso que ele não queria que eu viesse. Kelly ficou a ver Mark a subir ao palco e a audiência a aplaudir calorosamente.

- Ele não me tinha falado sobre nada disto - disse Kelly a Sam Meadows.

Este sorriu.

- Típico de Mark. - E estudou Kelly por instantes. - Sabe que ele está perfeitamente apaixonado por si. Quer casar consigo. Fez uma pausa e disse com ar sério. - Espero que ele não se magoe.

Ao ouvir estas palavras, Kelly sentiu a culpa invadi-la. Mas eu não posso casar com Mark. Ele é um bom amigo, mas eu não estou apaixonada por ele. O que foi que eu fiz ? Não o quero magoar. O melhor é parar de o ver. Eu

nunca serei capaz de dar a um homem aquilo que ele espera receber de uma mulher. Como é que eu vou conseguir...

- Ouviu alguma coisa do que eu disse? O tom zangado na voz de Diane acordou Kelly do seu sonho. O belo salão de baile desapareceu e estava de novo num sujo quarto de hotel com uma mulher que só desejava nunca ter encontrado.

- O quê?

- Tanner Kingsley disse que dentro de meia hora vinha alguém para nos buscar - dizia Diane, ansiosa.

- Você disseme isso. E depois?

- É que ele nem sequer me perguntou onde é que nós estávamos.

- Provavelmente pensa que estamos no seu apartamento.

- Não. Eu disselhe que andávamos as duas escondidas.

Fez-se uns segundos de silêncio e os lábios de Kelly formaram um silencioso "Oh".

Ambas se viraram para olhar para o relógio em cima da mesa de cabeceira.

- No quarto número dez, mas infelizmente não o posso deixar entrar. Vai ter que telefo...

Flint ergueu uma pistola Rugerde calibre 45 equipada com silenciador e meteu uma bala na testa do recepcionista. Empurrou o corpo para trás do balcão e começou a caminhar pelo corredor, a arma a seu lado. Assim que chegou ao quarto número dez, recuou, deu dois passos, meteu os ombros à porta e entrou no quarto.

Estava vazio, mas através da porta fechada da casa de banho ouvia o som de água de um chuveiro a correr. Dirigiu-se à porta da casa de banho e escancarou-a. A torneira do chuveiro estava toda aberta e as cortinas corridas ondulavam suavemente. Flint disparou vários tiros para as cortinas, aguardou uns momentos e em seguida abriu-as.

Não estava lá ninguém.

Num restaurante do outro lado da rua, Diane e Kelly tinham visto a

carrinha SUV de Flint a chegar e depois ele a entrar no hotel.

- Meu Deus - exclamou Kelly. - Aquele foi o homem que me tentou raptar.

Aguardaram. Quando Flint surgiu um pouco depois, os seus lábios continuavam a sorrir, mas o seu rosto era uma máscara de fúria. Kelly virou-se para Diane.

- Lá vai o Godzila. E agora, que falso movimento vamos fazer a seguir?

- Temos de sair daqui.

- E vamos para onde? Eles vão estar a vigiar os aeroportos, as estações de comboio, as estações dos autocarros...

Diane ficou pensativa.

- Eu conheço um lugar onde eles não nos vão poder tocar.

- Deixe-me imaginar. A nave espacial que a trouxe cá para a Terra.

CAPÍTULO 25

O letreiro de néon em frente do edifício dizia WILTON HOTEL PARA MULHERES.

No átrio, Kelly e Diane faziam o seu registo sob nomes falsos. A mulher atrás do balcão deu uma chave a Kelly:

- Suite número quatro dois quatro. Têm bagagem?

- Não, nós...

- Perdeu-se - interrompeu Diane. - Chega cá amanhã de manhã. Entretanto, os nossos maridos vêm buscar-nos daqui a pouco.

Importa-se de lhes indicar o nosso quarto e...

A empregada abanou a cabeça.

- Lamento muito, mas não são permitidos homens lá em cima.

- Ah! - E Diane lançou a Kelly um sorriso de satisfação.

- Se quiserem encontrar-se com eles cá em baixo...

- Não tem importância. Eles terão que se agüentar sem nós.

A suite 424 estava muito bem decorada, com uma sala com um sofá, cadeiras, mesas e um armário, e o quarto tinha duas camas duplas de aspecto bem confortável.

Diane olhou em redor.

- Isto é agradável, não é?

- O que é que nós andamos a fazer? A tentar entrar para o livro de recordes do Guiness? - respondeu Kelly asperamente. - Um hotel diferente a cada meia hora?

- Tem um plano melhor?

- Isto não é nenhum plano - troçou Kelly. - Isto é mais um jogo do gato e do rato, e nós é que somos o rato.

- Se pensarmos muito no assunto, a verdade é que os homens do maior think tank do mundo andam atrás de nós para ver se nos matam - comentou

Diane.

- Então talvez seja melhor não pensar no assunto.

- Isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Há suficientes cabeças de ovo no KIG para fazer uma omeleta maior do que o estado do Kansas.

- Bom, então só nos resta sermos mais espertas do que eles.

- Pois, mas vamos precisar de uma arma qualquer - comentou Diane de sobrolho franzido. - Sabe usar uma arma?

- Eu não.

Maldição. Eu também não.

Não interessa. De qualquer das maneiras não temos nenhuma.

- E karaté?

Também não, mas fiz parte da equipa de debate na faculdade - respondeu secamente Diane. - Talvez os consiga convencer a desistirem de nos matar.

- Pois.

Diane foi até à janela e olhou lá para fora, para o trânsito na Thirty-fourth Street. De repente, os olhos abriram-se-lhe de espanto e arquejou:

- Oh!

Kelly correu para junto dela. - O que foi? O que é que viu?

Diane sentia a garganta seca.

- Um... um homem que passou. Era exactamente igual a Richard. Por instantes... pensei... - E afastou-se da janela.

Kelly comentou, desdenhosa:

- Por acaso não quer que eu mande chamar os caça-fantasmas, pois não?

Diane ia começar a responder-lhe, mas depois pensou: Para quê? Em breve estarei fora daqui.

Kelly olhou para Diane e pensou: Por que raio é que não te calas e vais pintar para outro lado?

Flint falava no seu celular com um furioso Tanner !

- Lamento muito, senhor Kingsley, mas elas não estavam no quarto do Mandarin. Desapareceram. Deviam saber que eu ia aparecer.

Tanner estava apopléctico.

- Essas duas cabras querem jogar joguinhos comigo? Comigo? - Eu já te telefono. - E desligou furiosamente o telefone.

Andrew estava deitado no sofá do seu gabinete e divagava relembrando o enorme espectáculo na sala de concertos em Estocolmo. A audiência rejubilava, entusiástica, gritando "Andrew! Andrew!" O salão ecoava com o som do seu nome.

Ouvia a audiência a aplaudir enquanto ele se dirigia ao palco para receber o prémio das mãos do rei Carl XVI Gustav da Suécia No momento em que estendia a mão para receber o Prémio Nobel alguém começara a insultá-lo: - Andrew, meu filho da mãe, anda cá.

O salão de Estocolmo desapareceu e Andrew estava de volta ao seu gabinete. Tanner chamava por ele.

Ele precisa de mim, pensou, feliz, Andrew. Ergueu-se devagarinho e dirigiu-se ao gabinete do irmão.

- Cá estou eu - disse Andrew.

- Estou a ver - rosnou Tanner. - Senta-te.

Andrew sentou-se.

- Tenho uma série de coisas para te ensinar, irmão mais velho.

Dividir para conquistar. - Havia um toque de arrogância na sua voz. - Tenho Diane Stevens a pensar que a Máfia lhe matou o marido. E Kelly Harris preocupada com uma Olga que não existe, percebeste?

Andrew respondeu vagamente:

- Sim, Tanner.

Tanner deu umas palmadinhas nas costas do irmão.

- Tu és, realmente, o perfeito eco para mim. Há uma série de coisas que quero discutir, mas não posso falar delas com mais ninguém. Mas também não te posso dizer nada, pois és demasiado estúpido para as perceberes - e olhou

para os olhos vazios de Andrew.

- Quem não vê, não ouve, não fala. - De repente, Tanner passava a ser todo homem de negócios. - Tenho um problema que preciso resolver. Desapareceram duas mulheres. Sabem que andamos atrás delas para as matar e estão a tentar manter-se escondidas. Onde achas que elas se vão esconder, Andrew?

Andrew olhou por momentos para o irmão e em seguida respondeu:

- Eu... eu não faço idéia.

- Há duas maneiras de as procurar. Primeiro, empregamos o método cartesiano, a lógica, construindo a nossa solução um passo de cada vez. Vamos raciocinar.

Andrew olhava para ele e disse com ar vazio: - Como quiseres...

Tanner começou a andar de um lado para o outro.

- Não vão voltar para o apartamento da Stevens, porque é muito perigoso. Nós temo-lo sob observação. Sabemos que Kelly Harris não tem amigos chegados aqui nos Estados Unidos, porque vive há muitos anos em Paris e não ia confiar em ninguém aqui. - Olhou para o irmão. - Estás a seguir o meu raciocínio?

- Sim... Tanner - respondeu Andrew a pestanejar.

- Bom, vamos a saber. Diane Stevens, será ela capaz de se aproximar dos amigos em busca de ajuda? Não me parece. Podia pô-los em perigo. Outra possibilidade seria irem à polícia com a história delas, mas sabem que ninguém ia ligar. Portanto, qual será o próximo passo? - Tanner fechou por momentos os olhos e em seguida continuou. - Obviamente que pensaram nos aeroportos e nas estações de autocarros, mas com certeza que lhes ocorreu que os temos sob vigilância. Por isso, onde é que nós estamos?

- Eu... eu... é o que tu quiseres, Tanner.

- Isso deixa-nos com um hotel, Andrew. Elas precisam de um hotel para se esconderem. Mas que tipo de hotel? Temos aqui duas mulheres aterrorizadas em fuga, pois sabem que correm perigo de vida. Percebes? Seja qual for a escolha, vão sempre pensar que podemos ter ligações e que estarão expostas. Não se vão sentir confiantes.

Lembras-te de Sonja Verbrugge, em Berlim? Nós conseguimos

enganá-la com aquela história da mensagem no computador. Foi para o Artemisia Hotel porque, como era um hotel unicamente para mulheres, achou que ia estar em segurança. Bom. Eu acho que as senhoras Stevens e Harris sentirão exactamente o mesmo. Portanto, onde ficamos?

Virou-se mais uma vez para olhar para o irmão. Os olhos de Andrew estavam fechados. Dormia. Furioso, Tanner dirigiu-se a ele e bateu-lhe com toda a força na cara. Andrew acordou, sobressaltado.

- O que...

- Presta atenção quando estou a falar contigo, seu cretino.

- Desculpa... desculpa Tanner. Eu só estava...

Tanner virou-se para o computador.

- Ora bem. Vamos lá a ver quais são os hotéis para mulheres que existem em Manhattan.

Tanner fez uma rápida pesquisa na Internet e imprimiu os resultados. Leu alto os nomes: O El Carmelo Residence na West Fourtheenth Street... o Centro Maria Residence na West Fifty-fourth Street, o Parkside Evangeline na Gramercy South e o Wilton Hotel Para Mulheres. - Olhou para cima e sorriu. - É aqui que a lógica cartesiana nos conduz, Andrew. Agora vamos a ver onde nos leva a tecnologia.

E Tanner dirigiu-se à paisagem pintada na parede, procurou por trás dela e premiu um botão oculto. Uma parte da parede deslizou revelando um ecrã com um mapa informatizado de Manhattan.

- Andrew, lembras-te do que isto é? Tu costumavas operar este equipamento. A verdade é que eras bom nisto e eu sentia enormes ciúmes de ti. É um GPS. Com isto, podemos localizar seja quem for pelo mundo. Lembras-te?

Andrew acenou, lutando para se manter acordado.

- Quando as senhoras saíram do meu gabinete dei a cada uma delas um cartão meu. Ambos têm gravado um chip do tamanho de um grão de areia. O sinal por eles emitido é captado por um satélite e o GPS é activado e dá-nos a exacta localização. - Virou-se para o irmão. - Estás a perceber?

- Sim... sim... Tanner. -Andrew engoliu em seco.

Tanner virou-se outra vez para o ecrã e premiu um segundo botão. Pequenas luzes surgiram a brilhar no mapa e começaram a descer. Avançaram

mais devagar numa pequena zona e em seguida fluíram de novo para cima. Um traço iluminado a luz vermelha ondulou através de uma rua, deslocando-se tão devagar que os nomes das lojas eram visíveis.

Tanner apontou.

- Esta aqui é a West Fourteenth Street. - A luz vermelha continuou a deslocar-se. - Aqui temos o restaurante Tequila... Uma farmácia... O Saint Vincent Hospital... A Banana Republic... A igreja de Nossa Senhora de Guadalupe... E a luz parou.

Uma nota de vitória notou-se na voz de Tanner.

- E aqui está o Wilton Hotel Para Mulheres. Isto acaba de confirmar a minha lógica. Eu tinha razão, estás a ver?

Andrew passou a língua pelos lábios.

- Pois. Tu tinhas razão...

- Agora, já te podes ir embora - disse Tanner olhando Andrew, e, pegando no telefone, marcou um número.

- Senhor Flint, elas estão no Wilton Hotel Para Mulheres, Thirty-fourth Street. - E desligou.

Olhou para cima e viu o irmão de pé junto da porta.

- O que é? - perguntou Tanner, impaciente.

- Eu vou... sabes... à Suécia, para receber o prémio Nobel que eles acabaram de me dar?

- Não, Andrew. Isso foi há sete anos.

- Oh! - Andrew virou-se e partiu, arrastando os pés, para o seu escritório.

Tanner pensou na viagem urgente que tivera de fazer à Suécia três anos atrás...

Estava embrenhado num problema de logística complicado quando a voz da sua secretária chegou até ele vinda do intercomunicador:

- Tenho Zurique em linha para si, senhor Kingsley.

- Estou demasiado ocupado agora para... Ora, deixe lá que eu falo com eles.

Pegou no telefone e, impaciente, disse:

- Sim? - Enquanto ouvia, o seu rosto foi ficando sombrio. - Sim... Estou a ver... Tem a certeza?... Não, não interessa. Eu próprio trato disto. - E premiu o botão do intercomunicador: - Menina Ordonez, avise o piloto para preparar o Challenger.

Vamos ter que ir a Zurique. Seremos dois passageiros.

Madeleine Smith estava sentada num privado do La Rotonde, um dos melhores restaurantes de Zurique. Andava pelos trinta anos, um belo rosto oval, cabelo apanhado e uma pele maravilhosa. Era visível a sua gravidez.

Tanner dirigiu-se à mesa e Madeleine Smith levantou-se.

Tanner Kingsley tomou-lhe a mão.

- Por favor, sente-se. - E instalou-se na frente dela.

- Tenho muito prazer em conhecê-lo. - Ela tinha um leve sotaque suíço. - Inicialmente, quando recebi o telefonema, pensei que se tratava de uma brincadeira.

- Porquê?

- Bom, o senhor é um homem muito importante e, quando me disseram que vinha a Zurique unicamente para falar comigo, não consegui perceber...

Tanner sorriu.

Eu explico-lhe porque é que estou aqui. Porque ouvi falar de si como uma cientista brilhante, Madeleine. Posso Chamar-lhe assim?

- Por favor, senhor Kingsley.

- No KIG apreciamos o talento. Você é o tipo de pessoa que devia estar a trabalhar para nós, Madeleine. Há quanto tempo trabalha para o Tokyo First Industrial Group?

- Há sete anos.

- Bom. Sete é o seu número de sorte, porque eu estou aqui para lhe oferecer um emprego no KIG, pagando-lhe o dobro do que recebe agora, e tendo a seu cargo o seu próprio departamento e...

- Oh, senhor Kingsley! - O sorriso dela era rasgado.

- Madeleine, está interessada?

- Mas é claro! Estou muito interessada. É claro que não posso começar imediatamente...

A expressão de Tanner alterou-se:

- O que quer dizer com isso?

- Bom, é que vou ter um bebé e casar...

Tanner sorriu.

- Mas isso não é problema. Nós tratamos de tudo.

Madeleine Smith acrescentou:

- Mas existe uma outra razão pela qual eu não posso sair imediatamente. Estou a trabalhar num projecto no nosso laboratório e estamos quase a chegar... estamos quase a terminá-lo.

- Madeleine, eu não sei que projecto é, nem me interessa. Mas a verdade é que a oferta que lhe faço tem de ser aceita imediatamente. Para lhe ser franco, estava à espera que viesse no meu avião com o seu noivo - sorriu, - ou, melhor dizendo, o seu futuro marido, de volta para a América comigo.

- Eu posso ir assim que o projecto terminar. Seis meses, talvez um ano.

Tanner ficou silencioso por momentos.

- Tem a certeza de que não há maneira de vir comigo agora?

- Tenho. Eu chefio este projecto. Não seria leal da minha parte sair neste momento. - E entusiasmou-se. - No próximo ano..?

Tanner sorriu:

- Com certeza.

- Lamento tanto que tenha feito esta viagem em vão.

Tanner respondeu calorosamente:

- Não foi nada em vão. Tive a oportunidade de a conhecer.

- É muito simpático da sua parte - ela corou.

- A propósito, trouxe-lhe um presente. Um meu associado vai-lho levar ao seu apartamento por volta da seis da tarde. Ele chama-se Harry Flint.

Na manhã seguinte, o corpo de Madeleine Smith foi encontrado no

chão da cozinha de sua casa. O fogão fora ligado e o apartamento estava cheio de gás.

Os pensamentos de Tanner voltaram ao presente. Flint nunca falhara. Dentro de bem pouco tempo, Diane Stevens e Kelly Harris estariam tratadas e, com elas fora do caminho, o projecto podia prosseguir.

Lá em cima, na suite, Kelly ligou o rádio numa estação popular e o quarto encheu-se, de repente, com o som alto de música rap.

- Como é que consegue ouvir uma coisa dessas? - perguntou Diane, irritada.

- Não gosta de música rap?

- Isso não é música. Isso é barulho.

- Quer dizer que não gosta de Eminem? Nem de LLCool? R. Kelly? Ludacris?

- É isso que gosta ouvir?

- Não - respondeu Kelly abruptamente. - Gosto da Sinfonia 166.

CAPÍTULO 26

Harry Flint entrou e dirigiu-se ao balcão da recepção do Wilton Hotel.

- Olá.

- Olá. - O recepcionista viu o sorriso no rosto dele. - Posso ajudar?

- Sim. A minha mulher e uma amiga, uma afro-americana, instalaram-se há pouco aqui. Eu gostava de poder ir lá acima e fazer-lhes uma surpresa.

- Lamento muito, senhor - respondeu o empregado -, mas este hotel é unicamente para mulheres. Os homens não são autorizados lá em cima. Se quiser telefonar...

Flint olhou em redor. Infelizmente, o átrio estava cheio de gente.

- Não faz mal. Tenho a certeza de que elas vão já descer.

Flint saiu para a rua e fez uma chamada do seu celular.

- Senhor Kingsley, elas estão lá em cima no quarto e eu não posso subir.

Tanner ficou por instantes calado, a pensar.

- Senhor Flint, a lógica diz-me que elas vão optar por se separar. Vou mandar Carballo para aí para te ajudar.

... Fantástica de Berlioz, dos estudos de Chopin e da Almira de Handel. Acima de tudo gosto de...

Kelly viu Diane dirigir-se ao rádio e desligá-lo.

O que vamos fazer quando gastarmos os hotéis todos, senhora Stevens? Conhece, por acaso, alguém que nos possa ajudar?

Diane abanou a cabeça.

A maior parte dos amigos de Richard trabalhavam no KIG e os nossos outros amigos... Não os posso envolver nisto. - Olhou para Kelly. - E você?

Kelly encolheu os ombros.

- Eu e Mark vivemos em Paris nos últimos três anos. Não conheço

ninguém aqui a não ser as pessoas da agência de modelos, e tenho a sensação de que não servirão de muito.

- Mark chegou a dizer o que ia fazer a Washington?

- Não.

- Nem Richard. Tenho a sensação de que está aí a razão por que foram assassinados.

- Excelente. Já temos a chave. Agora só nos falta a porta.

- Vamos acabar por encontrá-la. - Diane ficou pensativa por instantes e em seguida o seu rosto iluminou-se. - Espere! Eu conheço alguém que é capaz de nos ajudar - e dirigiu-se ao telefone.

- Para quem está a ligar?

- Para a secretária de Richard. De certeza que ela sabe o que se está a passar.

Uma voz do outro lado do telefone respondeu:

- KIG.

- Queria falar com Betty Barker, por favor.

No seu gabinete, Tanner observava a luz azul do identificador de voz a piscar. Premiu um interruptor e ouviu a telefonista dizer:

- A menina Barker neste momento não está na sua secretária.

- Sabe dizer-me como consigo falar com ela?

- Lamento. Mas se me der o seu nome e o seu número de telefone, eu digo-lhe...

- Deixe estar. - Diane desligou. .

A luz azul apagou-se.

Eram horas de jantar, mas estavam com medo de largar a segurança que o quarto lhes proporcionava. Encomendaram alguma coisa pelo serviço de quartos.

A conversa era irregular. Diane tentava fazer conversa com Kelly, mas não resultava. - Então, tem vivido em Paris.

Diane virou-se para Kelly - Tenho a sensação de que Betty Barker

pode ser a tal porta de que andamos à procura. Tenho de arranjar maneira de entrar em contacto com ela. - Franziu o sobrolho. - Tudo isto é tão estranho .

- O quê?

- Uma vidente um dia previu tudo isto. Disseme que via a morte à minha volta e que...

- Não me diga! - exclamou Kelly. - E não falou nisso ao FBI nem à CIA?

Diane ficou a olhar para ela por momentos.

- Não interessa. - Kelly cada vez a irritava mais. - Vamos jantar.

- Primeiro tenho de fazer uma chamada - disse Kelly, e levantou o telefone e marcou o número da telefonista. - Quero fazer uma chamada para Paris. - Deu o número à operadora e aguardou. Ao fim de uns minutos, o rosto de Kelly iluminou-se.

- Olá, Philippe. Como está? Aqui está tudo bem... - E virou-se para olhar para Diane. - Sim. Devo voltar para casa daqui a um ou dois dias. Como está a Angel ? Oh, ainda bem. E ela tem saudades minhas? Podia pô-la ao telefone? - A voz de Kelly mudou para o tom que os adultos normalmente usam quando falam com uma criança. - Angel, como estás minha querida? E a tua mamã. Philippe diz que tens muitas saudades minhas. Eu também tenho saudades tuas. Em breve estarei de volta e vou-te pegar ao colo e dar-te muitos mimos, meu doce.

Diane virara-se e olhava-a, espantada.

- Adeus, minha querida. Tudo bem, Philippe. Muito obrigada.

Vemo-nos em breve. Até ao meu regresso.

Kelly notou a expressão de espanto no rosto de Diane.

- Estava a falar com o meu cão.

- Pois. E o que foi que ele disse?

- Ela. É uma cadela.

- Tinha de ser.

- Sim.

- Mark era francês?

- Não.

- Já estavam casados há muito tempo?

- Não.

- Como foi que vocês se conheceram?

Não tens nada a ver com isso. -Não me lembro. Conheci tantos homens.

Diane estudou Kelly.

- Porque é que não põe de lado essa parede que construiu à sua volta?

- Nunca ninguém lhe explicou que as paredes servem para manter as pessoas do lado de fora? - respondeu Kelly rispidamente.

- As vezes servem para fechar as pessoas lá dentro e...

- Olhe, senhora Stevens. Meta-se na sua vida. Eu estava muito bem até você ter aparecido na minha frente. Vamos parar por aqui.

- Muito bem. - Ora aqui está a pessoa mais fria que alguma vez conheci.

Quando terminaram o silencioso jantar, Kelly anunciou:

- Vou tomar uma ducha.

Diane não respondeu.

Na casa de banho, Kelly despiu-se, entrou na ducha e abriu a torneira. O calor da água contra a sua pele sabia-lhe maravilhosamente. Fechou os olhos e a sua mente começou a vaguear...

Ouvia as palavras de Sam Meadows, Sabe que ele está perfeitamente apaixonado por si. Quer casar consigo. Espero que ele não se magoe. Kelly sabia que Sam Meadows tinha razão. Kelly gostava de estar com Mark. Ele era divertido, atencioso, cuidadoso e um bom amigo. Esse era o lado bom. Ele é um bom amigo. Isto não é justo para ele. Tenho que deixar de o ver.

Mark ligara na manhã a seguir ao banquete.

- Olá, Kelly. O que queres fazer hoje à noite?

A voz dele estava cheia de antecipação.

- Queres ir jantar e depois ao teatro? Ou então, há uma série de lojas

que estão abertas à noite e há também...

- Desculpa, Mark, mas hoje à noite estou ocupada.

Do outro lado fez-se um curto silêncio.

- Oh! Pensei que eu e tu tínhamos...

- Pois não temos. - E Kelly ali ficou a odiar-se por aquilo que lhe estava a fazer. A culpa é toda minha, por ter deixado chegar as coisas até este ponto.

- Então está bem, telefono-te amanhã.

E ligou no dia seguinte.

- Kelly, se te ofendi de alguma forma...

E Kelly teve de reunir todas as suas forças para ser capaz de lhe dizer:

- Desculpa, Mark. É que eu... eu apaixonei-me por outra pessoa - e ficou à espera. O longo silêncio que se seguiu era insuportável.

- Oh! - A voz dele tremia. - Compreendo. Eu... eu devia ter... Parabéns... Espero sinceramente que sejas feliz, Kelly. Por favor, diz adeus por mim à Angel.

E Mark desligara. Kelly ficou parada, a segurar no telefone sem vida, sentindo-se extremamente infeliz. Não tarda nada ele esquece-me, pensou, e encontrará alguém que lhe poderá dar a felicidade que merece.

Kelly trabalhava todos os dias, sorrindo sobre as passarelas e ouvindo o aplauso das multidões, mas por dentro estava vazia. A vida não era a mesma sem o seu amigo. Sentia constantemente vontade de lhe telefonar, mas ia resistindo. Não posso. Não o posso magoar mais.

Passaram-se várias semanas e Kelly nunca mais soube nada dele. Finalmente saiu da minha vida. O mais natural é que já tenha encontrado alguém. Fico feliz por ele. E tentava ser verdadeira.

Numa tarde de sábado, Kelly estava numa mostra de moda numa elegante sala apinhada com a elite de Paris. Caminhou sobre a passarela e, como de costume, assim que apareceu, foi aclamada por todos. Kelly seguia atrás de um modelo que vestia um vestido de passeio e levava um par de luvas. Uma das luvas escorregou-lhe das mãos e caiu sobre a passarela. Quando Kelly a viu já era demasiado tarde. Tropeçou nela e caiu ao chão, de cara para a frente. Ouviu-

se um arquejo vindo da multidão. E Kelly no chão, humilhada. Recompôs-se, tentou não chorar, respirou fundo, levantou-se e fugiu da passarela.

Quando chegou ao camarim, a chefe do guarda-roupa dizia: Tenho o vestido de noite pronto para si. É melhor...

Kelly soluçava.

- Não... Eu não vou ser capaz de voltar ali à frente de todas aquelas pessoas. Todos se vão rir de mim. - Começava a ficar histérica. - Estou acabada. Nunca mais vou voltar às passarelas. Nunca mais!

- Mas é claro que vais.

Kelly deu um salto. Ali estava Mark, no umbral da porta!

- Mark! O que estás... aqui a fazer?

- Bom, tenho andado muito por aqui, nestes últimos tempos.

- Tu... tu viste o que se passou agora lá fora?

- Foi maravilhoso - respondeu ele a sorrir. - Ainda bem que aconteceu.

- O quê? - Kelly olhava espantada para ele.

Mark aproximou-se e tirou um lenço para lhe secar as lágrimas.

- Kelly, antes de entrares naquela passarela, as pessoas pensavam que não passavas de um sonho belo mas intocável, uma fantasia fora do alcance de qualquer um. Quando tropeçaste e caíste, isso mostrou-lhes que és humana, e eles adoraram-te por isso. Agora, vais voltar para lá e fazer todos felizes.

Olhou para os olhos cheios de compaixão de Mark e foi nesse momento que percebeu que estava apaixonada por ele.

A chefe do guarda-roupa repunha o vestido de noite no cabide.

- Dê-me cá isso - pediu Kelly. Olhou para Mark e sorriu através das lágrimas.

Cinco minutos mais tarde, Kelly caminhava confiante sobre a passarela, e ouviu-se uma onda de palmas, e todos aplaudiam de pé. Kelly olhava para eles, completamente dominada pela emoção. Era a coisa mais maravilhosa do mundo, ter Mark de volta à sua vida. Lembrava-se dos medos que tivera no início...

Kelly estivera tensa, à espera que Mark se atirasse a ela, mas ele fora

sempre um verdadeiro cavalheiro. A sua timidez fazia com que ela se sentisse confiante. Era ela quem iniciava a maior parte das conversas e, fosse qual fosse o tema, Mark mostrava-se sempre culto e uma pessoa divertida.

Uma noite, Kelly disse:

- Mark, amanhã é a abertura de uma grande orquestra sinfónica.

Gostas de música clássica?

- Cresci com ela - respondeu ele.

- Excelente. Então vamos.

O concerto foi brilhante e a assistência entusiástica. Quando chegaram ao apartamento de Kelly, Mark disse:

- Eu... eu menti-te.

Eu devia imaginar, pensou Kelly. Ele é como os outros todos. Acabou E preparou-se para a resposta que ele lhe ia dar.

- Mentiste?

- Sim. Sabes, é que na realidade não gosto de música clássica.

Kelly mordeu o lábio para evitar desatar a rir às gargalhadas.

No dia seguinte, Kelly disse:

- Quero agradecer-te pela Angel. Ela é uma excelente companhia. - Assim como tu, pensou Kelly.

Mark tinha os maiores e mais brilhantes olhos azuis que alguma vez vira, e um atraente e cativante sorriso. Ela apreciava imenso a companhia dele e...

A água estava começar a ficar fria. Kelly desligou o chuveiro, secou-se com uma toalha, vestiu o robe dado pelo hotel e passou para o quarto.

- É toda sua.

- Obrigada.

Diane levantou-se e entrou na casa de banho. Parecia que tinha sido varrida por um vendaval. O chão estava encharcado e havia toalhas espalhadas por todo o lado. Zangada, Diane voltou ao quarto.

- A casa de banho está um nojo. Está habituada a que os outros

venham atrás de si para limpar o que sujou?

- Sim, senhora Stevens - respondeu Kelly a sorrir. - Na realidade, eu cresci rodeada de criadas para tomarem conta de mim.

- Pois olhe que eu não sou uma delas.

- Tu não tinhas capacidade.

- Acho que seria melhor se nós... - respondeu Diane respirando fundo.

- Aqui não há nenhum "nós", senhora Stevens. Há você e eu. Ficaram a olhar uma para a outra, um longo momento. Em seguida, Diane, sem dizer mais nada, virou-se e voltou para a casa de de banho. Quinze minutos mais tarde, quando saiu, já Kelly estava deitada. Diane estendeu a mão para o interruptor para apagar a luz do tecto.

Não toque nisso! - Era um grito.

- O quê? - perguntou Diane, espantada.

- Deixe as luzes acesas.

- Tem medo do escuro? - perguntou, desdenhosa, Diane.

- Sim. Eu... Eu tenho medo do escuro.

- Porquê? Os seus pais contavam-lhe histórias do papão antes de ir para a cama? - troçou Diane.

Fez-se um longo silêncio e em seguida veio a resposta:

- Sim. É isso mesmo.

Diane deitou-se na cama, deixou-se ficar quieta um minuto e em seguida fechou os olhos.

Richard, meu querido. Nunca acreditei que se pudesse morrer de dor.

Mas agora sei que é possível. Preciso tanto de ti. Preciso de ti para me guiares.

Preciso do teu calor e do teu carinho. Eu sei que tu estás aqui, algures, eu sei.

Eu sinto-te. Tu és a dádiva que Deus me deu, mas, infelizmente, não foi por muito tempo. Boa noite, meu querido anjo da guarda. Por favor, nunca me abandones. Por favor...

Na sua cama, Kelly ouvia Diane a soluçar baixinho. Apertou os lábios com força. Cala-te. Cala-te. E as lágrimas começaram a rolar-lhe pelas faces.

CAPÍTULO 27

Na manhã seguinte, quando Diane acordou, Kelly estava sentada numa cadeira virada para a parede.

- Bom dia - disse Diane. - Conseguiu dormir alguma coisa?

Não obteve qualquer resposta.

- Temos de pensar no que vamos fazer a seguir. Não podemos ficar aqui para sempre.

Nada de resposta. Exasperada, disse alto:

- Kelly, está-me a ouvir?

Esta girou na cadeira: - Importa-se? Estou a meio de um mantra.

- Oh! Desculpe. Não fazia...

- Esqueça - e Kelly pôs-se de pé. - Já alguma vez lhe disseram que ressona?

Diane sentiu um pequeno choque. Recordou a voz de Richard a dizer-lhe, na primeira noite que dormiram juntos: Querida, sabias que ressonas ? Bom, melhor dizendo. Não é bem ressonar. O teu nariz entoa deliciosas melodias através da noite, quais músicas celestiais. E tomara-a nos braços e...

- Pois ressona - continuou Kelly. Dirigiu-se à televisão e ligou-a.

- Vamos ver o que se passa no mundo. - Começou a fazer zapping através dos vários canais e de repente parou. Um noticiário estava no ar e o apresentador era Ben Roberts.

- É Ben! - exclamou Kelly.

- E quem é Ben? - perguntou Diane com ar indiferente.

- Ben Roberts. É ele que faz os noticiários e as entrevistas. É o único entrevistador de quem realmente gosto. Ele e Mark eram grandes amigos. Um dia...

De repente parou.

Ben Roberts dizia: - ...notícia de última hora, Anthony Altieri, o

alegado chefe da Máfia recentemente absolvido no julgamento por assassínio, morreu esta manhã de cancro.

Kelly virou-se para Diane:

- Ouviu aquilo? Altieri morreu.

Diane não sentia nada. Eram notícias de um outro mundo, de uma outra época. Olhou para Kelly e respondeu:

- Acho que será melhor que nos separemos. As duas juntas somos demasiado fáceis de detectar.

- Pois - disse Kelly secamente. - Somos da mesma altura.

- O que eu queria dizer é que...

- Eu sei o que queria dizer. Mas eu podia pintar a minha cara de branco e...

Diane olhava para ela sem perceber.

- O quê?

- Estava a brincar. Separarmo-nos é boa idéia. É quase como se fosse um plano, não é? - Kelly...

- Foi, sem dúvida, interessante conhecê-la, senhora Stevens.

- Vamos mas é sair daqui para fora - respondeu Diane.

O átrio estava apinhado de gente, com um enorme grupo de mulheres a chegarem e outras que partiam. Kelly e Diane aguardaram na fila.

Lá fora a olhar para o átrio, Harry Flint viu-as e escondeu-se. Pegou no celular.

- Chegaram neste momento ao átrio.

- Óptimo. Carballo já aí está?

- Já.

- Façam exactamente como eu vos disse. Cubram a entrada do hotel em ambas as esquinas para que elas fiquem encurraladas de todos os lados. Quero que desapareçam sem deixar rasto.

Kelly e Diane tinham finalmente chegado ao balcão da recepção.

O recepcionista sorriu-lhes:

- Espero que tenham tido uma boa estadia.

- Foi muito agradável, sim - respondeu Diane.

Quando se dirigiam para a saída, Kelly perguntou: - Sabe para onde vai, senhora Stevens?

- Não. Só quero ver-me livre de Manhattan. E você?

Eu só me quero ver livre de si.

- Eu vou voltar para Paris.

As duas puseram o pé na rua e, com atenção, olharam em volta. Havia o trânsito normal de peões e tudo parecia normal.

- Adeus, senhora Stevens - disse Kelly com uma ponta de alívio na voz.

- Adeus, Kelly.

Kelly virou à esquerda e começou a caminhar em direcção à esquina. Diane ficou parada por instantes a olhar para ela e em seguida virou para a direita e começou a andar em sentido contrário. Ainda mal tinham dado doze passos quando Harry Flint e Vince Carballo apareceram em pontas opostas do quarteirão. A expressão no rosto de Carballo era perigosa. Os lábios de Flint estavam virados num meio sorriso.

Os dois homens começaram a aproximar-se das mulheres, esgueirando-se por entre os peões. Diane e Kelly viraram-se uma para a outra em pânico. Tinham caído numa armadilha. Caminharam apressadamente de volta à porta do hotel, mas esta encontrava-se de tal forma apinhada de gente que não tinham possibilidade de entrar. Não tinham para onde ir. Os dois homens aproximavam-se.

Kelly virou-se para Diane e ficou a olhar espantada, pois esta acenara alegremente primeiro a Flint e depois a Carballo.

- Ficou maluca? - perguntou baixinho.

Diane, sempre a sorrir, tirou o celular para fora a e começou a falar rapidamente.

- Neste momento, estamos mesmo em frente do hotel... Oh! Excelente. Já estão na esquina? - E sorriu e acenou vitoriosamente para Kelly e disse em voz alta. - Eles vão chegar dentro de um minuto.

Olhou para Flint e para Carballo e falou para o telefone:

- Não, são só dois. - E ficou a ouvir. Em seguida riu:

- Certo... Já aí estão? Óptimo.

Enquanto Kelly e os dois homens olhavam para ela, Diane desceu do passeio para a rua, a observar os carros que passavam. Começou a fazer sinais a um carro que se aproximava à distância e ia acenando cada vez mais agitada. Flint e Carballo tinham parado, intrigados com o que viam.

Diane apontou para os dois homens:

- Ali! - gritou para o trânsito que passava, continuando a acenar furiosamente. - Ali!

Flint e Carballo olharam um para o outro e tomaram uma decisão. Viraram-se na direcção de onde tinham vindo e desapareceram no meio da multidão.

Kelly olhava fixamente para Diane, o coração aos saltos dentro do peito.

- Eles foram-se embora - disse. - Com quem... com quem falava?

Diane respirou fundo para se recompor.

- Com ninguém. Estou sem bateria.

CAPÍTULO 28

Kelly olhava fixamente para Diane, sem palavras.

- Mas você foi espantosa. Quem me dera ter pensado nisso.

- Vai pensar - respondeu secamente Diane.

- E agora, o que é que vai fazer?

- Vou sair de Manhattan.

- Mas como? - perguntou Kelly. - Eles vão vigiar todas as estações de comboios, os aeroportos, as camionetas e as empresas de aluguel de automóveis...

- Podemos ir até Brooklyn - alvitrou Diane depois de pensar um pouco. - Aí, não nos vão procurar.

- Óptimo. Então, vá andando - respondeu Kelly.

- Como?

- Eu não vou consigo.

Por segundos, pareceu que Diane ia dizer qualquer coisa, mas em seguida mudou de idéias.

- Tem a certeza?

- Tenho sim, senhora Stevens.

- Muito bem - respondeu Diane. - Então adeus.

- Adeus.

Kelly ficou a ver enquanto Diane fazia sinal a um táxi e entrava nele. Kelly ali estava, hesitante, a tentar decidir-se. Estava sozinha, numa rua desconhecida, sem nenhum lugar para onde ir, nem ninguém à sua espera.

- Espere! - gritou. O táxi parou e Kelly correu para ele. :

Diane abriu a porta e Kelly entrou e sentou-se.

- O que a fez mudar de idéias?

- De repente lembrei-me que nunca fui a Brooklyn.

Diane olhou para Kelly e abanou a cabeça.

O motorista perguntou:

- Para onde?

- Leve-nos até Brooklyn, por favor - pediu Diane.

O táxi começou a andar.

- Algum lugar em especial?

- Vá andando.

Kelly olhava para Diane, incrédula.

- Não sabe para onde vamos?

- Não se preocupe. Quando lá chegarmos, eu saberei.

Mas porque é que eu voltei ?, interrogava-se Kelly.

Durante a viagem, as duas sentaram-se silenciosamente lado a lado. Ao fim de vinte minutos estavam a atravessar a ponte de Brooklyn.

- Andamos à procura de um hotel - disse Diane ao motorista. - Não sei qual...

- Minha senhora, quer um hotel simpático? Eu conheço um. Chama-se Adams. Tenho a certeza de que vão gostar.

O Adams Hotel era um edifício de cinco andares com um avançado na frente e um porteiro à entrada.

Quando o táxi chegou à curva, o motorista perguntou: - Que tal lhes parece?

- Parece-nos bem - respondeu Diane.

Kelly não fez comentários.

Saíram do táxi e o porteiro saudou-as.

- Bom dia, minhas senhoras. Vão-se hospedar?

- Sim - respondeu Diane.

- E têm bagagem?

- A companhia de aviação perdeu as nossas bagagens - respondeu

Diane sem hesitar. - Conhece algum lugar aqui perto onde possamos comprar umas roupas?

- Ali ao fundo do quarteirão há uma loja de roupa de senhora bastante boa. Talvez prefiram registar-se primeiro e nós depois mandamos as vossas coisas para cima.

- Óptimo. Acha que têm quarto?

- Nesta época do ano, não há problema.

O recepcionista deu-lhes as fichas para preencherem. Enquanto Kelly assinava a sua, disse alto "Emily Brontê".

Diane olhou rapidamente para o recepcionista para ver se ele reagia.

Nada. E Diane escreveu "Mary Cassat".

O empregado recebeu as duas fichas e perguntou:

- Como vão pagar? Com cartão de crédito?

- Sim. Nós...

- Não - interrompeu Diane rapidamente.

Kelly ficou a olhar para ela e com relutância concordou.

- Têm bagagem?

- Vai chegar. Nós já voltamos.

- Suite número 515.

O empregado ficou a olhar para elas, enquanto saíam a porta. Duas belezas. E sozinhas. Que desperdício.

A loja For Madame era um manancial. Havia roupas de senhora de todos os tipos e uma secção de couros com carteiras e malas.

- Parece que acertámos em cheio - comentou Kelly depois de olhar em volta.

Uma vendedora aproximou-se delas.

- Posso ajudar?

- Estamos só a ver - respondeu Diane.

A vendedora olhava enquanto cada uma delas tirava um carrinho de

compras e partia pela loja.

- Olha! - exclamou Kelly. - Meias! - E agarrou numa meia dúzia de pares. Diane seguiu-lhe o exemplo.

- Collants...

- Sutiãs.

- Cuecas.

Depressa os seus carrinhos começaram a transbordar de lingerie. A vendedora trouxe solicitamente outros dois carrinhos.

- Eu ajudo.

- Muito obrigada. .

Diane e Kelly começaram a encher os novos carros. !

Kelly examinava um expositor com calças. Escolheu quatro pares e virou-se para Diane:

- Nunca se sabe quando teremos oportunidade de voltar a fazer compras.

Diane escolheu algumas calças e um vestido de verão de riscas.

- Não vai poder usar isso - disse Kelly. - As riscas vão fazer com que pareça gorda.

Diane ia a repor o vestido no expositor, depois olhou para Kelly e deu o vestido à vendedora:

- Vou levar este.

A empregada olhava espantada enquanto Diane e Kelly vasculhavam tudo, expositor por expositor. Quando deram a sua busca por terminada, o que tinham escolhido encheu quatro malas.

Kelly olhou para elas e sorriu.

- Acho que nos vai chegar por uns tempos.

Quando chegaram junto da caixa para pagar, a vendedora perguntou:

- Vão pagar em dinheiro ou com cartão de crédito?

- Cartão...

- Dinheiro - interrompeu Diane.

Kelly e Diane abriram as bolsas e dividiram a conta. Ambas tiveram o mesmo pensamento Estamos a ficar sem dinheiro.

- Nós estamos instaladas no Hotel Adams. Será que podiam...? - perguntou Kelly à caixa:

- Entregar as vossas coisas? Mas com certeza. Os vossos nomes, por favor?

Kelly hesitou uns segundos:

- Charlotte Brontè.

Diane olhou para ela e corrigiu rapidamente: - Emily. Emily Brontê.

- É isso - lembrou-se Kelly.

A caixa olhava para elas com um ar espantado. Em seguida virou-se para Diane:

- E o seu?

- Eu... bem, eu... - Diane pensava a toda a velocidade. Qual fora o nome que dera? Georgia O'Keeffe... Frida Kahlo... Joan Mitchell?

- O nome dela é Mary Cassatt - interveio Kelly.

- Com certeza - respondeu a empregada engolindo em seco.

Ao lado da For Madame havia uma drugstore.

- Hoje é o nosso dia de sorte - comentou Diane sorrindo.

Entraram apressadamente e deram início a uma segunda voragem de compras.

- Rímel.

- Blush.

- Escovas de dentes.

- Pasta de dentes.

- Tampões e pensos diários.

- Batons.

- Ganchos para o cabelo.

- Pó.

Quando Diane e Kelly regressaram ao hotel, as quatro malas já tinham sido entregues no quarto. Kelly ficou a olhar para elas.

- Gostava de saber quais são as suas e quais são as minhas.

- Isso não interessa - comentou Diane. - Vamos ficar aqui pelo menos uma semana, ou talvez mais, por isso o melhor é pendurarmos as coisas.

- Também acho que sim.

E começaram a pendurar os vestidos e as calças, a arrumar a lingerie nas gavetas e os artigos de toilette na casa de banho.

Assim que as malas ficaram vazias e tudo estava nos seus lugares, Diane descalçou os sapatos, despiu o vestido e, satisfeita, deixou-se cair sobre uma das camas.

- Isto soube-me muito bem - e suspirou de satisfação. - Não sei quais são as suas intenções, mas, quanto a mim, vou jantar na cama. Em seguida vou tomar um longo banho. Daqui já não saio.

Uma simpática criada fardada bateu à porta e entrou na suite, com um braçado de toalhas limpas. Dois minutos depois, saiu da casa de banho.

- Se precisarem de alguma coisa, por favor toquem para me chamar. Tenham uma boa noite.

Diane lia um folheto do hotel que estava na mesa de cabeceira.

- Sabe em que ano foi construído este hotel?

- Vista-se - disse Kelly. - Vamo-nos embora.

- Foi construído em...

- Vista-se. Nós vamo-nos pirar daqui para fora.

- Está a brincar comigo? - perguntou Diane a olhar para ela.

- Não. Vai acontecer uma coisa horrível. -A voz dela transbordava de pânico.

Diane sentou-se, alarmada.

- Mas o que é que vai acontecer?

- Não faço idéia, mas ou nos vamos embora daqui depressa ou morremos ambas.

O medo dela era contagioso, mas não fazia qualquer sentido.

- Kelly, não está a ser razoável. Se...

- Diane, peço-lhe.

Quando Diane mais tarde relembrou a situação, não percebeu se tinha cedido devido à tensão que havia na voz de Kelly, ou se fora por ela lhe ter chamado pela primeira vez Diane.

- Tudo bem - respondeu Diane levantando-se. - Arrumamos as nossas roupas e...

- Não! Deixe tudo para trás.

Diane olhava para Kelly sem querer acreditar:

- Deixar tudo? Mas acabámos de comprar...

- Depressa! Já!

- Está bem.

Só espero que ela saiba o que está a fazer, pensava Diane enquanto, relutante, se voltava a vestir.

- Mais depressa! - Era como um grito estrangulado.

Diane vestiu-se rapidamente.

- Embora!

Pegaram nas carteiras e correram pelo corredor.

Eu devo estar doida para estar afazer isto, pensava Diane, aborrecida. Quando chegaram ao átrio do hotel, Diane deu por si a correr para conseguir acompanhar Kelly.

- Importa-se de me dizer onde raio é que nós vamos?

Na rua, Kelly olhou para ambos os lados.

- Há um parque ali do outro lado, em frente do hotel. Eu... eu preciso de me sentar.

- Mas, o que é que estamos nós a fazer? - perguntou Diane.

Nesse instante, ouviu-se uma enorme explosão vinda de dentro do hotel e, de onde estavam sentadas, Diane e Kelly viram as janelas do quarto onde tinham estado instaladas a saltar e detritos a voarem pelos ares.

Muda de espanto, Diane olhava o que estava a acontecer.

- Aquilo... aquilo foi uma bomba - o terror instalara-se-lhe na voz. - No nosso quarto. Como é... como é que sabia? - perguntou, virando-se para Kelly - A criada.

- O que é que ela tinha? - perguntou, intrigada, Diane.

- As criadas de hotel não usam sapatos de trezentos dólares do Manolo Blahnik - respondeu Kelly num murmúrio.

Diane sentia dificuldade em respirar.

- Como é que eles nos descobriram?

- Não faço idéia - respondeu Kelly. - Mas não se esqueça com que tipo de pessoas estamos a lidar.

E ali ficaram sentadas, as duas, aterrorizadas.

- Tanner Kingsley deu-lhe alguma coisa quando esteve no gabinete dele? - perguntou Diane.

- Não. E a si? - respondeu Kelly abanando a cabeça.

- Também não.

Lembraram-se ambas ao mesmo tempo.

- O cartão!

Abriram as bolsas e tiraram para fora os cartões que Tanner Kingsley lhes dera.

Diane tentou rasgar o seu ao meio, mas ele nem sequer dobrava.

- Tem uma espécie de chip lá dentro - disse, furiosa.

Kelly também tentou dobrar o seu.

- O meu também tem. É assim que os filhos da mãe nos têm conseguido localizar.

Diane pegou no cartão de Kelly e disse, zangada:

- Pois agora acabou-se.

Kelly ficou a olhar enquanto Diane caminhava até à rua e lançava os cartões para o meio da faixa de rodagem. Em poucos minutos já tinham passado por cima deles uma boa dúzia de carros e camiões. À distância, o som das sirenes que se aproximavam enchia o ar.

Kelly levantou-se:

- O melhor é desaparecermos daqui, Diane. Agora já não vão poder mais localizar-nos. Vamos estar em segurança. Eu vou regressar a Paris, e você, o que vai fazer?

- Tentar descobrir porque é que tudo isto está a acontecer.

- Tenha cuidado.

- Você também.

Diane hesitou uns segundos:

- Kelly, muito obrigada. Salvou-me a vida.

- Há uma coisa com que não me sinto bem. Eu menti-lhe - disse Kelly atrapalhada.

- Mentiu?

- Lembrasse do que eu lhe disse sobre o seu quadro?

- Lembro.

- Eu gostei dele, gostei mesmo muito. Pinta muito bem.

- Obrigada - e Diane sorriu. - Receio que também eu tenha sido muito brusca consigo.

- Diane?

- Sim?

- Eu não cresci rodeada de criados.

Diane riu e as duas abraçaram-se.

- Fico satisfeita por nos termos conhecido - disse Diane calorosamente.

- Eu também.

Ali ficaram a olhar uma para a outra, com dificuldade em dizer adeus.

- Tenho uma idéia - disse Diane. - Se precisar de mim, aqui tem o meu número de celular. - Escreveu-o num pedaço de papel.

- E este é o meu - respondeu Kelly e deu-o a Diane.

- Então... Uma vez mais adeus.

- Pois. Eu... Bom, adeus Kelly - respondeu Diane, hesitante.

Diane ficou a ver Kelly afastar-se. A esquina, ela virou-se e acenou com a mão. Diane retribuiu o aceno. Assim que Kelly desapareceu, Diane olhou para o buraco enegrecido que deveria ter sido o seu túmulo e sentiu um arrepio.

CAPÍTULO 29

Kathy Ordonez entrou no gabinete de Tanner Kingsley com os jornais da manhã na mão e disse:

- Aconteceu mais uma vez - e deu-lhe os jornais. Todos traziam enormes cabeçalhos.

"Nevoeiro perturba as mais importantes cidades alemãs" "Todos os aeroportos alemães fechados devido ao nevoeiro" "Número de mortos aumenta devido ao nevoeiro na Alemanha"

- Quer que mande tudo isto à senadora van Luven? - perguntou Kathy.

- Sim. E rapidamente - respondeu Tanner a sorrir.

Kathy saiu apressadamente do gabinete.

Tanner olhou para o relógio de pulso e sorriu. A estas horas a bomba já deve ter explodido. Finalmente estou livre daquelas duas cabras. A voz da sua secretária soou no intercomunicador: - Senhor Kingsley, a senadora van Luven está ao telefone, para falar consigo. Quer atender?

- Sim. - Tanner atendeu o telefone. - Daqui Tanner Kingsley.

- Como está, senhor Kingsley? Fala a senadora van Luven.

- Muito boa tarde, senadora.

- Eu e as minhas assistentes estamos perto das vossas instalações e gostaria de saber se seria conveniente para si aparecermos para uma pequena visita?

- Com certeza - respondeu Tanner com entusiasmo. - Terei muito gosto em lhe mostrar a nossa empresa.

- Muito bem. Estaremos aí dentro em breve.

Tanner premiu o botão do intercomunicador:

- Estou à espera de umas visitas, daqui a minutos. Por favor, não me passe mais chamadas.

Pensou no obituário que lera há poucas semanas nos jornais. O marido da senadora van Luven morrera de um ataque cardíaco. Vou apresentar os meus

sentimentos.

Quinze minutos mais tarde, a senadora van Luven e as suas duas atraentes assistentes chegaram.

Tanner ergueu-se para as cumprimentar.

- Sinto-me encantado por ter decidido aparecer.

- Já conhece Corinne Murphy e Karolee Trost - respondeu a senadora. Tanner sorriu:

- Sim. Tenho muito gosto em voltar a vê-las - e virou-se para a senadora. - Soube da morte do seu marido. Lamento muito.

Ela agradeceu.

- Muito obrigada. Há já uns tempos que ele estava doente e por fim, há umas semanas... - respondeu, forçando um sorriso. - A propósito, as informações que me tem enviado sobre o aquecimento global têm sido muito interessantes.

- Muito obrigado.

- Quer ter a amabilidade de nos mostrar então o que fazem aqui?

- Mas é claro. E que tipo de visita têm em mente? Temos visitas de cinco dias, de quatro e de hora e meia.

- A de cinco dias não seria má... - comentou Corinne Murphy a sorrir.

A senadora van Luven interrompeu-a: -Contentamo-nos com a de meia hora.

- Com todo o gosto.

- Quantas pessoas trabalham no KIG? - perguntou a senadora.

- Perto de duas mil. O KIG tem escritórios em cerca de uma dúzia das mais importantes cidades do mundo.

Corinne Murphy e Karolee Trost estavam impressionadas.

- Nestas instalações, temos quinhentos empregados. Os membros da equipa e todos os que se encontram ligados à pesquisa encontram-se em instalações à parte. Cada cientista que aqui empregamos tem um QI mínimo de cento e sessenta.

- São génios! - arquejou Corinne Murphy.

A senadora olhou para ela com um olhar de desaprovação.

- Queiram seguir-me, por favor - pediu Tanner.

A senadora, Murphy e Trost seguiram Tanner através de uma porta lateral que conduzia aos edifícios contíguos e chegaram a uma sala cheia de equipamento de aspecto esotérico.

A senadora dirigiu-se a uma daquelas estranhas máquinas e perguntou:
- Para que serve isto?

- Esta máquina é um espectógrafo de som, senadora. Converte o som da voz em escrita impressa. Tem capacidade para reconhecer milhares de vozes.

- E como é que funciona? - perguntou Trost, franzindo o sobrolho.

- Pense assim, quando um amigo lhe telefona, você reconhece-lhe imediatamente a voz porque o padrão de som da voz dele está registado no circuito do seu cérebro. Nós programámos esta maquina da mesma forma. Um filtro electrónico permite apenas a entrada no registo de uma certa gama de freqüências, por isso recebemos simplesmente os traços distintivos da voz dessa pessoa.

O resto da visita transformou-se numa sequência fascinante de gigantescas máquinas, diminutos microscópios electrónicos e salas de laboratório cheias de quadros negros repletos de misteriosos símbolos, laboratórios onde uma dúzia de cientistas trabalhavam em grupo e gabinetes onde um único cientista se encontrava embrenhado a tentar resolver um arcano problema qualquer.

Passaram por um edifício em tijolo vermelho com um conjunto duplo de fechaduras na porta.

- E aqui, o que se passa? - perguntou a senadora van Luven.

- Uma pesquisa governamental secreta. Desculpem-me, mas não é permitido o acesso.

A visita demorou duas horas. Quando terminou, Tanner acompanhou-as de volta ao seu gabinete.

- Espero que tenham gostado - disse.

- Sim. Foi interessante - respondeu a senadora.

- Muito interessante. - Corinne Murphy sorria. Os seus olhos só viam

Tanner.

- Eu adorei! - exclamou Karolee Trust.

Tanner virou-se para a senadora:

- A propósito, já teve oportunidade de conversar com os seus colegas acerca do problema ambiental de que falamos?

- Sim - respondeu a senadora, num tom de voz em que não se comprometia.

E pode dizer-me se pensa que existem hipóteses, senadora?

- Senhor Tanner, aqui não se trata de um jogo de pensar. Será informado assim que for tomada uma decisão.

Muito obrigado - retorquiu Tanner, tentando sorrir. - Muito obrigado por terem vindo até cá.

E ficou a vê-las sair. Assim que a porta se fechou nas costas delas, a voz de Kathy Ordonez soou no intercomunicador:

- Senhor Kingsley, Saida Hernandez tem estado a tentar entrar em contacto consigo. Disse que era urgente, mas o senhor pediu-me que não lhe passasse chamadas.

- Ligue para ela - pediu Tanner.

Saida Hernandez era a mulher que ele mandara ao Adams Hotel para colocar a bomba.

- Linha um.

Tanner atendeu o telefone, à espera de ouvir boas notícias.

- Então Saida? Correu tudo de acordo com o plano?

- Lamento muito, senhor Kingsley, mas não! - Sentiu o medo na voz dela. - Elas conseguiram escapar.

- Elas o quê? - O corpo de Tanner ficou rígido.

- Pois foi, senhor. Saíram do hotel antes da bomba explodir.

Um dos porteiros viu-as sair.

Tanner desligou, batendo com toda a força o telefone, e carregou no botão que ligava à sua secretária.

- Diga a Flint e a Carballo para virem cá.

Um minuto mais tarde, Harry Flint e Vince Carballo entravam no gabinete de Tanner. Este olhou-os. Estava furioso.

- As cabras conseguiram mais uma vez escapar. Esta é a última vez que permito que isto aconteça. Estão a perceber? Eu vou dizer onde elas estão e vocês vão tratar-lhes da saúde. Alguma pergunta?

- Não, senhor - responderam Flint e Carballo olhando um para o outro.

Tanner premiu um botão e imediatamente apareceu o mapa electrónico da cidade.

- Enquanto elas tiverem os meus cartões, conseguimos sempre saber onde estão.

E ficaram a ver no ecrã da televisão as luzes a acenderem-se no mapa. Tanner premiu outro botão. As luzes não se mexeram. Cerrou os dentes.

- Desfizeram-se dos cartões.

E o rosto dele foi ficando vez mais vermelho. Virou-se para Flint e Carballo. - Eu quero-as hoje!

Flint olhou para Tanner e perguntou:

- Mas como, se nós nem sabemos onde é que elas estão! Com é que quer...?

- Acham mesmo que ia permitir que uma mulher fosse mais esperta do que eu? - interrompeu. - Enquanto elas tiverem os celulares, não vão a lado nenhum sem nós sabermos.

- O senhor conseguiu arranjar os celulares delas? - perguntou Flint espantado.

Tanner nem se dignou responder. Examinava o mapa.

- Nesta altura já devem estar separadas. - Premiu outro botão.

- Vamos tentar primeiro Diane Stevens. - Marcou um número.

As luzes no mapa começaram a mexer e, devagarinho, foram-se centrando nas ruas de Manhattan, mostrando hotéis, lojas e centros comerciais. Por fim, pararam numa loja em cujo letreiro se lia "O Shopping para Todos".

- Diane Stevens está num centro comercial. - Premiu outro botão. -

Vamos ver onde está Kelly Harris.

E repetiu o procedimento. As luzes recomeçaram a mover-se, desta vez centrando-se numa outra parte da cidade.

Os homens olhavam enquanto a zona iluminada se ia reduzindo e mostrava uma rua com uma loja de roupas, um restaurante, uma farmácia e uma paragem de autocarros. As luzes pesquisaram a área e, de repente, pararam em frente de um edifício grande e aberto.

- Kelly Harris está numa estação de camionetas. - A voz dele era sinistra. - Temos que as apanhar e depressa.

- Mas como? - perguntou Carballo. - Cada uma está no seu lado da cidade. Quando lá chegarmos, já terão partido.

- Venham comigo - pediu Tanner virando-se.

E dirigiu-se a uma sala ao lado, com Flint e Carballo mesmo atrás dele. A sala onde entraram era uma imensidão de monitores, de computadores e de teclados electrónicos, com diferentes teclas de cores codificadas. Numa prateleira estava instalada uma pequena máquina com dúzias de CDs e de DVDs. Tanner procurou e inseriu na máquina um que tinha escrito por fora Diane Stevens. E foi explicando aos homens: - Isto que aqui temos é um sintetizador de voz. As vozes das senhoras Stevens e Harris foram previamente digitalizadas. Os padrões da fala delas foram registados e analisados. Ao premir um botão, cada palavra que eu disser será calibrada de forma a duplicar vozes delas. - Tanner pegou num celular e marcou uns números. Ouviu-se um cauteloso: Alô? - ouviu-se a voz de Kelly Harris.

Kelly? Que bom que a apanho. - Era Tanner quem falava, mas era a voz de Diane Stevens que eles ouviam.

- Diane! Apanhou-me mesmo a tempo. Estou prestes a sair daqui para fora.

Flint e Carballo ouviam, maravilhados.

- Kelly, para onde vai?

- Vou para Chicago. Vou apanhar um avião para casa, de O'Hare.

- Kelly, não pode ir embora.

Houve um silêncio e em seguida:

- Porquê?

- Porque eu finalmente descobri o que se estava a passar. Já sei quem matou os nossos maridos e porquê.

- Oh, meu Deus! Mas como foi... Tem a certeza?

- Absoluta. Tenho todas as provas de que possamos precisar.

- Diane, isso é maravilhoso.

- Tenho as provas comigo. Estou no Delmont Hotel, na Penthouse A. Daqui vou ao FBI. E queria que viesse comigo, mas se tem mesmo que voltar para casa, compreendo.

- Não! De forma nenhuma. Eu quero terminar aquilo que Mark estava a tentar fazer.

Flint e Carballo ouviam cada palavra, fascinados. Ao fundo, ouvia-se o anúncio do autocarro para Chicago.

- Eu vou consigo, Diane. Disse que era o Delmont Hotel?

- Sim. Fica na Eighty-sixth Street. Penthouse A.

- Vou a caminho. Encontramo-nos daqui a pouco.

A ligação foi cortada. Tanner virou-se para Flint e Carballo.

- Metade do problema está resolvido. Agora vamos tratar da outra parte.

E Flint e Carballo observavam enquanto Tanner inseria um CD com o nome de Kelly Harris no sintetizador. Tanner moveu um interruptor no telefone e marcou uns números.

A voz de Diane surgiu quase imediatamente.

- Alô?

Tanner falou no telefone, mas era a voz de Kelly que se ouvia.

- Diane...

- Kelly! Está tudo bem?

- Está tudo muito bem. Tenho excitantes notícias. Descobri quem matou os nossos maridos e porquê.

- O quê? Mas quem... Quem...?

- Não podemos falar disto ao telefone, Diane. Estou instalada no Delmont Hotel, na Eighty-sixth Street. Penthouse A. Pode vir cá ter comigo?

- Mas é claro. Vou já.

- Excelente, Diane. Fico à espera.

E Tanner desligou e virou-se para Flint:

- Tu é que vais estar à espera! - Deu uma chave a Flint. - Esta é a chave da Penthouse A. É uma suite da empresa. Vai imediatamente para lá e espera por elas. Quero que as mates assim que entrarem a porta. Eu depois trato dos corpos.

Carballo e Tanner viram Flint sair apressadamente pela porta.

- E eu, o que quer que eu faça, senhor Tanner? - perguntou Carballo.

- Tu encarregas-te de Saida Hernandez.

Dentro da suite, à espera, Flint estava determinado a não deixar que, daquela vez, alguma coisa corresse mal. Ouvira falar sobre o que Tanner fazia aos que lhe atrapalhavam a vida. Comigo não, pensou. Pegou na arma, verificou o carregador e aplicou o silenciador. Agora só lhe restava esperar.

Num táxi, a seis quarteirões do hotel, Kelly pensava excitadamente no que Diane lhe dissera. Descobri finalmente o que se estava a passar. Já sei quem matou os nossos maridos e porquê. Tenho todas as provas de que possamos precisar. Mark, finalmente vou fazer com que paguem por aquilo que te fizeram.

Diane estava febril de impaciência. O pesadelo chegava ao fim. Kelly descobrira de alguma forma quem estava por detrás de toda aquela trama para as matar e tinha provas. Richard, vou fazer com que te sintas orgulhoso de mim. Sinto-te perto e...

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo motorista do táxi.

- Chegámos, minha senhora. Delmont Hotel.

CAPÍTULO 30

Enquanto Diane atravessava o átrio do Delmont Hotel em direcção aos elevadores, o seu coração começou a bater aceleradamente. Estava ansiosa por ouvir o que Kelly tinha para lhe contar.

A porta de um dos elevadores abriu-se e várias pessoas saíram.

- Sobe?

- Sim. - Diane entrou. - Para a Penthouse, por favor.

Pensava velozmente Mas em que projecto estavam os nossos maridos envolvidos que era tão secreto que acabaram por serem mortos? E como foi que Kelly o conseguiu descobrir?.

O elevador encheu. A porta foi fechada e começou a subir. Diane vira Kelly ainda há umas horas atrás, mas, para seu espanto, percebeu que estava com saudades dela.

Ao fim de uma meia dúzia de paragens, o rapaz do elevador abriu a porta e disse:

- Penthouses.

Na sala de estar da Penthouse A, Flint aguardava junto da porta, tentando ouvir os sons que vinham do corredor. O problema é que a porta era bastante grossa e Flint sabia porquê. Não era para evitar que o som de fora se ouvisse no interior. Era para evitar que o som do interior se ouvisse lá fora.

Era naquela Penthouse que tinham lugar as reuniões de administração, mas Flint costumava brincar e dizer que ali nunca ninguém se aborrecera. Três vezes por ano, Tanner convidava alguns directores do KIG de uma dúzia de países. Quando os assuntos agendados terminavam, era trazido um enxame de lindíssimas jovens para divertir os convidados. Flint várias vezes ficara de guarda nessas orgias e agora, ali de pé, relembrava o mar de corpos nus, de gemidos e de libertinagem que se desenrolava, pelas camas e sofás, e imediatamente sentiu uma erecção. Sorriu. Em breve as senhoras resolveriam a situação.

Quando Diane ia a sair do elevador, perguntou ao rapaz:

- Para que lado fica a Penthouse A?

- No lado esquerdo do elevador, mas não está lá ninguém

- Como? - Diane virou-se.

- Essa Penthouse só é usada para reuniões de administração e a próxima é apenas em Setembro.

- Eu não vou a nenhuma reunião de administração. - Diane sorriu. - Vou ter com uma amiga que está à minha espera.

O rapaz, que a ficou a ver enquanto ela virava à esquerda e se dirigia para a Penthouse A, encolheu os ombros, fechou a porta do elevador e começou a descida.

A medida que Diane se aproximava da porta da Penthouse, acelerou o passo, tal era a excitação que sentia a crescer dentro de si.

Lá dentro, Flint aguardava que batessem à porta. Qual delas será a primeira a chegar? A loura ou a negra ? Quero lá saber, não sou racista!

Pareceu-lhe ouvir o som de alguém a aproximar-se e segurou na arma com firmeza.

Kelly lutava para combater a impaciência. Chegar ao Delmont Hotel fora complicado, o trânsito... os sinais vermelhos... as obras nas ruas. Estava atrasada. Correu pelo átrio do hotel e entrou no elevador.

- Para a Penthouse, por favor.

No quinquagésimo andar, enquanto Diane se aproximava da Penthouse A, a porta da suítezinha abriu-se e um empregado apareceu, recuando para o corredor, enquanto puxava um enorme carrinho cheio de bagagens, bloqueando-lhe a passagem.

- Eu já tiro isto da frente - disse, em jeito de desculpa.

Voltou a entrar na suite e apareceu com mais duas malas. Diane tentou passar, mas não havia espaço. O empregado disse:

- Pronto, já está. Queira desculpar o incómodo - e afastou o carrinho para que Diane pudesse passar.

Ela caminhou até à Penthouse A e erguia a mão para bater à porta quando se ouviu uma voz a chamar, vinda do fundo do corredor:

- Diane!

Virou-se. Kelly acabava de sair do elevador.

- Kelly!

Diane voltou para trás ao seu encontro.

Dentro da Penthouse, Flint tentava ouvir o que se passava. Estaria ali alguém? Podia abrir a porta para espreitar, mas, se o fizesse, podia pôr o plano em risco. Mata-as assim que entrarem pela porta.

No corredor, Kelly e Diane abraçavam-se, encantadas por se reencontrarem.

- Desculpe estar atrasada, mas o trânsito estava uma desgraça.

Apanhou-me no momento em que ia apanhar o autocarro para Chicago - dizia Kelly.

Diane olhava intrigada para ela.

- Eu? Eu apanhei-a?

- Sim. Estava a entrar para o autocarro quando me ligou.

Fez-se um momento de silêncio.

- Mas, Kelly... Eu não lhe liguei. Foi você quem me ligou. Para me dizer que tinha as provas de que precisamos... - E viu o olhar de horror a aparecer no rosto de Kelly.

- Eu não...

Viraram-se as duas a olhar para a Penthouse A. Diane respirou fundo.

- Vamos...

- Isso.

Desceram a correr um lanço de escadas, entraram no elevador e saíram do hotel, tudo em menos de três minutos.

Dentro da Penthouse, Flint olhava para o relógio. Mas porque é que as cabras estão a demorar tanto tempo?

Diane e Kelly sentaram-se no metropolitano numa carruagem apinhada de gente.

- Não sei como eles fizeram isto - começou Diane. - Mas era a sua voz.

- E eu ouvi a sua. Eles não vão descansar enquanto não nos matarem. São como polvos com milhares de tentáculos sangrentos que querem colocar em redor dos nossos pescoços.

- Para nos matarem, precisam primeiro de nos encontra ripostou Diane.

- Como é que nos encontraram desta vez? Já nos desfizemos dos cartões do Kingsley e não temos mais nada com que possam... Olharam uma para a outra e em seguida para os celulares.

- Mas como foi que eles conseguiram os nossos números? - interrogou-se Kelly.

- Lembre-se de com quem estamos a lidar. De qualquer das maneiras, este é, talvez, o lugar mais seguro em toda Nova Iorque. Pod mos ficar no metropolitano até que... - Diane olhou para o outro lado da coxia e ficou pálida.

- Vamos sair na próxima paragem - pediu com urgência na voz. - Na próxima.

- O quê? Mas você disse...

E Kelly seguiu o olhar de Diane. Na placa de anúncios que corria por cima das janelas estava uma fotografia de uma sorridente Kelly que anunciava um lindíssimo relógio de senhora. - Oh, meu Deus!

Levantaram-se e dirigiram-se apressadamente para a porta, à espera da próxima paragem. Dois marines sentados junto à porta olhavam de boca aberta para elas.

Kelly sorriu-lhes, tirou o celular a Diane, pegou no seu e deu um a cada um dos militares. - Nós depois ligamo-vos.

E desapareceram.

Na Penthouse, o telefone tocou. Flint atendeu-o.

- Já passou uma hora. O que se passa, senhor Flint? - perguntou Tanner.

- Elas não apareceram.

- O quê?

- Tenho estado aqui à espera.

- Volta já para o escritório.-Tanner desligou o telefone com força.

No início começara como um assunto de trabalho sem importância de que Tanner tinha de tratar. Agora passara a ser um assunto pessoal. Tanner pegou no seu celular e marcou o número do celular de Diane.

Um dos marines a quem Kelly dera os telefones atendeu: - finalmente, querida! Então, o que fazemos hoje à noite?

As cabras desfizeram-se dos telefones.

Era uma pensão de aspecto rasca, numa rua lateral do West Side. Quando o táxi ia a passar em frente, Diane e Kelly repararam no anúncio que dizia "TEMOS QUARTOS" e Diane pediu ao motorista: - Pare aqui, por favor.

As duas saíram e bateram à porta da frente do prédio. A dona da pensão, que lhes abriu a porta, era uma simpática mulher de meia idade chamada Alexandra Upshaw.

- Posso arranjar-vos um excelente quarto a quarenta dólares por noite, com pequeno almoço.

- Isso é óptimo - respondeu Diane, mas viu a expressão no rosto de Kelly. - O que se passa?

- Nada! - Kelly fechou por instantes os olhos. Não, aquela não se parecia nada com a pensão em que fora criada, a limpar retretes, a ter de cozinhar para gente desconhecida e a ouvir os sons do padrasto bêbado a bater na mãe. Conseguiu esboçar um sorriso. - Serve perfeitamente.

Na manhã seguinte, Tanner estava reunido com Flint e Carballo.

- Elas deitaram fora os meus cartões e despacharam também os celulares - disse.

- Então, quer dizer que as perdemos - comentou Flint.

- Nada disso, senhor Flint - respondeu Tanner. - Só por cima do meu cadáver. Nós não vamos atrás delas. Elas é que virão ter connosco.

Os dois homens olharam um para o outro e em seguida de volta para Tanner.

- Como assim?

- Diane Stevens e Kelly Harris vão estar aqui, no KIG, na próxima

segunda-feira, às onze e um quarto da manhã.

CAPÍTULO 31

Kelly e Diane acordaram ao mesmo tempo. Kelly sentou-se na cama e olhou para Diane:

- Bom dia. Dormiu bem?

- Tive uns sonhos esquisitos.

- Também eu. - Diane hesitou. - Kelly, quando ontem saiu do elevador exactamente no momento em que eu ia bater à porta da suite, acha que foi pura coincidência?

- É claro que sim. E muita sorte tivemos nós.

- Kelly olhava para Diane. - O que quer dizer com isso?

- Até aqui temos tido muita sorte - respondeu ela com muito cuidado. - Mesmo muita sorte. É como se... Como se alguém, ou alguma coisa, nos estivesse a ajudar ou a guiar.

Os olhos de Kelly estavam presos nela.

- Quer dizer... Do tipo anjo da guarda?

- Isso. - Kelly respondeu, cheia de paciência. - Diane, sei que acredita nessas coisas, mas eu não. E eu sei que não tenho nenhum anjo da guarda sobre o meu ombro.

- Você tem, o problema é que não o vê - respondeu Diane.

- Como queira - retorquiu Kelly rolando os olhos.

- Vamos tomar o pequeno almoço - sugeriu Diane. - Aqui estamos em segurança. Acho que não corremos perigo.

Kelly grunhiu.

- Se acha que já não corremos perigo, então é porque não conhece os pequenos almoços das pensões. Vestimo-nos, sim, mas depois vamos comer fora. Parece-me que vi um café ali na esquina.

- Está bem. Preciso de fazer uma chamada. - Diane dirigiu-se ao telefone e pediu um número.

Uma telefonista apareceu na linha:

- KIG.

- Queria falar com Betty Barker.

- É só um momento, por favor.

Tanner vira a luz azul a brilhar e ouvia na linha de conferência.

- A menina Barker neste momento não se encontra no gabinete dela - Quer deixar mensagem?

- Oh! Não, muito obrigada.

Tanner franziu o sobrolho. Demasiado rápido para conseguir localizar.

Diane virou-se para Kelly: - Betty Barker continua a trabalhar no KIG, por isso só precisamos de encontrar uma maneira de chegarmos até ela.

- Talvez o número de casa venha na lista.

- É possível, mas também pode estar sob escuta - lembrou Diane. Pegou na lista telefônica junto do telefone e começou a procurar a letra que pretendia. - Está aqui.

Diane marcou o número, ficou a ouvir e em seguida desligou devagarinho.

Kelly aproximou-se.

- O que foi?

Diane demorou um bocado até conseguir responder:

- O telefone dela foi desligado.

Kelly respirou fundo.

- Acho que vou tomar uma ducha.

Quando Kelly acabou a ducha e ia a sair da casa de banho reparou que deixara as toalhas sujas espalhadas pelo meio do chão. Ia continuar a andar, mas hesitou, apanhou-as e colocou-as direitas na prateleira. Entrou no quarto.

- É toda sua.

Diane respondeu com ar distraído:

- Obrigada.

A primeira coisa que Diane reparou assim que entrou na casa de banho foi que todas as toalhas que tinham sido usadas estavam colocadas direitinhas na prateleira. Sorriu.

Entrou na ducha e deixou que a água quente a descontraísse. Lembrou-se de quando tomava ducha com o Richard e como era bom os seus corpos a tocarem-se... Nunca mais. Mas as recordações estariam lá para sempre. Para sempre....- E havia as flores.

- Elas são lindas, meu querido. O que é que estamos a comemorar?

- O Dia de São Swithin.

E mais flores.

- O Dia em que Washington atravessou o Delaware.

- O Dia Nacional do Periquito.

- O Dia dos Amantes do Aipo.

Quando o cartão com as flores tinha escrito "Dia dos Lagartos Saltadores", Diane rira e dissera:

- Amor, os lagartos não saltam.

E Richard levara as mãos à cabeça e respondera alarmado:

- Maldição! Enganaram-me!

E ele adorava escrever-lhe poemas de amor. Quando Diane se vestia, encontrava um poema num sapato, ou no meio dos sutiãs, ou no bolso do casaco...

E depois houvera aquela vez em que ele chegara a casa depois do trabalho e ela estava parada do lado de dentro da porta, completamente nua, tirando um par de sapatos de salto alto, e lhe perguntara: - Querido, gostas destes meus sapatos?

E as roupas dele tinham caído no chão e o jantar fora atrasado. Eles...

A voz de Kelly chamava-a:

- Vamos tomar o pequeno almoço ou vamos jantar?

Dirigiram-se ao café. O dia estava fresco e limpo e o céu era de um azul translúcido.

- Céus azuis - comentou Diane. - Um bom presságio.

Kelly mordeu o lábio para evitar rir. De uma certa maneira, as superstições de Diane eram engraçadas.

A poucos metros do café, Diane e Kelly passaram por uma pequena loja. Olharam uma para a outra, fizeram um enorme sorriso e entraram.

Uma vendedora aproximou-se: - Posso ajudar?

- Sim - respondeu Kelly entusiasmada.

- Temos de ter calma - avisou Diane. - Lembre-se do que aconteceu da outra vez.

- Pois. Nada de exageros.

As duas vaguearam pela loja, escolhendo um número bastante reduzido de artigos. Deixaram as roupas velhas que tinham vestidas nos provadores.

- Não vão levar estas roupas? - perguntou a vendedora.

- Não. Pode dá-las para a caridade - respondeu Diane a sorrir.

À esquina havia uma loja de conveniência.

- Olha - disse Kelly. - Celulares descartáveis.

Kelly e Diane entraram e compraram dois, cada um deles com mil minutos incluídos.

- Vamos trocar os números outra vez - disse Kelly.

- Okay. - Diane sorriu.

Demorou-lhes apenas uns segundos. Quando estavam para sair e Diane pagava na caixa, olharam para as carteiras.

- Estou quase a ficar sem dinheiro.

- Eu também - corroborou Kelly.

- Talvez tenhamos que começar a usar os cartões de crédito - opinou Diane.

- Não enquanto não encontrarmos o buraco mágico do coelho.

- O quê?

- Esqueça.

Quando já estavam sentadas à mesa do café, a empregada aproximou-se e perguntou:

- O que querem tomar, minhas senhoras?

Kelly virou-se para Diane:

- Escolha primeiro.

- Eu quero um sumo de laranja, ovo, torradas e café.

A empregada dirigiu-se a Kelly:

- E a senhora?

- Meia toranja.

- Só isso? - comentou Diane.

- Exactamente.

A empregada partiu.

- Você não pode viver só com meia toranja.

- É o hábito. Há uma série de anos que faço uma dieta rigorosa.

Alguns modelos chegam mesmo a comer os Kkeaex para enganar a fome.

- A sério?

- A sério. Mas agora já não interessa. Nunca mais vou trabalhar como modelo.

Diane olhou para ela por momentos.

- Porquê?

- Porque agora já não é mais importante. Mark ensinou-me o que é verdadeiramente importante e... - Calou-se, tentando evitar as lágrimas. - Gostaria que o tivesse conhecido.

- Eu também. Mas você agora vai ter de recomeçar a sua vida.

- E a Diane? - perguntou Kelly. - Vai recomeçar a pintar?

Fez-se um longo silêncio.

- Eu tentei... Não.

Quando Kelly e Diane terminaram o pequeno almoço e se dirigiam para a porta, a primeira reparou que os jornais da manhã estavam a ser colocados nos escaparates.

Diane continuou a andar, mas Kelly pediu:

- Espere um segundo. -Voltou atrás e tirou um dos jornais. - Olhe!

Apontou para um artigo no topo da primeira página.

O Kingsley Internacional Group vai celebrar um serviço religioso em honra de todos os seus empregados cujas recentes mortes têm sido causa de especulação universal. O tributo terá lugar nas instalações do KIG, em Manhattan, na próxima segunda feira, pelas 11.25 da manhã.

- Eu não quero ser chata, mas como é que espera sair de lá com vida?

- Vou pensar numa forma. - Olhou para Kelly e sorriu. - Confie em mim.

Kelly abanou a cabeça.

- Não há nada que me deixe mais nervosa do que quando alguém me diz "Confie em mim". - O seu rosto de repente iluminou-se. - Tenho uma idéia. Já sei como sair disto.

- Qual é a sua idéia?

- Vai ser uma surpresa.

Diane olhou para ela, preocupada.

- Tem a certeza de que nos consegue safar?

- Confie em mim.

Quando voltaram para a pensão, Kelly fez um telefonema.

Nessa noite, ambas dormiram mal. Kelly estava deitada na cama, preocupada. Se o meu plano falhar, morremos as duas. No momento em que adormeceu, pareceu-lhe ver a cara de Tanner Kingsley a olhar para ela. E ele ria.

Diane rezava, os olhos bem fechados. Meu amor, é bem possível que

esta seja a última vez que falo contigo. Não sei muito bem se deva dizer adeus se olá. Amanhã, eu e Kelly vamos ao KIG, ao serviço em tua memória. Não me parece que as hipóteses de escaparmos com vida sejam muito boas, mas tenho que ir, para te tentar ajudar. Só te queria dizer, uma vez mais, antes que seja, talvez, demasiado tarde, que te amo. Boa noite, meu querido.

- É amanhã. - Kelly olhou para Diane.

- Porque é que acha que eles estão a fazer isto?

- Acho que nos estão a preparar uma armadilha.

- Também eu - concordou Kelly. - Kingsley pensará que nós somos tão estúpidas que vamos cair... - Olhou para a expressão de Diane e disse espantada:

- Nós vamos, é?

Diane acenou que sim..

- É impossível!

- Temos que ir. Tenho a certeza de que Betty Barker vai lá estar. E eu tenho que falar com ela.

CAPÍTULO 32

O serviço tinha lugar no Parque KIG, uma zona que fora especialmente arranjada nas traseiras do complexo do Kingsley Internacional Group para servir de lugar de recreio para os empregados. Cerca de uma centena de pessoas estavam reunidas no parque, ao qual se acedia apenas por dois caminhos com portões, um para entrada e outro para saída.

No centro, fora erguido um estrado onde se sentavam meia dúzia de executivos do KIG. Numa ponta da fila estava sentada a secretária de Richard Stevens, Betty Barker. Era uma mulher atraente de aspecto aristocrático, nos trinta anos. Tanner falava ao microfone: - ...e esta empresa foi construída com a dedicação e a lealdade dos seus empregados. Estamos gratos a todos eles e saudamo-los. Sempre gostei de considerar a nossa empresa como uma família, em que todos trabalham para um objectivo comum.

Enquanto falava, ia observando as pessoas ali reunidas. - No KIG, temos resolvido problemas e executado idéias que tornam o mundo um lugar melhor e não existe maior satisfação do que...

Ao fundo do parque, viu Diane e Kelly, que tinham acabado de entrar. Tanner deitou uma olhadela ao relógio. Eram onze e quarenta. No seu rosto apareceu um sorriso de satisfação. Continuou a falar: - ... saber que o sucesso desta empresa a todos vós se deve.

Diane olhou para a plataforma e, excitada, deu uma cotovelada a Kelly:

- Está ali Betty Barker. Tenho que falar com ela.

- Tenha cuidado.

Diane olhou em volta e disse, pouco à vontade:

- Isto é demasiado fácil. Tenho a sensação de que fomos... - Virou-se para olhar para trás e arquejou. Num dos portões via-se Harry Flint com dois dos seus homens. Olhou para o outro portão. Estava bloqueado por Carballo com mais dois homens.

- Olhe! - Diane sentiu a garganta a ficar seca.

Kelly virou-se para ver seis homens a bloquearem as saídas.

- Há mais alguma maneira de sair daqui?

- Acho que não.

Tanner dizia:

- ... infelizmente, desgraças recentes têm atingido vários membros da nossa família. E quando uma tragédia se abate sobre alguém da família, isso afecta-nos a todos. Por isso, o KIG oferece uma recompensa de cinco milhões de dólares a quem possa provar quem se encontra por detrás de tudo isto.

- Cinco milhões de dólares que saem de um dos teus bolsos para entrarem no outro - disse Kelly baixinho.

Tanner olhava por cima da multidão para Diane e para Kelly e os seus olhos estavam gelados.

- Temos hoje entre nós dois membros enlutados, as esposas de Mark Harris e Richard Stevens. Vou-lhes pedir que façam o favor de vir até aqui ao pódio.

- Nós não podemos permitir que ele nos faça ir até ali - disse Kelly horrorizada. - Temos de nos manter no meio desta gente. E agora, o que é que fazemos?

Diane olhou para Kelly, espantada.

- O que é que quer dizer com isso? A Kelly é que ficou encarregada de nos tirar daqui, lembra-se? Ponha o seu plano a funcionar.

- Não resultou - respondeu Kelly engolindo em seco.

- Então passe para o plano B - pediu nervosamente Diane.

- Diane...

- Sim?

- Não há um plano B.

Os olhos de Diane abriram-se.

- Quer dizer que... que nos trouxe até aqui sem ter maneira de nos fazer sair?

- Eu pensei...

A voz de Tanner soava no altifalante.

- As senhoras Stevens e Harris importam-se de vir até aqui, por favor?

Kelly virou-se para Diane.

- Eu... eu peço muita desculpa.

- A culpa é toda minha. Nunca devíamos ter vindo.

As pessoas na multidão começavam a vírar-se para olhar para elas. EWstavam encurraladas.

- Senhoras Stevens e Harris...

Kelly murmurou: - O que é que vamos fazer?

Diane respondeu:

- Não temos alternativa. Temos de ir. - Respirou fundo. - Vamos.

Relutantes, as duas mulheres começaram a caminhar devagar em direcção ao pódio.

Diane olhava para cima para Betty Baker, cujos olhos estavam pregados nela, um ar de pânico espelhado no rosto.

Diane e Kelly aproximaram-se, os corações a bater desordenados. Diane pensava: Meu querido Richard, eu tentei. Seja o que for que acontecer, quero que saibas...

Ouviu-se o som de alguma agitação vinda da zona traseira do parque. As pessoas esticavam o pescoço para verem melhor.

Ben Roberts fazia a sua entrada, acompanhado por uma enorme equipa de operadores de câmara e de assistentes.

As duas voltaram-se para olhar. Kelly agarrou o braço de Diane, exultante:

- O plano A chegou! Ben está aqui!

E Diane olhou para cima e disse baixinho:

- Obrigada, Richard.

- O quê? - perguntou Kelly, mas de repente percebeu o que Diane queria dizer. E comentou cinicamente: - Está bem. Vamos. Ben está à nossa espera.

Tanner observava o que se estava a passar, o rosto tenso. E disse alto:

- Desculpe, lamento muito, senhor Roberts, mas esta é uma cerimônia privada. Vejo-me obrigado a pedir-lhe a si e à sua equipa que saiam.

Roberts respondeu-lhe:

- Bom dia, senhor Kingsley. O meu programa está a fazer um segmento sobre as senhoras Harris e Stevens no estúdio, mas, já que estamos aqui, pensei que gostaria de mostrássemos o seu serviço de homenagem.

Tanner abanou a cabeça. - Não. Não posso permitir que permaneçam.

- Tanto pior. Então, sendo assim, vejo-me obrigado a levar as senhoras Harris e Stevens comigo de volta ao estúdio, neste momento.

- Não pode - disse Tanner rispidamente.

- Desculpe, eu não posso o quê? - disse Ben, olhando para cima.

- Eu... o que eu quero dizer é que... Não interessa. - Tanner tremia de fúria.

As duas mulheres aproximaram-se de Ben. Este disse baixinho:

- Desculpem o atraso. Mas é que chegou uma notícia sobre um assassinato e...

- Quase vos chegou outra notícia sobre mais dois - retorquiu Kelly. - Vamos mas é sair daqui para fora.

Tanner olhava frustrado enquanto Kelly, Diane, Ben Roberts e toda a sua equipa afastavam os homens de Tanner e saíam do parque.

Harry Flint olhou para Tanner em busca de instruções. Enquanto este abanava a cabeça devagar numa negativa, ia pensando: Não pensem que isto fica assim, suas cabras.

Diane e Kelly entraram no carro de Ben. Os outros membros da equipa seguiam atrás em duas carrinhas. Roberts olhou para Kelly. - Já me podes explicar o que se estava a passar ali?

- Quem me dera, Ben. Mas ainda não te posso dizer nada. Assim que souber realmente o que se passa, prometo que te explico tudo.

- Kelly, tu sabes que eu sou um repórter. Preciso de saber...

- Tu hoje vieste como amigo.

Roberts suspirou.

- Está bem. Onde queres que vos deixe?

- Importas-te de nos deixar na esquina da Forty-second Street com a Times Square? - perguntou Diane.

- Com certeza.

Vinte minutos mais tarde, Kelly e Diane apeavam-se. Kelly beijou Ben Roberts na face.

- Muito obrigada, Ben. Não me esquecerei do que fizeste. Depois falamos.

- Tem cuidado.

Enquanto se afastavam, viraram-se para dizer adeus.

- Sinto-me nua - disse Kelly.

- Porquê?

- Diane, nós não temos uma arma, nada. Quem me dera que tivéssemos uma arma.

- Mas temos os nossos cérebros.

- Eu gostava de ter uma arma. Porque é que viemos para aqui? O que vamos fazer agora?

- Vamos parar de fugir. De agora em diante, passamos à ofensiva.

- E o que significa isso? - perguntou Kelly, curiosa.

- Significa que estou farta de ser o alvo a atingir. Agora somos nós que vamos atrás deles, Kelly.

Kelly estacou e olhou para Diane.

- Nós vamos atrás do KIG?

- Exactamente.

- Deve ter andado a ler demasiados livros policiais. E como é que acha que nós as duas vamos ser capazes de deitar abaixo o maior think tank do mundo?

- Vamos começar por arranjar os nomes de todos os funcionários deles que morreram nas últimas semanas.

- O que a leva a pensar que morreu mais gente além de Mark e Richard?

- Porque os jornais diziam todos os funcionários, o que significa que foram mais do que dois.

- Oh! E quem é que nos vai dar esses nomes?

- Já lhe digo - respondeu Diane.

O Easy Access Ciber Café era uma sala enorme com mais de uma dúzia de filas de computadores, quase todos eles ocupados. Fazia parte de uma cadeia que começava a aparecer por todo o mundo.

Quando entraram, Diane dirigiu-se à máquina que vendia cartões para comprar uma hora de acesso à Internet. Quando voltou para junto de Kelly, esta perguntou-lhe: - Por onde começamos?

- Vamos perguntar ao computador.

Encontraram um cubículo vazio e sentaram-se. Kelly observou enquanto Diane se ligava.

E agora o que acontece?

Primeiro fazemos uma pesquisa no Google para descobrirmos os nomes das outras vítimas que trabalhavam para o KIG.

Diane surfou na net entrando no site www.google.com e teclou os critérios de pesquisa: "necrologia" e "KIG".

No ecrã apareceu uma longa lista de sites possíveis. Diane procurou especificamente os de jornais que estavam disponíveis online e encontrou vários. Clicou nesses links que a levaram a uma série de registos de óbitos e outros artigos. Um dos artigos levou-a até ao KIG de Berlim, e ela entrou no web site.

- Isto é interessante... Franz Verbrugge.

- Quem é esse?

- A questão é: onde é que ele está! Parece que desapareceu. Trabalhava para o KIG de Berlim e a mulher, Sonja, morreu em condições misteriosas.

Diane clicou noutro link. Hesitou e olhou para Kelly.

- Em França... Mark Harris.

Kelly respirou fundo e disse que sim com a cabeça.

- Continue.

Diane teclou mais umas palavras.

- Denver, Gary Reynolds, e em Manhattan - a voz fraquejou, - Richard.

Levantou-se.

- E é tudo.

- E agora? - perguntou Kelly.

- Agora tentamos descobrir qual a ligação que existe entre tudo isto. Vamos embora.

A meio do quarteirão, Kelly e Diane passaram por uma loja que vendia computadores.

- É só um minuto - pediu Kelly.

Diane seguiu-a enquanto ela entrava na loja e abordava o gerente.

- Desculpe. O meu nome é Kelly Harris. Sou assistente do senhor Tanner Kingsley. Precisamos de três dúzias dos melhores e mais caros computadores que tiver, para esta tarde. Acha que é possível?

O gerente entusiasmou-se.

- Claro que sim. Com certeza, senhora Harris. Para o senhor Kingsley, tudo o que quiser. É claro que não temos o material todo aqui, mas temos nos nossos armazéns. Eu próprio me encarrego do caso. Vai ser pago em dinheiro ou para facturar?

- Será pago em dinheiro, no acto de entrega - respondeu Kelly Enquanto o gerente se apressava a tratar do caso, Diane comentou: - Gostaria de ter pensado isso.

E Kelly fez um enorme sorriso.

- Vai pensar.

- Pensei que gostaria de ver estes, senhor Kingsley.

Kathy Ordonez deu-lhe uma série de jornais. Os cabeçalhos eram elucidativos:

"AUSTRÁLIA SOB INESPERADO TORNADO"

O primeiro tornado que alguma vez atingiu a Austrália já destruiu meia dúzia de aldeias. O número de mortos é por enquanto desconhecido. Os meteorologistas dizem-se desconcertados com estes novos padrões do clima. Culpa atribuída à camada de ozono.

- Envie tudo à senadora van Luven acompanhados de uma nota:

"Cara senadora van Luven, penso que o tempo urge. Melhores cumprimentos, Tanner Kingsley."

- Com certeza, senhor.

Tanner olhou para o computador quando ouviu o som que o avisava de que tinha recebido um alerta da divisão de segurança do Departamento de Informação e Tecnologia.

Conseguira instalar "spiders", software de alta. tecnologia que constantemente pesquisava a internet em busca de informações. Inicialmente, colocara-as para ser alertado quando alguém entrava em busca de informações delicadas sobre as mortes de Richard Stevens e de Mark Harris, e agora olhava interessado para o computador que lhe enviava os alertas.

Premiu um intercomunicador e chamou:

- Andrew, anda cá.

Andrew estava no seu gabinete a pensar no acidente que sofrera e a lembrar-se. Estava no vestiário onde fora buscar o fato espacial que o exército tinha mandado. Começara a tirar um do cabide, mas Tanner estava lá e fora ele quem lhe dera um fato e uma máscara de gás. Veste este. Vai-te dar sorte! Tanner era...

- Andrew, anda cá!

Andrew ouviu a ordem, levantou-se e dirigiu-se devagar ao gabinete de Tanner.

- Senta-te.

- Sim, Tanner. - E sentou-se.

- As cabras acabaram de entrar do nosso site de Berlim. Sabes o que isso significa?

- Sim... eu... Não.

A secretária de Tanner fez-se ouvir pelo intercomunicador:, - Senhor

Kingsley, os computadores chegaram.

- Quais computadores?

- Aqueles que encomendou.

Intrigado, Tanner levantou-se e dirigiu-se à recepção. Três dúzias de computadores empilhavam-se em cima de carrinhos. O gerente da loja e três homens em fato macaco estavam junto deles.

O rosto do gerente iluminou-se quando viu Tanner a aproximar-se.

- Trouxe tudo aquilo que pediu, senhor Kingsley. Tudo topo de gama. E teremos todo o gosto em lhe arranjar aquilo que...

Tanner olhava fixamente para a pilha de computadores.

- Quem foi que encomendou tudo isto?

- A sua assistente, Kelly Harris. Disse que o senhor precisava deles com urgência, por isso...

- Leve-os de volta - respondeu baixinho Tanner. - Ela não vai precisar deles, no sítio para onde vai.

E virou-se e regressou ao gabinete.

- Andrew, tens alguma idéia da razão por que elas acederam ao nosso site? Bom, então eu vou-te explicar. Estão a fazer uma busca sobre as vítimas e vão procurar saber quais as razões que se encontram por detrás das suas mortes. - E Tanner sentou-se. - Para o fazerem, teriam de ir à Europa. Só que não vão conseguir lá chegar...

- Pois não... - respondeu Andrew, sonolento.

- E como é que nós as vamos impedir, Andrew?

Andrew acenou com a cabeça: - Impedir...

Tanner olhou para o irmão e disse, desdenhoso: - Como gostava de ter alguém com um cérebro para poder falar. - Os olhos de Andrew observavam tudo enquanto Tanner se dirigia a um computador e se sentava na frente do teclado.

- Vamos começar por limpar todos os bens delas. Temos os números da Segurança Social. - Batia as teclas enquanto falava. Diane Stevens... - ia dizendo enquanto usava o software clandestino que o KIG instalara quando tinham sido

contratados para fazer com que os sistemas do Experian fossem compatíveis com o Y2K. Este software clandestino permitia a Tanner ter acesso a coisas que nem os principais directores do Experian conseguiam ter.

- Olha. O Experian tem toda a informação bancária dela, um fundo de pensões do IRA, a linha de crédito no banco. Estás a ver?

- Sim, Tanner - respondeu Andrew engolindo em seco. - Sim.

Tanner voltou a olhar para o computador.

- Vamos dar os cartões de crédito dela como roubados... Agora vamos fazer a mesma coisa com os de Kelly Harris... O nosso próximo passo é entrar no site do banco de Diane.

Acedeu ao site e em seguida clicou num link que dizia "Gerir as suas Contas".

Em seguida, Tanner digitou o número de conta de Diane Stevens e os quatro últimos números da Segurança Social e o acesso foi-lhe concedido imediatamente. Uma vez lá dentro, transferiu todos os saldos para a linha de crédito e depois voltou à base de crédito do Experian e cancelou-lhe a linha de crédito sob "Em Cobrança".

- Andrew...

- Sim, Tanner.

- Percebeste o que eu fiz? Transferi todo o dinheiro de Diane Stevens para o campo das dívidas a serem cobradas pelo departamento de cobranças. - A voz dele soava satisfeita. - Agora vou fazer a mesma coisa com Kelly Harris.

Quando terminou, levantou-se e chegou junto de Andrew.

- Está feito. Agora não têm dinheiro nem crédito. Não têm maneira de sair do país. Conseguimos encurralá-las. O que pensas tu do teu irmão mais novo?

Andrew abanou a cabeça: - Ontem à noite na televisão, vi um filme sobre...

Furioso, Tanner cerrou a mão e esmurrou o irmão na cara, de tal maneira que ele caiu da cadeira e esta bateu contra uma parede, fazendo enorme estardalhaço.

- Seu grande filho da mãe! Presta atenção ao que eu digo quando estou

a falar contigo!

A porta abriu-se de repente e Kathy Ordonez, a secretária de Tanner, entrou, ansiosa:

- Está tudo bem, senhor Kingsley?

- Sim, está tudo bem. Foi o pobre Andrew que caiu.

- Oh, meu Deus!

Os dois ergueram Andrew e puseram-no de pé.

- Eu caí?

- Sim, Andrew. Tu caíste, mas agora está tudo bem - respondeu Tanner, todo suavidade.

Kathy Ordonez sussurrou:

- Senhor Kingsley, não acha que o seu irmão estaria melhor num lar?

- É claro que estaria - respondeu. - Mas isso seria um enorme desgosto para ele. Esta é a sua casa e eu posso muito bem tomar conta dele aqui.

Kathy Ordonez olhou com admiração para Tanner.

- O senhor é um homem maravilhoso, senhor Kingsley.

Ele encolheu os ombros.

- Todos temos de fazer o que melhor que podemos.

Dez minutos mais tarde a secretária de Tanner estava de volta.

- Boas notícias, senhor Tanner. Chegou agora mesmo este fax do gabinete da senadora van Luven.

- Mostre cá. - Tanner arrancou-lho da mão.

Caro senhor Kingsley, Serve a presente para o informar de que a Comissão Especial do Senado para o Ambiente decidiu atribuir fundos para aumentar imediatamente a investigação sobre o aquecimento global e as formas de o combater. Melhores cumprimentos, senadora van Luven.

CAPÍTULO 33

- Tem passaporte? - perguntou Diane.

- Ando sempre com ele quando estou no estrangeiro - e acrescentou: - E este, de facto, tem sido ultimamente um país estrangeiro para mim.

Diane anuiu.

- O meu está num cofre no banco. Vou buscá-lo. E além disso também precisamos de dinheiro.

Quando entraram no banco, Diane desceu para a zona dos cofres e abriu o seu. Tirou o passaporte, meteu-o na carteira e subiu as escadas direita a uma das caixas.

- Pretendo fechar a minha conta.

- Com certeza. O seu nome, por favor?

- Diane Stevens.

O caixa acenou com a cabeça. - É só um segundo, por favor.

Dirigiu-se a um ficheiro, abriu uma gaveta e começou a procurar nos cartões. Puxou um, olhou por momentos para ele e em seguida voltou para junto de Diane.

- A sua conta já foi fechada, senhora Stevens.

Diane sacudiu a cabeça.

- Não. Deve haver algum engano. Eu tenho...

O caixa colocou o cartão na frente dela. Dizia: "Conta fechada. Razão: falecimento."

Diane ficou a olhar para o cartão sem querer acreditar e em seguida olhou para o caixa:

- Estou com cara de quem faleceu?

- É claro que não. Lamento muito. Se pretender falar com o gerente, eu...

- Não! - Diane de repente percebeu o que acontecera e sentiu um

arrepio. - Não, obrigada.

Correu para a entrada, onde Kelly esperava por ela. - Já tem o passaporte e o dinheiro?

- O passaporte sim, o dinheiro é que não. Os filhos da mãe fecharam a minha conta.

- Mas como é que eles...?

- É muito simples, eles são o KIG e nós não. - Diane ficou pensativa. - Oh, meu Deus!

- O que foi agora?

- Tenho de fazer já uma chamada.

Diane apressou-se em direcção a uma cabina, marcou um número e tirou para fora o cartão de crédito. Uns segundos mais tarde falava com um funcionário:

- A conta está em nome de Diane Stevens. É uma conta...

- Lamento muito, senhora Stevens. Os nossos registos mostram que o seu cartão foi dado como roubado. Se quer apresentar uma reclamação, nós podemos mandar-lhe outro cartão dentro de um ou dois dias e...

- Não faz mal - respondeu.

Desligou o telefone e voltou para junto de Kelly.

- Eles cancelaram todos os meus cartões de crédito.

Kelly respirou fundo.

- É melhor eu fazer um ou dois telefonemas.

E Kelly esteve ao telefone durante quase meia hora. Quando voltou para junto de Diane, fumegava de raiva.

- O polvo atacou de novo. Mas eu ainda tenho uma conta em Paris, por isso...

- Kelly, não temos tempo para isso. Temos de sair daqui agora.

Quanto dinheiro tem ainda consigo?

- O suficiente para voltarmos para Brooklyn. E você?

- Para chegar a New Jersey.

- Então estamos tramadas. Sabe porque é que eles estão a fazer isto, não sabe? Para nos impedir de chegar à Europa e descobrir a verdade.

- Parece que conseguiram.

Kelly ficou pensativa.

- Não, não conseguiram. Nós vamos na mesma.

- Como? Na minha nave espacial? - perguntou, céptica, Diane.

- Não. Na minha.

Joseph Beny, o gerente da joalharia da Quinta Avenida, viu Kelly e Diane aproximarem-se e deu-lhes o seu melhor sorriso profissional - Posso ser útil?

- Sim - respondeu Kelly. - Pretendo vender o meu anel.

O sorriso desapareceu.

- Lamento muito, mas nós não compramos jóias.

- Oh! Mas que pena.

Joseph Berry começou a virar-se. Kelly abriu a mão. Nela tinha um enorme anel de esmeralda.

- Esta é uma esmeralda de sete quilates rodeada por diamantes de três quilates, montados em platina.

Joseph Berry olhou para o anel, impressionado. Pegou numa lupa de joalheiro e colocou-a no olho.

- É, de facto, lindíssimo, mas nós temos uma firme regra de não...

- Pretendo vinte mil dólares por ele.

- A senhora disse vinte mil dólares?

- Exactamente. Em dinheiro.

Diane olhava para Kelly.

- Kelly...

Berry analisou de novo o anel e acenou:

- Eu... eu penso que podemos resolver este assunto. É só um momento. - E desapareceu no seu escritório das traseiras.

- Você enlouqueceu? - perguntou Diane. - Está a ser roubada.

- Estou? Se ficarmos aqui vamos acabar por ser mortas. Diga-me, por favor, quanto valem as nossas vidas.

Diane ficou sem resposta. Joseph Berry regressou do escritório com um sorriso.

- Vou imediatamente mandar alguém ao banco do outro lado da rua para arranjar o dinheiro.

Diane virou-se para Kelly: - Ficaria mais feliz se não fizesse isto.

Kelly encolheu os ombros.

- Não passa de uma jóia... - respondeu, e fechou os olhos.

Não passa de uma jóia...

Era o seu dia de anos. O telefone tocou.

- Bom dia, minha querida.

Era Mark.

- Bom dia.

Ficou a aguardar que ele dissesse "Parabéns"

Em vez disso, ele disse: - Hoje não trabalhas, pois não? Gostas de fazer caminhadas?

Não era nada daquilo que Kelly estava à espera de ouvir. Sentiu um pequeno tremor de desapontamento. Na semana anterior tinham falado sobre os anos dela. Pelos vistos, Mark esquecera-se.

- Sim.

- Que tal irmos agora, de manhã?

- Está bem.

- Vou ter contigo daqui a meia hora.

- Estarei pronta.

- Onde vamos? - perguntou Kelly quando entraram no carro.

Estavam ambos vestidos para andar a pé.

- Há uns caminhos muito engraçados perto de Fontainebleau.

- Oh! Vais lá muitas vezes?

- Costumava ir até lá, quando queria fugir.

- Fugir do quê? - perguntou Kelly, olhando-o com ar intrigado.

Ele hesitou. - Da solidão. Ali sentia-me menos só.

Olhou para ela e sorriu...

- Nunca mais lá voltei desde que te conheci.

Fontainebleau era um magnífico palácio real rodeado por florestas silvestres a sudeste de Paris.

Quando o maravilhoso e imponente palácio se começou a ver à distância, Mark comentou:

- Muitos reis chamados Luís viveram aqui, e o primeiro foi Luís IV.

- Sim? - Kelly olhava para ele e pensava: Será que nessa época já havia cartões de aniversário? Gostava que ele me tivesse dado um. Estou a agir como uma idiota.

Chegaram aos jardins do palácio. Mark entrou num dos parques de estacionamento.

Quando saíram do carro e se dirigiam para os bosques, Mark perguntou: - Achas que agüentas um quilometro e meio?

- Faço muito mais do que isso por dia nas passarelas - deu ela a rir.

- Óptimo, então vamos - e Mark pegou-lhe na mão.

- Aí vou eu.

Passaram uma série de imponentes edifícios e entraram no bosque. Estavam completamente sozinhos, cercados pela verdura de campos antigos e velhas árvores carregadas de história. Era um maravilhoso dia de verão. O vento estava quente e suave e acima deles havia um céu azul sem nuvens.

- Não é maravilhoso? - perguntou Mark.

- É lindo, Mark.

- Estou feliz por não trabalhares hoje.

Kelly lembrou-se de uma coisa: - E tu, não devias estar a trabalhar?

- Tirei o dia.

- Oh!

Continuaram a caminhar, embrenhando-se cada Vez mais na misteriosa floresta.

Ao fim de quinze minutos, Kelly perguntou:

- Aonde vamos?

- Há lá em cima um lugar de que gosto muito. Estamos quase a chegar.

Uns minutos mais tarde, entraram numa clareira com um enorme carvalho no meio.

- Ora cá estamos - disse Mark.

- É tão calmo.

Pareceu-lhe ver algo gravado na árvore. Kelly avançou para ver melhor. Dizia: "PARABÉNS, KELLY". Ficou a olhar para Mark, sem fala.

- Oh, Mark, meu querido. Muito obrigada.

Afinal ele não se esquecera.

- Acho que há mais qualquer coisa nessa árvore.

- Na árvore? - Kelly aproximou-se. A altura dos olhos havia um buraco. Meteu a mão lá dentro, sentiu um pequeno embrulho e tirou-o para fora. Era um presente.

- Mas o que...?

- Abre.

Kelly abriu-o e os seus olhos aumentaram de espanto. Dentro da caixa estava um anel com uma esmeralda de sete quilates, rodeada por três quilates de diamantes, tudo encastoado em platina. Kelly olhava, sem conseguir acreditar. Virou-se e lançou os braços ao pescoço dele.

- Mas isto é muito generoso.

- Eu dava-te a Lua, se ma pedisses. Kelly, eu estou apaixonado por ti.

Ela apertou-o contra o peito, perdida numa alegria que nunca antes conhecera. E em seguida disse uma coisa que não pensara nunca, nunca vir a dizer:

- Também estou apaixonada por ti, meu amor.

Ele estava radiante.

- Então vamos casar já. Nós...

- Não! - Era como uma chicotada.

Mark olhava para ela, espantado.

- Porquê?

- Não podemos.

- Kelly, não acreditas que eu te amo?

- Acredito.

- E tu amas-me?

- Amo.

- Mas não queres casar comigo?

- Eu quero. Mas... não posso.

- Não estou a perceber. O que se passa?

Ele estudava-a, confuso. E Kelly sabia que no momento em que contasse a Mark a traumática experiência por que passara ele nunca mais a quereria voltar a ver.

- Eu... eu nunca poderei ser uma verdadeira mulher para ti.

- O que queres dizer com isso?

Esta era a coisa mais difícil que Kelly alguma vez tivera que dizer.

- Mark, nós nunca poderíamos ter relações sexuais. Quando eu tinha oito anos, fui violada. - Ela olhava para as impávidas árvores, enquanto contava a sua sórdida história ao primeiro homem que alguma vez amara. - Eu não estou interessada em sexo. Só a idéia me deixa enojada. Assusta-me. Eu... eu sou meia mulher. Eu não sou normal.

Kelly respirava com dificuldade, tentando não chorar.

Sentiu as mãos de Mark nas suas. .

- Lamento tanto, Kelly. Deve ter sido devastador.

Kelly ficou silenciosa.

- O sexo é muito importante num casamento - disse ele.

Kelly anuiu, mordendo o lábio. Sabia o que ele ia dizer a seguir.

- É claro. Por isso percebo perfeitamente porque não vais querer...

- Mas não é a essência do casamento. O casamento é passar a nossa vida com alguém que se ama, ter alguém com quem falar, alguém com quem partilhar os bons e os maus momentos.

Ela ouvia, sem saber que dizer, com medo de acreditar no que estava a ouvir.

- No fim, o sexo desaparece, Kelly, mas não o verdadeiro amor. Eu amo-te pelo teu coração e pela tua alma. Quero passar o resto da minha vida contigo. Posso perfeitamente viver sem sexo.

Kelly tentou manter a voz calma.

- Não, Mark. Eu não posso permitir.

- Porquê?

- Porque um dia ias arrepender-te. Acabarias por te apaixonar por outra pessoa que te pudesse dar... aquilo que eu não posso e deixar-me-ias... E isso ia destruir-me.

Mark estendeu os braços e abraçou-a, apertando-a contra o peito. - Sabes porque é que eu jamais seria capaz de te deixar? Porque tu és a minha melhor parte. Nós vamo-nos casar.

Kelly olhou para Mark nos olhos.

- Mark, tens consciência daquilo em que te vais meter?

- Acho que devias dizer isso de outra maneira - disse ele sorrindo.

Kelly riu e abraçou-o.

- Oh, meu amor, tens a certeza que...?

- Claro que tenho a certeza - disse ele, feliz. - E tu, que dizes?

Ela sentia as lágrimas escorrerem-lhe pela cara. - Eu digo... sim!

Mark enfiou o anel de esmeraldas no dedo dela. Ficaram abraçados por muito tempo.

- Quero que venhas amanhã de manhã comigo ao salão e que conheças algumas das modelos com quem trabalho.

- Pensei que isso era proibido.

- As regras agora mudaram.

Mark riu.

- Vou falar com um juiz meu amigo parai nos casar no domingo que vem.

Na manhã seguinte, quando Kelly e Mark chegaram ao salão, Kelly apontou para o céu.

- Parece que vai chover. Toda a gente fala do tempo, mas ninguém faz nada a seu respeito.

Mark virou-se para ela e olhou-a de forma estranha. Kelly viu a expressão no rosto dele.

- Oh, desculpa. Isto que eu disse é um clichê, não é?

Mark não respondeu.

Quando Kelly entrou, havia uma meia dúzia de modelos nos vestiários.

- Tenho um anúncio a fazer. Vou casar no domingo e vocês estão todas convidadas.

A sala ficou imediatamente cheia de conversa animada.

- É com o famoso jovem que não nos apresentavas?

- É alguém que nós conhecemos?

- Como é que ele é?

- É como um Cary Grant, versão mais nova - respondeu Kelly orgulhosamente.

- Uau! E nós podemos conhecê-lo?

- Claro. Ele está aqui. - Kelly abriu a porta. - Entra, querido.

Mark entrou no salão e o silêncio instalou-se. Uma das modelos olhou para Mark e perguntou por entre dentes:

- Isto é uma brincadeira?

- Deve ser.

Mark Harris tinha menos uns trinta centímetros do que Kelly, era um homem de aspecto normal, sem nada de especial, com uma escassa cabeleira que começava a ficar grisalha.

Quando o choque inicial passou, as modelos avançaram para cumprimentar os noivos.

- Mas que notícia maravilhosa. Estamos encantadas e felizes por ti. Tenho certeza de que serão muito felizes.

Quando os cumprimentos terminaram, Kelly e Mark saíram. Enquanto avançavam pelo corredor, Mark perguntou:

- Achas que elas gostaram de mim?

- Claro que gostaram - respondeu Kelly a sorrir. - Como é que alguém pode não gostar de ti... - Oh! - Parou de repente.

- O que foi?

- Eu estou na capa de uma revista de moda que acabou de sair. Quero que a vejas. Já volto.

Kelly dirigiu-se aos vestiários. Quando deitava a mão à porta, ouviu as vozes lá dentro:

- Kelly vai mesmo casar com aquele?

Kelly parou e ficou a ouvir.

- Deve ter enlouquecido.

- Eu já a vi rejeitar alguns dos homens mais giros do mundo e dos mais ricos. O que é que ela vê neste?

Uma das modelos que tinha estado calada falou:

- E muito simples - disse.

- O quê?

- Não se riam - e hesitou.

- Diz lá.

- Vocês nunca ouviram a frase: "Ver com os olhos do amor"?

Ninguém riu.

O casamento teve lugar no Ministério da Justiça em Paris e todas as modelos foram damas de honra. Lá fora, na rua, juntara-se uma grande multidão de gente que ouvira falar do casamento da modelo Kelly. Os paparazzi estavam lá todos.

Sam Meadows foi o padrinho de Mark.

- Onde vão passar a lua de mel? - perguntou.

Mark e Kelly olharam um para o outro. Nem sequer tinham pensado nisso.

Mark pensou num nome ao acaso:

- Eeer... Saint Moritz...

- Saint Moritz - corroborou Kelly pouco à vontade.

Nenhum deles estivera antes em Saint Moritz e a vista era de cortar a respiração, uma vista sem fim sobre as majestosas montanhas e os luxuriantes vales.

O Badrutt Palace Hotel fora construído numa encosta. Mark telefonara antes para fazer a reserva e o gerente dava-lhes agora as boas-vindas.

- Boas tardes, senhora e senhor Harris. Tenho a suíte de lua-de-mel preparada.

Mark interrompeu:

Desculpe, seria possível... hum... mandar colocar duas camas duplas no quarto?

- Duas camas? - perguntou o gerente sem se perturbar.

- Eer... isso mesmo.

- Mas com certeza.

- Muito obrigado. - Mark virou-se para Kelly: - Aqui à volta há imensas coisas para ver - e tirou uma lista do bolso. - O Museu Engadine, a pedra Druida, a fonte de São Maurício, a torre inclinada...

Quando Mark e Kelly ficaram a sós na suite, Mark perguntou:

- Querida, eu não quero que fiques numa situação desconfortável. Só estamos a fazer isto para evitar que as pessoas façam comentários. Vamos passar o resto da nossa vida juntos. E aquilo que vamos partilhar é muito mais importante do que qualquer coisa física. Eu só quero estar contigo e quero-te a meu lado.

Kelly lançou os braços ao pescoço dele e abraçou-o.

- Eu... eu nem sei o que dizer.

- Não digas nada - respondeu ele a sorrir.

Jantaram no rés-do-chão e em seguida regressaram à suite. No quarto tinham sido colocadas duas camas de casal.

- Atiramos uma moeda ao ar?

- Não, podes ficar com a que quiseres - e Kelly sorriu.

Quando Kelly saiu da casa de banho, quinze minutos mais tarde, já Mark estava na cama.

Kelly aproximou-se e sentou-se na borda da cama.

- Mark , tens a certeza de que isto vai resultar contigo?

- Nunca na minha vida estive tão seguro de uma coisa como desta.

Boa noite, minha bela querida.

- Boa noite.

Kelly deitou-se na cama a pensar, a reviver a noite que mudara toda a sua vida. Chiu! Não faças barulho! Mas, se alguma vez contares alguma coisa sobre isto à tua mãe, eu volto e mato-a. O que aquele monstro lhe fizera destruíra a sua vida. Matara algo dentro dela e fizera com que passasse a ter medo do escuro... medo dos homens... medo de amar. Ela dera àquele homem poder sobre ela. Eu não o vou permitir. Nunca mais. Todas as emoções que reprimira durante aqueles anos que se seguiram, toda a paixão que sentira crescer explodiram dentro de si. Kelly olhou para Mark e, de repente, sentiu uma desesperada necessidade de o ter. Atirou a roupa da cama para trás caminhou até à cama dele.

- Chega para lá - pediu baixinho.

Mark sentou-se, espantado.

- Mas tu... tu disseste que não me querias na tua cama e por isso eu...

Kelly olhou para ele e disse com suavidade:

- Mas eu não disse que não podia estar na tua cama. - Ficou a ver a cara dele enquanto despia a camisa de noite e se esgueirava para junto dele. - Faz amor comigo - pediu baixinho.

- Oh, Kelly! Sim!

Ele começou devagarinho e com toda a suavidade. Devagar de mais. Suave de mais. As torrentes abriram-se e Kelly sentiu nascer dentro de si uma enorme necessidade de o ter. Amou-o de forma violenta, e jamais sentira algo tão maravilhoso na vida.

Quando descansavam nos braços um do outro, Kelly disse:

- Aquela lista que me mostraste, sabes...?

- Sim.

- Podes deitá-la fora - disse suavemente.

Mark riu.

- Mas que parva que eu tenho sido - comentou Kelly. E apertou Mark nos seus braços e falaram e fizeram amor e voltaram a falar e a fazer amor até que ficaram exaustos.

- Vou apagar a luz - disse ele.

Ela ficou tensa e cerrou os olhos com força. Ia a dizer "Não", mas calou-se.

Quando ele voltou, depois de apagar a luz, Kelly abriu os olhos. Já não tinha mais medo do escuro. Ela...

- Kelly? Kelly?

Foi bruscamente chamada à realidade. Olhou em volta e estava de novo na joalharia da Quinta Avenida, em Nova Iorque, e Joseph Berry tinha um gordo envelope na mão para ela.

- Aqui tem. Vinte mil dólares em notas de cem, tal como pediu.

Kelly demorou um pouco a cair na realidade.

- Muito obrigada.

Kelly abriu o envelope, tirou dez mil dólares e deu-os a Diane. Esta olhou-a, espantada.

. O que significa isto?

É a sua metade.

- A minha metade de quê? Mas eu não...

- Paga-me depois - disse Kelly, encolhendo os ombros. - Se ainda cá estivermos. Se não, também já não vou precisar deles. Bom, agora vamos ver se conseguimos sair daqui para fora.

CAPÍTULO 34

Na Lexington Avenue, Diane chamou um táxi.

- Para onde vamos?

- Para o aeroporto La Guardia

Kelly olhou para Diane, espantada.

- Não sabe que eles vão estar a vigiar todos os aeroportos?

- Espero bem que sim.

- Mas o que é que... - gemeu Kelly. - Tem um plano, não tem?

- Tenho - respondeu Diane, dando-lhe uma palmadinha no braço para a acalmar.

Em La Guardia, Kelly seguiu Diane até ao balcão da Alitália. O agente atrás do balcão cumprimentou:

- Bom dia. Posso ajudar?

- Sim. - Diane sorriu. - Queremos dois bilhetes em turística para Los Angeles.

- Quando pretendem partir?

- No primeiro vôo disponível. Os nossos nomes são Diane Stevens e Kelly Harris.

Kelly encolheu-se.

O funcionário consultou um horário.

- O próximo avião começa o embarque às duas e um quarto.

- Excelente. - Diane olhou para Kelly.

- Excelente - confirmou Kelly com um sorriso amarelo.

- Como vão pagar, dinheiro ou cartão de crédito?

- Dinheiro. - Diane pagou.

Kelly perguntou:

- Porque não pomos um anúncio sobre as nossas cabeças para avisar Kingsley de que estamos aqui?

- A Kelly preocupa-se demasiado - foi a resposta de Diane.

Quando passavam o balcão da American Airlines, Diane parou e dirigiu-se ao funcionário:

- Queríamos dois bilhetes em turística para Miami, no próximo vôo que tenha lugares.

- Com certeza. - Ele consultou o horário. - Esse vôo embarca daqui a três horas.

- Muito bem. Os nossos nomes são Diane Stevens e Kelly Harris.

Kelly fechou os olhos por momentos.

- Vão pagar a dinheiro ou por cartão de crédito?

- A dinheiro.

Diane pagou e ele deu-lhe os bilhetes. Quando se afastavam, Kelly comentou:

- É assim que nós vamos enganar os génios? Isto não engana nem um miúdo de dez anos.

Diane começou a caminhar em direcção à porta de saída do aeroporto.

- Onde é que vai? - perguntou Kelly, correndo atrás dela.

- Vamos...

- Não interessa. Acho que nem sequer quero saber.

Em frente ao aeroporto havia uma fila de táxis parados. Quando as duas saíram do terminal, um dos táxis saiu da fila e dirigiu-se à porta da frente. Kelly e Diane entraram no carro.

- Para onde?

- Aeroporto de Kennedy.

- Eu não faço idéia se eles ficarão baralhados, mas eu já estou - comentou Kelly. - Continuo a pensar que me sentiria mais confortável se tivéssemos uma arma para protecção.

- Não faço idéia onde podemos arranjar uma Howitzer.

O táxi começou a andar. Diane inclinou-se para examinar o cartão de identificação do condutor, "Mário Silva".

- Senhor Silva, acha que nos consegue levar ao Kennedy sem sermos seguidas?

O sorriso rasgado do homem era visível no retrovisor.

- Estão em boas mãos.

Acelerou e fez uma repentina inversão de marcha. Na esquina seguinte virou e, assim que estava a meio da rua, saiu para uma ruela.

As mulheres olharam pela janela traseira. Não havia qualquer carro atrás delas.

O sorriso de Mário Silva cresceu. - Assim está bem?

- Muito bem - respondeu Kelly.

Nos trinta minutos que se seguiram, Mário Silva continuou a fazer inesperadas inversões de marcha e a entrar em pequenas ruelas para se certificar de que ninguém os seguia. Por fim, o táxi chegou à porta principal do aeroporto de Kennedy.

- Ora cá estamos - anunciou com ar triunfante.

Diane tirou algumas notas da carteira.

- Tem aqui um bónus para si.

O motorista recebeu o dinheiro e sorriu:

- Muito obrigado, minha senhoras.

Ficou sentado no táxi a ver as suas passageiras a entrarem no terminal de Kennedy. Quando desapareceram de vista, pegou no celular.

- Tanner Kingsley, por favor.

No balcão da Delta Airlines, o funcionário olhou para o quadro:

- Sim, temos dois bilhetes para o vôo que pretendem. Sai às cinco e cinqüenta. Tem uma hora de paragem em Madrid e o avião chega a Barcelona às nove e vinte da manhã.

- Serve perfeitamente - disse Diane.

- Dinheiro ou cartão de crédito?

- Dinheiro.

Diane deu o dinheiro ao empregado e virou-se para Kelly:

- Vamos esperar na sala de embarque.

Trinta minutos mais tarde, Harry Flint estava a falar com Tanner no celular.

- Já tenho a informação que pediu. Vão apanhar um vôo da Delta para Madrid. O avião sai de Kennedy às cinco e cinqüenta e cinco desta tarde e tem uma paragem de uma hora em Madrid. Chegam a Barcelona às nove e vinte da manhã.

- Muito bem. Senhor Flint, leve o avião da empresa para Barcelona e esteja lá à espera delas quando chegarem. Estou a contar consigo para que lhes faça uma calorosa recepção.

Quando Tanner desligou, Andrew entrou. Tinha uma flor na lapela.

- Aqui tens os horários para...

- Que diabo é isso?

Andrew ficou com ar confuso.

- Tu pediste-me para eu te trazer...

- Não estou a falar disso. Estou a falar dessa estúpida flor que trazes aí.

O rosto de Andrew iluminou-se.

- Estou a usar isto para o teu casamento. Eu vou ser o teu padrinho.

Kingsley franziu o sobrolho.

- Mas de que raio estás tu a falar? - E de repente percebeu. - Mas isso foi há sete anos, seu cretino. E não houve casamento nenhum. Pira-te mas é daqui para fora!

Andrew ficou ali parado, sem saber o que fazer, tentando perceber o que se passava.

- Sai!

Kingsley ficou a olhar enquanto o irmão saía do gabinete. Tenho que o pôr em algum lado, pensou. Está na altura.

A descolagem do vôo para Barcelona foi suave e sem percalços. Kelly olhava pela janela e via Nova Iorque lá em baixo, a desaparecer.

- Acha que nos conseguimos ver livres deles?

Diane abanou a cabeça.

- Não. Mais cedo ou mais tarde vão arranjar maneira de nos descobrir. Mas pelo menos estamos do outro lado. - Tirou da carteira a folha de computador e estudou-a. - Sonja Verbrugge morreu em Berlim e o marido desapareceu... Gary Reynolds, em Denver...

- Hesitou - Mark e Richard.

Kelly olhou para a folha impressa:

- Então nós vamos a Paris, Berlim, Denver e depois voltamos para Nova Iorque.

- Isso mesmo. Atravessamos a fronteira para França em San Sebastian.

Kelly estava ansiosa por voltar a Paris. Queria falar com Sam Meadows. Tinha a sensação de que seria útil. E a Angel estava à sua espera.

-Já esteve em Espanha?

- Mark levou-me lá uma vez. Foi a coisa mais... - E de repente Kelly calou-se, ficando calada durante um bom bocado. - Sabe qual é o problema que vou ter de enfrentar para o resto da minha vida Diane? É que não existe em todo o mundo ninguém como o Mark. Sabe como é, quando somos crianças e lemos sobre as pessoas que se apaixonam e de repente o mundo passa a ser maravilhoso? Era esse tipo de casamento que eu tinha com Mark. - Olhou para Diane. - Provavelmente passava-se o mesmo consigo e Richard.

- Sim - respondeu ela muito devagar. - Fale-me de Mark - pediu.

Kelly sorriu:

- Havia nele algo maravilhosamente infantil. Sempre achei que ele tinha o espírito de uma criança e o cérebro de um génio. - Deu uma pequena risada.

- O quê?

- A forma como ele se vestia. No nosso primeiro encontro levava um fato cinzento muito mal cortado, sapatos castanhos, camisa verde e uma gravata de um tom encarnado vivo. Depois de nos casarmos, passei a fazer com que ele

se vestisse como deve ser. - E calou-se. Quando voltou a falar tinha a voz embargada: - Sabe uma coisa? Neste momento daria tudo para poder ver Mark uma vez mais com o seu fato cinzento, os sapatos castanhos, a camisa verde e a gravata encarnada. - Os olhos dela estavam húmidos. - Mark gostava imenso de me surpreender com pequenos presentes. Mas o maior de todos os presentes foi o ter-me ensinado a amar. - Enxugou os olhos com um lenço. - E Richard, como era? Diane sorriu.

- Era um romântico. Quando à noite íamos para a cama ele dizia: "Carrega no meu botão secreto", e eu ria e respondia: "Ainda bem que ninguém está a gravar esta conversa."

Olhou para Kelly e explicou: - O botão secreto dele era a tecla de "Não incomodar" do telefone. Richard dizia que estávamos num castelo, sozinhos, e que a tecla do telefone era o fosso que rodeava o castelo e que nos mantinha protegidos do resto do mundo.

Diane lembrou-se de qualquer coisa e riu. - Ele era um cientista brilhante e adorava reparar coisas em casa. Arranjava as torneiras que pingavam ou os curto-circuitos, e eu depois tinha que chamar os homens para arranjarem o que ele tinha arranjado, mas nunca lhe contei isso. Continuaram a falar quase até à meia-noite.

Diane apercebeu-se de que era a primeira vez que falavam dos maridos. Era como se uma barreira invisível entre elas tivesse caído.

Kelly bocejou.

.- Acho que devíamos dormir. Tenho a sensação de que o dia de amanhã vai ser muito excitante.

Não fazia idéia do excitante que viria a ser.

Harry Flint furava por entre a multidão no aeroporto de El Prat, em Barcelona, e dirigiu-se à enorme janela que dava para a pista. Virou a cabeça para olhar o quadro que anunciava as partidas e as chegadas. O avião vindo de Nova Iorque estava no horário, e devia aterrar dali a trinta minutos. Tudo estava a correr de acordo com os planos. Flint sentou-se e esperou.

Trinta minutos mais tarde, os passageiros do vôo de Nova Iorque começaram a desembarcar. Todos pareciam excitados, um grupo típico de turistas, vendedores, algumas crianças, casais em lua-de-mel. Flint teve o cuidado de se manter fora do campo de visão da porta de desembarque enquanto

observava a corrente de passageiros que entrava no terminal e que, de seguida, parou. Franziu o sobrolho. Não havia sinais de Diane nem de Kelly. Flint aguardou mais cinco minutos e em seguida dirigiu-se à porta de embarque. - Senhor, não pode passar por aí.

- FAA! [2] - ladrou. - Temos informação da segurança nacional de, que um embrulho foi escondido na casa de banho deste avião.

Recebi ordens para o inspeccionar imediatamente.

Flint já estava na placa. Quando chegou ao avião, a tripulação começava a sair.

Uma assistente de bordo perguntou:

- Posso ajudar?

- FAA, inspecção - respondeu. E dirigiu-se às escadas do avião. Não se avistavam quaisquer passargeiros.

A assistente perguntou:

- Há algum problema?

- Sim. Uma possível bomba.

Ela ficou a olhar enquanto Flint percorria a cabina e abria as portas das casa de banho. Estavam todas vazias.

As mulheres tinham desaparecido.

- Senhor Kingsley, elas não estavam no avião.

A voz de Tanner Kingsley parecia perigosamente suave:

- Senhor Flint, não as viu embarcar?

- Vi, sim.

- E continuavam a bordo quando o avião descolou?

- Estavam, sim.

- Então parece-me que, se raciocinarmos, chegamos à conclusão de que ou saltaram no meio do Atlântico sem pára-quedas, ou então desembarcaram em Madrid. Concorda com o meu raciocínio?

- Claro que sim, senhor Kingsley. Mas...

- Muito obrigado. Portanto, isso significa que pretendem seguir de Madrid para França, via San Sebastian. - Fez uma pausa. - Têm quatro possibilidades, ou apanham um outro vôo para Barcelona, ou vão de comboio, de autocarro ou de carro. - Tanner ficou pensativo. - Provavelmente vão achar que autocarros, aviões e comboios são demasiado limitativos. A lógica diz-me que vão de carro até à fronteira de San Sebastian e que entram por aí em França.

- Se...

- Não me interrompa, senhor Flint. Devem levar cinco horas de Madrid a San Sebastian. O que quero que faça é o seguinte: apanhe um avião para Madrid. Verifique todas as empresas de aluguel de automóveis. Descubra que tipo de carro alugaram, cor, marca, tudo.

- Sim, senhor.

- Em seguida, quero que voe de volta para Barcelona e que alugue um carro. Um carro grande. E fique à espera delas na auto-estrada de San Sebastian. Não quero que consigam chegar à fronteira. E, senhor Flint...

- Diga, senhor?

- Não se esqueça: faça com que pareça um acidente.

CAPÍTULO 35

Diane e Kelly estavam em Barajas, o aeroporto de Madrid. Podiam escolher entre alugar um carro na Hertz, na Europe Car, na Avis, ou noutra empresa qualquer, mas optaram pela Aksa, uma agência de aluguel de automóveis menos conhecida.

- Qual é a maneira mais rápida para chegar a San Sebastian? - perguntou Diane.

- É muito simples, señora. Apanhe a N-l até à fronteira em Hondarribia e em seguida vá directa a San Sebastian. São cerca de quatro a cinco horas de viagem.

Kelly e Diane meteram-se a caminho. Quando, uma hora mais tarde, o jacto privado do KIG aterrou em Madrid, Harry Flint percorreu apressadamente as empresas de aluguel de automóveis.

- Fiquei de me encontrar com a minha irmã e uma amiga dela - a amiga é uma afro-americana lindíssima. Só que desencontrámo-nos.

Chegaram num vôo da Delta, nove dois um, vindo de Nova Iorque.

Alugaram um carro aqui?

- Não, señor.

- Não, señor.

- Não, señor.

Finalmente, no balcão da Alesa, Flint teve sorte.

- Oh, sim, señor. Lembro-me muito bem delas. Elas...

- Lembra-se qual foi o carro que alugaram?

- Sim. Foi um Peugeot.

- De que cor?

- Vermelho. Era o único...

- Lembra-se da matrícula?

- Claro. E só um segundo.

Flint ficou a olhar enquanto o empregado abria um livro de registo e verificava.

Deu o número a Flint.

- Espero que as encontre.

- Encontro, sim.

Dez minutos mais tarde, Flint voava de volta a Barcelona. Ia alugar um carro, prestar atenção aos Peugeots vermelhos, segui-las até um local onde não houvesse trânsito, empurrá-las para fora da estrada e assegurar-se de que tinham morrido.

Diane e Kelly estavam apenas a trinta minutos de San Sebastian, conduzindo num confortável silêncio. A auto-estrada não tinha grande movimento e conseguiam andar bem. A paisagem era maravilhosa. Campos maduros para as colheitas, pomares que enchiam o ar com os aromas das romãzeiras, dos damasqueiros e das laranjeiras, e, longe da estrada, antigas casas com as paredes cobertas por trepadeiras de jasmim. Poucos minutos depois de terem passado a cidade medieval de Burgos, o cenário começou a transformar-se e surgiram as faldas dos Pireneus.

- Estamos quase a chegar - comentou Diane.

Olhou em frente, franziu o sobrolho e começou a travar. A seiscentos metros à sua frente, ardia um carro e uma pequena multidão juntara-se em volta dele. A estrada estava bloqueada por homens fardados.

Diane ficou intrigada.

- O que se passa?

- Nós estamos no País Basco - respondeu Kelly. - Eles estão em guerra. Há cinqüenta anos que os bascos se revoltam contra o governo espanhol.

Um homem num uniforme verde com debruns vermelhos e dourados e um cinto preto, sapatos pretos e um boné preto colocou-se no meio da estrada em frente do carro e ergueu a mão para as mandar parar. Fez sinal para encostarem na beira da estrada.

Kelly disse por entre dentes:

- É a ETA Não podemos parar, ou ficamos aqui sabe-se lá quanto tempo.

O polícia aproximou-se do carro e disselhes:

- Eu sou o capitão Iradi. Queiram sair da viatura.

Diane olhou para ele e sorriu.

- Gostava muito de poder ser útil nesta vossa guerra, mas temos a nossa própria para tratar. - E carregou no acelerador, passou pelo carro a arder e seguiu velozmente em frente, com o carro aos zigue zagues por entre a multidão que gritava.

Kelly fechara os olhos. - Ainda cá estamos?

- Está tudo bem.

Quando Kelly voltou a abrir os olhos, olhou pelo retrovisor e ficou gelada. Um Citroen Berlingo estava atrás delas, e conseguiu ver o homem que guiava.

- É o Godzilla! - arquejou. - Está no carro atrás de nós.

- O quê? Mas como foi que eles nos descobriram tão depressa?

- Diane carregou no acelerador até ao fundo. O Citroen estava a aproximar-se. Diane olhou para o velocímetro. Marcava 175 km por hora.

Nervosa, Kelly disse:

- Aposto que em Indianapolis ninguém a agarra.

Um quilómetro e meio mais à frente, Diane viu o controle de fronteiras entre Espanha e França. - Dê-me um murro - pediu Diane.

Kelly riu:

- Eu estava só a brincar...

- Dê-me um murro. - A voz dela estava cheia de urgência.

O Citroen estava cada vez mais perto.

- O que é...?

- Já!

Relutante, Kelly deu-lhe uma bofetada.

- Não. Dê-me um murro com toda a força.

Já só havia dois carros entre elas e o Citroen.

- Depressa - gritou Diane.

Aflita, Kelly deu-lhe um murro na cara.

- Com mais força.

Kelly tentou mais uma vez. Desta feita, o seu anel de casamento fez um golpe no rosto de Diane e o sangue começou a escorrer. Kelly olhava, horrorizada, para Diane.

- Diane, desculpe, desculpe. Eu não queria...

Tinham chegado ao posto de controle. Diane travou e parou.

O guarda da fronteira aproximou-se. - Boas tardes, minhas senhoras.

- Boas tarde. - Diane virou a cabeça para que o guarda visse o sangue que lhe escorria pela cara.

Ele olhou outra vez para ela, horrorizado.

- Minha senhora, o que foi que lhe aconteceu?

Diane mordeu o lábio.

- É o meu ex-marido. Ele gosta de me bater. Eu consegui uma ordem do tribunal que o proíbe de se aproximar de mim, mas é impossível. Passa a vida a perseguir-me. Está ali atrás. Eu sei que não vale de nada pedir a vossa ajuda. Ninguém o consegue deter.

Quando o guarda se virou para ver a fila de carros que se aproximavam, o rosto dele estava sério.

- Qual é o carro dele?

- É o Citroen preto, dois carros atrás. Acho que tem intenções de me matar.

- Ah, tem? Então vamos ver! - rugiu. - As senhoras sigam.

Não vão ter que se preocupar mais com ele.

Diane olhou para cima e disse:

- Oh, muito obrigada. Muito obrigada.

Uns segundos mais tarde, tinham atravessado a fronteira e guiavam em França.

- Diane?

- Sim?

Kelly pousou a mão no ombro dela.

- Peço desculpa pelo... - E apontou para a cara dela.

Diane sorriu.

- Conseguiu que nos víssemos livres do Godzilla, não conseguiu? - Olhou para Kelly. - Mas, está a chorar?

- Não, não estou. - Kelly fungou. - É a porcaria do rímel.

Aquilo que você fez foi... A Diane não é só uma cara bonita, pois não? - perguntou Kelly enquanto tentava limpar com um lenço de papel a ferida de Diane.

Esta viu-se no espelho retrovisor e fez uma careta.

- Bem, agora já não sou.

Quando Harry Flint chegou à fronteira o agente estava à espera dele.

- Saia do carro, por favor.

- Não tenho tempo para isso - respondeu Flint. - Estou cheio de pressa. Tenho que...

- Saia do carro.

Flint olhou para ele.

- Mas porquê? Qual é o problema?

- Temos informação de que um carro com esta matrícula anda a fazer contrabando de drogas. Vamos ter de revistar o carro.

Flint ficou a olhar para ele.

- Está doido? Já lhe disse, estou com pressa. Nunca houve drogas de contrabando... - Parou e sorriu. - Já percebi. - Meteu a mão no bolso e deu ao guarda uma nota de cem dólares. - Ora tome, tome lá isto e esqueça.

O guarda chamou alto: - José!

Um capitão fardado aproximou-se. O guarda deu-lhe a nota de cem

dólares.

- Tentativa de suborno.

- Não. Você não me pode prender agora. Eu estou a meio de...

- E resistência à autoridade. - Virou-se para o outro guarda.

- Pede reforços.

Flint respirou fundo e olhou para a auto-estrada na frente dele. O Peugeot desaparecera.

Virou-se para capitão.

- Preciso de fazer um telefonema.

À medida que Diane e Kelly avançavam a toda a velocidade em território francês, o planalto central da meseta de Castela começou a dar lugar às faldas dos Pirenéus e à Serra de Urbasa. Pamplona estava mesmo na frente delas.

- Disseme que tinha um amigo em Paris? - perguntou Diane.

- Sim. Sam Meadows. Trabalhava com Mark. Tenho a sensação de que ele nos pode ajudar. - Kelly meteu a mão na carteira, tirou para fora o seu novo celular e marcou um número em Paris.

Uma telefonista atendeu:

- KIG.

- Posso falar com Sam Meadows, por favor?

Um minuto mais tarde, Kelly ouviu a voz dele.

- Alô.

- Sam? Fala a Kelly. Estou a caminho de Paris.

- Meu Deus! Tenho andado muito preocupado contigo. Estás bem?

- Sim. Acho que sim. - Kelly hesitou.

- Isto é um pesadelo - dizia Sam Meadows. - Ainda não consigo acreditar.

Nem eu, pensou Kelly.

- Sam, tenho que te contar uma coisa. Penso que Mark foi assassinado.

A resposta dele deixou-a arrepiada.

- Também eu. .

Kelly estava com dificuldade em responder.

- Tenho que descobrir o que se passou. Podes ajudar-me?

- Não me parece que seja coisa que possamos falar ao telefone, Kelly. - Ele estava a tentar que a voz lhe soasse normal.

- Eu... compreendo.

- Porque não falamos disso logo à noite? Podíamos jantar em minha casa.

- Tudo bem.

- Às sete?

- Lá estarei - respondeu Kelly e desligou. - Hoje vou conseguir obter algumas respostas.

- Enquanto estiver a fazer isso, eu vou a Berlim tentar falar com as pessoas que trabalhavam com Franz Verbrugge.

De repente, Kelly ficou silenciosa. Diane olhou para ela.

- O que foi?

- Nada. É que... nós juntas fazemos uma excelente equipa. Não gosto da idéia de nos separarmos. Porque não vamos ambas a Paris e...?

Diane sorriu.

- Nós não nos vamos separar, Kelly. Quando tiver terminado de falar com Sam Meadows, telefone-me. Podemo-nos encontrar em Berlim. Nessa altura imagino já ter as informações que são precisas.

Temos os nossos celulares. Podemos permanecer em contacto.

Estou ansiosa por ficar a saber o que vai descobrir hoje à noite.

Chegaram a Paris. Diane olhou pelo retrovisor.

- Nada de Citroen. Finalmente despistámo-los. Onde quer que a leve agora?

Kelly olhou pela janela. Estavam a chegar à Place de la Concorde.

- Diane, porque é que não vai entregar o carro e parte para Berlim? Eu posso apanhar um táxi.

- Tem a certeza, companheira?

- Tenho sim, companheira.

- Tenha cuidado.

- Você também.

Dois minutos depois, Kelly estava dentro de um táxi a caminho do seu apartamento, ansiosa por regressar a casa. Dentro de pouco tempo ia encontrar-se com Sam Meadows no apartamento dele para um jantar.

Quando o táxi parou em frente do seu prédio, Kelly, sentiu uma enorme sensação de alívio. Estava em casa. O porteiro abriu-lhe a porta.

Kelly olhou para cima e começou a dizer - Estou de volta, Martin... - e parou. O porteiro era um perfeito desconhecido.

- Boas tardes, minha senhora.

- Boas tardes. Onde está Martin?

- Martin já cá não trabalha. Despediu-se.

Kelly ficou sem saber o que dizer. - Oh! Que pena.

- Por favor, minha senhora. Permita que me apresente. O meu nome é Jerôme Maio.

Kelly assentiu.

Entrou no átrio. Um outro desconhecido, alto e magro, estava de pé atrás da secretária, junto de Nicole Paradis.

O desconhecido sorriu.

- Boas tardes, senhora Harris. Temos estado à sua espera. O meu nome é Alphonse Girouard e sou o porteiro do prédio.

Kelly olhou em redor, intrigada.

- Onde está Philippe Cendre?

- Ah! Philippe e a família mudaram-se algures para Espanha. - respondeu, encolhendo os ombros. - Razões de trabalho, imagino.

Kelly estava ficar cada vez mais alarmada.

- E a filha?

- Foi com eles.

Já lhe disse que a minha filha entrou para a Sorbonne ? É um sonho que se tornou realidade.

Kelly tentou manter a voz calma.

- E quando partiram?

- Há apenas uns dias, mas, por favor, não se preocupe, senhora, nós trataremos muito bem de si. O seu apartamento está à sua espera.

Nicole Paradis, que estava sentada atrás da secretária, ergueu os olhos.

- Bem vinda a casa. - Mas os seus olhos diziam outra coisa.

- Onde está Angel?

- A sua cadelinha? Philippe levou-a com ele.

Kelly lutava contra uma onda de pânico. Começava a sentir dificuldade em respirar.

- Vamos, minha senhora? Temos uma pequena surpresa para si, no apartamento.

Aposto que tens. O cérebro de Kelly trabalhava velozmente.

- Muito bem, mas é só um segundo - pediu. - Esqueci-me de ir buscar uma coisa.

E antes que Girouard pudesse dizer fosse o que fosse, Kelly já estava na rua, apressando-se pela rua abaixo.

Jerôme Maio e Alphonse Girouard ficaram parados no passeio a olhar para ela. Apanhados desprevenidos, era demasiado tarde para a impedirem. Viram-na entrar num táxi.

Meu Deus! O que foi que eles fizeram com Philippe e a família? E Angel ?, interrogava-se Kelly.

- Para onde, menina?

- Vá andando!

Hoje à noite vou descobrir o que está por trás de tudo isto, pensava Kelly. Entretanto, tenho de fazer tempo durante quatro horas.

No seu apartamento Sam Meadows terminava um telefonema:

- Sim, compreendo perfeitamente como é importante. Eu trato de tudo... Estou à espera que ela chegue dentro de minutos para jantar... Sim... Já tenho alguém para me ver livre do corpo depois...

Muito obrigado. É muita generosidade sua, senhor Kingsley.

Assim que Sam Meadows desligou, olhou para o relógio. A sua convidada devia estar a chegar a qualquer altura.

CAPÍTULO 36

Quando Diane chegou a Berlim, ao aeroporto Tempelhof, havia uma espera de cerca de quinze minutos para os táxis. Por fim chegou a sua vez.

O motorista sorriu.

- Wohin?

- Fala inglês?

- É claro, fràulein.

- Para o Kempiski Hotel, por favor.

Vinte minutos mais tarde, Diane registava-se no hotel.

- Queria alugar um carro com motorista.

- Com certeza, menina. - E o recepcionista olhou para baixo.

- Tem bagagem?

- Já vem.

Assim que o carro chegou, o motorista perguntou:

- Que pretende visitar, menina?

Precisava de tempo para pensar.

- Vá andando durante um bocado, por favor.

- Muito bem. Há muitas coisas para ver em Berlim.

Berlim deixou Diane espantada. Sabia que, durante a Segunda Guerra Mundial, tinha sido bombardeada até quase ser varrida do mapa, mas aquilo que agora via era uma cidade activa, cheia de modernos edifícios e com um vivo ar de sucesso.

Os nomes da ruas pareciam-lhe estranhos: Windscheidstrasse, Regenburgerstrasse, Lútzowfer... Enquanto iam andando, o motorista ia explicando a história dos parques e das construções, mas Diane não ouvia nada. Tinha que falar com as pessoas com que frau Verbrugge trabalhava e descobrir o que sabiam. Segundo a Internet, a mulher de Franz Verbrugge fora assassinada e ele desaparecera.

Diane inclinou-se para a frente e perguntou ao motorista:

- Conhece algum "for café"?

- Com certeza, menina.

- Importa-se de me levar lá?

- É muito bom. É muito popular. Pode conseguir aí todas as informações que pretende.

Espero bem que sim, pensou Diane.

O Cyberlin Café não era tão grande como o de Manhattan, mas parecia igualmente movimentado.

Assim que Diane entrou pela porta, uma mulher saiu de trás do balcão.

- Temos um computador disponível dentro de minutos.

- Queria falar com o gerente - pediu Diane.

- Sou eu.

- Oh!

- Porque quer falar comigo?

- Eu gostaria de falar sobre Sonja Verbrugge.

A mulher abanou a cabeça.

- A frau Verbrugge não está cá.

- Eu sei - respondeu Diane. - Ela morreu. Estou a tentar descobrir como morreu.

A mulher olhava fixamente para Diane.

- Foi um acidente. Quando a polícia confiscou o computador dela, descobriu... - Uma expressão dissimulada surgiu-lhe no rosto. - Se não se importar de entrar para aqui, menina, eu já chamo alguém para a ajudar. Já venho.

Assim que Diane a viu dirigir-se apressadamente para as traseiras sentiu-se invadida por uma estranha inquietação. Logo que ela desapareceu, Diane saiu rapidamente da loja e entrou no carro. Ali não havia ninguém que a pudesse ajudar. Tenho de falar com a secretária do Franz Verbrugge.

Numa cabina telefónica, obteve o número do KIG e ligou. - KIG Berlim.

- Posso falar com a secretária de Franz Verbrugge? - pediu Diane.

- Quem fala?

- Fala Susan Stratford.

- Só um segundo, por favor.

No gabinete de Tanner, a luz azul começou a piscar. Tanner sorriu para o irmão.

- Diane Stevens está a fazer um telefonema. Vamos ver se a podemos ajudar. - E passou a chamada para o sistema alta voz.

A voz da telefonista do KIG dizia:

- A secretária dele não está. Quer falar com a assistente?

- Se faz favor.

- Só um momento. Uma voz feminina apareceu em linha: - Fala Heidi Fronk. Em que posso ser útil?

O coração de Diane começou a bater mais depressa.

- O meu nome é Susan Stratford. Sou jornalista do Wall Street Journal Estamos a fazer uma reportagem sobre as recentes tragédias que aconteceram a alguns dos empregados do KIG. Será que me podia conceder uma entrevista?

- Não sei se...

- Só para obter informações de carácter geral.

Tanner ouvia com atenção.

- E se fôssemos almoçar? Está livre hoje?

- Lamento, mas não.

- E jantar?

Ela hesitou.

- Sim, suponho que isso seja possível.

- Onde quer encontrar-se comigo?

- Há um bom restaurante chamado Rockendorf. Podíamo-nos encontrar aí.

- Muito obrigada.

- Às oito e meia?

- Oito e meia.

E Diane desligou a sorrir. Tanner virou-se para Andrew:

- Decidi que vou fazer aquilo que já devia ter feito há muito tempo.

Vou ligar a Greg Holliday e pedir-lhe que trate disto para mim. Esse nunca me falhou. - E olhou para Andrew. - Tem um ego enorme. Custa couro e cabelo, mas... - sorriu - vale bem a pena.

CAPÍTULO 37

Quando Kelly se aproximava da porta do apartamento, hesitou.. Tocou à campainha. No momento em que a porta foi aberta e viu Sam Meadows, todos os seus temores passaram. Sentiu prazer e alivio ao ver o homem que fora tão próximo de Mark. Depois de um caloroso abraço, ele pegou-lhe na mão: - Entra.

Era um encantador apartamento de dois quartos num edifício que pertencera a um membro da nobreza francesa A sala era espaçosa e luxuosa, com mobília francesa muito bem escolhida e, numa pequena alcova, um bar.

-Quero te dizer o quanto lamento a morte de Mark - disse Sam, sem jeito.

- Eu sei - respondeu Kelly, fazendo-lhe uma festa no braço.

- É inacreditável.

- Ando a tentar perceber o que aconteceu - disse Kelly - É por isso que estou aqui. Espero que me possas ajudar E sentou-se num dos sofás, ansiosa por ouvir e, ao mesmo tempo apreensiva. O rosto de Sam ficou sombrio.

- Preciso conhecer toda a história.

- Mark estava trabalhar num projecto secreto. Aparentemente, colaborava com dois outros funcionários do KIG. Dizem que ele se suicidou.

- Não acredito nisso - retorquiu Kelly veementemente. Kelly olhava para ele sem perceber.

- Não estou a perceber...

- Como é que Mark alguma vez podia deixar uma pessoa tão encantadora como tu? Como é que alguém o poderia fazer? - Ele aproximava-se. - O que aconteceu foi uma enorme tragédia, Kelly. Mas a vida continua, não é? - E pousou a mão dele sobre a dela. - Todos nós precisamos de alguém, não é? Ele partiu, mas eu estou aqui. E o teu tipo de mulher precisa de um homem.

- O meu tipo de...?

- Mark contou-me como és apaixonada. Ele dizia que tu adoravas fazê-lo.

Kelly virou-se para ele, espantada. Mark nunca diria aquilo. Jamais

comentaria com alguém como ela era. Sam colocou um braço em redor dos ombros dela.

- Sim. Mark dizia que tu precisavas mesmo disso. Costumava falar-me de como eras quente na cama.

De repente, Kelly entrou em pânico.

- E sabes, Kelly, se isso te pode ajudar em alguma coisa, Mark não sofreu - disse ele.

E ela olhou para os olhos dele e percebeu.

- Daqui a instantes, vamos jantar - continuou. – Por que não aproveitamos para abrir o apetite na cama?

Kelly, de repente, sentiu-se desfalecer. Conseguiu sorrir.

- Parece-me uma boa idéia.

Pensava furiosamente. Ele era demasiado grande para ela o conseguir vencer, e não tinha nada com que lutar. Ele começou a acariciá-la.

- Querida, sabias que tens um rabo maravilhoso? Eu gosto disso.

Kelly sorriu.

- Achas? - E cheirou o ar. - Estou cheia de fome. Há qualquer coisa que cheira muito bem.

- O nosso jantar.

Antes que ele a conseguisse impedir, ela levantou-se e dirigiu-se à cozinha. Quando passou pela mesa de jantar teve um choque. A mesa estava posta só para um.

Kelly virou-se. Na sala, Sam dirigira-se à porta e fechara-a à chave. Viu-o guardá-la na gaveta do armário.

Olhou em redor da cozinha à procura de uma arma. Não tinha forma de saber em qual das gavetas estavam as facas. Sobre o balcão estava uma caixa com massa cabelo de anjo. No fogão, havia um tacho com água a ferver e junto a ele outro pequeno tacho onde fervia um molho encarnado.

Sam entrou na cozinha e pôs os braços em redor de Kelly. Ela fingiu não lhe ligar. Olhou para o molho que estava a ferver.

- Aquilo está com um aspecto magnífico.

Ele acariciava o corpo dela.

- É verdade. O que é que gostas de fazer na cama, querida?

Kelly pensava rapidamente. Respondeu baixinho:

- Tudo. Havia uma coisa escaldante que eu costumava fazer que deixava Mark louco.

O rosto de Sam iluminou-se.

- E o que era?

- Costumava pegar num pano molhado e quente e... - Pegou um pano que estava sobre o lava louças. - Eu já te mostro. Baixa as calças.

Sam Meadows estava encantado.

- Claro.

Baixou as calças e deixou-as cair ao chão. Tinha umas boxers vestidas.

- Agora as boxers.

Ele baixou-as, e o seu órgão estava ingurgitado. Kelly disse num tom admirativo:

- Mmm... - Pegou no pano macio com a mão esquerda e moveu-o na direcção dele. Com a mão direita pegou no tacho cheio de água a ferver e despejou o conteúdo sobre os órgãos genitais dele.

Kelly continuava a ouvir os gritos dele enquanto tirava a chave de dentro da gaveta do armário, abria a porta e fugia.

CAPÍTULO 38

O Rockendorfs é um dos mais famosos restaurantes na Alemanha, com a sua decoração art nouveau há muito a servir como símbolo da prosperidade de Berlim.

Quando Diane entrou, foi recebida pelo maitre.

- Posso ajudar?

- Tenho uma reserva em nome de Stevens. Venho encontrar-me com a menina Fronk.

- Por aqui, por favor.

O maitre sentou-a a um canto. Diane olhou em redor com atenção. No restaurante havia mais umas quarenta pessoas, na sua maior parte homens de negócios. Na mesa à sua frente estava sentado um homem atraente muito bem vestido, que jantava sozinho.

Diane ali ficou sentada, a pensar na conversa que tivera com Heidi Fronk. Quanto saberia ela?

O criado deu-lhe a carta.

- Bitu.

- Muito obrigada.

Diane deu-lhe uma vista de olhos. Leberkãs, Haxen, Labskaus... Não fazia idéia do que eram aqueles pratos. Heidi Fronk ia ajudá-la. Diane olhou para o relógio. Heidi estava vinte minutos atrasada.

- Deseja encomendar alguma coisa, fràulein?

- Não. Espero pela minha convidada. Muito obrigada.

Os minutos passavam. Diane começava a interrogar-se se alguma coisa teria corrido mal.

Quinze minutos mais tarde, o criado aproximou-se de novo da sua mesa.

- Posso trazer-lhe alguma coisa?

- Não, muito obrigada. A minha convidada deve estar a chegar a qualquer momento.

Às nove horas, Heidi Fronk continuava sem aparecer. Com uma sensação de frustração Diane compreendeu que a outra não viria.

Quando olhou para cima, Diane apercebeu-se de dois homens que estavam sentados numa mesa perto da entrada. Estavam mal vestidos e tinham mau aspecto e a palavra que lhe ocorreu imediatamente foi "rufiões". Observou quando o criado se aproximou e eles o mandaram embora com rudeza. Não estavam interessados na comida. Viraram-se para olhar de frente para Diane e, com uma sensação de espanto, ela compreendeu que acabara de cair numa armadilha. Heidi Fronk tramara-a. Diane sentiu o sangue a subir-lhe à cabeça. Olhou em volta à procura de uma forma de poder escapar. Não havia nenhuma. Podia continuar ali sentada, mas chegaria uma altura em que teria que sair, e nessa altura eles caçavam-na. Pensou em usar o celular, mas não havia ninguém que a pudesse ajudar.

Diane pensava, desesperada.

Eu tenho de sair daqui, mas como?

Enquanto olhava em redor da sala, o seu olhar caiu sobre o atraente homem que se sentava sozinho na mesa em frente à sua. Estava a beber o café.

Diane sorriu e disse:

- Boa noite.

Ele olhou para cima com ar espantado e respondeu de forma simpática:

- Boa noite.

Diane sorriu-lhe, calorosa e convidativa.

- Vejo que estamos ambos sozinhos.

- É verdade.

- Gostaria de se juntar a mim?

Ele hesitou um segundo e sorriu.

- Com todo o gosto.

- Não tem graça nenhuma comer sem companhia, pois não? -

comentou Diane de forma leve.

- Tem toda a razão. Não tem graça nenhuma.

Ela estendeu a mão.

- Chamo-me Diane Stevens.

- Greg Holliday.

Kelly Harris ficara aterrorizada com a sua experiência com Sam Meadows. Depois da sua fuga, passara a noite a caminhar pelas ruas de Montmartre, olhando constantemente por cima do ombro, com medo de estar a ser seguida.

Eu não posso deixar Paris sem saber o que se está a passar, pensava.

Rompia a manhã quando parou num pequeno quiosque e tomou um café. A resposta ao seu problema surgiu-lhe inesperadamente. A secretária de Mark, lembrou-se.

Às nove da manhã, Kelly telefonou de uma cabina telefónica. Marcou o número tão seu conhecido e uma voz feminina de uma telefonista com um forte sotaque francês respondeu: - Kingsley Internacional Group.

- Queria falar com Yvonne Renais.

- Um momento, por favor.

Segundos depois, ouviu a voz de Yvonne.

- Fala Yvonne Renais. Em que posso ser útil?

- Yvonne? Fala Kelly Harris.

Do outro lado ouviu-se uma exclamação de espanto. - Oh! Senhora Harris...

No gabinete de Tanner Kingsley, uma luz azul acendeu-se.

Tanner levantou o telefone. Em Nova Iorque eram três da manhã, mas decidira que não ia sair do escritório até que aquele aborrecido problema estivesse resolvido. Agora, enquanto Tanner escutava no telefone, ouvia a conversa que tinha lugar em Paris.

- Lamento muito o que aconteceu ao senhor Harris. Foi horrível.

- Muito obrigada, Yvonne. Preciso de falar consigo. Podemo-nos encontrar para almoçar? Está livre?

- Sim.

- Num lugar público qualquer.

- Conhece o Le Ciei de Paris? É na Tour Montparnasse.

- Está bem.

No seu gabinete, Tanner tomou nota mentalmente.

- Ao meio dia?

- Certo. Encontramo-nos lá.

Os lábios de Tanner abriram-se num fino sorriso. Aproveita bem o teu último almoço. Destrancou uma gaveta, puxou-a e tirou para fora um telefone dourado.

Quando a voz do outro lado atendeu, Tanner disse:

- Boas notícias. Acabou. Tenho as duas.

Ouviu durante algum tempo e depois assentiu com a cabeça.

- Eu sei. Demorou um pouco mais do que previámos, mas agora estamos prontos para avançar... Eu sinto a mesma coisa... Adeus.

A Tour de Montparnasse é uma torre com cerca de duzentos e dez metros de altura, toda em aço e vidro. O edifício fervilhava de actividade. Os escritórios estavam todos ocupados. O bar e o restaurante situavam-se no qüinquagésimo sexto andar.

Kelly foi a primeira a chegar. Yvonne chegou quinze minutos mais tarde, desculpando-se.

Kelly só a encontrara algumas vezes, mas lembrava-se bem dela. Yvonne era uma senhora pequenina de rosto doce. Muitas vezes Mark elogiara a sua eficiência.

- Muito obrigada por ter vindo - disse Kelly.

- Eu faria o que fosse preciso. O senhor Harris era um homem maravilhoso. Todos no escritório o adoravam. Nenhum de nós conseguiu acreditar no que... no que aconteceu.

- É exactamente por isso que eu queria falar consigo, Yvonne.

Você esteve com o meu marido quanto tempo, cinco anos?

- Exactamente.

- Portanto, conheceu-o bem.

- Oh, sim!

- Apercebeu-se de alguma coisa nos últimos meses que lhe parecesse estranha? Quero dizer, uma alteração naquilo que ele dizia e fazia?

Yvonne evitou os olhos dela.

- Não tenho a certeza... Quero dizer...

Kelly encorajou-a.

- Seja o que for que diga não lhe vai fazer mal. E pode ser que me consiga ajudar a compreender o que se passou. - Kelly preparou-se para fazer a pergunta seguinte: - Ele alguma vez lhe falou em Olga?

Yvonne olhou para ela intrigada.

- Olga? Não.

- Não faz idéia de quem seja?

- Nenhuma.

Kelly sentiu-se aliviada. Inclinou-se para a frente. - Yvonne, há alguma coisa que me queira contar?

- Bom...

O criado aproximou-se da mesa.

- Bonjour mesdames. Bienvenues au Ciei de Paris. Je m'appelk Jacques Brion. Notre chef de cuisine a prepare quelques spécialités pour le déjeuner d'aujourd'hui. Avez-vous fait votre choix?

- Oui monsieur. Nous avons choisi le Chateubriand pour deux. [3]

Assim que o criado partiu, Kelly olhou para Yvonne.

- Estava a dizer...?

- Bom, nos últimos dias antes de... antes da sua morte, o senhor Harris parecia andar nervoso. Pediu-me para lhe arranjar um bilhete de avião para

Washington, D.C.

- Eu sei disso. Mas pensei que fosse uma viagem de rotina.

- Não era. Penso mesmo que era qualquer coisa muito pouco habitual, algo muito urgente.

- Tem alguma idéia do que se tratava?

- Não. De repente, tudo começou a ser muito secreto. É a única coisa que sei.

Kelly interrogou Yvonne durante toda a hora seguinte, mas não havia mais nada que ela pudesse adiantar. Quando terminaram o almoço, Kelly pediu: - Yvonne, eu gostaria que este nosso encontro ficasse só entre nós.

- Não se preocupe, senhora Harris. Não comento com ninguém - e Yvonne levantou-se. - Tenho de regressar ao trabalho. - Os lábios dela tremiam. - Mas nunca mais será a mesma coisa.

- Muito obrigada, Yvonne.

Com quem iria Mark encontrar-se em Washington? E havia ainda aqueles estranhos telefonemas da Alemanha, Denver e Nova Iorque.

Kelly apanhou o elevador até à entrada. Vou telefonar a Diane e ver o que ela descobriu. Talvez...

Assim que chegou à entrada do edifício, viu-os. Dois enormes homens, um de cada lado da porta da rua. Olharam para ela e sorriram um para o outro. Tanto quanto sabia, não havia mais nenhuma saída ali perto. Será que Yvonne me traiu?

Os homens começaram a avançar na sua direcção, empurrando as pessoas que entravam e saíam do edifício.

Kelly olhou desesperada em seu redor e encostou-se com força contra a parede. O braço bateu contra qualquer coisa dura. Olhou para ver o que era e, quando os dois homens se aproximaram, Kelly pegou no pequeno martelo que estava ligado ao alarme de incêndios, partiu o vidro e o alarme disparou, ecoando por todo o edifício. Kelly começou a gritar: - Fogo! Fogo!

O pânico foi imediato. As pessoas começaram a sair apressadamente dos escritórios, das lojas, dos restaurantes, direitas à saída. Em poucos segundos, o átrio estava apinhado, toda a gente a esforçar-se por sair dali. Os dois homens tentavam encontrar Kelly no meio da multidão. Quando, finalmente,

conseguiram chegar ao local onde a tinham visto pela última vez, ela desaparecera.

O restaurante Rackendorfs começava a ficar cheio de gente.

- Eu estava à espera de uma amiga - explicou Diane a Greg Holliday, o atraente homem que convidara para a sua mesa. - Parece que ela não pôde vir.

- Aborrecido. Está em Berlim de visita?

- Sim.

- Berlim é uma cidade maravilhosa. Eu sou um homem muito bem casado, senão oferecia-me para a acompanhar. Mas há excelentes tours que posso recomendar.

- Isso seria muito simpático - respondeu Diane, distraída.

Olhou para a entrada. Os dois homens dirigiam-se para a porta.

Iam ficar à espera dela lá fora. Chegara a hora de tomar uma atitude.

- Na realidade - disse Diane - eu estou aqui com um grupo - olhou para o relógio. - Neste momento estão à minha espera.

Se não se importasse de me acompanhar até um táxi...

- De maneira nenhuma.

Momentos mais tarde dirigiam-se para a saída. Diane sentiu um enorme alívio. Se estivesse sozinha, os dois homens podiam tentar atacá-la, mas não lhe parecia que se iam atrever com um homem a seu lado. Isso chamaria muito as atenções.

Quando Diane e Greg chegaram lá fora, os dois homens tinham desaparecido. Em frente da porta do restaurante estava parado um táxi e, atrás dele, um Mercedes. Diane disse: - Gostei muito de o conhecer, senhor Holliday. Espero...

Ele olhou para ela, segurou-lhe o braço e apertou-lho tanto que ela sentiu uma dor terrível.

Olhou sobressaltada para ele.

- Mas que...?

- Porque não entramos no carro? - disse ele suavemente. E ia puxando Diane na direcção do Mercedes. O seu aperto foi aumentando.

- Mas eu não...

Assim que chegaram junto do carro, Diane viu os homens do restaurante lá dentro sentados, nos lugares da frente. Horrorizada, percebeu o que acontecera e ficou em pânico.

- Por favor - pediu. - Não. Eu... - E sentiu-se empurrada para dentro do carro.

Greg Holliday entrou para o lado dela e fechou a porta.

- Schnell!

Quando o carro se embrenhava no meio do trânsito, Diane começou a ficar histérica.

- Por favor...

Greg Holliday virou-se para ela e sorriu de forma tranqüilizadora.

- Pode ficar calma. Não lhe vou fazer mal. Garanto-lhe que amanhã já vai estar a caminho de casa.

E enfiou a mão dentro da bolsa traseira que estava presa ao banco do condutor e tirou para fora uma agulha hipodérmica.

- Vou dar-lhe uma injecção. Não faz mal nenhum. Vai pô-la a dormir durante uma ou duas horas.

E pegou no pulso de Diane.

- Scheisse! - berrou o condutor. De repente, um peão surgira na frente do Mercedes e o condutor teve de travar a fundo para não o atropelar. Apanhado desprevenido, Holliday bateu com a cabeça contra a parte metálica do apoio para a cabeça.

Tentou endireitar-se, atordoado. E gritou ao condutor:

- Mas que raio...?

Nesse momento, num gesto instintivo Diane agarrou a mão de Holliday que segurava a seringa, virou-lhe o pulso e enterrou-lhe a agulha na carne.

Holliday virou-se para ela, horrorizado:

- Não! - gritou.

Com um horror crescente, Diane viu o corpo dele entrar em espasmos, em seguida endurecer e ter um colapso. Morrera em segundos. Os dois homens no banco da frente viraram-se para ver o que se passava. Diane já estava fora da porta e, segundos mais tarde, sentava-se num táxi para seguir na direcção oposta.

CAPÍTULO 39

O som do seu celular a tocar fê-la estremecer. Pegou nele com cuidado e atendeu-o:

- Alô?

- Olá, Diane! Onde está?

- Estou em Munique. E você?

- Estou no ferry que atravessa o canal da Mancha a caminho de Londres.

- Como correu o encontro com Sam Meadows?

Kelly ainda era capaz de ouvir os gritos dele.

- Eu conto-lhe quando nos encontrarmos. Conseguiu algumas informações?

- Nada de especial. Temos de decidir o que vamos fazer a seguir. Estamos a esgotar as possibilidades. O avião de Gary Reynolds caiu perto de Denver. Penso que devíamos ir até lá. Talvez seja a nossa última hipótese.

- Está bem.

- O obituário dele dizia que tinha uma irmã em Denver. Pode ser que ela saiba alguma coisa. Porque não nos encontramos em Denver, no Brown Palace Hotel? Eu parto do aeroporto de Schoenfeld, em Berlim, daqui a três horas.

- Eu apanho um avião em Heathrow.

- Óptimo. O quarto vai ficar reservado em nome de Harriet Beecher Stowe. Kelly?

- Sim?

- E só... sabe...

- Eu sei. Você também.

Tanner estava sozinho no seu gabinete a falar no telefone dourado.

- ...e conseguiram escapar. Sam Meadows não está nada feliz e Greg

Holliday morreu. - Ficou calado por momentos. - Segundo a lógica, o lugar que lhes resta é Denver. Na verdade, é provavelmente a sua última opção... Parece que vou ter que ser eu a tratar disto. Elas conseguiram ganhar o meu respeito, por isso é natural que seja eu a tratar do caso delas como deve ser. - Ficou a ouvir e riu. - É claro. Adeus.

Andrew estava sentado no seu gabinete, a divagar e a criar visões nubladas. Estava deitado numa cama de hospital e Tanner dizia: Tu espantas-me, Andrew. Devias ter morrido. Agora os médicos dizem-me que vais ter alta dentro de poucos dias. Vou dar-te um gabinete no KIG. Quero que vejas como te vou salvar a pele. Só que tu não aprendias, pois não, meu imbecil? Bom, vou transformar a tua operação de tuta e meia numa mina de ouro e tu bem podes ficar sentado a ver como o vou fazer. A propósito, a primeira coisa que fiz foi cancelar a porcaria daqueles projectos de boa vontade que iniciaste, Andrew... Andrew... Andrew...

A voz era cada vez mais forte.

- Andrew! Estás surdo?

Tanner chamava por ele. Andrew levantou-se e dirigiu-se ao gabinete do irmão.

Este olhou para cima.

- Espero não estar a interferir com o teu trabalho - disse, sarcasticamente.

- Não, eu só estava a...

Tanner estudou o irmão por instantes.

- Tu não serves mesmo para nada, pois não, Andrew? Não semeias nem colhes. É bom para mim ter alguém com quem falar, mas não sei por mais quanto tempo te quero manter por aqui.

Kelly chegou a Denver antes de Diane e instalou-se no venerável Brown Palace Hotel.

- Esta tarde vai chegar uma amiga minha.

- Pretendem dois quartos?

- Não, um duplo.

Assim que o avião de Diane aterrou no aeroporto internacional de

Denver, ela apanhou um táxi que a levou ao hotel. Deu o nome ao recepcionista.

- Sim, senhora Stevens. A senhora Stowe está à sua espera. Está no quarto.

Foi um alívio ouvir aquilo.

Kelly esperava por ela. As duas trocaram um caloroso abraço - Tive saudades suas.

- E eu suas. Que tal a sua viagem? - perguntou Kelly.

- Nada de especial. Graças a Deus.

Diane olhou para ela e perguntou:

- O que foi que se passou em Paris?

- Tanner Kingsley - explicou ela. - E o que se passou em Berlim?

- Tanner Kingsley - respondeu numa voz sem timbre.

Kelly dirigiu-se a uma mesa, pegou numa lista telefónica e trouxe-a para junto de Diane.

- A irmã de Gary Reynolds, Lois, continua na lista telefónica. Vive na Marion Street.

- Óptimo. - Diane olhou para o relógio. - Hoje já é muito tarde para fazermos alguma coisa. Vamos lá logo de manhãzinha.

Jantaram no quarto e conversaram até à meia-noite, depois preparam-se para se deitar.

- Boa noite - disse Diane, e estendeu a mão para o interruptor.

O quarto ficou mergulhado em escuridão.

- Não! - gritou Kelly. - Por favor, acenda a luz.

Diane acendeu-a imediatamente.

- Desculpe, Kelly. Esqueci-me completamente.

- Até Mark aparecer, eu tinha medo do escuro. Depois de ele ter sido morto... - Kelly começou a hiperventilar, a tentar combater o pânico. Respirou fundo. - Como gostava de ser capaz de superar isto.

- Não se preocupe. Vai ser capaz, quando se sentir de novo segura.

Na manhã seguinte, quando Diane e Kelly saíram do hotel, havia uma fila de táxis em frente da entrada. Entraram num e Kelly deu o número da casa de Lois Reynolds, na Marion Street.

Quinze minutos depois, o motorista encostava ao passeio.

- Ora cá estamos.

Kelly e Diane olhavam pela janela de boca aberta. O que viam eram as ruínas queimadas de uma casa que ardera até às fundações. Não ficara nada a não ser cinzas, pedaços de madeira queimada e fundações em cimento completamente desfeitas.

- Os sacanas mataram-na - exclamou Kelly. Olhou para Diane, desesperada. - Chegámos ao fim do caminho.

Diane pensava.

- Ainda há uma possibilidade.

Ray Fowler, o amargo gerente do aeroporto de Denver, troçou de Diane e de Kelly:

- Vamos lá a ver se percebi bem. Vocês as duas estão a investigar a queda de um avião, sem qualquer autoridade para o fazerem e querem que eu lhes arranje a possibilidade de falarem com o controlador aéreo que estava de serviço, para que ele vos dê informações confidenciais? Percebi bem?

Diane e Kelly olharam uma para a outra.

- Sabe, nós tínhamos esperança de... - respondeu Kelly.

- De quê?

- De que nos pudesse ajudar.

- E porque havia eu de o fazer?

- Senhor Fowler, nós só queremos ter a certeza de que aquilo que aconteceu a Gary Reynolds foi unicamente um acidente.

Ray Fowler estudava as duas mulheres.

- Que interessante - disse.

E ali ficou sentado, espantado, e por fim disse:

- Há uns tempos que isto não me sai da cabeça. Talvez devam, de

facto, falar com Howard Miller. Era ele o controlador que estava de serviço no dia do acidente. Têm aqui a morada. Eu entretanto telefono-lhe e digo-lhe que vocês vão aparecer.

- Muito obrigada. É muito amável da sua parte - disse Diane.

Ray Fowler grunhiu:

- Eu só faço isto porque o relatório da FAA sobre o acidente é um perfeito disparate. Encontrámos os destroços do avião, mas, coincidência das coincidências, a caixa negra tinha desaparecido. Desaparecido, pura e simplesmente.

Howard Miller vivia numa pequena casa a cerca de dez quilômetros do aeroporto. Era um homem baixinho, cheio de energia, nos quarenta anos. Abriu a porta da frente a Diane e Kelly.

- Entrem. Ray Fowler telefonou-me e disse que vinham aí. Em que as posso ajudar?

- Gostaríamos de falar consigo, senhor Miller.

- Sentem-se. - E sentaram-se no sofá. - Querem um café?

- Não, muito obrigada. Nós estamos aqui para falar consigo sobre o acidente de aviação de Gary Reynolds...

- Sim, terá sido um acidente ou...?

Howard Miller encolheu os ombros.

- Honestamente, não sei. Nunca esperei que uma coisa daquela viesse a acontecer, em todos os anos que trabalho ali. Tudo estava a decorrer segundo o regulamento. Gary Reynolds chamou via rádio a pedir autorização para aterrar e nós concedemo-la. Quando voltou a falar, ele estava apenas a duas milhas de nós e reportava a existência de um furacão! Um furacão! Os nossos monitores não registavam nada. Não havia qualquer vento naquela altura. Para lhe dizer a verdade, pensei que ele ou tinha bebido ou estava drogado. Depois disso, só sei que ele foi embater contra um dos lados da montanha.

- Pelo que percebi, a caixa negra não apareceu, não é verdade? - perguntou Kelly.

- Pois. Isso é outra coisa - confirmou Howard Miller, pensativo. - Encontrámos tudo o resto. Mas o que foi que aconteceu à caixa negra? Os desgraçados dos FAA apareceram aí e diziam que tínhamos os registos todos

errados. Não acreditaram em nós quando lhes contámos o que se passara. Sabe quando se tem a sensação de que há qualquer coisa que não está bem?

- Sim.

- Eu acho que há qualquer coisa errada, mas não sei dizer exactamente o quê. Lamento não poder ajudar mais.

Diane e Kelly levantaram-se, frustradas.

- De qualquer das maneiras, muito obrigada, senhor Miller. Agradecemos o tempo que nos dispensou.

-De nada.

Quando Miller acompanhava as duas mulheres até à porta, disse:

- Espero que a irmã dele fique boa.

- O quê? - perguntou Kelly, estacando.

- A irmã dele. Está no hospital. Coitada. A casa dela ardeu até ao chão, a meio da noite. Não sabem se ela vai conseguir sobreviver.

- O que aconteceu? - perguntou Diane, sentindo-se gelar.

- Os bombeiros pensam que foi provocado por um curto-circuito. Lois conseguiu arrastar-se até à porta de rua, para o jardim, mas quando os bombeiros chegaram estava em muito mau estado.

Diane conseguiu manter a voz calma.

- E em que hospital está ela?

- Está no Hospital da Universidade do Colorado. No centro de queimados. Ala Três Norte.

A enfermeira na recepção na Três Norte disse:

- Lamento muito, mas a menina Reynolds não pode receber visitas.

- Pode dizer-nos em que quarto está? - pediu Kelly.

- Não. Lamento muito, mas não posso.

- É que isto é uma emergência - disse Diane. - Nós temos que a ver e...

- Ninguém a vê sem autorização escrita.

O tom da voz ela punha um ponto final à conversa.

Diane e Kelly olharam uma para a outra.

- Muito bem. Então muito obrigada.

As duas mulheres afastaram-se.

- O que vamos fazer agora? - perguntou Kelly. - Esta é a nossa última hipótese.

- Tenho um plano.

Um mensageiro fardado transportando um enorme embrulho atado com fitas abordou a recepção.

- Tenho aqui um embrulho para Lois Reynolds.

- Eu assino - disse a enfermeira.

O rapaz abanou a cabeça.

- Lamento muito. As minhas instruções são para o entregar pessoalmente . É muito valioso. A enfermeira hesitou.

- Então terei que o acompanhar.

- Tudo bem.

E ele seguiu a enfermeira até ao fim do corredor. Quando chegaram ao quarto 391, a enfermeira começou a abrir a porta e o mensageiro deu-lhe o embrulho.

- Pode entregar-lho - disse.

Num andar imediatamente abaixo, o mensageiro dirigiu-se ao banco onde Diane e Kelly se sentavam à espera.

- É o quarto 391 - disse.

- Muito obrigada - respondeu Diane, grata. E deu-lhe algum dinheiro para a mão.

As duas mulheres subiram as escadas para o terceiro andar, entraram no corredor e esperaram até que a enfermeira fosse ao telefone. Estava de costas para elas. Então apressaram-se pelo corredor e entraram no quarto 391.

Lois Reynolds estava deitada na cama com uma cadeia de tubos e de fios ligados ao seu corpo. O seu corpo estava coberto de ligaduras. Tinha os olhos fechados, quando Kelly e Diane se aproximaram da cama.

Diane falou baixinho:

- Menina Reynolds. O meu nome é Diane Stevens e esta é a Kelly Harris. Os nossos maridos trabalhavam para o KIG.

Os olhos de Lois Reynolds abriram-se devagarinho e ela tentou focá-los. Quando falou, a sua voz era a sombra de um sussurro.

- O quê?

- Os nossos maridos trabalhavam para o KIG - disse Kelly. - Ambos foram mortos. Pensámos que, devido ao que aconteceu ao seu irmão, nos pudesse ajudar em alguma coisa.

Lois Reynolds tentou abanar a cabeça.

- Eu não posso ajudar... Gary está morto.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

Diane inclinou-se sobre ela.

- O seu irmão disselhe alguma coisa antes do acidente?

- Gary era uma pessoa maravilhosa. - A voz dela era lenta e dolorosa. - Ele morreu num acidente de avião.

- Ele disselhe alguma coisa que nos possa ajudar a descobrir o que se passou? - insistiu Diane pacientemente.

Lois Reynolds fechou os olhos.

- Menina Reynolds, por favor, não adormeça já. Por favor. Isto é muito importante. O seu irmão disselhe alguma coisa que nos possa ajudar?

Lois Reynolds abriu de novo os olhos e olhou para Diane, intrigada.

- Mas quem são vocês?

- Nós estamos convencidas de que o seu irmão foi assassinado - respondeu Diane.

- Eu sei... - murmurou Lois.

As duas sentiram um arrepio gelado.

- Porquê? - perguntou Kelly.

- Prima... - Não era mais do que um murmúrio.

Kelly aproximou-se mais.

- Prima?

- Gary contou-me... falou sobre isso... uns dias antes de ser mor to. A máquina deles pode controlar... controlar o tempo. Pobre Gary. Ele... ele nunca conseguiu chegar a Washington.

- Washington? - perguntou Diane.

- Sim.. Eles iam todos... iam todos ter com uma senadora qualquer e falar... falar sobre Prima... Gary disse que Prima era muito mau...

- Lembra-se do nome da senadora? - perguntou Kelly.

- Não.

- Pense, por favor, pense.

Lois Reynolds murmurava qualquer coisa.

- Senadora não sei o quê...

- Qual senadora? - insistiu Kelly. .

- Levin... Luven... van Luven. Eles iam falar com ela. Iam encontrar-se com...

A porta abriu-se de repente e um médico com um casaco branco e um estetoscópio pendurado ao pescoço entrou pelo quarto. Olhou para Diane e Kelly e disse, furioso: - Ninguém vos disse que não são permitidas visitas?

Kelly respondeu:

- Desculpe. Tínhamos que falar...

- Saiam, por favor.

As duas mulheres olharam para Lois Reynolds.

- Adeus. As suas melhoras.

O homem ficou a vê-las sair do quarto. Quando a porta se fechou, dirigiu-se à cama, ficou de pé junto de Lois Reynolds e pegou numa almofada.

CAPÍTULO 40

Kelly e Diane conseguiram encontrar o caminho até ao átrio do hospital.

- Era por isso que Richard e Mark iam a Washington. Para falar com a senadora van Luven - disse Diane.

- E nós, como é que falamos com ela?

- É simples - respondeu Diane, puxando do celular.

Kelly ergueu a mão para a impedir.

- Não. É melhor usarmos uma cabina. Conseguiram o número de telefone do Senado através das informações e Diane fez a ligação.

- Gabinete da senadora van Luven.

- Gostaria de falar com a senadora, por favor.

- Pode dizer-me o seu nome?

- É um assunto pessoal - respondeu Diane.

- O seu nome, por favor?

- Não posso... Diga-lhe só que é muito importante.

- Lamento, mas não o posso fazer.

E a ligação foi cortada. Diane virou-se para Kelly. - Nós não podemos usar os nossos nomes. E Diane ligou outra vez o mesmo número.

- Gabinete da senadora van Luven.

- Por favor, ouça-me. Isto não é uma brincadeira. Eu preciso de falar com a senadora van Luven e não lhe posso dar o meu nome.

- Então receio não poder permitir que fale com a senadora.

E a chamada foi mais uma vez cortada.

Diane ligou outra vez.

- Gabinete da senadora van Luven.

- Por favor, não desligue. Eu sei que se limita a fazer o seu trabalho, mas este é um caso de vida ou de morte. Eu estou a ligar de uma cabina. Vou dar-lhe o número. Por favor, peça à senadora que me ligue. - Deu à secretária o número e ouviu-a desligar o telefone.

Kelly perguntou:

- E agora, o que fazemos?

- Agora ficamos à espera.

Esperaram duas horas e por fim Diane disse: - Não vai funcionar. Vamos...

O telefone tocou. Diane respirou fundo e correu para o atender.

- Alô?

Uma aborrecida voz feminina disse:

- Daqui fala senadora van Luven. Quem fala?

Diane inclinou o telefone para Kelly de forma que as duas conseguissem ouvir o que a senadora dizia. Diane estava tão perturbada que mal conseguia falar.

- Senadora, o meu nome é Diane Stevens. Estou com Kelly Harris.

Sabe quem nós somos?

- Não. Lamento, mas não...

- Os nossos maridos foram assassinados quando se preparavam para se encontrar consigo.

Do outro lado, ela arquejou.

- Oh, meu Deus! Richard Stevens e Mark Harris.

- Exactamente.

- Os vossos maridos tinham marcado um encontro comigo, mas a minha secretária recebeu um telefonema a dizer que tinham alterado os planos deles. E depois... morreram.

- O telefonema que recebeu não foi feito por eles, senadora - disse Diane. - Eles foram assassinados por quem os queria impedir de chegar até si.

- O quê? - parecia chocada. - Mas porque é que alguém...?

- Foram mortos para que não falassem consigo. Eu e Kelly gosta ríamos de ir a Washington falar consigo sobre o que os nossos ma ridos lhe queriam dizer.

Houve uma pequena hesitação.

- Eu encontro-me convosco, mas não no meu gabinete. É demasiado público. Se o que me está a dizer é verdade, pode ser muito perigoso. Tenho uma casa em Southampton, em Long Island. Posso encontrar-me convosco aí. De onde me estão a telefonar?

- De Denver.

- Só um segundo.

Três minutos mais tarde, a senadora voltou de novo à linha.

- O próximo vôo que sai de Denver para Nova Iorque é da United, 263 directo a La Guardia. Sai à meia noite e vinte e cinco e chega a Nova Iorque às seis e nove da manhã. Se o vôo estiver cheio, há outro...

- Nós iremos nesse vôo.

Kelly olhava para Diane, espantada.

- Diane, e se não conseguirmos...

Diane ergueu a mão para a acalmar.

- Nós apanhamos esse vôo.

- Quando chegarem ao aeroporto, uma limusina cinzenta estará à vossa espera. Dirijam-se imediatamente ao carro. O condutor é asiático. Chama-se Kunio, K-U-N-I-O. Ele as levará até à minha casa.

Estarei à vossa espera.

- Muito obrigada, senadora.

Diane desligou o telefone e respirou fundo. Virou-se para Kelly.

- Está tudo tratado.

- Como é que sabe que conseguimos apanhar esse vôo? - perguntou Kelly.

- Tenho um plano.

- Está a brincar comigo!

- Não, não estou.

O porteiro no hotel arranjou-lhes um carro de aluguel e, quarenta e cinco minutos depois, Diane e Kelly estavam a caminho do aeroporto. Kelly ia dizendo:

- Não sei se estou excitada ou se estou com medo.

- Não creio que daqui para a frente tenhamos mais nada com que nos preocupar.

- Parece que havia um monte de pessoas que queriam falar com a senadora, mas nenhuma delas conseguiu. Foram todos mortos.

- Então nós vamos ser as primeiras a conseguir fazê-lo.

- Gostaria que tivéssemos... - disse Kelly.

- Eu sei, uma arma. Já disse isso. Mas temos a nossa inteligência.

- Está bem. Mas mesmo assim gostava de ter uma arma.

Kelly olhou lá para fora.

- Encoste aí.

Diane encostou ao passeio.

- O que foi?

- Há uma coisa que eu quero fazer.

Pararam em frente de um salão de beleza. Kelly abriu aporta do carro.

- Onde é que vai? - perguntou Diane.

- Vou fazer um novo penteado.

- Vai fazer um novo penteado agora? Kelly, nós estamos a caminho do aeroporto para apanhar um avião, e não temos tempo para...

- Diane, nunca se sabe o que vai acontecer. E, no caso de vir a morrer, quero estar bonita.

Diane ficou sentada, sem saber o que dizer, a ver Kelly entrar no salão de beleza.

Vinte minutos depois, Kelly saiu. Usava uma peruca preta, um

luxuriante cabelo apanhado bem alto sobre a cabeça. - Estou pronta - disse Kelly. - Passemos ao ataque.

CAPÍTULO 41

- Vem um Lexus branco atrás de nós - disse Kelly.

- Eu sei. E tem uma meia dúzia de homens lá dentro.

- Consegue despistá-los?

- Não preciso.

- O quê?- exclamou Kelly, olhando para ela.

- Olhe.

Aproximavam-se de um portão do aeroporto com um letreiro que dizia "Só ENTREGAS". O guarda atrás do portão abriu-o para deixar entrar o carro.

Os homens no Lexus olhavam enquanto Kelly e Diane saíram e se dirigiam a um carro oficial do aeroporto, que estava parado na placa. Quando o Lexus chegou junto do portão, o guarda disse: - Esta entrada é privada.

- Mas deixou entrar o outro carro.

- Esta entrada é privada.

E fechou o portão.

O carro do aeroporto atravessou a placa e parou ao lado de um jumbo. Quando Diane e Kelly saíram, Howard Miller estava à espera delas.

- Conseguiram cá chegar.

- Claro - respondeu Diane. - Muito obrigada por ter tratado de tudo.

- Foi um prazer. - O rosto dele ficou sério. - Espero que saia alguma coisa de bom de tudo isto.

- Agradeça por nós a Lois Reynolds e diga-lhe...

A expressão do rosto de Howard Miller alterou-se.

- Lois Reynolds morreu ontem à noite.

As duas mulheres ficaram chocadas. Kelly precisou de um bom bocado para conseguir responder:

- Lamento muito.

- O que aconteceu? - perguntou Diane.

- Pelos vistos, o coração não agüentou.

Howard Miller olhou para o avião. - Estão prontos para partir. Consegui-vos lugares junto à porta.

- Mais uma vez, muito obrigada.

Miller ficou a ver Kelly e Diane subirem as escadas. Momentos mais tarde, a assistente de bordo fechou a porta e o avião começou a taxiar. Kelly virou-se para Diane e sorriu.

- Conseguimos. Conseguimos ser mais espertas do que todos aqueles cérebros. O que vai fazer depois de falarmos com a senadora van Luven?

- Confesso que ainda não pensei nisso. E, Kelly, vai voltar para Paris?

- Depende. Acha que vai ficar em Nova Iorque?

- Vou.

- Então talvez fique em Nova Iorque por mais uns tempos - respondeu Kelly.

- Ou podemos ir as duas até Paris.

Estavam sentadas a sorrir uma para a outra.

- Estava agora mesmo a pensar como Richard e Mark estariam orgulhosos se soubessem que conseguimos terminar o trabalho que eles começaram - comentou Diane.

- Pode ter a certeza.

Diane olhou pela janela para o céu e disse baixinho:

- Obrigada, Richard.

Kelly olhou para ela e abanou a cabeça, mas não fez qualquer comentário.

Richard, eu sei que me podes ouvir, meu querido. Nós vamos terminar aquilo que tu começaste. Vamos vingar-te a ti e aos teus amigos. Isso não te vai trazer de volta, mas ajuda um bocadinho. Sabes do que é que eu mais sinto falta, meu amor? De tudo!

Quando a avião aterrou no aeroporto de La Guardia, três horas e meia

mais tarde, Diane e Kelly foram os primeiros passageiros a desembarcar. Diane recordou as palavras da senadora: Quando chegarem ao aeroporto, uma limusina cinzenta estará à vossa espera.

O carro aguardava perto da entrada do terminal. Junto dele estava um japonês de alguma idade, fardado. Pôs-se praticamente em sentido quando Kelly e Diane apareceram.

- Senhoras Stevens e Harris?

- Exactamente.

- Eu sou Kunio. -Abriu a porta do carro e elas entraram. Momentos mais tarde, estavam a caminho de Southampton.

- A viagem demora perto de duas horas e meia - disse o motorista. - A paisagem é lindíssima.

A última coisa em que estavam interessadas era na paisagem. Estavam ambas ocupadas a pensar na forma mais rápida de explicarem à senadora o que se passara.

Kelly perguntou:

- Acha que a senadora vai correr perigo, depois de lhe contarmos o que sabemos?

- Tenho a certeza de que ela tem protecção. Saberá como lidar com isto.

- Espero bem que sim.

Ao fim de quase duas horas, a limusina entrou por fim nos terrenos de uma casa em pedra com um telhado de lousa e esguias chaminés, ao estilo da Inglaterra do século dezoito. Tinha dois grandes jardins muito bem cuidados e havia uma casa separada para os criados e a garagem.

Assim que o carro parou à porta da frente, Kunio disse:

- Ficarei cá fora à espera, se precisarem de mim.

- Muito obrigada.

A porta foi aberta por um mordomo.

- Boa noite. Entrem, por favor. A senadora está à vossa espera.

As duas mulheres entraram. A sala era elegante e de aspecto prático,

mobilada com uma grande variedade de antiguidades e com sofás e cadeiras de aspecto confortável. Na parede, sobre uma enorme lareira com uma prateleira barroca, ardiam velas em dois castiçais de vidro espelhado.

O mordomo disse:

- Por aqui, por favor.

Kelly e Diane seguiram o mordomo e entraram numa grande sala de estar.

A senadora van Luven aguardava-as. Vestia um fato leve de seda azul com uma blusa e tinha o cabelo solto. Era muito mais feminina do que Diane esperara.

- Eu sou Pauline van Luven.

- Diane Stevens.

- Kelly Harris.

- Estou satisfeita por vos ver. Demorou demasiado tempo.

Kelly olhou para a senadora van Luven, intrigada.

- Desculpe?

Ouviu-se a voz de Tanner Kingsley atrás delas.

- O que ela quer dizer é que tiveram muita sorte, mas que finalmente a vossa sorte acabou.

Diane e Kelly viraram-se. Tanner Kingsley e Harry Flint tinham acabado de entrar na sala.

- Agora, senhor Flint - disse Tanner.

Harry Flint ergueu uma pistola. Sem dizer uma só palavra, fez pontaria às duas mulheres e disparou duas vezes. Pauline van Luven e Tanner Kingsley ficaram a olhar enquanto os corpos de Diane e Kelly cambaleavam para trás e caíam no chão.

Tanner dirigiu-se à senadora van Luven e abraçou-a.

- Finalmente terminou, Princesa.

Flint perguntou: - Que quer que eu faça com os corpos?

Tanner não hesitou.

- Amarra-lhes uns pesos aos tornozelos, leva-os de avião para cerca de duzentas milhas da costa e deixa-os cair ao Atlântico.

- Não há qualquer problema. - Flint saiu da sala.

Tanner virou-se para a senadora van Luven:

- Terminou, Princesa. Podemos finalmente partir.

Ela aproximou-se dele e beijou-o.

- Senti tanto a tua falta, meu amor.

- Também tive saudades tuas.

- Aqueles encontros de uma vez por mês eram frustrantes, por que eu sabia que acabavas por ter de ir embora.

Tanner apertou-a contra si.

- De agora em diante, estaremos sempre juntos. Vamos aguardar uns respeitáveis três ou quatro meses como homenagem ao teu querido falecido marido e em seguida casamo-nos.

Ela sorriu e disse: - Mudemos isso para um mês.

Ele concordou.

- Acho bem.

- Pedi ontem a demissão do Senado. Foram muito compreensivos com a minha dor pela perda do meu marido.

- Excelente. Agora podemos estar juntos sem qualquer problema. Quero que vejas uma coisa que tenho no KIG e que não te pude mostrar antes.

Tanner e Pauline chegaram ao edifício de tijolo vermelho. Tanner dirigiu-se à sólida porta de aço que tinha a meio uma pequena cavidade. Ele usava um pesado anel de camafeu com o rosto de um guerreiro grego esculpido.

Pauline observou enquanto ele premia o anel contra a cavidade e a porta se começava a abrir. A sala era vastíssima, repleta de enormes computadores e ecrãs de televisão. Numa parede mais afastada viam-se geradores e aparelhos electrónicos, todos ligados entre eles e com um painel de controle ao meio.

Tanner explicou:

- Aqui é o ground zero. O que tu e eu temos aqui é algo que vai mudar a vida das pessoas para sempre. Esta sala é o comando central de um sistema de satélites que possui capacidade para controlar o clima em qualquer lugar do mundo. Podemos provocar tempestades onde quisermos. Criar secas, evitando que chova. Nevoeiros nos aeroportos. Furacões e ciclones capazes de parar toda a economia mundial. - Sorriu. - Já demonstrei um pouco do nosso poder. Há muitos países a trabalhar para conseguirem controlar o clima, mas nunca nenhum conseguiu até agora resolver o problema.

Premiu um botão e um enorme ecrã de televisão iluminou-se.

- O que aqui vês é uma aproximação daquilo que o exército gostaria de ter. - Virou-se para ela e sorriu. - A única coisa que impediu que Prima me desse o controle total e perfeito foi o efeito de estufa, e disso tu trataste lindamente. - Suspirou. - Sabes quem criou este projecto? Andrew. Ele era, de facto, um génio.

Pauline olhava para o impressionante equipamento.

- Não percebo como é que isto consegue controlar o clima.

- Bom, a versão simplista é a de que o ar quente sobe na direcção do ar frio e, se encontrar humidade...

- Querido, não sejas condescendente.

- Desculpa, mas a versão final é bastante mais complicada - respondeu ele.

- Sou toda ouvidos.

- É um pouco técnico, por isso presta atenção. Os lasers de microondas criados com a nanotecnologia que o meu irmão produziu, quando disparados para a atmosfera da Terra, geram oxigénio livre que se mistura com o hidrogénio, produzindo ozono e água. O oxigénio livre na atmosfera junta-se em pares, por isso é que é chamado O^2, e o meu irmão descobriu que, disparando o laser do espaço para a atmosfera, obrigava o oxigénio a ligar-se com dois átomos de hidrogénio em ozono, O^3, e água, H^2O.

- Continuo a não perceber como é que isso pode...

- O clima é accionado pela água. Andrew descobriu, em testes mais aprofundados, que uma dada quantidade de água que surgia como subproduto destas experiências fazia com que os ventos se alterassem. Mais lasers, mais vento. Controlando a água e o vento, podemos controlar o clima.

Ficou pensativo por momentos.

- Quando descobri que Akiro Isso, em Tóquio, e mais tarde Madeleine Smith, em Zurique, se estavam a aproximar da solução do problema, ofereci-lhes emprego aqui, para que os pudesse controlar.

Mas eles recusaram. E eu não me podia dar ao luxo de permitir que terminassem aquilo em que estavam a trabalhar. - Encolheu os ombros. - Contei-te que tinha quatro dos meus melhores meteorologistas a trabalhar neste projecto comigo, não contei?

- Contaste.

- Pois. Eles também eram muito bons. Franz Verbrugge, em Berlim, Mark Harris em Paris, Gary Reynolds em Vancouver e Richard Stevens em Nova Iorque. Cada um deles estava encarregado de tentar resolver um determinado problema do controle do tempo, e pensei que, dado estarem a trabalhar em países diferentes, nunca seriam capazes de juntar todas as peças do puzzlee e concluir qual era o objectivo final de todo este projecto. Mas, de alguma forma, a verdade é que chegaram lá. Vieram ter comigo a "Viena, para me perguntarem quais eram os meus planos para o Prima. Disselhes que o ia dar ao nosso governo. Nunca imaginei que levassem o assunto mais adiante, mas, para ter a certeza, montei-lhes uma armadilha. Quando estavam sentados na recepção, fiz um telefonema para o teu gabinete no Senado, de forma que eles me ouvissem a negar que alguma vez ouvira falar de Prima. Na manhã seguinte, começaram a ligar-te para marcarem encontros. Foi nessa altura que percebi que tinha de os afastar. - E sorriu. - Vou-te mostrar o que temos aqui.

Apareceu num ecrã de computador um mapa do mundo marcado com pontos e com símbolos. A medida que Tanner falava, ia movimentando um interruptor, e o foco do mapa foi-se alterando até se centrar sobre Portugal.

Tanner ia dizendo:

- Os vales agrícolas de Portugal são abastecidos pelos rios que correm para o Atlântico vindos de Espanha. Imagina o que aconteceria a Portugal se chovesse continuamente até que os vales agrícolas ficassem completamente inundados.

Tanner premiu um botão e, num ecrã enorme, surgiu a imagem de um compacto palácio cor de rosa, com guardas fardados, e os lindíssimos jardins a brilhar sob a luz do sol.

- Este é o palácio presidencial.

A imagem mudou para uma sala de jantar dentro do edifício, onde uma família tomava o pequeno almoço.

- Este é o presidente de Portugal, a mulher e dois filhos. Quando falarem será em português, mas tu ouvirás em inglês. Tenho dúzias de nanocâmaras e de microfones espalhados pelo palácio. O presidente desconhece, mas o seu chefe de segurança trabalha para mim.

Um assessor dizia ao presidente:

- Hoje de manhã, às onze horas, tem uma reunião na Embaixada e um discurso numa central sindical. À uma da tarde, almoço no museu. Esta noite temos um jantar de estado.

O telefone tocou sobre a mesa do pequeno almoço. O presidente atendeu-o. - Alô?

A voz de Tanner era imediatamente traduzida do inglês para o português, à medida que falava: - Senhor presidente?

O presidente pareceu espantado. - Quem fala? - perguntou e a voz dele foi imediatamente traduzida do português para inglês.

- Um amigo.

- Mas quem... Como obteve o meu número privado?

- Isso não interessa. Quero que ouça com atenção. Gosto muito do seu país e não gostaria de o ver destruído. Se não quer que terríveis tempestades o façam desaparecer do mapa, tem que me mandar dois mil milhões de dólares em ouro. Se não está interessado agora, eu volto a telefonar daqui a três dias.

No ecrã, viram o presidente bater com o telefone. Virou-se para a mulher e disse:

- Um palerma qualquer que conseguiu o meu número privado.

Deve ter saído de um manicómio.

Tanner virou-se para Pauline.

- Isto foi filmado há três dias. Agora vou-te mostrar a conversa que tivemos ontem.

A imagem do enorme palácio e dos seus belos jardins surgiu de novo,

mas desta vez chovia torrencialmente e o céu estava cheio de trovoadas e iluminado por relâmpagos.

Tanner premiu um botão e a imagem no ecrã passou a ser a do gabinete do presidente. Estava sentado a uma mesa de conferências com meia dúzia de assistentes, todos a falarem ao mesmo tempo. O rosto dele estava sombrio. O telefone em cima da mesa tocou.

- Agora. - Tanner sorriu.

O presidente atendeu o telefone, apreensivo.

- Estou?

- Bons dias, senhor presidente. Como...?

- Você está a destruir o meu país! Já destruiu as nossas colheitas. Os rios estão alagados. As aldeias estão a ficar... - Parou e respirou fundo. - Quanto tempo vai isto durar? - A voz dele tinha uma ponta de histeria.

- Até eu receber os dois mil milhões de dólares!

Ficaram a ver o presidente cerrar os dentes e fechar por momentos os olhos. - E depois pára com estas tempestades?

- Com certeza.

- Como é que quer receber este dinheiro?

Tanner desligou o televisor.

- Vês como é fácil, Princesa? Já temos o dinheiro. Agora deixa que te mostre o que mais Prima é capaz de fazer. Estes são os nossos primeiros testes.

Premiu outro botão e a imagem de um furioso furacão apareceu no ecrã.

- Isto está a ter lugar no Japão - explicou. - Em tempo real.

E, nesta estação, para eles o tempo é sempre calmo.

Premiu outro botão e apareceram imagens de uma violenta tempestade a abater-se sobre um pomar de laranjas.

- Isto é em directo da Florida. A temperatura no exterior está, neste momento, perto de zero graus, e estamos em Junho! As colheitas vão ficar completamente destruídas.

Accionou outro botão e, no ecrã gigante, viu-se a imagem de um tornado a arrasar edifícios.

- Isto é o que se está a passar no Brasil. Como vês - continuou Tanner - Prima pode fazer qualquer coisa.

Pauline aproximou-se mais dele e disse suavemente:

- Tal como o seu papá.

Tanner desligou o televisor. Pegou em três DVDs e mostrou-lhos.

- Aqui estão três conversas muito interessantes que tive com o Peru, o México e a Itália. Sabes como é entregue o ouro? Nós mandamos camiões aos bancos deles e eles enchem-nos. E depois estamos numa situação de pescadinha de rabo na boca. Se fizerem qualquer tentativa para descobrir para onde vai o ouro, eu garanto-lhes uma tempestade que começa e nunca mais acaba. Pauline olhava para ele, preocupada.

- Tanner, há alguma hipótese de eles alguma vez conseguirem identificar as nossas chamadas?

Tanner riu.

- Espero que sim. Se alguém o tentar fazer, chegarão primeiro a uma igreja, depois são reenviados para uma escola. A terceira vez vão criar tempestades que desejarão nunca ter assistido. E o quarto terminará na Sala Oval da Casa Branca.

Pauline riu.

A porta abriu-se e Andrew entrou.

- Ah! Cá está o meu querido irmão.

Andrew olhava fixamente para Pauline com uma expressão intrigada no rosto.

- Eu não a conheço? - Olhou para ela durante quase um minuto enquanto se concentrava, e em seguida o seu rosto iluminou-se. - Mas é claro. Você... você e Tanner estavam... vocês iam-se casar. Eu era o padrinho. Você é... você é a Princesa.

- Muito bem, Andrew - elogiou Pauline.

- Mas você... você foi-se embora! Não amava Tanner.

Este interveio.

- Eu explico-te umas coisas. Ela foi-se embora exactamente por que me amava. - E pegou na mão dela. - Telefonou-me no dia a seguir ao casamento. Casara-se com um homem muito rico e muito influente para, através da influência dele, conseguir arranjar clientes importantes para o KIG. Foi assim que pudemos crescer a esta velocidade. - Tanner abraçou-a. - Arranjámos uma forma de nos encontrarmos uma vez por mês e ela depois começou a interessar-se pela política e tornou-se senadora - explicou, orgulhoso, Tanner.

Andrew franziu o sobrolho.

- Então e... e Sebastiana?

- Quem? Sebastiana Cortêz? Essa foi para despistar - respondeu Tanner a rir. - Fiz as coisas de forma que todos aqui no KIG tivessem conhecimento da existência dela. Eu e a Princesa não nos podíamos dar ao luxo de levantarmos qualquer suspeita.

- Oh! Estou a perceber - respondeu Andrew com ar vago.

- Andrew, chega aqui.

Tanner conduziu-o até ao centro de controle. Ficaram em frente de Prima.

- Lembras-te disto? - perguntou. - Tu ajudaste a desenvolvê-lo. Agora está pronto.

Os olhos de Andrew abriram-se de espanto.

- Prima...

Tanner apontou para um botão e disse:

- Controle do tempo.

Apontou para outro:

- Local.

Olhou para o irmão.

- Estás a ver como o tornámos tão simples?

- Eu lembro-me... - disse Andrew quase sem fôlego.

Tanner virou-se para Pauline:

- Isto é unicamente o princípio, Princesa.

E tomou-a nos braços - Estou a contactar mais trinta países. Tens o que querias. Poder e dinheiro.

- Um computador como este pode valer milhões... - respondeu, feliz, Pauline.

- Dois computadores como este - interrompeu Tanner. - Tenho uma surpresa para ti. Já alguma vez ouviste falar na ilha de Tamoa, no Pacífico Sul?

- Não.

- Bom. Acabámos de comprá-la. Tem noventa e cinco mil metros quadrados e é inacreditavelmente bela. Faz parte das ilhas da Polinésia francesa e tem uma pista de aviação e um porto para barcos.

Tem tudo, incluindo - e fez uma pausa para dar maior dramatismo às suas palavras - o Prima II!

- Queres dizer que existe um segundo...? - perguntou Pauline.

- Exactamente! - respondeu Tanner. - Está no interior da Terra, onde jamais alguém o conseguirá detectar. E agora que aquelas duas cabras bisbilhoteiras se encontram finalmente fora do nosso caminho, o mundo é todo nosso.

CAPÍTULO 42

Kelly foi a primeira a abrir os olhos. Estava deitada de costas, despida, no nu chão de cimento de uma cave, as mãos algemadas com correntes de vinte e quatro centímetros, presas à parede, logo acima do chão. Numa parede mais afastada via-se uma pequena janela com grades, e a entrada fazia-se através de uma porta de aspecto robusto.

Kelly virou-se para Diane, que estava a seu lado, também ela nua e algemada. As roupas delas estavam atiradas para um canto.

- Onde estamos nós? - perguntou Diane meia grogue.

- No Inferno, companheira.

Kelly experimentou as algemas. Estavam fechadas e bem apertadas em redor dos seus pulsos. Conseguiu levantar o braço dez ou quinze centímetros, mas mais nada.

- Caímos direitinhas na armadilha - disse, amargamente.

- Sabe o que mais odeio em tudo isto?

Kelly olhou em redor do quarto nu e respondeu:

- Não faço a mínima idéia.

- É que eles ganharam. Sabemos porque mataram os nossos maridos e porque nos vão agora matar a nós, mas não temos qualquer hipótese de passar a informação lá para fora, para que o mundo saiba. Eles vão-se safar. Kingsley tinha razão. A nossa sorte chegou, finalmente, ao fim.

- Não, não chegou.

A porta abriu-se e Harry Flint entrou no quarto. O seu sorriso cresceu. Fechou a porta atrás de si e meteu a chave no bolso.

- As balas que disparei eram de Xilocaína. Devia ter-vos matado, mas depois pensei que antes disso nos podíamos divertir um pouco.

Aproximou-se.

As duas mulheres trocaram um olhar aterrorizado. Ficaram a ver enquanto ele, sorridente, despia a camisa e as calças.

- Olhem só o que eu tenho aqui para vos dar. Deixou cair as cuecas. O seu membro estava teso e túrgido. Olhou para elas e avançou na direcção de Diane.

- Porque não começo por ti, minha querida, e depois...?

Kelly interrompeu-o:

- Espera aí, bonitão. Que tal começares por mim? Estou cheia de tesão.

Diane olhava, estupefacta, para ela.

- Kelly...

Flint virou-se para Kelly e desfez-se em sorrisos.

- Mas é claro, querida. Tu vais adorar.

- Oh, sim! - gemeu Kelly. - Sinto tanto a falta disso.

Diane fechou os olhos. Não tinha forças para ver aquilo.

Kelly afastou as pernas e, quando Flint começou a entrar nela, ela ergueu o braço uns centímetros e meteu a mão no seu elaborado penteado. Quando a retirou trazia um travessão com uma lâmina de aço com quinze centímetros de comprimento. Num movimento destro, espetou a lâmina na parte de trás do pescoço de Flint, enterrando-a até ao fundo.

Flint tentou berrar, mas a única coisa que se ouviu foi um gorgolejar rouco. O sangue escorria-lhe pelo pescoço. Diane abriu os olhos, atordoada.

Kelly olhou para ela.

- Já pode... Agora já pode relaxar. - E afastou o corpo inerte de cima de si. - Ele está morto.

O coração de Diane batia tão depressa que parecia que lhe ia saltar do peito. Estava pálida de morte.

Kelly olhava para ela, alarmada.

- Sente-se bem?

- Eu estava com medo que ele - E a boca ficou-lhe seca. Olhou para o corpo de Harry Flint e estremeceu. - Porque é que não me contou? - Apontou para o travessão espetado no pescoço do outro.

- Porque se não servisse para nada... Bom, eu não queria que pensasse

que eu a estava a deixar mal. Vamos sair daqui.

- Como?

- Já lhe mostro. - Kelly esticou uma das suas longas pernas para onde Flint deixara cair as calças. Os seus dedos dos pés esticaram-se para as alcançar. Faltavam uns seis centímetros. Mudou de posição. Ainda faltavam três centímetros. Finalmente, foi bem sucedida. Sorriu. – Voilà! Os seus dedos do pé apanharam as calças e, devagarinho, foi puxando por elas até ficarem suficientemente perto para lhes poder chegar com as mãos. Vasculhou os bolsos das calças à procura da chave. Encontrou-a. Uns segundos depois, tinha as mãos soltas. Correu para junto de Diane.

- Meu Deus, você é um milagre - exclamou esta.

- Agradeça ao meu novo penteado. Vamos sair daqui.

As duas mulheres apanharam as roupas do meio do chão e vestiram-se rapidamente. Kelly retirou a chave da porta do bolso de Flint.

Dirigiram-se para a porta e pararam para escutar. Silêncio. Kelly abriu a porta. Estavam num longo corredor vazio.

- Deve haver algures uma saída - disse Diane.

- Pois deve - concordou Kelly. -Vá por aí que eu vou...

- Não. Por favor. Vamos ficar juntas, Kelly.

Kelly apertou suavemente o braço a Diane e anuiu.

- Com certeza, companheira.

Minutos mais tarde, as duas mulheres deram por si numa garagem. Lá dentro havia um Jaguar e um Toyota.

- Escolha - disse Kelly.

- O Jaguar dá. muito nas vistas. Vamos levar o Toyota.

- Só espero que a chave esteja...

E estava. Diane sentou-se ao volante.

- Faz alguma idéia para onde vamos? - perguntou Kelly.

- Para Manhattan. Mas ainda não tenho nenhum plano.

- Ora aí estão boas notícias - respondeu Kelly suspirando.

- Precisamos de encontrar um lugar para dormir. Quando Kingsley descobrir que conseguimos fugir, vai ficar doido. Não estaremos seguras em lado nenhum.

Kelly pensava.

- Estaremos, sim.

- O que quer dizer com isso? - perguntou Diane a olhar para ela.

- Eu tenho um plano - respondeu Kelly, orgulhosa.

CAPÍTULO 43

Enquanto guiava em direcção a White Plains, a quarenta quilômetros de Manhattan, Diane comentou:

- Parece ser uma cidade simpática. O que estamos aqui a fazer?

- Tenho aqui uma amiga. Ela toma conta de nós.

- Fale-me dela.

Kelly começou a dizer devagarinho:

- A minha mãe casou-se com um bêbado que gostava de lhe bater. Quando tive, finalmente, possibilidade financeira de tomar conta dela, consegui convencê-la a deixá-lo. Uma modelo que eu conhecia e que fugira a um namorado que a maltratava falou-me neste local. E uma pensão gerida por um anjo que se chama Grace Seidel. Trouxe a minha mãe para aqui até lhe conseguir arranjar um apartamento. Vinha todos os dias visitá-la a Grace Seidel. A minha mãe adorou cá estar e fez amizade com outras pensionistas.

Finalmente arranjei-lhe um apartamento e vim buscá-la. - Calou-se.

- E que aconteceu? - perguntou Diane.

- Ela voltou para o marido.

Tinham chegado à pensão.

- Cá estamos.

Grace Seidel era uma mulher que estava por volta dos cinqüenta anos, dinâmica, uma maternal bola de energia. Quando abriu a porta e viu Kelly, o seu rosto iluminou-se.

- Kelly! - Abraçou-a. - Que bom ver-te.

- Esta é a minha amiga Diane - apresentou Kelly.

Trocaram cumprimentos.

- O quarto já está à vossa espera - disse Grace. - Aliás, era o quarto da tua mãe. Mandei pôr mais uma cama.

Quando Grace Seidel as acompanhava até ao quarto, passaram por

uma sala de estar de aspecto muito confortável onde uma dúzia de mulheres jogavam às cartas ou se dedicavam a outras actividades.

- Quanto tempo vão ficar? - perguntou Grace.

- Ainda não sabemos - responderam, depois de olharem uma para a outra.

- Não há qualquer problema - respondeu Grace a sorrir. - O quarto é vosso enquanto precisarem dele.

O quarto era muito agradável, bem tratado e limpo. Quando Grace Seidel as deixou, Kelly disse a Diane:

- Aqui estamos seguras. E a propósito, acho que entrámos para o Livro dos Recordes do Guiness. Sabe quantas vezes eles nos tentaram matar?

- Sim, sei. - Diane estava de pé junto da janela. E Kelly ouviu-a dizer: - Obrigada, Richard.

Kelly ia dizer qualquer coisa, mas depois pensou: Não vale a pena.

Andrew, dormitando sentado à sua secretária, sonhava que estava a dormir numa cama de hospital. As vozes no seu quarto tinham-no acordado.

-... E, felizmente, descobri isto quando estávamos a descontaminar o fato de protecção de Andrew. Pensei que lho devia mostrar imediatamente.

- Os tipos do exército tinham-me garantido que era perfeitamente seguro.

Um homem dava a Tanner uma das máscaras de gás do equipamento do exército.

- Encontrei um pequeno buraco. Parece que alguém lhe fez um corte. Foi o suficiente para provocar o estado em que o seu irmão se encontra.

Tanner olhou para a máscara e berrou:

- Quem quer que seja o responsável por isto vai ser punido. - Olhou para o homem e disse: - Vou já tratar do assunto. Muito obrigado por me ter avisado.

Deitado na cama, Andrew, meio grogue, viu o homem sair. Tanner ficou a olhar por instantes para a máscara e em seguida dirigiu-se a um canto do quarto onde estava um carro de hospital cheio de lençóis sujos.

Abriu caminho até ao fundo do carro e enterrou a máscara no meio dos lençóis. Andrew tentou perguntar ao irmão o que se estava a passar, mas estava demasiado cansado. Adormeceu.

Tanner, Andrew e Pauline tinham regressado ao gabinete de Tanner, e ele pediu à secretária que lhe trouxesse os jornais da manhã. Começou a dar uma vista de olhos pelas primeiras páginas.

- Olhem para esta: "Cientistas não compreendem as tempestades fora de tempo que se abatem sobre Guatemala, Peru, México e Itália..."

Olhou, exultante, para Pauline.

- E isto é simplesmente o começo. Vão ter muito mais com que se espantar.

Vince Carballo entrou apressadamente na sala.

- Senhor Kingsley...

- Estou ocupado. O que foi?

- Flint morreu.

Tanner ficou de boca aberta.

- O quê? O que é que está a dizer? O que foi que aconteceu?

- A Stevens e a Harris mataram-no!

- Isso é impossível!

- Ele está morto. Elas escaparam e levaram o carro da senadora.

Participámos o roubo à polícia, que o encontraram em White Plains.

A voz de Tanner era sombria.

- Eu quero que faça o seguinte: arranje uma dúzia de homens e vá até White Plains. Passem a pente fino todos os hotéis, pensões e mesmo as pensões mais rascas. Qualquer lugar onde elas se possam esconder. Dou uma recompensa de quinhentos mil dólares a quem mas entregar. E despachem-se!

- Sim, senhor.

Vince Carballo saiu apressadamente.

- Não quero falar sobre isso.

- Desculpe. Sabe qual é a maior frustração? E que estivemos tão perto. Agora que sabemos o que aconteceu, não temos ninguém a quem contar. Era a nossa palavra contra a do KIG. Metiam-nos logo num asilo.

- Tem razão – concordou Kelly. – Não temos ninguém a quem recorrer.

Houve um momento de silêncio e em seguida Diane disse devagarinho:

- Temos, sim.

Os homens de Vince Carballo estavam espalhados pela cidade a verificar todos os hotéis e pensões. Um dos homens mostrou fotos de Diane e de Kelly ao empregado do Esplanade Hotel.

- Por acaso viu alguma destas mulheres? Há uma recompensa de meio milhão de dólares por elas.

O empregado abanou a cabeça.

- Quem me dera saber onde elas estão.

No Renaissance Westchester Hotel outro homem mostrava as fotos de Diane e Kelly.

- Meio milhão de dólares? Não me importava de ficar com eles.

No Crowne Plaza o empregado dizia:

- Se eu as vir, pode ter a certeza que o aviso, cavalheiro.

Vince Carballo bateu à porta da pensão de Grace Seidel.

- Bom dia.

- Bom dia. O meu nome é Vince Carballo. - Mostrou uma foto das duas mulheres. -Viu alguma destas mulheres? Há uma recompensa de meio milhão de dólares por elas.

O rosto de Grace Seidel iluminou-se.

- Kelly!

No seu quarto na pensão de Grace Seidel, Diane perguntou:

- Lamento muito o que se passou consigo quando foi a Paris.

Eles mataram o porteiro?

- Não sei, não faço idéia. A família pura e simplesmente desapareceu.

- E o seu cão?

Kelly respondeu, tensa: Não sei.

No gabinete de Tanner, Kathy Ordonez estava cheia de trabalho. Os faxes chegavam depressa de mais e a sua caixa de e-mails estava atulhada. Pegou numa pilha de papéis e entrou no gabinete de Tanner. Este estava sentado num sofá a conversar com Pauline van Luven.

Tanner ergueu o olhar quando ela entrou.

- O que é?

Ela sorriu.

- Boas notícias. Vão ter um jantar muito bem sucedido.

Tanner franziu o sobrolho.

- Desculpe? O que quer dizer com isso?

Ela mostrou-lhe os papéis.

- São todos de confirmações. Toda a gente vem.

Tanner levantou-se.

- Vem onde? Deixe-me ver isso. - Tanner leu o primeiro e-mail em voz alta. - "Temos muito gosto em aceitar o convite para o jantar nas instalações do KIG, na próxima sexta feira, para a apresentação de Prima, a vossa máquina de controle climático." Do editor da revista Time.

Tanner empalideceu. Leu o seguinte.

"Muito obrigado pelo convite para ver Prima, o seu computador que controla o clima, nas instalações do KIG. Temos muito gosto em estar presentes." Estava assinado pelo editor da Newsweek.

Folheou todos os papéis.

- CBS, NBC, CNN, Wall Street Journal, Chicago Tribune, e, de Londres, o The Times, todos ansiosos por poderem assistir à apresentação de Prima.

Pauline permanecia sentada, incapaz de dizer fosse o que fosse. Tanner estava tão furioso que nem conseguia falar.

- Mas que diabo se está a passar? - E de repente parou. - Aquelas cabras!

No Irma's Internet Café, Diane atarefava-se num computador. Olhou para cima para Kelly.

- Falta alguém?

- Elle, Cosmopolitan, Vanity Fair, Mademoisellee, Readers Digest... - respondeu Kelly.

Diane riu.

- Acho que já chega. Só espero que o Kingsley tenha um bom catering. Vai ter muita gente na sua festa.

Vince Carballo olhava para Grace Seidel, excitado.

- Conhece Kelly?

- Sim, conheço - respondeu ela. - É uma das modelos mais famosas do mundo.

O rosto de Vince Carballo iluminou-se.

- E onde é que ela está?

Grace olhou para ele, espantada.

- Isso eu já não sei. Nunca a conheci pessoalmente:

O rosto dele ficou vermelho.

- Mas disse que a conhecia!

- O que eu queria dizer é que toda a gente a conhece. Ela é muito famosa. Não é linda?

- Não faz idéia de onde possa estar?

Grace respondeu, pensativa: - Bem, talvez até tenha alguma idéia.

- Onde?

- Eu hoje de manhã vi uma mulher que se parecia muito com ela a

entrar para um autocarro. Ia com outra pessoa...

- Que autocarro era?

- Era o autocarro para Vermont.

- Muito obrigado.

E Vince Carballo partiu apressadamente.

Tanner atirou com a pilha de faxes e e-mails ao chão e virou-se para Pauline.

- Percebeste o que aquelas cabras fizeram? Não podemos permitir que ninguém ponha os olhos no Prima.

Ficou pensativo durante algum tempo.

- Acho que o Prima vai ter um acidente na véspera da festa e acabará por ir pelos ares.

Pauline olhou para ele por instantes e sorriu.

- Prima II!

Tanner acenou com a cabeça.

- Exactamente. Podemos viajar pelo mundo e, quando estivermos prontos, vamos para Tamoa e começamos a funcionar com o Prima II.

A voz de Kathy Ordonez ouviu-se no intercomunicador. Parecia frenética.

- Senhor Kingsley, os telefones estão doidos. Tenho o New York Times, o Washington Post e Larry King, todos em espera para falarem consigo.

- Diga-lhes que estou numa reunião - e virou-se para Pauline.

- Temos de sair daqui para fora. - Deu uma palmadinha nas costas de Andrew. - Anda, vem connosco.

- Sim, Tanner.

Os três saíram e dirigiram-se ao edifício de tijolo vermelho.

- Tenho uma coisa muito importante para tu fazeres, Andrew.

- O que quiseres - respondeu este.

Tanner liderou o caminho até ao edifício vermelho e aproximou-se de Prima. Virou-se para Andrew.

- O que quero que faças é o seguinte. Eu e a Princesa temos de nos ir embora agora, mas às seis da tarde quero que desligues este computador. É muito simples - e apontou. - Estás a ver o botão grande vermelho?

Andrew respondeu que sim. - Sim, estou a ver.

- A única coisa que tens de fazer é premi-lo três vezes, às seis da tarde. Três vezes. Consegues lembrar-te disso?

- Sim, Tanner. Às seis em ponto. Três vezes - respondeu Andrew.

- Muito bem. Encontramo-nos mais tarde.

Tanner e Pauline começaram a afastar-se.

Andrew ficou a olhar para eles. - Não me vão levar convosco?

- Não. Tu ficas aqui. Mas não te esqueças, seis da tarde e três vezes.

- Eu não me esqueço.

Quando saíam cá para fora, Pauline perguntou: - E se ele se esquecer?

Tanner riu.

- Não faz qualquer diferença. Está marcado para explodir automaticamente às seis da tarde. Só queria ter a certeza de que ele está lá dentro quando isso acontecer.

CAPÍTULO 44

Estava o dia perfeito para voar. O 757 do KIG voava a alta velocidade no céu azul sobre o oceano Pacífico. Pauline e Tanner estavam aninhados no sofá da cabina principal.

- Querido - disse Pauline -, sabes que é uma pena que as pessoas nunca venham a saber como és brilhante?

- Se alguma vez o descobrissem, teria um monte de problemas.

Ela olhou para ele e respondeu:

- Não havia problema. Comprávamos um país e autoproclamávamo-nos seus governantes. Aí não nos podiam tocar.

Tanner riu.

Pauline acariciou-lhe a mão. - Sabes que eu te quis desde o primeiro instante em que te vi?

- Não. Tanto quanto me lembro, foste muito impertinente.

- E resultou, não resultou? Tinhas que me ver outra vez para me dar uma lição.

Seguiu-se um longo e erótico beijo.

Ao longe, brilhou a luz de um relâmpago.

- Vais adorar Tamoa - disse Tanner. - Passamos lá uma semana ou duas e em seguida viajaremos pelo mundo. Vamos compensar todos os anos que não nos era possível estar juntos.

Ela olhou para cima e sorriu, com ar malicioso.

- Podes ter a certeza que sim.

- E depois, uma vez por mês, voltamos a Tamoa para pormos o Prima II a funcionar. Escolhemos juntos os nossos alvos.

- Podíamos criar uma tempestade em Inglaterra, mas o problema é que eles não iam dar pela diferença - sugeriu Pauline.

Tanner riu. - Temos o mundo todo por onde escolher.

Um comissário de bordo aproximou-se e perguntou.

- Desejam alguma coisa?

- Não - respondeu Tanner. - Nós já temos tudo. E sabia que era verdade.

Ao longe, viram a luz de mais raios a riscar o céu.

- Só espero que não apanhemos uma tempestade - disse Pauline. - Detesto voar com mau tempo.

Tanner procurou acalmá-la:

- Não te preocupes, querida. Não há uma nuvem no céu. - Lembrou-se de uma coisa e sorriu. - Não temos que nos preocupar com o tempo. Afinal, somos nós que o controlamos. - Olhou para o relógio. - O Prima explodiu há uma hora e...

Repentinas gotas de chuva começaram a bater contra o avião. Tanner abraçou Pauline com mais força.

- Está tudo bem. É só um pouco de chuva.

Assim que Tanner acabou de pronunciar estas palavras, o céu começou a escurecer e a tremer com o som de sonoros trovões. O enorme avião abanava de um lado para o outro. Tanner olhava pela janela, intrigado com o que estava a acontecer. A chuva deu lugar a uma forte saraivada.

Tanner olhou lá para fora.

- Olha para ... - E de repente percebeu. - Prima. - Era um grito de exaltação, um brilho de glória nos olhos. - Nós podemos...

Nesse preciso momento, um furacão atingiu o avião, sacudindo-o selvaticamente de um lado para o outro. Pauline gritava.

A trabalhar no edifício de tijolo vermelho, Andrew sentia-se grato por haver ainda uma coisa que podia fazer para tornar o mundo um lugar melhor. Com o maior dos cuidados, guiou um tornado de Força 6 que criara - para cima, mais para cima...

Tanner olhava pela janela do avião selvaticamente sacudido quando ouviu, sobre os estrondos da trovoada, o som semelhante ao de um comboio do tornado que se aproximava, viajando a uma velocidade de novecentos e sessenta quilômetros por hora. O rosto dele estava congestionado e tremia com a

excitação, enquanto via o tornado a girar em direcção ao avião. Estava em êxtase.

- Olha! Nunca houve um tornado que conseguisse subir até tão alto. Nunca! Fui eu que o criei! É um milagre! Só Deus e eu somos...

No edifício de tijolo vermelho do KIG, Andrew operava Prima, os seus dedos voando sobre as teclas, lembrando-se. Com o seu alvo no ecrã, via a imagem do avião do irmão a ser sacudido por um furacão com ventos de quatrocentos e oitenta quilometros por hora. Premiu outro botão.

No edifício de tijolo vermelho, Andrew moveu um interruptor e ficou a observar o ecrã enquanto o avião explodia em mil pedaços e os destroços e os corpos eram lançados nos céus.

Em seguida, Andrew Kingsley premiu três vezes o botão vermelho.

Numa dúzia de gabinetes do serviço Nacional de Meteorologia de Anchorage no Alasca, a Miami na Florida, os meteorologistas olhavam, estarrecidos, para os seus computadores, sem serem capazes de acreditar. O que se estava a passar parecia impossível, mas a verdade é que ali estava, na frente deles.

CAPÍTULO 45

Kelly e Diane acabavam de se vestir quando Grace Seidel lhes bateu à porta do quarto.

- Quando estiverem prontas, o pequeno almoço está servido.

- Já vamos - respondeu Kelly.

- Espero que o nosso truque tenha resultado - disse Diane. - Vamos ver se Grace tem os jornais da manhã.

Saíram do quarto. No lado direito ficava a zona de lazer. Estavam aí reunidas algumas pessoas em redor do aparelho de televisão. No momento em que elas iam a passar, em direcção à sala de jantar, o apresentador de televisão dizia: "Segundo as últimas informações, não houve qualquer sobrevivente. Tanner Kingsley e a antiga senadora Pauline van Luven encontravam-se no avião, assim como um piloto, um co-piloto e um comissário."

As duas mulheres estacaram. Olharam uma para a outra, viraram-se e dirigiram-se para junto do televisor. No ecrã passavam imagens do KIG.

"O Kingsley Internacional Group é o maior think tank do mundo, com escritórios em trinta países. O gabinete de meteorologia reportou uma inesperada tempestade eléctrica no oceano Pacífico, exactamente na zona onde voava o avião particular de Tanner Kingsley. Pauline van Luven chefiou a Comissão Especial do Senado para o Ambiente..."

Diane e Kelly ouviam, fascinadas.

"...E em mais uma peça do puzzle, existe um mistério que a Polícia está a tentar resolver. A imprensa fora convidada para um jantar de apresentação de Prima, um novo computador controlador do clima que o KIG criara e desenvolvera, mas ontem, inesperadamente, deu-se uma explosão no KIG e o Prima ficou completamente destruído. No meio dos destroços, os bombeiros encontraram o corpo de Andrew Kingsley e pensa-se que seja ele a única vítima."

- Tanner Kingsley está morto - disse Diane.

- Diga isso outra vez. Devagarinho.

- Tanner Kingsley está morto.

Kelly deu um profundo suspiro de alívio. Olhou para Diane e sorriu.

- Depois disto, a vida vai ser muito aborrecida, de certeza.

- Espero bem que sim - replicou Diane. - Que acha da idéia de dormir hoje à noite nas Waldorf-Astoria Towers?

Kelly fez um enorme sorriso.

- Não me importo nada.

Quando se despediram de Grace Seidel, esta abraçou Kelly e disse:

- Aparece sempre que quiseres.

Na suite presidencial das Waldorf Towers, um criado punha uma mesa para o jantar. Virou-se para Diane:

- Disseme que queria a mesa posta para quatro pessoas?

- Exactamente.

Kelly olhou para ela e não disse nada.

Diane sabia o que ela estava a pensar. Quando se sentaram à mesa, Diane explicou:

- Kelly, eu acho que não fizemos isto sozinhas. Estou convencida de que tivemos uma grande ajuda. - Ergueu a taça de champanhe e dirigiu-se à cadeira vazia a seu lado: - Muito obrigada, Richard, meu amor. Amo-te.

Quando levava a taça aos lábios para beber, Kelly interrompeu-a.

- Espere um segundo.

Diane virou-se para ela.

Kelly pegou na sua taça de champanhe e olhou para a cadeira vazia a seu lado.

- Mark, eu amo-te muito. Muito obrigada.

E beberam depois de brindarem.

Kelly sorriu.

- Soube-me bem. E agora, o que temos a seguir?

- Vou ao FBI em Washington contar tudo que sei.

Kelly corrigiu-a:

- Vamos a Washington e vamos contar-lhes tudo o que nós sabemos. Diane concordou.

- Isso mesmo. - Ficou pensativa. - Sinto que fizemos um bom trabalho. Os nossos maridos teriam muito orgulho em nós.

- É verdade - apoiou Kelly. - Conseguimos solucionar isto. E estava tudo contra nós. Sabe o que devíamos fazer agora?

- O quê?

- Abrir a nossa agência de detectives.

Diane riu. - Só pode estar a brincar.

Kelly olhou para ela e deu-lhe um grande sorriso.

- Acha que sim?

Depois do jantar, ficaram a ver televisão e todos os canais transmitiam a história da morte de Tanner Kingsley. Enquanto Kelly via o que se passava, comentou:

- Não sei se sabe, mas, quando se corta a cabeça a uma cobra, o resto do seu corpo morre.

- O que quer dizer com isso?

- Vamos verificar. - Dirigiu-se ao telefone. - Queria fazer um telefonema para Paris.

Cinco minutos depois, ouvia a voz de Nicole Paradis.

- Kelly! Kelly! Kelly! Estou tão contente por ter ligado.

O coração de Kelly caiu-lhe aos pés. Sabia o que ia ouvir a seguir. Eles tinham matado Angel.

- Não sabia como contactá-la.

- Ouviu as notícias?

- Todo o mundo ouviu as notícias. Jerôme Maio e Alphonse fizeram as malas e partiram à pressa.

- E Philippe e a família?

- Esses voltam amanhã.

- Isso é maravilhoso. - Kelly estava com medo de fazer a pergunta seguinte. - E a Angel...?

- Eu tenho a Angel no meu apartamento. Eles tencionavam usá-la como isca, para o caso de não estar disposta a cooperar.

Kelly, de repente, sentiu um enorme alívio.

- Mas isso é estupendo!

- Que quer que faça com ela?

- Meta-ma no próximo avião da Air France para Nova Iorque.

Depois diga-me quando é que ela chega, para eu a ir buscar ao aeroporto. Pode ligar-me aqui para as Waldorf Towers. - Vou tratar de tudo. - Muito obrigada. - Kelly desligou.

Diane estivera a ouvir a conversa.

- A Angel está bem?

- Está.

- Oh! Que bom!

- É, não é? Estou encantada. A propósito, que vai fazer com a sua parte do dinheiro?

Diane ficou a olhar para ela.

- Como?

- O KIG ofereceu uma recompensa. Acho que é nossa.

- Mas... Kingsley morreu...

- Eu sei, mas o KIG não.

E riram.

- Quais são os seus planos para depois de Washington? Vai voltar a pintar? - perguntou Kelly.

Diane ficou pensativa por momentos.

- Não.

Kelly observava-a.

- Não mesmo?

- Bom, há um quadro que quero fazer. É uma cena de um piquenique em Central Park. - A voz embargou-se-lhe. - Dois amantes a fazerem um piquenique debaixo de chuva. Depois... Depois logo se verá. E você, Kelly? O que vai fazer? Vai voltar às passarelas?

- Não, não me parece...

Diane olhava para ela.

- Bom... Talvez. Porque quando estou lá em cima posso sempre imaginar que Mark me está a ver e a mandar-me beijos. Sim, acho que ele gostaria que eu voltasse para o mundo da moda.

Diane sorriu.

- Óptimo.

Viram televisão durante mais uma hora e em seguida Diane disse:

- Parece-me que são horas de ir para a cama.

Quinze minutos mais tarde já se tinham despido e cada uma estava metida na sua cama de casal, a reviver as suas recentes aventuras. Kelly bocejou.

- Diane, estou cheia de sono. Apague as luzes.

F I M

POSFÁCIO

O antigo adágio de que todos falam sobre o tempo mas ninguém faz nada já não é verdadeiro. Existem, hoje em dia, duas super potências que têm a possibilidade de controlar o clima pelo mundo: os Estados Unidos e a Rússia. Os outros países trabalham febrilmente para os acompanhar.

A procura do controle dos elementos, que teve início com Nikola Tesla nos finais de 1800, envolvendo a transmissão de energia eléctrica pelo espaço, tornou-se uma realidade.

As conseqüências são imensas. O tempo pode ser usado como uma bênção ou como uma arma apocalíptica.

Todos os elementos necessários se encontram no seu lugar.

Em 1969, o U.S. Patent Office concedeu uma patente para "um método de aumentar a probabilidade de precipitação pela introdução artificial de vapor de água do mar na atmosfera."

Em 1971, foi concedida uma patente ao Westinghouse Electrical Corporation para um sistema de irradiação de algumas zonas da superfície da terra.

Em 1971, foi concedida uma patente ao National Science Foundation para um método de alteração do tempo.

No princípio dos anos 1970, a Comissão do Congresso para os Oceanos e Ambiente Interno dos Estados Unidos efectuou várias audições sobre a nossa pesquisa militar no domínio da alteração do tempo e do clima e concluiu que o ministério da defesa tinha planos para criar ondas gigantescas através do uso coordenado de armas nucleares.

O perigo de um devastador confronto entre os Estados Unidos e a Rússia tornou-se de tal forma grande que, em 1977, um tratado das Nações Unidas que se opunha à modificação climatérica por razões hostis foi assinado pelos Estados Unidos e pela Rússia.

Este tratado não significou o fim das experiências climatéricas. Em 1978, os Estados Unidos lançaram uma experiência que criou 295 uma queda de chuva sobre seis condados no norte do estado do Wisconsin. A tempestade gerou

ventos de duzentos e oitenta quilômetros por hora e provocou cinqüenta milhões de dólares de prejuízos. Entretanto, a Rússia tem continuado a trabalhar nos seus projectos internos.

Em 1992, o Wall Street Journal relatou que uma empresa russa, Elat Intelligence Technologies, vendia equipamento para controle climatérico, usando o slogan "Tempo à sua Medida", concebido para necessidades específicas.

À medida que as experiências em ambos os países prosseguem, os padrões climatéricos começaram a sofrer alterações. Logo em 1980 se registaram alterações.

"Uma frente de altas pressões tem-se mantido nos dois últimos meses a cerca de mil e duzentos quilômetros da costa da Califórnia, bloqueando a normal entrada de ar húmido proveniente do oceano Pacífico." Time magazine, Janeiro de 1981.

"... a estagnada época de altas pressões funcionou como uma barreira, impedindo o fluir normal de estações do oeste para o leste." revista New York Times, de 29 de Julho de 1993.

Todas as catástrofes climatéricas descritas no corpo deste romance ocorreram realmente.

O tempo é a arma mais poderosa que conhecemos. Quem controlar o tempo pode perturbar as economias mundiais com perpétuas tempestades ou tornados; destruir colheitas com uma seca; provocar tremores de terra, furacões e tsunamis; fechar aeroportos e provocar a devastação nos campos de batalha inimigos.

Eu dormiria melhor se um líder mundial dissesse:

- Todos falam do clima, mas ninguém faz nada por ele.

E que isso fosse verdade.

[1] Instituição especializada na custódia de intelectuais, que geralmente oferece os seus - e é financiado por um governo, fazendo escudos, prognósticos, *etc.* (N.da T.)

[2] FAA: Federal Aviation Administration. (N. do E.)

[3] Em francês no original: "Bom dia, minhas senhoras. Bem vindas ao Le Ciei de Paris. O meu nome é Jacques Brion. O nosso chefe de cozinha preparou umas deliciosas especialidades para o almoço de hoje. Já escolheram?" "Sim. Escolhemos o Chateaubriand para dois." (N. da T.

Table of Contents

- Folha de Rosto
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32

- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- CAPÍTULO 40
- CAPÍTULO 41
- CAPÍTULO 42
- CAPÍTULO 43
- CAPÍTULO 44
- CAPÍTULO 45
- POSFÁCIO

Índice

{1}
{2}
{3}
Folha de Rosto
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45